Temas de vida
espiritual e monástica

JOÃO CASSIANO

CONFERÊNCIAS 16 A 24

Volume 3

Espiritualidade Monástica

As obras de Cassiano vêm despertando um crescente interesse em nossa época. Considerado como mestre por excelência dos caminhos ascéticos e místicos, oferece em sua doutrina tão antiga e sempre nova um manancial que jorra para a vida eterna.

Nascido por volta de 360, na atual Romênia, João Cassiano recebe de sua família formação clássica e cristã. Atraído pelo ideal monástico, jovem ainda, com seu amigo Germano dirige-se à Palestina e ingressa na vida cenobítica em um dos mosteiros de Belém. A fama dos monges do Egito o levou, dois anos mais tarde, a empreender nova viagem em companhia de Germano.

No Egito (380-400), Cassiano e Germano visitam cenobitas e anacoretas. Suas conversas com um determinado "ancião" respondendo às questões do próprio Cassiano e Germano são colocadas por escrito, em forma de diálogo e denominadas

Conferências.

As obras de Cassiano, escritas em latim fluente, contribuíram grandemente para a propagação do monaquismo cristão no Ocidente. Os grande fundadores, São Bento, São Domingos, São Bernardo, Santa Teresa de Ávila inspiraram-se em seus escritos e recomendaram sua leitura. O ensinamento recebido dos Pais do Deserto, a doutrina espiritual dos ascetas alexandrinos particularmente de Evágrio, os escritos de São João Crisóstomo, São Basílio e São Jerônimo entre outros, foram repensados e sistematizados por Cassiano, enriquecidos com sua própria reflexão e experiência. O êxito que obtiveram suas obras monásticas através dos séculos se explica sem dúvida pela grande unidade e riqueza de sua doutrina como também pelo entusiasmo e estilo com que as transmite.

EDIÇÕES
SUBIACO

"São os próprios autores das Conferências que o leitor receberá com este volume, para usufruir dia a dia de um colóquio com os Pais do Deserto, fazendo-lhes perguntas e ouvindo respostas. (...) Dessa forma, não andará à luz de seus próprios pensamentos, mas se acostumará a aí orientar-se pelas máximas daqueles que uma antiga tradição e o zelo de uma longa experiência instruíram a fundo" (Prefácio João Cassiano).

ISBN 978-85-86793-50-9

João Cassiano

CONFERÊNCIAS

XVI – XXIV

Volume 3

Tradução
Leonardo Fróes

EDIÇÕES SUBIACO
A.I.M
Juiz de Fora
2008

Conferências XVI - XXIV - João Cassiano - Volume III
ISBN 978-85-86793-50-9
Tradução do latim (SC 54 e 64): Leonardo Fróes
Revisão da tradução: Aída Batista do Val

Copyright © 2008 by Edições Subiaco
Mosteiro da Santa Cruz - Rua Prof. Coelho e Souza, 95 - 36016-110
Juiz de Fora - MG
Fone: (32) - 3216-2814 - Fax: (32) - 3215-8738
e-mail: publicacoesmonasticas@yahoo.com.br

Volume 1: Conferências I-VII - 2003
Volume 2: Conferências VIII - XV - 2006
Volume 3: Conferências XVI - XXIV - 2008

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios *sem permissão escrita de Edições Subiaco.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Cassiano, João, ca 360 - c a 435.
Conferências 16 a 24 / João Cassiano; [tradução do latim por Leonardo Fróes]. - Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2008.
3V. 372p. 21cm.

Inclui índices.

ISBN 978-85-86793-50-9

1. Vida monástica e religiosa. I. Fróes, Leonardo. II. Título.

CDD 255.19

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO, 7

CONFERÊNCIAS

XVI PRIMEIRA CONFERÊNCIA DO ABADE JOSÉ
Da amizade, 13

XVII SEGUNDA CONFERÊNCIA DO ABADE JOSÉ
Das decisões definitivas, 43

PREFÁCIO DE CASSIANO PARA A COLEÇÃO
DAS CONFERÊNCIAS XVIII A XXIV, 83

XVIII CONFERÊNCIA DO ABADE PIAMUN
Das três espécies de monges, 85

XIX CONFERÊNCIA DO ABADE JOÃO
Finalidades do cenobita e do eremita, 115

XX CONFERÊNCIA DO ABADE PINÚFIO
Da finalidade da penitência e do sinal de satisfação, 137

XXI PRIMEIRA CONFERÊNCIA DO ABADE TEONAS
Do repouso de Pentecostes, 155

XXII SEGUNDA CONFERÊNCIA DO ABADE TEONAS
Das ilusões da noite, 199

XXIII TERCEIRA CONFERÊNCIA DO ABADE TEONAS
Da impecabilidade, 223

XXIV CONFERÊNCIA DO ABADE ABRAÃO
Da mortificação , 259

MAPAS
Vida de Cassiano, 300
O Egito no Tempo de Cassiano, 301

ÍNDICES
I - Índice das Conferências, 302
II - Índice Escriturístico, 315
III - Índice dos Nomes Próprios, 336
IV - Índice Analítico dos Temas, 347
V - Índice dos Autores Citados, 368

APRESENTAÇÃO

Com satisfação atendi ao pedido das Edições Subiaco para apresentar o terceiro volume das *Conferências* de João Cassiano, as de número 16 a 24, completando assim a série iniciada em 2003 e fielmente levada a termo conforme fora programado.

Parece-me ser oportuno relembrar o que já se encontra na Introdução do II volume: "As *Conferências* de Cassiano embora dirigidas primariamente aos anacoretas, apresentam-se, na verdade, como instruções visando não tanto o modo próprio de vida exterior, mas sim a "pessoa interior" do monge na sua busca da perfeição. O próprio Cassiano desencoraja uma comparação meramente exterior sobre uma ou outra forma de vida monástica e acentua antes o que é comum a todas. No entanto, nos dois primeiros livros que fazem parte das suas *Conferências*, Cassiano se dirige diretamente aos eremitas.

Muito oportunamente nota Dom Julien Leroy em seu artigo sobre os Prefácios aos escritos monásticos de João Cassiano[1] que jamais em suas *Instituições* como também nas *Conferências*, Cassiano trata indiferentemente ou procura fazer como que uma síntese artificial entre esses dois modos diversos de vida monástica, isto é, a vida cenobítica e a vida eremítica. Justamente nesses Prefácios a cada um dos livros, nome-

[1] Rev. Asc. Myst. 42 (1966) 157-180.

ando aqueles a quem dedica a sua obra, Cassiano revela também a que espécie de monges ele quer atingir com os seus ensinamentos. Assim, nos dois primeiros livros das *Conferências* (*Conf.* I a X e XI a XVII) são mencionados exclusivamente os eremitas conhecidos nos desertos do Egito, como forma e exemplo de vida a ser imitado pelos monges no sul da Gália. Somente no terceiro livro (*Conf.* XVII a XXIV) é que Cassiano menciona também os cenobitas e estudando alguns elementos que lhes são próprios, apresenta-os igualmente como belos exemplos de vida monástica.

Em sua obra anterior, denominada *Instituições,* também notamos que os quatro livros do primeiro volume, a saber, as *Instituições Cenobíticas,* são dedicados exclusivamente ao modo de vida comunitário, atendendo assim ao pedido do bispo Castor que justamente lhe pedira "uma exposição sobre a vida cenobítica". No entanto o segundo volume, dedicado aos *Oito Vícios e os seus Remédios*, isto é, os livros 5 a 12 com o seu prefácio próprio, foram acrescentados espontaneamente por Cassiano. Nesta exposição a maior parte dos exemplos se refere somente a monges solitários.

O interesse de Cassiano pela vida cenobítica vai aparecer novamente somente na sessão final das *Conferências*, justamente aquelas apresentadas neste III volume das Edições Subiaco. Nesta última parte de sua obra ele reconhece também a importância e o valor desta forma de vida que, segundo a própria tradição monástica mais antiga, foi a forma de vida originada "no tempo da pregação apostólica dos cristãos na igreja de Jerusalém".

As *Conferências* XIX a XXIV têm como interlocutores autênticos cenobitas e nesses lugares Cassiano procura ser fiel ao que realmente é fundamental para esta forma de vida.

Considerando-se também os textos que podem ser referidos a um e outro modo de vida, pode-se dizer que Cassiano oferece ao monaquismo latino uma doutrina ascético-mística de grande alcance e praticamente completa, pois abrange todo o itinerário espiritual, desde o momento da "conversão" do monge até a chegada aos cumes mais elevados da experiência de união com Deus e da contemplação sobrenatural.[2] Era este o objetivo da primeira série de *Conferências* (I a X), verdadeiro tratado de perfeição monástica. Iniciava-se com a questão sobre a finalidade da vida monástica e terminava com a esplêndida doutrina sobre a oração contemplativa atribuída ao abade Isaac. O prefácio da segunda série de *Conferências* (XI a XVII) afirma claramente que esta não pretende outra coisa senão completar o tratado da primeira parte e esclarecer o que permaneceu obscuro. Por este motivo são abordados ali os mesmos temas, mas sob diferentes pontos de vista.

O que é característico da terceira série de *Conferências* (XVIII-XXIV), diferenciando-se das conferências anteriores, dirigidas predominantemente aos monges ainda em formação, é o fato de serem proferidas tanto por monges cenobitas como eremitas e destinadas a monges já formados e que necessitam ulteriores esclarecimentos sobre diversos perigos e tentações e os seus remédios, tanto de um como do outro modo de vida monástica. Deve-se notar, no entanto, como afirmam vários historiógrafos, que Cassiano não se contenta em apresentar a doutrina simples de uns tantos monges coptas vivendo em mosteiros ou no deserto. Passados muitos anos após a sua saída do Egito, e já vivendo na região de Marselha, ele reconhece a necessidade de fundamentar as suas doutrinas não apenas através de sua memória pessoal, ao recordar-se daqueles encon-

[2] Cf. Colombás, G. Monacato Primitivo, II 64. BAC, Madrid 1975.

tros, mas recorrendo agora também a outros mestres e monges doutos, sobretudo da escola de Alexandria. Assim, por exemplo, embora sem mencioná-los, Cassiano apresenta continuamente as doutrinas monásticas e teológicas de Evágrio Pôntico e do seu mestre Orígenes como se fossem os próprios ensinamentos dos autores por ele mencionados. Pode-se hoje afirmar com segurança que Cassiano utilizou também os escritos de João Crisóstomo, Basílio, Jerônimo e ainda de outros autores conhecidos.

Conteúdo das *Conferências* XVI a XXIV

A *Conferência* XVI apresenta as palavras do eremita José da região de Thmuis, que falava também o grego. Sabendo que Cassiano e Germano eram irmãos de vida monástica e amigos fiéis, buscando juntos a sabedoria do deserto, passou a falar-lhes sobre o tema da verdadeira amizade, do amor, da humildade e da paciência. É interessante notar que as mais duras palavras dos seus escritos monásticos são dirigidas aos falsos eremitas que afirmam buscar a perfeição fugindo da companhia dos homens, quando a verdade é que eles simplesmente não são capazes de viver no relacionamento humano.

A *Conferência* XVII também do mesmo abade José, trata da natureza e qualidades das promessas feitas a Deus e aos homens e sobre a oportunidade de fazê-las ou não.

A *Conferência* XVIII é do abade Piamun, eremita de Diolcos, pequena aldeia situada em uma das desembocaduras do Nilo. Ele lhes fala sobre os três gêneros de monges e também sobre a necessidade da obediência, da humildade e da paciência bem como do perigo da inveja.

A *Conferência* XIX é proferida pelo abade João, também

de Diolcos, cujo mosteiro tinha cerca de 200 monges. Havia abandonado a solidão para se submeter humildemente à regra de um mosteiro. Trata das vantagens e desvantagens da vida em comunidade e da vida solitária. Da segurança na obediência, da paz da alma e da união com Jesus Cristo.

A *Conferência* XX do abade Pinúfio, presbítero e abade de um grande mosteiro em Panefisi, fala sobre a necessidade da penitência e da correspondente satisfação para se obter a remissão dos pecados. Dos diversos meios para obter a contrição sincera e o dom das lágrimas. E sobre a necessidade de se confiar na misericórdia de Deus.

As *Conferências* XXI a XXIII se referem aos ensinamentos de um certo Teonas que parece ter sido monge no mosteiro do abade João (cf. *Conf.* XXI,9). Compara a lei com a liberdade e a dupla lei que está em nós, explicando a palavra de São Paulo: "Não faço o bem que quero, mas o mal que odeio". E ainda em que consiste este bem e mal, e sobre a contemplação que nos une a Deus.

A *Conferência* XXIV é do eremita Abraão de Diolcos. Trata da renúncia, da separação, dos pensamentos e do amor ao próximo. Trata em particular de alguns exercícios e virtudes: sobre a perfeição e imperfeição, o jejum, a pureza corporal, a renúncia, o uso da cela e da atenção a Deus, da perfeita renúncia e sua recompensa.

D. Abade Joaquim de Arruda Zamith osb
Mosteiro de São Bento - Vinhedo - maio 2007

XVI

PRIMEIRA CONFERÊNCIA DO ABADE JOSÉ

DA AMIZADE

1 - *A primeira pergunta que o abade José nos fez*

O bem-aventurado José, cujos ensinamentos e preceitos me cabe agora explicar, era um dos três anciãos que foram mencionados por mim na primeira conferência.[1]

Nascido numa família ilustre e eminente cidadão de sua cidade natal, chamada Thmuis, no Egito, ele não só falava a língua da terra, como também aprendeu corretamente o grego; assim, fosse conosco, fosse em companhia de pessoas que ignoravam por completo o copta, era capaz de se expressar de modo muito elegante, sem ser forçado como os outros a recorrer a um intérprete.

Ao saber de nosso desejo de ouvir suas lições, logo de início nos perguntou se nós éramos irmãos; e, quando lhe informamos que o éramos, de fato, não pelo nascimento, mas pelo espírito, e que desde o começo de nossa renúncia uma fraternidade inseparável nos tinha reunido, quer na viagem que

[1] A primeira desta coleção, isto é, a XI (cap. 3).

ambos empreendemos com a intenção de nos formar na milícia espiritual, quer nos exercícios monásticos, assim ele principiou seu discurso.

2 - *Discurso do ancião sobre as amizades infiéis*

Existem muitos tipos de ligações e amizades entre os homens, como diversos são os modos pelos quais, por dileção, eles se associam. Às vezes, uma recomendação prévia os leva a travar conhecimento e a estabelecer em seguida relações de amizade. Alguns tomaram-se de afeto por ocasião de uma convenção ou contrato que pressupunha dar e receber. Outros ataram vínculos de amizade devido à semelhança e à mútua participação que os unia, fosse em negócios, fosse no serviço militar, fosse ainda na profissão ou no trabalho. Esta co-participação é capaz de pôr tanta doçura recíproca nos corações mais cruéis, que mesmo aqueles que se dão a roubar à mão armada, nas florestas e montanhas, comprazendo-se ante a efusão de sangue humano, mostram-se cheios de afeição e cuidados pelos cúmplices de suas malvadezas.

Há ainda um tipo de dileção, vinculado ao instinto natural e à lei da consangüinidade, que leva a preferir naturalmente aos outros os que são da mesma tribo, como o esposo ou a esposa. Vemo-lo ocorrer não só no gênero humano, mas também entre as aves e demais seres vivos, que por natural afeição são impelidos a proteger e defender sua ninhada ou os filhotes, sem que temam se expor por causa deles ao perigo e à morte. Muito embora sua simples visão, ao que se diz, seja perniciosa, até mesmo às espécies de animais selvagens, de répteis ou de aves cuja ferocidade intolerável ou veneno letal separa e afasta de todos, como o basilisco, o rinoceronte ou o grifo, perseveram contudo em viver entre si de modo pacato e

inofensivo, devido justamente à sua origem comum e à ligação que dela provém.

Mas, no tocante a todos esses tipos de afeição dos quais falei, também é certo que, assim como os vemos comuns aos bons e aos maus, às próprias feras e às serpentes, eles não podem se manter para sempre. Freqüentemente são rompidos e desunidos pela distância, o esquecimento que o tempo causa, a conclusão de um acordo verbal ou o acerto de um negócio, de uma questão de interesses. Nascidos em geral dos diferentes vínculos criados pelo desejo de ganho, a paixão, o sangue, as relações mais diversas, na primeira oportunidade se desfazem também.

3 - *Onde a amizade indissolúvel tem sua origem*

Entre todas essas, não se encontra, pois, senão um tipo de amizade que seja indissolúvel: a que tem por princípio, não o favor granjeado por uma recomendação, não a grandeza dos serviços ou benefícios recebidos, nem sequer algum contrato ou a irresistível pulsão da natureza, mas tão-somente a semelhança da virtude. É esta a amizade, digo, que nenhum acidente rompe, que a distância ou o tempo não podem desatar nem delir e que nem a própria morte, ademais, nunca consegue desfazer. É esta a dileção verdadeira e indestrutível, que cresce com a virtude e a perfeição geminadas dos amigos e cujo pacto, uma vez concluído, não se dissolve pela diversidade dos desejos nem pela luta das vontades contrárias.

Em nossa profissão, muitos porém já conhecemos que, depois de se ligarem, por amor ao Cristo, numa amizade das mais calorosas, não souberam conservá-la sempre sem falhas. O princípio de sua associação era bom; mas eles nunca de-

monstraram um ardor exatamente igual e constante para manter o propósito ao qual se haviam dado. A afeição que os uniu era daquelas que duram somente um tempo, porque não dependia de uma virtude semelhante nos dois, sendo em vez disso sustentada pela paciência de um só.

A sina de uma união dessa espécie, por mais magnânimo e infatigável que um deles se mostre a conservá-la, é romper-se afinal pela pusilanimidade do outro. Se supusésseis nos fortes toda a constância que vos apraz, eles então suportariam as enfermidades daqueles que perseguem com tibieza excessiva uma perfeição salutar. São porém os próprios fracos, neste caso, que não se suportarão. Pois que é dentro deles mesmos que jazem as causas de agitação que não lhes permitirão estar tranqüilos.

Assim nós vemos fazer os que, sentindo uma indisposição orgânica, atribuem à negligência dos cozinheiros ou de seus empregados as náuseas de seu estômago enfermo; e, malgrado a solicitude que se tenha em servi-los, não deixam eles de imputar a quem está sem problemas a causa de sua perturbação, sem perceber que é neles mesmos, no mau estado de sua própria saúde, que esta perturbação se encontra.

Por isso é que, como eu já disse, o pacto de uma amizade fiel e indissolúvel só se constitui onde reina a paridade de virtude. Pois *é o Senhor que faz morar na mesma casa os que têm um mesmo espírito* (Sl 67,7). A dileção não pode perseverar sem rompimento a não ser entre aqueles que têm um mesmo propósito, uma mesma vontade, e se põem igualmente de acordo quanto ao sim e quanto ao não. Se desejais mantê-la inviolável, também vós, tratai pois de expulsar vossos vícios e de mortificar vossa vontade própria; depois, não tendo mais

do que uma mesma ambição, um mesmo propósito, realizai zelosamente o oráculo que deleitava a alma do profeta: *Como é bom e agradável irmãos viverem unidos!* (Sl 132,1). O que se deve entender não dos lugares, mas dos espíritos. De nada vale, com efeito, estar unidos numa habitação em comum, se pela vida e o propósito nos separarmos; pelo contrário, para os que se acham semelhantemente alicerçados em virtude, a distância dos lugares não constitui uma separação. Diante de Deus, é a unidade da conduta, não a dos lugares, que faz com que os irmãos habitem numa mesma morada; e nunca a paz se conservará por inteiro onde as vontades forem divergentes.

4 - *Pergunta: Deve-se realizar alguma obra útil, mesmo contra a vontade de seu irmão?*

Germano: Então, como? Se um quiser fazer alguma coisa que lhe pareça proveitosa e salutar segundo Deus, com a qual porém o outro não concorda, deverá ele executar seu projeto, mesmo contra o desejo do irmão, ou abandoná-lo e aquiescer para agradá-lo?

5 - *Resposta: A amizade constante não pode existir senão entre os perfeitos*

José: Justamente por isso foi que eu disse que a graça da amizade não pode perseverar plena e perfeita senão entre os perfeitos, nos quais se vê igual virtude. Uma mesma vontade e um só propósito não admitem que eles tenham em si opiniões diferentes, a não ser de raro em raro, ou qualquer dissentimento no tocante ao progresso da vida espiritual. Caso se entreguem a contendas por demais ardorosas, claro está que seus corações nunca se uniram pela regra da qual falei.

Mas ninguém pode ter a perfeição desde o início; é

preciso, antes de tudo e de mais nada, lançar-lhe as bases. Assim, pois, não vos preocupeis em saber que magnitude ela atinge, mas que meio há para atingi-la. Creio então ser necessário dar-vos a conhecer sucintamente as leis e mostrar-vos a senda na qual guiar vossos passos, a fim de que possais obter mais facilmente o bem da paciência e da paz.

6 - *Modos pelos quais a amizade se mantém inviolável*

O primeiro fundamento da verdadeira amizade é o desprezo pelos bens deste mundo e o desdém pelas coisas, todas elas, possuídas por nós. De fato, seria injusto e ímpio ao extremo se, após renunciar à vaidade do mundo e a tudo que ele contém, preferíssemos à afeição tão preciosa do irmão a vil bagagem que nos resta.

O segundo passo é que cada um suprima suas próprias vontades, por temer que, julgando-se mais sábio e capaz, prefira seguir seu sentimento, e não obedecer ao do próximo.

O terceiro modo consiste em persuadir-se de que tudo, mesmo aquilo que se estima necessário e útil, deve ser posposto ao bem da caridade e da paz.

O quarto é crer que nenhum motivo permite, por justo ou injusto que seja, entregar-se à cólera.

Na quinta etapa, deve-se desejar sanar a cólera concebida por nosso irmão contra nós, ainda que sem razão, com o mesmo desvelo que teríamos para aplacar a nossa: sabendo que a tristeza do outro, a não ser que procuremos, na medida do possível, bani-la de sua alma, causa-nos o mesmo dano que nossa própria perturbação causaria.

O último passo, que é também, sem dúvida, a morte de

todos os vícios, é pensar que a cada dia nós estamos sujeitos a emigrar deste mundo. Tal persuasão, além de não permitir que resida em nosso coração qualquer tristeza, reprimirá ademais todos os movimentos das concupiscências e erros.

Todo aquele que mantiver com firmeza estes princípios não poderá sentir em si nem causar nos outros o amargor da ira e da discórdia. Mas, se houver quanto a tais princípios, pelo contrário, algum descuido, o inimigo da caridade verterá insensivelmente no coração dos amigos o veneno da tristeza. Com disputa após disputa, a dileção, por decorrência inevitável, há de esfriar pouco a pouco, até que enfim venha a fazer-se completo o rompimento entre corações por longo tempo ulcerados.

Quem se dirigir pela senda da qual falamos nunca poderá se indispor com seu amigo. Ao nada reivindicar como seu, logo corta pela raiz os litígios, que geralmente são causados por coisas bem desimportantes e pelos objetos mais desprovidos de valor, e então se aplica, com toda sua força, a observar o que lemos nos *Atos dos Apóstolos* sobre a unidade que reinava entre os fiéis: *A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava sua propriedade o que possuía. Tudo entre eles era comum* (At 4,32).

Como produziria ele sementes de dissenção? Escravo, não de sua própria vontade, mas sim da de seu irmão, ele se torna um imitador de seu Criador e Senhor, que dizia, falando em nome da humanidade que havia assumido: *Desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade de quem me enviou* (Jo 6,38).

Para extinguir o facho da discórdia, ei-lo que faz para si mesmo uma lei: fiar-se menos em seu julgamento, quando

estiver em questão sua maneira de ver e compreender as coisas, do que nas ponderações de seu irmão. Baseado na decisão deste árbitro, vemo-lo então que aprova ou desaprova as suas próprias idéias, mostrando na humildade de um coração repleto de doçura uma expressão acabada desta palavra do Evangelho: *Não como eu quero, mas como tu queres* (Mt 26,39).

Como se permitiria a menor coisa que fosse capaz de afligir seu irmão, ele que nada considera mais precioso do que o bem da paz, e que nunca deixa escapar da memória esta palavra do Senhor: *Todos hão de conhecer que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros* (Jo 13,35), se este é o amor do Cristo por seu rebanho de ovelhas, o que ele quis como a marca pela qual o reconhecessem no mundo, como o sinal que o distinguisse do restante dos homens?

Por que motivo ele poderia tolerar que o rancor e a tristeza tivessem acesso a seu próprio coração ou se instalassem no coração de um outro? É um princípio inconteste, a seus olhos, que a paixão da cólera, ilícita e perniciosa como é, não pode ter justas causas; e que lhe é tão impossível orar, se seu irmão se irritar contra ele, quanto se ele mesmo se irritar contra o irmão. Sempre ele guarda no humilde coração a lembrança desta palavra do Senhor, nosso Salvador: *Se estás diante do altar para apresentar tua oferta e ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa tua oferta lá diante do altar, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão e então volta para apresentares tua oferta* (Mt 5,23-24).

A vós, de nada adiantaria, de fato, dizer que nunca tendes cólera, persuadidos de que cumpris assim este mandamento: *Não se ponha o sol sobre vosso ressentimento* (Ef 4,26), *Quem se encolerizar contra seu irmão será réu de julgamento* (Mt 5,22),

se desdenhais, de coração soberbo e duro, a tristeza do próximo, quando vossa mansuetude poderia tê-la abrandado. Desse modo mereceis reprimenda, por prevaricação contra o preceito do Senhor, pois aquele que disse que não deveis vos encolerizar contra o próximo, disse igualmente que não deveis menosprezar-lhe a tristeza. Quer vos percais, quer se perca um outro, aos olhos de Deus isso não faz diferença, porque *ele deseja que todos os homens sejam salvos* (1Tm 2,4). Pereça quem perecer, o pesar, para ele, é o mesmo. Semelhantemente, aquele que encontra tal prazer na perdição universal extrai da vossa morte eterna, ou da morte do irmão, um mesmo lucro.

Enfim, como poderia ele guardar contra seu irmão qualquer tênue resquício de mau humor, se crê que todo dia, e o que é mais, no próprio instante, pode emigrar do século presente?

7 - *Nada se deve preferir à caridade, nem nada desprezar mais que a cólera*

Tal como nada se deve antepor à caridade, nada deve pospor-se, no outro extremo, ao furor e à cólera. Tudo se deve sacrificar, por mais útil ou necessário que pareça, para evitar a perturbação desta paixão; e tudo abraçar, tudo suportar, mesmo o que passe por adversidade, a fim de manter inviolável a tranqüilidade da dileção e da paz, crendo que nada é mais pernicioso do que a tristeza e a cólera, nada mais útil do que a caridade.

8 - *Das causas de dissensão entre espirituais*

Entre irmãos ainda carnais e fracos, o demônio se incumbiu desde cedo de semear a desunião e a cólera a propósito de coisas vis e terrenas. Entre os espirituais, é porém pela diversidade de sentimentos que ele faz nascer a discórdia. Tal é, sem

dúvida alguma, a freqüente origem das disputas e querelas condenadas pelo Apóstolo (cf. Gl 5,20). Mau e invejoso, logo o inimigo as toma por pretexto para levar ao rompimento irmãos que eram, até então, uma só alma. Pois que verdadeira é a sentença do sapientíssimo Salomão: *O ódio suscita desavenças, mas o amor encobre todas as ofensas* (Pr 10,12).

9 - *Deve-se suprimir, como as outras, as causas espirituais de discórdia*

Por isso de nada adiantará, para conservar uma caridade eterna e indivisível, suprimir a primeira causa de dissensão, geralmente originada por coisas caducas e terrenas, desprezar tudo que é carnal e indiferentemente permitir aos irmãos o uso comum de todos os objetos que nos são mais necessários, se não suprimirmos também a segunda, que nasce da diversidade de opiniões quanto às coisas espirituais, e se não cuidarmos de obter em tudo, com humildade de espírito, uma vontade em uníssono com a do outro.

10 - *Do melhor modo de buscar a verdade*

Era no tempo em que minha juventude ainda me aconselhava a viver com um companheiro. Lembro-me de que este modo de ver estava de tal modo nas disciplinas morais ou freqüentemente contido nas Sagradas Escrituras que nos parecia a coisa mais justa e razoável do mundo. Depois, reunidos, passávamos a expressar em voz alta nossos pensamentos. Quando submetíamos ao crivo de nossas luzes comuns certas afirmações, era possível que de início um de nós as notasse como falsas e perigosas; neste caso, uma comum sentença, logo a seguir, declarava-as perniciosas e impunha-lhes condenação.

No entanto elas pareciam brilhar, como antes brilhava

a luz, quando nos eram inspiradas pelo demônio; e teriam facilmente engendrado a discórdia, se o mandamento dos antigos, por nós guardado como oráculo de Deus, não nos houvesse prevenido contra toda contenda. Prescreveram eles, de fato, e como espécie de lei o impuseram, que ninguém deve se fiar mais em seu próprio julgamento do que no julgamento do irmão, se não quiser ser enganado pelas velhacarias do demônio.

11 - *A quem se fia em seu próprio julgamento, é impossível não cair nas ilusões do diabo*

Muitas vezes provamos da verdade do que o Apóstolo diz, que *o próprio Satanás se transforma em anjo de luz* (2Cor 11,14), a fim de fraudulentamente apresentar obscuras e temíveis trevas nos pensamentos como a verdadeira luz da ciência. Se elas não encontrarem um coração humilde e manso, que as submeta ao exame de um irmão amadurecido pela experiência, ou de um ancião de consumada virtude, para as rejeitar ou acolher em seguida, de acordo com o que esses tenham julgado e depois de as ter posto cuidadosamente à prova, sem dúvida chegaremos a venerar o anjo das trevas como um anjo de luz, perecendo da morte mais terrível.

A quem se fia em seu juízo, é impossível evitar tal infelicidade. Será preciso ele tornar-se amador, praticando-a, da verdadeira humildade; cabe-lhe corresponder, em toda contrição de coração, ao voto tão premente do Apóstolo: *Se, pois, vale alguma consolação em Cristo, algum estímulo caridoso, alguma comunhão no Espírito, alguma ternura e compaixão, completai minha alegria, permanecendo unidos no mesmo pensar, no mesmo amor, no mesmo ânimo, no mesmo sentir. Não façais nada por espírito de competição, por vanglória, ao contrário, levados pela humildade, considerai uns aos outros su-*

periores (Fl 2,1-3). E ele diz ainda: *Não visando cada um o próprio interesse, mas o dos outros* (Rm 12,10). De modo que cada um atribua a seu companheiro mais ciência e santidade do que a si mesmo, crendo que a verdadeira e suma sensatez se encontra mais no julgamento do outro do que em seu próprio.

12 - *Porque não se deve desprezar os inferiores nas conferências*

Seja por ilusão diabólica, seja por erro humano – não há quem, nesta carne, sendo humano, não esteja sujeito a errar –, acontece às vezes que alguém dotado de mais penetração natural e mais ciência conceba em seu espírito uma idéia falsa; enquanto outro, com inteligência mais lenta e menos mérito, vê com mais verdade e clareza.

Que ninguém pois, por mais sábio que seja, se infle de vão orgulho ou se convença de não lhe ser necessário conversar com seu irmão. Ainda que as ilusões do diabo não ludibriem seu discernimento, das armadilhas mais temíveis da exaltação e da soberba ele não há de escapar.

Quem poderia usurpar uma tal independência sem correr perigos mortais, quando o vaso de eleição em que o Cristo falava (cf. 2Cor 13,3), pelo que ele mesmo declara, garante ter subido a Jerusalém unicamente para comunicar aos outros apóstolos, num exame privado, o Evangelho que ele pregava às nações, segundo a revelação e a cooperação do Senhor (cf. Gl 2,1-2)? Donde evidenciar-se que a submissão às regras que traçamos, além de preservar a concórdia e a unanimidade, nos põe ainda ao abrigo de todas as emboscadas do demônio, nosso inimigo, e da armadilha das suas ilusões.

13 - *Que o amor, além de ser coisa divina, é também o próprio Deus*

A Escritura põe tão alto a virtude do amor-caridade, que o bem-aventurado apóstolo João chega até a dizer que ele não só é coisa de Deus, como também é o próprio Deus: *Deus é amor,* diz o apóstolo, *e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele* (1Jo 4,16).

Nós mesmos não percebemos claramente que o amor é divino? Pois sentimos em nós, como realidade viva, o que o Apóstolo diz: *O amor de Deus se derramou em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado* (Rm 5,5). O que equivale a dizer: Deus se derramou em nossos corações pelo Espírito Santo que habita em nós. Quando ignoramos o que devemos pedir, ainda *o próprio Espírito é que advoga por nós com gemidos inefáveis, e aquele que esquadrinha os corações sabe qual o desejo do Espírito, porque ele intercede pelos santos segundo Deus* (Rm 8,26-27).

14 - *Dos graus do amor-caridade*

É possível ter para com todos o amor-caridade, dito agape (ἀγάπη). É a propósito dele que diz o bem-aventurado Apóstolo: *Enquanto dispomos de tempo, façamos bem a todos, especialmente aos irmãos na fé* (Gl 6,10). É tão verdadeiro que o devemos fazer a todos, de modo generalizado, que manifestá-lo até mesmo aos inimigos nos foi dado pelo Senhor em mandamento: *Amai vossos inimigos* (Mt 5,44).

Já a "diathesis" (διάθεσζ), isto é, a afeição caridosa, reserva-se a um pequeníssimo número, dando-se apenas aos que estão unidos pela igualdade de costumes ou a associação

de virtudes.

A própria "diathesis" (διάθεσζ), de resto, comporta numerosas variedades. A afeição pelos pais é diferente da que existe entre irmãos ou cônjuges, como também do amor paterno. Em cada uma dessas relações afetivas notam-se igualmente muitas diferenças, não sendo uniforme, por exemplo, o amor dos pais por seus filhos. Disso nos deu prova o patriarca Jacó. Pai de doze filhos, a todos ele amava de verdadeiro amor paterno. Sentia no entanto particular inclinação por José, como diz francamente a seu respeito a Escritura: *Seus irmãos o invejavam porque o pai o amava mais* (Gn 37,4). Não que este justo, este pai verdadeiro, não amasse também, e muito, seus outros filhos; mais doçura e indulgência se manifestavam porém na afeição que tinha por aquele, em cuja pessoa era trazida a figura do Senhor.

Lemos que João, o Evangelista, foi objeto de uma tal preferência: nada mais claro do que as palavras que o designam como o discípulo *a quem Jesus amava* (Jo 13,23). Mas, além deste, por certo o Senhor também envolvia numa precípua dileção os outros onze, que havia igualmente escolhido. Ele mesmo o atesta no Evangelho, quando diz: *Assim como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros* (Jo 13,34). E é deles ainda que em outro lugar é dito: *E como amasse os seus, que estavam no mundo, amou-os até o fim* (Jo 13,1). Assim sendo, a dileção particular que ele mostrou por João não significa, em absoluto, que sua caridade fosse tíbia em relação aos demais, mas tão-somente que a superabundância de seu amor se derramava com mais largueza sobre aquele, que bem o merecia pelo privilégio de sua virgindade e sua perfeita integridade de corpo. É precisamente por isso que o Evangelho caracteriza como mais sublime e excepcional tal efusão, pois não é o con-

traste com o ódio que a realça tanto, mas sim a graça mais abundante de um exuberantíssimo amor.

Nos lábios da esposa, no *Cântico dos Cânticos*, encontramos algo semelhante, quando ela diz: *Ordenai em mim a caridade* (Ct 2,4 – LXX). Ora, o amor-caridade verdadeiramente ordenado é aquele que, não tendo ódio por ninguém, todavia ama alguns por preferência, em virtude de seus méritos. Se tem estima generalizada por todos, reserva-se porém uns quantos que se crê na obrigação de envolver numa particular ternura; e, mesmo dentre este número de privilegiados que ocupam os primeiros lugares em seu amor, reserva-se ainda uma elite, à qual se confere posição mais elevada que a de todos os outros em seu afeto.

15 - *Dos que aumentam, dissimulando, sua própria comoção e a do irmão*

Oxalá nunca tivéssemos de constatar tais fatos, mas no extremo oposto desse amor-caridade reconhecemos em alguns irmãos uma obstinação e uma dureza singulares. Caso sintam, numa adversidade, os ânimos exaltados, quer de si para com um irmão, quer do irmão contra si, põem-se eles a dissimular a tristeza que se produz então em sua alma, seja por sua comoção, seja pela do outro. E, afastando-se dos que eles deveriam ter apaziguado com uma humilde satisfação e doces palavras, dedicam-se a entoar alguns versículos dos salmos. Pensam, desse modo, acalmar a amargura concebida em sua alma. Mas tal desdém só faz aumentar o fogo da animosidade que eles teriam podido extinguir de imediato, se consentissem em demonstrar mais humildade e uma solicitude mais pressurosa, para que um arrependimento oportuno, a um só tempo, curasse sua própria ferida e abrandasse o espírito do irmão.

Agindo como fazem, eles acalentam e nutrem sua pusilanimidade, ou melhor, sua soberba, ao invés de extirparem o foco das querelas, esquecendo-se pois do mandamento do Senhor: *Quem se encolerizar contra seu irmão será réu de julgamento* (Mt 5,22) e *Se te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa tua oferta lá, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão e então volta para apresentares tua oferta* (Mt 5,23-24).

16 - *Como o Senhor repele nossas orações, se um irmão tiver alguma animosidade contra nós*

Tanto o Senhor se opõe a que tratemos com desdém a tristeza do outro que, se um irmão tiver alguma coisa contra nós, nem sequer ele consente em receber nossos dons – ou seja, nem permite lhe oferecermos nossas orações –, enquanto não houvermos, por uma rápida satisfação, banido de seu espírito essa tristeza, quer tenha sido concebida ou não de modo justo. O Senhor não diz: "Se teu irmão tem realmente razão de se queixar de ti, deixa tua oferta lá, vai primeiro reconciliar-te com ele", mas sim: *Se te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti...* Assim sendo, mesmo se o motivo que provocou a emoção de vosso irmão contra vós for insignificante e fútil, como de súbito a recordação vos traz à memória, sabei que não deveis ofertar os dons espirituais de vossas preces antes de agir para que aquela tristeza no coração do irmão, seja qual for a sua causa, se dissipe por uma satisfação cheia de ternura.

É assim que o Evangelho nos ordena fazer reparação a irmãos agastados mesmo por uma inimizade passada e, além do mais, surgida de causas fúteis e sem profundidade. Nós contudo, diante de cóleras recentes, bem mais graves e pro-

vocadas por erro nosso, obstinada e desdenhosamente fingimos nada ver! Qual não será nossa infelicidade? Inflados por um orgulho diabólico, corando à idéia de nos humilharmos, evitamos admitir que somos nós os causadores da tristeza do irmão. Nosso espírito rebelde nega-se a submeter-se aos preceitos do Senhor. Pretendemos que tomá-los em consideração não é de modo algum obrigatório, nem possível colocá-los em prática. Porém, ao julgarmos pouco convenientes ou impraticáveis os mandamentos que ele nos deu, tornamo-nos, segundo a palavra do apóstolo, *não observantes, mas juízes da Lei* (Tg 4,11).

17 - *Dos que pensam que devem ser mais pacientes com os leigos do que com os próprios irmãos*

Quantas lágrimas um tal engano não faria verter!

Diante de dois irmãos que se irritam com uma palavra injuriosa, intervém um terceiro que, desejando apaziguá-los e sendo insistente em suas súplicas, lembra-lhes que nunca devemos ter nem conservar rancor contra um irmão, segundo o que está escrito: *Quem se encolerizar contra seu irmão será réu de julgamento* (Mt 5,22) e *Não se ponha o sol sobre vosso ressentimento* (Ef 4,26). A tais palavras, eles porém assim reagem: "Se um pagão, se um leigo houvesse dito ou feito semelhante coisa, deveríamos sim, por ser justo, tolerá-lo. Mas quem poderia agüentar que um irmão cometa uma falta tão grave, com conhecimento de causa, ou profira tais insolências?"

Como se a paciência fosse devida apenas aos infiéis e sacrílegos, e não, de modo generalizado, a todos! Como se a cólera, nociva contra um pagão, fosse tomada, contra um irmão, por coisa útil! Mas um espírito perturbado que se obstina em sua comoção causa-se o mesmo dano, seja quem for

que dela seja objeto. Que teimosia, ou melhor, que loucura! Quem assim age já perdeu a razão e se mantém como um bronco, incapaz de discernir o sentido correto das palavras; pois não foi dito: Quem se encolerizar contra um estranho será réu de julgamento, o que talvez pudesse abrir uma exceção para aqueles que se acham em comunidade conosco, pela vida e pela fé, segundo seu próprio entendimento. O Evangelho se expressou com a maior clareza possível: *Quem se encolerizar contra seu irmão será réu de julgamento* (Mt 5,22). E é regra que nos impõe a verdade, sem dúvida, aceitar qualquer homem como nosso irmão, ainda que o vocábulo irmão, nesta passagem, designe mais os fiéis e os partícipes de nossa vida do que os pagãos.

18 - *Daqueles que, afetando uma falsa paciência, instigam por seu silêncio os irmãos à cólera*

Que engano ainda é crer que somos bem pacientes, por desdenharmos responder às provocações que nos fazem, quando com um amargo silêncio, um movimento ou um gesto de escárnio transformamos em zombaria a zanga eventual dos irmãos, instigando-os à cólera, com essa máscara impassível, mais do que o teriam feito furiosas invectivas! Calculamos não ser, diante de Deus, jamais culpáveis, porque nenhuma palavra escapou de nossa boca que nos possa desonrar ou condenar no julgamento dos homens. Como se, aos olhos de Deus, fossem tão-só as palavras que contassem como erros, mas não e sobretudo a vontade, ou como se apenas na obra do pecado houvesse crime, e não também no voto e na intenção! Como se ele levasse unicamente em consideração, quando nos julga, aquilo que foi feito por nós, e nunca o que nós estamos dispostos a fazer! Não é só a natureza da emoção provocada que

faz a culpabilidade, mas também o propósito de quem causa a irritação. Assim sendo, nosso juiz, em seu exame imparcial, averiguará menos o modo pelo qual surgiu a querela do que o erro de quem lhe ateou fogo. O que é preciso ter em conta é o próprio pecado, e não o desenvolvimento do fato material. Que diferença há entre matar um irmão pela espada ou, por alguma velhacaria, impeli-lo à morte? Malícia ou crime, o fato de ele morrer por vossas mãos não seria uma constante? Como se nunca empurrar o cego no precipício, com as próprias mãos, fosse bastante! Quem descura de o reter, podendo-o, quando o vê já inclinado e a um passo do abismo, não é igualmente responsável por sua morte? Ou há de ser criminoso apenas quem se der pessoalmente a estrangular seu próximo, e não quem lhe passar ou preparar a corda, ou quem, pelo menos, não tratar de o livrar dela, estando em condições de o fazer?

De nada adianta se calar, do mesmo modo, se nos obrigarmos ao silêncio com a intenção de obter, por esse meio, o que a injúria faria, e se a isso acrescentarmos alguns gestos hipócritas, que lançarão numa cólera ainda mais veemente aquele que era preciso curar e, pior que tudo, nos valerão encômios por sua perda e ruína. Como se não nos tornássemos ainda mais criminosos pelo próprio fato de querermos adquirir glória com a perda de um irmão! Um tal silêncio será pernicioso, outrossim, para todos dois. Da mesma forma com que aumenta a tristeza no coração do outro, não permite que ela desapareça do nosso. Bem adequadamente, aos que assim agem é que se endereça a maldição do profeta: *Ai do que faz beber o seu próximo e mistura seu veneno até embriagá-lo para ver sua nudez! Ficaste saciado de ignomínia e não de glória!* (Hab 2,15-16). E eis o que um outro disse dos que lhes são semelhantes: *Todo irmão só quer enganar e todo próximo*

anda caluniando. Enganam-se uns aos outros, não dizem a verdade (Jr 9,4-5), porque *retesam suas línguas como arco, para lançar a mentira e não a verdade* (Jr 9,2).

Uma paciência fingida, muitas vezes, instiga com mais ímpeto à cólera do que o fariam palavras, uma taciturnidade maligna transmite as mais atrozes injúrias, e é mais fácil suportarmos ferimentos de um inimigo ostensivo do que as falsas blandícias de um zombador. Diz o profeta, apropriadamente, de pessoas assim: *Suas palavras são mais brandas que o óleo, mas são punhais* (Sl 54,22); e alhures: *As palavras da maledicência são guloseimas que penetram até as entranhas* (Pr 26,22 – LXX). Pode-se aplicar-lhes ainda, e com primor, este oráculo: *Em sua boca dizem paz ao próximo, mas lhe preparam, dentro de si, uma cilada* (Jr 9,7). Mas é o enganador que é enganado, porque *O homem que adula seu próximo estende uma rede ante seus passos* (Pr 29,5 – LXX) e *Quem cava uma fossa nela cairá* (Pr 26,27 – LXX).

Uma enorme multidão tinha vindo, com espadas e bastões, para prender o Senhor. Mas ninguém foi mais cruelmente parricida contra o autor de nossa vida do que aquele que, ao se antecipar aos demais para saudá-lo, oferecendo-lhe uma hipócrita homenagem, lhe deu o beijo de uma caridade pérfida. E o Senhor disse a ele: *Judas, com um beijo entregas o Filho do Homem?* (Lc 22,48), ou seja: Para encobrir a amargura da perseguição e do ódio tu recorres ao sinal que é feito para exprimir a doçura do amor verdadeiro! É porém pela boca do profeta que ele manifesta com mais franqueza e veemência toda a expressão de sua dor: *Não é um inimigo quem me insulta – eu o suportaria; não é um adversário que se levanta contra mim – eu me ocultaria; mas és*

tu, homem de minha condição, meu amigo e confidente. Juntos partilhávamos doce intimidade, e com a multidão em festa íamos à casa de Deus (Sl 54,13-15).

19 - *Dos que fazem jejum por indignação*

Há um outro tipo de tristeza realmente sacrílega, que nem sequer valeria a pena lembrar, se não soubéssemos que a ela muitos irmãos se entregam. Desgostosos ou afligidos, obstinam-se eles em se abster de comer. Sem pudor, não sou capaz de fazer a afirmativa, mas eis aí homens que, enquanto estão apaziguados, pretendem não poder adiar sua refeição até a sexta hora ou, pelo menos, até a nona. Quando porém inebriados de tristeza ou furor, mantêm-se eles insensíveis ao jejum, mesmo que esse se prolongue por dois dias. A falta de comida deveria esgotá-los. Todavia a suportam, por se saciarem de cólera, e isso evidentemente é incorrer em crime de sacrilégio. É num arrebatamento diabólico que eles sustentam seus jejuns, os quais só deveriam ser oferecidos a Deus, tendo em vista a humilhação do coração e a purgação dos vícios. Do modo como procedem, é como se prestassem sacrifícios e orações, não a Deus, mas aos demônios, merecendo assim, por conseguinte, ouvir a repreensão de Moisés: *Imolaram a demônios, que não são deuses, a deuses que não haviam conhecido* (Dt 32,17).

20 - *Da paciência simulada por muitos que oferecem a outra face*

Não ignoramos também certa espécie de loucura que se encontra em alguns irmãos, disfarçada sob as cores de uma paciência afetada.

Como se fosse pouco para eles ter suscitado querelas, põem-se ainda a irritar seus irmãos, com palavras provocantes, para levá-los até as vias de fato. Depois, mal atingidos de raspão por um leve impulso qualquer, ei-los que dão uma outra parte do corpo para ser agredida, como se fossem realizar desse modo a perfeição do mandamento: *Se alguém te esbofetear na face direita, oferece também a outra* (Mt 5,39). Mas eles desconhecem de todo o sentido desse texto e o objetivo que o mesmo se propõe, quando imaginam praticar a paciência evangélica pelo vício da cólera. Ora, é exatamente para extirpá-lo pela raiz que, não satisfeito de nos proibir a prática do talião e as provocações às vias de fato, o Senhor também nos ordena apaziguar quem nos fere, por nossa constância em suportar uma reiterada injúria.

21 - *Pergunta: Como eles podem se enganar, seguindo os mandamentos de Cristo, quanto à perfeição evangélica?*

Germano: Como é repreensível quem, satisfazendo ao preceito evangélico, mostra-se pronto a sofrer uma segunda ofensa, sem praticar retaliações?

22 - *Resposta: Cristo não considera apenas o ato, mas também a intenção*

José: Eu o disse ainda há pouco, não se deve considerar somente o ato material, mas também a disposição de espírito e a intenção de quem age. No íntimo de vossos corações, pesai bem os sentimentos que animam as ações humanas, examinai o móbil do qual elas procedem, e vereis que a virtude da paciência e da brandura não pode de modo algum consumar-se por um espírito que lhe seja contrário, isto é, de fu-

ror e impaciência.

Nosso Senhor e Salvador quis formar-nos para uma virtude profunda, que não nos estivesse apenas nos lábios, mas repousasse no santuário do âmago de nossa alma. Nesta fórmula da perfeição evangélica que ele nos deu: *Se alguém te esbofetear na face direita, oferece também a outra,* é preciso subentender, sem dúvida, o que está dito na palavra *direita.* A outra face direita, se me for permitido falar assim, não pode referir-se senão ao rosto do homem interior. Portanto, o desejo do Senhor é que o foco de cólera venha a ser completamente extirpado dos mais recônditos rincões da alma. Ele quer que, quando o homem exterior for atingido por um injusto agressor em sua face direita, também o interior lhe ofereça à agressão a mesma face, dando humildemente seu consentimento à afronta; quer que esse homem interior tome parte no sofrimento do exterior, submetendo e abandonando de algum modo seu próprio corpo à injúria. Pois não convém que o homem interior se comova, mesmo se for silenciosamente, com o golpe que o homem exterior recebeu.

Vedes, já por isso, como aqueles dos quais falamos se acham afastados da perfeição evangélica, que nos ensina a manter a paciência, não em palavras, mas na tranqüilidade íntima do coração. E como prescreve guardá-la nos encontros desagradáveis! Não nos basta conservarmos incólumes às violentas emoções da cólera. Dobrando-nos à injúria, devemos, além disso, obrigar-nos a apaziguar os que foram transtornados por seu erro, de modo a permitir que eles, ao nos agredirem, se satisfaçam. É preciso sobrepor-se, pela força da brandura, ao desatino a que se entregaram.

De tal forma seguiremos o conselho do Apóstolo: *Não*

te deixes vencer pelo mal, mas triunfa do mal com o bem (Rm 12,21). Disso entretanto continuam incapazes, por certo, os que proferem palavras de brandura e humildade naquele espírito de indignação do qual falávamos e, longe de extinguirem em si o fogaréu da fúria, não conseguem senão, pelo contrário, avivar-lhe as chamas, quer em seu próprio coração, quer no do irmão. Ainda que obtivessem êxito, no que lhes tange, em reter certa aparência de brandura e paz, nem assim eles colheriam o fruto da justiça, porque estarão procurando obter a glória da paciência em detrimento do próximo. Se procederem desse modo, tornar-se-ão, de fato, totalmente estranhos à caridade recomendada pelo Apóstolo, *que não é interesseira* (1Cor 13,5), mas visa o interesse alheio; que não cobiça enriquecer-se, auferindo seu lucro em detrimento do próximo, nem deseja adquirir coisa alguma pelo despojamento de outrem.

23 - *Como é forte e saudável quem se submete à vontade do outro*

Convém persuadir-se disto: em geral, quem submete sua vontade à vontade do irmão dá prova de ser mais forte do que aquele que se mostra obstinado em defender e manter suas opiniões. Pela tolerância e apoio em relação ao próximo, o primeiro merece ser incluído entre os de boa têmpera e sãos; já o segundo se situa, pelo contrário, entre os fracos e, por assim dizer, os enfermos. Eis aí um homem ao qual se devem prodigalizar bondade e afagos. É até bom, às vezes, dar-lhe alguma folga das coisas necessárias, para que ele se mantenha na tranqüilidade e na paz. Que ninguém porém creia que, fazendo isso, venha a diminuir sua própria perfeição, pois o bem da paciência e da longanimidade, pelo contrário, já nos trouxe um proveito até maior. É este, de fato, o preceito do Apóstolo:

Nós, que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos (Rm 15,1). E ele diz ainda: *Carregai os fardos uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo* (Gl 6,2). Jamais há de o fraco suportar o fraco, nem poderá jamais o enfermo agüentar ou curar o langor de quem padece. Porém aquele que não se sujeita à fraqueza tem condições de levar remédio ao fraco. Não fosse assim, seria o caso de dizer: *Médico, cura-te a ti mesmo* (Lc 4,23).

24 - *Os fracos, que se dão à injúria, não conseguem contudo suportá-la*

Notareis ainda este traço na natureza dos fracos: permeáveis e prontos ao ultraje, à promoção de querelas, eles mesmos nem querem ser tocados pela mais leve suspeição de injúria. Cheios de insolentes propósitos, tratam a todos de cima, com uma liberdade inconsiderada e soberba, mas basta eles terem de suportar um nada, um sopro que seja, para que se tornem bem descontentes.

Urge, por conseguinte, volver à máxima dos anciãos: só entre homens de igual virtude e idêntico propósito é a amizade capaz de perdurar estável e sem rompimento. É fatal haver nela, não sendo assim, mais cedo ou mais tarde, uma cisão, seja qual for o cuidado que se tenha para conservá-la.

25 - *Pergunta: Como pode ser tomado por forte quem nem sempre é capaz de suportar o fraco?*

Germano: No que pode ser louvável a paciência do homem perfeito, se ele não tiver força para tolerar sempre o fraco?

26 - *Resposta: O próprio fraco é que não consente ser suportado*

José: Bem, eu não disse que a virtude e a paciência de quem é forte e firme devam se dar por vencidas. É o péssimo estado de saúde do próprio fraco que, nutrido pela sustentação do sadio, há de cotidianamente deteriorar-se, de tal modo que ele acabará por não mais ser tolerado, ou então que ele mesmo, tomando a paciência do irmão por marca infamante e uma desonra para sua impaciência, preferirá ir-se algum dia embora do que se ver sustentado sempre pela magnanimidade do outro.

E agora, àqueles que desejem manter invioláveis os sentimentos da amizade, declaro a lei que devem, a meu ver, observar antes de tudo.

Primeiramente, sejam quais forem as injúrias de que o acusem, o monge conservará a paz, não digo apenas em seus lábios, mas no fundo do coração. Caso se sinta perturbado, pelo mínimo que seja, que ele permaneça em absoluto silêncio e siga exatamente o que diz o salmista: *A perturbação impede-me de falar* (Sl 76,5); *Vigiarei minha conduta para não pecar com a língua. Porei um freio à minha boca, quando o ímpio estiver diante de mim. Fechei-me no silêncio e humilhei-me, emudeci ante a privação da felicidade* (Sl 38,2-3).

Não convém que ele pare para pensar no presente; não convém que seus lábios profiram o que é sugerido na hora por um furor turbulento, o que lhe dita seu ânimo exasperado. Mas sim que traga à memória a graça da caridade passada, ou que volva seus olhos para o futuro, para aí ver em espírito, como era antes, a paz já refeita; que se dedique a contemplá-la, no próprio tempo em que a comoção o atinge, com a idéia de que

ela há de voltar sem demora.

Enquanto ele se preservar para a doçura da concórdia vindoura, não sentirá o amargor da presente querela, e dará de preferência uma resposta pela qual não tenha de acusar a si mesmo, nem de ser repreendido por seu irmão, quando a amizade for restabelecida. Estará pondo em prática, deste modo, a palavra do profeta: *Na cólera, lembra-te de ter compaixão* (Hab 3,2).

27 - *Como suprimir a cólera*

Devemos pois conter todos os movimentos da cólera e, dominando-os pela discrição, moderá-los, por temer que nosso descontrole nos lance, cabisbaixos, no erro condenado por Salomão: *O insensato desafoga todas as suas paixões, mas o sábio as reprime e se acalma* (Pr 29,11). Ou seja: o insensato se inflama de vingança, na comoção da cólera, mas o sábio a atenua e a faz desaparecer pouco a pouco, pela maturidade de seu bom senso e de sua moderação.

Isto é também o que foi dito pelo Apóstolo: *Não vos vingueis uns dos outros, caríssimos, mas deixai agir a ira de Deus* (Rm 12,19). Ou seja: não vos precipiteis à vingança, sob o impulso cego da paixão, mas dai espaço à própria cólera. Tal ditame vos diz: não deixeis que vossos corações se retraiam pela estreiteza da impaciência e da pusilanimidade, de modo a não poderem conter a violenta procela do descontrole, quando ela desabar. Dilatai-os, ao contrário, e recebei as vagas adversas da ira nos alargados espaços da caridade, que *tudo desculpa, tudo tolera* (1Cor 13,7). Que vossa alma assim expandida pela amplitude da paciência e da longanimidade tenha em si os salutares recantos de bom senso onde a fumaça funesta da

cólera, encontrando uma saída, por assim dizer, se difunde e imediatamente se dissipa.

Pode-se compreender isto, ainda, da seguinte maneira: damos espaço à cólera todas as vezes em que nos dobramos, com a alma humilde e tranqüila, diante da comoção do irmão e que, reconhecendo-nos de certo modo merecedores de todas as injúrias, cedemos à impaciência desencadeada.

Há porém os que se inclinam ao sentido que aqui está, o do preceito de perfeição ensinado pelo Apóstolo. Dar espaço à cólera, a acreditar no que eles dizem, é se afastar de quem se irrita. Assim no entanto, a meu ver, alimenta-se, ao invés de apagá-lo, o fogo das dissensões. O que é preciso é vencer de imediato, por uma humilde satisfação, a cólera do próximo, pois que a fuga mais a provoca do que a evita.

Eis ainda uma palavra de Salomão que bem se assemelha às precedentes: *Não sejas precipitado em encolerizar-te, porque a cólera se aloja no peito do insensato* (Ecl 7,9 – LXX); e *Não te apresses a litigar, pois, do contrário, que farás depois?* (Pr 25,8 – LXX).

Por outro lado, se ele condena as rixas e as cóleras precipitadas, não quer isto dizer que as aprove, quando são lentas. E é no mesmo sentido que convém entender esta sentença: *O insensato mostra logo sua cólera, mas é discreto quem dissimula a afronta* (Pr 12,16 – LXX). Ao decidir que o sábio deve ocultar a ignominiosa paixão da cólera, Salomão por certo reprova a ligeireza em se zangar. Mas daí não decorre que também não proíba o vício lento em declarar-se. Ele estima, isto sim, que a cólera deve ser mantida secreta – se, por uma fatalidade inerente à fraqueza humana, ela vier a fazer irrupção

–, a fim de que, oculta sensatamente na hora, acabe por se anular para sempre. Tal é, com efeito, sua natureza: prorrogada, ela enlanguesce e morre; manifestada, porém, inflama-se cada vez mais.

Portanto, que nosso coração se dilate e se abra em toda largueza! Caso ele fosse restringido pela estreiteza da pusilanimidade, a turbulenta agitação da cólera iria enchê-lo. E nós, num estreito coração, jamais teríamos lugar para o mandamento divino, que, segundo o profeta, é infinito, nem tampouco poderíamos dizer com ele: *Correrei pelo caminho de teus mandamentos, quando me dilatares o coração* (Sl 118,32).

Longanimidade é sabedoria, como os testemunhos da Escritura tornam por demais evidente: *O homem paciente é rico em prudência, mas o impulsivo aumenta o desatino* (Pr 14,29 – LXX). E é assim que a Escritura evoca aquele que tão louvavelmente pediu o dom da sabedoria: *Deus concedeu a Salomão sabedoria e prudência extraordinárias e uma mente aberta como as praias à beira-mar* (1Rs 5,9).

28 - *As amizades feitas por juramento nunca têm firmeza*

Eis ainda uma coisa que já foi freqüentemente provada por múltiplas experiências: os que estabeleceram sua amizade sobre o princípio do juramento não puderam viver sempre em concórdia. Isto porque não se esforçaram para conservá-la pelo desejo de perfeição, nem para obedecer ao preceito apostólico da caridade, mas sim por um amor terreno ou pela necessidade e a coerção do pacto que haviam feito. Ou foi então o artificioso inimigo que os impeliu a prontamente romper o vínculo da amizade, a fim de os tornar prevaricadores de seu juramento.

Está pois certíssima a máxima dos homens que por sua prudência se fizeram mais eminentes: a verdadeira concórdia e a amizade indissolúvel só podem existir com uma vida irrepreensível e entre pessoas de idêntica virtude e um só propósito.

Tal foi o discurso tão espiritual que o bem-aventurado José nos fez sobre o tema da amizade, incitando-nos a um vivo ardor em manter a caridade que em nosso companheirismo nos unia.

XVII

SEGUNDA CONFERÊNCIA DO ABADE JOSÉ

DAS DECISÕES DEFINITIVAS

1 - *Uma noite insone*

Finda a conferência e chegada a hora do silêncio noturno, o santo abade José nos conduziu a uma cela à parte, para que ali nós repousássemos. Porém, durante toda a noite, o fervor posto em nossos corações por suas palavras não nos deixou conciliar o sono. Saímos pois e, distanciando-nos uma centena de passos, fomos sentar num lugar mais afastado. As trevas da noite, associadas àquela solidão, eram propícias a uma conversa bem íntima e secreta. Mal nos sentamos, começou o abade Germano a lamentar-se muito.

2 - *Da ansiedade do abade Germano à recordação de nossa promessa*

Que fazemos? – disse ele. Vemo-nos cercados por um imenso perigo, e é deplorável a situação em que estamos. Os princípios e o comportamento desses santos anacoretas já nos ensinam com eficácia, por si sós, o que seria mais útil ao nosso progresso na vida espiritual; mas, pela palavra dada a nossos superiores, não somos livres de escolher o que é mais conveni-

ente. Pelos exemplos de tais homens, que têm tanto valor, poderíamos formar-nos, de fato, para uma vida e um propósito de maior perfeição, se o compromisso que assumimos não nos forçasse com insistência a regressar ao nosso mosteiro. Quando lá chegarmos, além disso, nunca nos darão a possibilidade de voltar para cá. Por outro lado, que faremos da fidelidade ao juramento, se preferirmos satisfazer nossos desejos, ficando aqui? Para obter a licença de visitar, mesmo rapidamente, os mosteiros e os santos desta província, não juramos aos nossos superiores que regressaríamos o mais depressa possível?

Expostos a tão grande embaraço e incapazes de decidir quanto à nossa salvação, demonstrávamos por nossos lamentos o que havia de crítico em situação assim tão penosa. Acusávamo-nos por tanta irresolução, maldizíamos nossa natural timidez. Eram elas que nos haviam tirado toda a capacidade de agir, toda a energia; em detrimento nosso, e com risco de fazer malograr nosso desígnio, não tínhamos sabido resistir aos apelos dos que queriam nos reter ali a não ser prometendo voltar em breve. Lastimávamos haver sido vítimas daquele vício de que fala a Escritura: *Há um pudor que induz a erro* (Pr 26,11).

3 - *Uma solução proposta por mim*

Há um meio de fazer cessar nossa angústia, disse eu então, que é recorrer aos conselhos, ou melhor, à autoridade do ancião. Submetamos a ele nossa inquietude; e, seja qual for sua decisão, que suas palavras ponham termo à nossa perplexidade, como se fossem uma resposta do céu. Saindo da boca deste santo homem, não há por que duvidarmos de que elas venham do Senhor, tanto por causa de seu mérito quanto em razão de nossa fé. Por graça da munificência divina, já

aconteceu muitas vezes que a fé obtivesse um conselho salutar, da parte de homens sem virtude, e que a incredulidade o recebesse de santos. Deus concede essa largueza para recompensar o mérito dos que respondem ou a fé dos que interrogam.

O santo abade Germano acolheu com tal alegria o que foi dito por mim, que era como se eu houvesse falado por inspiração do Senhor, e não por minha própria iniciativa. Por alguns instantes, esperamos pela vinda do ancião na hora da sinaxe da noite, que já estava bem próxima, e o recebemos com a saudação costumeira. Após recitarmos o número de orações e salmos previsto, sentamo-nos de novo nas mesmas esteiras nas quais nos estendêramos para repousar.

4 - *Pergunta do abade José sobre a causa de nossa ansiedade*

O venerável José nos viu pois muito abatidos e, ponderando que deveria haver para isso algum motivo, dirigiu-se a nós com estas palavras de José, o Patriarca: *Por que tendes hoje o rosto sombrio?* (Gn 40,7).

Respondemos que, ao contrário dos ministros do Faraó na prisão, não tínhamos tido um sonho, sem encontrar quem o interpretasse (cf. Gn 40,8). Porém passamos a noite insone, disse eu, e não há ninguém que possa aliviar o peso de nossas incertezas, a menos que delas, por tua discrição, o Senhor nos livre.

Então o bom ancião, que, quer por seu nome, quer por seu mérito, lembrava a virtude do grande patriarca, assim falou: "Não é verdade que as cogitações humanas, pela graça do Senhor, podem ser sanadas? Dizei-me quais são as vossas; a clemência divina é assaz poderosa para vos conceder o remé-

dio, como um prêmio à vossa fé, por intermédio de meus conselhos".

5 - *Germano expõe as razões pelas quais preferiríamos permanecer no Egito do que voltar para a Síria*

Acreditávamos, disse então Germano, que voltaríamos para o nosso mosteiro cumulados de alegria e de frutos espirituais, graças ao contato com vossa beatitude, e que poderíamos, pelo menos numa escala modesta, imitar o que nos fosse dado aprender em vossa escola. Tal era também o compromisso ao qual fomos empenhados pela afeição dos nossos superiores, na convicção que tínhamos de poder reproduzir junto a eles algo da sublimidade de vossa vida e doutrina.

Porém o que, a nosso ver, deveria nos dar tanta alegria, tornou-se para nós, pelo contrário, motivo de dor insuportável, quando consideramos que não temos como obter dessa maneira o que seria tão salutar. De ambos os modos nossa angústia é a mesma. Fizemos uma promessa diante de todos os irmãos, na gruta santificada pelo esplendoroso nascimento de nosso Senhor do ventre da Virgem, e a ele mesmo tomamos por testemunha. Se quisermos satisfazer esse voto, expomo-nos a um gravíssimo dano espiritual. E se, deslembrados da promessa feita, antepusermos o que convém à nossa perfeição ao juramento, permanecendo nesta região, receamos, e muito, cair no abismo da mentira e do perjúrio.

Nem sequer podemos consolar nossa inquietude pelo expediente que consistiria em preencher, voltando logo, as condições de nosso juramento, mas dispostos a retornar aqui em breve. Para os que tendem ao progresso espiritual e à virtude, certamente há perigo e prejuízo em qualquer pequena

demora. Não obstante, cumpriríamos nossa promessa, ainda que com algum atraso, se não soubéssemos que a afeição dos nossos superiores, pondo-se de comum acordo com sua autoridade, nos ataria então com vínculos indissolúveis e que nunca mais nos seria dada a permissão de retornar a esta região.

6 - *O abade José pergunta se o Egito contribuiria mais do que a Síria para o nosso progresso*

A essa altura, após permanecer por um momento em silêncio, perguntou o abade José: "Estais certos de que é maior a contribuição dada por esta região ao vosso progresso nas coisas espirituais?"

7 - *Resposta sobre a diferença entre as formações dadas em cada uma das províncias*

Germano: Devemos ser infinitamente gratos, por sua doutrina, aos que nos instruíram a tomar grandes resoluções, desde ainda muito jovens, e que souberam incutir em nossos corações uma sede de perfeição tão preclara, levando-nos a usufruir do bem que neles havia. Todavia, se nosso julgamento, quanto a esse ponto, for digno de crédito, não fazemos nenhuma comparação entre o que aqui ouvimos e os princípios que lá então recebemos. Nada digo da inimitável pureza de vossa vida, que consideramos não apenas como um fruto do ideal e dos austeros propósitos que vos norteiam, mas também como um particular benefício que estes lugares conferem. Não duvidamos que, para reproduzir a magnificência de vossa perfeição, ouvir vossos ensinamentos às pressas seja insuficiente para nós. Temos necessidade da ajuda que uma estada prolongada nos propiciaria, para que a educação cotidiana e por muito tempo mantida venha sacudir, se possível

for, o torpor dos nossos corações.

8 - *Homens perfeitos, que não deveriam se comprometer em definitivo com nada, podem romper sem erro os compromissos que assumem?*

José: É sensato, é perfeito e de todo conveniente à nossa profissão cumprir com o que prometemos, e por isso é que um monge não deveria assumir compromissos definitivos. Pois ou bem ele será forçado a manter a promessa que fez imprudentemente, ou bem terá, caso dela se afaste, por levar em consideração um intuito mais elevado, de descuidar de suas obrigações.

Contudo nossa intenção agora não é tanto abordar o estado de sanidade quanto a cura da doença. Não nos cabe decidir o que, em primeiro lugar, vos teria sido conveniente fazer; mas sim buscar um meio saudável de contornar os recifes que vos ameaçam, para evitar que haja naufrágio.

Assim pois, quando suponho não estarmos restringidos por nenhum compromisso, não vinculados a condição alguma, a escolha entre várias soluções favoráveis se nos oferece, e é a mais vantajosa delas que há de ter nossa preferência. Porém, quando temos de enfrentar, quer queiramos ou não, alguma adversidade, seguimos por onde for de menor monta o dano em potencial.

Ora, por tudo quanto vosso relato me permite ver, uma promessa irrefletida já vos levou a tal ponto que, seja lá como for, devereis sofrer graves incômodos. Vossa escolha há de portanto inclinar-se à alternativa que comporte o dano menos sensível, ou que admita com mais facilidade o remédio

da satisfação.

Se credes que vossa vida espiritual, por ficardes aqui, terá proveito maior do que teria nas condições de vosso mosteiro, e se não podeis cumprir com vossos compromissos sem vos privar de imensas vantagens, é melhor se defrontar com a mentira e não manter a promessa. Uma vez passado, esse dano não voltará a ocorrer, nem será, em si mesmo, fonte de novos erros, ao passo que o regresso a um modo tíbio de vida, tal como dizeis, submeter-vos-ia a um detrimento cotidiano e interminável.[1] É perdoável, é até mesmo merecedor de louvor, quem modifica uma decisão imprudentemente tomada, quando se trata de fazer uma opção mais salutar. Retificar uma promessa defeituosa não é incorrer em falta de constância, mas sim corrigir sua temeridade.

Todas essas proposições podem ser comprovadas da maneira mais clara por testemunhos da Escritura, que também mostra como manter as próprias resoluções já foi mortal e, pelo contrário, como saudável e proveitoso foi abrir mão delas.

9 - *Romper seus compromissos, às vezes, é mais vantajoso do que mantê-los*

O exemplo do santo apóstolo Pedro e o de Herodes atestam de modo muito evidente esses dois casos. O primeiro renuncia a uma decisão que ele havia confirmado por uma

[1] A opinião do abade José pode justificar-se pelo fato de a ignorância de uma condição essencial tornar a promessa inválida. Ora, tal é o caso: os peregrinos não se teriam comprometido por juramento a voltar sem tardança, se houvessem sabido que a esse custo sua viagem devesse ser inútil. É lamentável que o problema tenha sido complicado por uma longa e contestável teoria da mentira (cf. L. Cristiani, *Cassien*, vol. II, p. 289 ss.).

espécie de jura: *Jamais me lavarás os pés* (Jo 13,8). Porém merece, por isso mesmo, ter parte eterna com o Cristo, ao passo que seria privado da graça de tal beatitude se obstinadamente se aferrasse à sua palavra. O outro, para manter a fidelidade a um juramento irrefletido, faz-se o crudelíssimo assassino do Precursor, sendo tragado na danação e nos suplícios da morte eterna pelo vão temor de cometer perjúrio.

Em todas as coisas, é preciso pois considerar o fim e por ele orientar o curso de nossa vida. Se constatamos que nossos planos malogram, porque um modo de ver mais adequado se nos oferece depois, mais vale renunciar a uma predisposição que já não convém, e passar para um melhor sentimento, do que se ater teimosamente ao que a princípio se havia decidido.

10 - *O temor sentido por nós a propósito do juramento feito na Síria*

Germano: Se não levássemos em conta senão nosso desejo e nosso progresso espiritual, que o suscitou, almejaríamos permanecer para sempre em vossa companhia, a fim de nos edificarmos. Voltando para o nosso mosteiro, estamos certos não só de retroceder em relação a um ideal assim tão sublime, como também de sermos afetados por numerosos outros danos, decorrentes da medíocre vida monástica lá prevalecente. Por outro lado, o mandamento do Evangelho nos instila grande temor: *Mas a vossa palavra seja sim, se for sim; não, se for não. Tudo o que passar disso vem do mal* (Mt 5,37). Cremos não haver justiça capaz de compensar a transgressão de um tão grave preceito. E de que modo o que teve um mau começo poderá ter bom fim?

11 - *É a intenção de quem age, e não o resultado, que se deve ter em conta*

José: Em todas as coisas, como já dissemos, não é o resultado do ato que se deve levar em consideração, mas a vontade de quem age.[2] Não nos perguntemos: O que ele fez?, mas sim: Com que intenção procedeu ele? Há casos em que alguém foi condenado por ações das quais decorreu o bem. Outros, ao contrário, ascenderam à mais alta justiça a partir de repreensíveis começos. Aos primeiros, o rumo auspicioso que as coisas tomaram não trouxe proveito algum. Movidos por sua má intenção, quando punham mãos à obra, não pretendiam fazer o bem que acabou advindo, mas sim o oposto. Em contrapartida, os repreensíveis começos não foram prejudiciais aos segundos, pois que eles não tinham intenções delinqüentes nem desprezo por Deus. Resignavam-se, isto sim, àqueles primeiros passos censuráveis, como ao inevitável nos resignamos, tendo em vista uma finalidade necessária e santa.

12 - *As boas conseqüências das más ações não dão proveito aos que as praticam, assim como o mal, feito por quem é bom, não causa danos*

Posso aclarar tais princípios por exemplos tomados à Sagrada Escritura. Há algo que se possa procurar no universo de melhor e mais útil que o salutar remédio da Paixão de Cristo? Contudo, longe de trazer benefícios ao traidor que lhe serviu de instrumento, ela o prejudicou a tal ponto, que dele é dito simplesmente: *Melhor lhe seria não ter nascido* (Mt 26,24).

---

[2] É unicamente o rigor da linguagem teológica que faz falta a este capítulo, como a tantos outros. Quando se fala de repreensíveis começos, é evidente que se trata de inconvenientes de todo *materiais*, e não do mal *formal*, que é o pecado.

A paga por seu ato não se calcula em função do que daí resultou, mas pelo que o próprio autor pretendeu ou pensou fazer. O que há de mais condenável do que a insídia e a mentira, seja em relação a um estranho, seja, pior ainda, em relação a um pai ou um irmão? Nem por isso no entanto o patriarca Jacó se expôs à condenação ou censura, sendo sim enriquecido, com efeito, pela perpétua herança da bênção. E com toda a razão, porque, se ele cobiçou a bênção destinada ao primogênito, não o fez por avidez de uma vantagem terrena, mas pela fé que tinha em ser eternamente santificado. Judas, ao contrário, não se propunha de modo algum a salvação dos homens: abandonou-se voluntariamente ao pecado da avareza quando entregou à morte nosso Redentor. Tanto um quanto o outro colheram de seus atos o fruto devido ao pensamento que os havia inspirado, ao desígnio que lhes movera a vontade: pois nem queria o primeiro enganar, nem o segundo procurar nossa salvação, e é justo medir a recompensa de todos pelo que esteve em seu pensamento desde a origem, e não pelo que dele proveio, depois, de bem ou de mal, contra sua vontade. Jacó se atreve a uma mentira dessa espécie e o justíssimo juiz considera-o não só desculpável, como até mesmo digno de louvor, porque de outra maneira ele não poderia obter a bênção dos primogênitos, e não havia razão para imputar-lhe como crime um ato partido exclusivamente do desejo da bênção. Mas esse grande patriarca não teria sido injusto somente em relação ao irmão; chegaria a enganar seu próprio pai e a cometer sacrilégio se, tendo outro meio de obter a graça cobiçada, houvesse preferido este, que era doloroso e danoso para Esaú.[3] Como vedes, Deus não leva em consideração as conseqüências do

[3] A "mentira" de Jacó é explicada diferentemente por Santo Agostinho (cf. *De Civ. Dei*, XVI, 37, e *De mendacio*, 10) e por Santo Tomás (IIa IIae., q. 110, a. 3, ad 3um).

ato, mas sim o objetivo que se tinha em mira.

Estabelecidos esses princípios, voltemos à questão que motivou tais premissas. Peço-vos dizer-me agora qual a razão que vos prende à promessa feita.

13 - *As razões do nosso juramento*

Germano: Houve uma causa primeira, que já declaramos: temíamos entristecer nossos superiores, resistindo às suas ordens. A segunda foi termos a persuasão apressada de poder pôr em prática, ao voltarmos para nosso mosteiro, tudo o que de perfeito e magnífico viéssemos a ver e ouvir de vós.

14 - *O ancião explica que se pode mudar sem culpa o curso da vida, desde que isso seja feito com intenções elevadas e eficazes*

José: Ainda há pouco eu disse que é a intenção que torna o homem merecedor de condenação ou recompensa, de acordo com esta palavra: *Pelas sentenças com que mutuamente se acusam ou se defendem, Deus julgará as ações secretas dos homens* (Rm 2,15-16); e também com esta outra: *Porque conheço as suas obras e os seus pensamentos, e venho para reunir todas as nações e línguas* (Is 66,18).

Foi o desejo de perfeição, pelo que vejo, que vos atou pelos vínculos do juramento feito. Pensastes obtê-la, daquele modo. Porém agora, que podeis formular melhor juízo, percebeis não vos ser possível chegar assim a tão sublimes alturas. No que parece transgressão à decisão tomada, não há nada porém de prejudicial, desde que o propósito inicialmente tido por vós não sofra alterações subseqüentes. Mudar de ferramenta não quer dizer abandonar a obra, como optar por

uma estrada mais curta e mais direta não demonstra necessariamente preguiça por parte do viajante. O mesmo ocorre no tocante a vós. A retificação de uma disposição imprudentemente tomada, por vossa parte, jamais será considerada uma quebra de voto. Por mais duro e adverso que a princípio se mostre, tudo que é feito em atenção à caridade divina e por amor à piedade, que *tem promessas para a vida presente e para a vida futura* (1Tm 4,8), não só não merece repreensão, como também é digno de grande louvor.

Assim pois, não há mal em romper um compromisso irrefletido, desde que nos mantenhamos de todo modo fiéis ao propósito religioso que já era tido por nós. Ofertar a Deus um puro coração não é o único objetivo de nossas ações, sejam elas quais forem? Se julgais ser mais fácil chegar a isso aqui neste lugar, modificar a promessa que vos foi arrancada não vos pode causar o menor dano. Seguireis a vontade do Senhor se mais depressa chegardes ao pretendido fim, isto é, à pureza de coração, que era o motivo de vosso compromisso.

15 - *Pode não haver pecado, se nossa consciência der aos fracos uma ocasião de mentir?*

Germano: Tudo isso é por demais razoável, é a própria linguagem da prudência. Se só levássemos em conta tuas veementes palavras, não teríamos dificuldade em nos eximir do escrúpulo de nossa promessa. Há porém uma coisa que nos deixa muito assustados, qual seja, que nosso exemplo pareça dar aos fracos uma ocasião de mentir, se eles se tornarem cientes de que é possível alguém subtrair-se licitamente à fidelidade ao juramento, considerando-se que são tão graves e ameaçadoras as palavras pronunciadas pelo profeta para interditar

a mentira: *Tu destróis os que proferem mentira* (Sl 5,7) e *A boca mentirosa mata a alma* (Sb 1,11).

16 - *O escândalo dos fracos não nos deve fazer modificar a verdade da Escritura*

José: Aos que vão, ou melhor, aos que desejam se perder nunca faltarão ocasiões e causas de perdição. A nós não cabe rejeitar nem riscar do corpo da Escritura os testemunhos que animam a perversidade dos heréticos, que empedernizam os judeus em sua infidelidade ou que se chocam com a linguagem enfática da sabedoria pagã. Cabe-nos, pelo contrário, é neles crer religiosamente, é mantê-los imutáveis e, pela verdade do sentido literal, pregá-los. Por isso não devemos abdicar, tomando por pretexto a infidelidade alheia, das maneiras de agir, "oikonomías" (οἰχονομίαζ), dos profetas e dos santos narradas pela Escritura. Crendo dever condescender com a fraqueza dos incrédulos, tornar-nos-íamos culpáveis de mentira e, o que é pior, de sacrilégio. O que é preciso é confirmar aquelas maneiras, tal como apresentadas pelos relatos, e mostrar que nelas nada existe que piedoso não seja.

Outrossim, não obstruiríamos a via da mentira aos que têm a vontade pervertida, se tentássemos negar a realidade dos fatos, quer os que vamos trazer à baila, quer os mencionados por nós, ou enfraquecê-la por explicações alegóricas. Em que a autoridade desses textos poderia molestar aqueles cuja vontade corrompida já lhes basta para pecar?

17 - *De que modo o uso da mentira, tal como o do heléboro, foi proveitoso a santos*

Por conseguinte, deve-se considerar e utilizar a menti-

ra tal como se faria com o heléboro.[4] Esse remédio salva, quando tomado na ameaça de uma doença fatal, mas causa de imediato a morte, se não houver perigo extremo no caso.

Lemos que santos, que homens muito benquistos por Deus fizeram bom uso da mentira e que, assim procedendo, longe de incorrerem em pecado, na realidade chegaram ao supra-sumo da justiça. Mas, se a falácia pôde conferir-lhes a glória, o que haveria de lhes trazer a verdade, pelo contrário, a não ser condenação?

Foi, por exemplo, o que sucedeu a Raab (cf. Js 2 e 6), a respeito de quem a Escritura não relembra aliás virtude alguma, mas tão-somente sua impudicícia. Com uma mentira, a fim de não entregá-los, ela escondeu os espiões mandados por Josué, e só por isso mereceu no entanto incorporar-se ao povo de Deus, numa eterna bênção. Suponha-se agora que Raab houvesse preferido dizer a verdade, propensa a salvar seus concidadãos. Nesse caso, indubitavelmente ela não teria escapado, com toda sua família, à morte que tanto a ameaçava, não seria inserida entre os antepassados do Messias (cf. Mt 1,5), não figuraria na lista dos patriarcas nem mereceria jamais vir dar à luz, por meio das gerações que descenderam de sua prole, ao Salvador do mundo. Por outro lado, vede Dalila (cf. Jz 16), que, ao defender os interesses de seus concidadãos, trai a verdade que ela conseguira descobrir e tem por sina a perdição eterna, a todos não deixando senão essa memória de seu crime.

Quando portanto houver grande perigo em declarar a verdade, é preciso resignar-se a recorrer à mentira, não sem

[4] Ler-se-á no decurso do capítulo um conselho não menos categórico: "Quando portanto houver grande perigo em declarar a verdade, é preciso resignar-se a recorrer à mentira".

experimentar todavia, no íntimo de sua consciência, um remorso humilde. Evitemo-la porém, excluído esse caso de extrema necessidade, como um veneno mortal. Tal como falávamos ainda há pouco do heléboro, remédio que é salutar, quando tomado na iminência de uma doença já desesperadora, mas cuja mortífera energia se apodera de nossos órgãos vitais com uma rapidez fulminante, pelo contrário, se a saúde estiver imperturbada e íntegra.

Vimos claramente a justeza desses princípios nos casos de Raab de Jericó e do patriarca Jacó: se não fosse por meio do remédio que usaram, nem ela teria escapado da morte, nem ele obtido a bênção dos primogênitos. É que Deus não examina e julga apenas nossas palavras e atos, mas também as intenções e a vontade que temos. Quando nos vê fazer ou prometer qualquer coisa cujo fim é a contemplação divina ou nossa salvação eterna, mesmo que nossa conduta assuma, aos olhos humanos, aparências de dureza e injustiça, Deus repara os sentimentos religiosos que trazemos no fundo do coração e nos julga, não pelo som das palavras, mas pelo engajamento da vontade. A finalidade da ação e as disposições de quem age são o que há para ser considerado. Por isso, como antes dissemos, pode um justificar-se mentindo, enquanto outro pode incorrer num pecado que o condena à morte eterna por dizer a verdade.[5]

O patriarca Jacó volvia assim seus olhares para a finalidade dos atos; foi por isso que não temeu simular o corpo

[5] Dalila não mereceu a morte eterna por ter dito a verdade; seu erro foi revelar um segredo que entregou seu marido aos filisteus. Por outro lado, não está dito em parte alguma que Raab se justificou por sua mentira; mas a *Carta aos Hebreus* (11,31) louva-a por sua fé e a *Carta de São Tiago* (2,25), por seus bons préstimos aos espiões.

peludo de seu irmão, cobrindo-se de peles, nem concordar com o desejo de sua mãe, que o incitava a tal mentira. Em bênção e justiça, viu ele que ganharia mais, sujeitando-se a isso, do que teria ganho, caso conservasse a simplicidade. Jacó não tinha dúvida de que aquela mácula logo seria lavada pela efusão da bênção paterna e dissolvida sem tardança, como uma nuvem ligeira, pelo sopro do Espírito Santo; todo o ostentoso fingimento, desse modo, acabaria por trazer-lhe mais méritos do que seu amor inato à verdade.

18 - *Objeção: O uso impune da mentira foi feito apenas por aqueles que viveram sob a Lei*

Germano: Não é de admirar que, no Antigo Testamento, tais maneiras de agir e merecer aprovação fossem permissíveis, nem que homens chegados à santidade tivessem certas vezes mentido de modo a granjearem louvores ou, pelo menos, a serem desculpados. Vemos que, naqueles tempos rudimentares de aprendizado, usufruía-se de muitas outras licenças.

Quando Davi foge de Saul, o sacerdote Abimelec o interroga: *Por que vieste sozinho e não há ninguém contigo?* (1Sm 21,2). Davi responde: *O rei me deu uma tarefa e me disse: "Ninguém deve saber nada a respeito do encargo que te confio e imponho". Por isso despachei os homens para tal e tal lugar* (1Sm 21,3). E depois lhe diz ainda: *Não tens aqui à disposição uma lança ou espada? Pois nem tive tempo de apanhar a minha espada e as armas, porque o encargo do rei era urgente* (1Sm 21,9). De outra feita, levado perante Aquis, o rei de Gat, Davi *se fingiu de louco aos olhos deles, comportando-se em suas mãos como um maluco: tamborilava nos batentes da porta e deixava escorrer saliva na barba* (1Sm 21,14).

Naquela época, era-lhes lícito até mesmo ter diversas esposas e concubinas, não lhes sendo imputado, por causa disso, o menor pecado que fosse. Além do mais, freqüentemente tiravam sangue de inimigos, com as próprias mãos, sem que se tomasse por repreensível tal coisa, que era tida, pelo contrário, por louvável. Hoje, quando brilha a luz do Evangelho, vemos que essas práticas estão de todo interditas, a tal ponto que seria um crime e um sacrilégio monstruoso permitir-se alguma delas.

Cremos que, quanto à mentira, ocorra o mesmo. Ainda que sob um colorido devoto, quem a ela se atrevesse agora não mereceria aprovação nem desculpa, posto que o Senhor declare: *Que a vossa palavra seja sim, se for sim; não, se for não. Tudo o que passar disso vem do mal* (Mt 5,37). E o Apóstolo se faz eco de seu pensamento: *Não vos enganeis uns aos outros* (Cl 3,9).

19 - *Resposta: Se a licença de mentir, nem no Antigo Testamento, nunca foi concedida, muitos porém que a usurparam precisam ser compreendidos*

José: A pluralidade de esposas e concubinas, uma licença concedida aos antigos, deixou de ser necessária quando o fim dos tempos se tornou iminente e a multiplicação do gênero humano chegou a seu próprio termo, sendo ela então suprimida pela perfeição evangélica. Até o advento do Cristo, foi preciso que a virtude da bênção originária continuasse a agir: *Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra* (Gn 1,28). Era justo porém que dessa raiz da fecundidade humana, a qual prevaleceu como útil, sob a sinagoga, enquanto disposição temporária, viessem a germinar na Igreja as flores da virgin-

dade angelical, dando origem aos frutos suavemente perfumados da continência.

Já no que se refere à mentira, o texto do Antigo Testamento mostra com suficiente clareza que ela era condenada mesmo à época, pois está dito: *Tu destróis os mentirosos* (Sl 5,7) e também: *Parece doce o pão da fraude, mas depois a boca fica cheia de areia* (Pr 20,17). O próprio legislador diz: *Afasta-te de causas mentirosas* (Ex 23,7). Todavia afirmamos que se recorria com razão à mentira, em caso de necessidade, ou de um grande bem a fazer, circunstâncias essas que a tornariam livre de condenação. Foi o que se deu com o rei Davi, como lembraste, quando, fugindo da injusta perseguição de Saul, usou palavras mentirosas ao falar a Abimelec, não com intuito lucrativo nem a fim de prejudicar alguém, mas apenas para poder escapar de uma perseguição tão ímpia. Tais eram, com efeito, os sentimentos de um homem que não quis sujar suas mãos no sangue de um rei que era seu inimigo e que Deus mesmo lhe entregou tantas vezes: *Deus me livre*, disse ele, *de fazer uma coisa destas ao meu soberano, ao ungido do Senhor, estendendo a minha mão contra ele, pois ele é o ungido do Senhor* (1Sm 24,7).

Quando pressionados por uma necessidade semelhante, não podemos abdicar atualmente desses métodos seguidos por santos, como nos mostra o Antigo Testamento, seja porque Deus assim o queria, seja a fim de prefigurar certos mistérios, seja ainda para salvar vidas ameaçadas. Tanto assim é que nem os próprios apóstolos hesitam em empregá-los, como vemos, quando uma útil finalidade o exige. Por ora, abstenho-me porém de tratar desta questão específica, para me concentrar primeiramente no que eu tenho a dizer sobre o Antigo Tes-

tamento. Retornarei mais tarde a ela, e com maior congruência, pois assim mostrarei melhor que sempre houve plena concordância entre os homens justos e santos, quer no Antigo, quer no Novo Testamento, sobre tais maneiras de agir.

Que dizer do piedoso fingimento de Cusai em presença de Absalão, com o intuito de salvar o rei Davi? Inspirada unicamente pelo desejo de ludibriar com rodeios, e de todo voltada contra o interesse daquele que está pedindo conselho, tal falsidade tem a seu favor, não obstante, o testemunho da divina Escritura: *É que o Senhor tinha determinado fazer fracassar o engenhoso plano de Aquitofel, com o fim de arrastar Absalão à desgraça* (2Sm 17,14). Assim pois, era impossível essa conduta ser censurada: uma intenção correta, um pio discernimento e o interesse da parte justa é que a haviam ditado; e um simulacro religioso a concebera para a salvação e a vitória do homem cuja piedade agradava a Deus.

Que dizer ainda da ação daquela mulher que escondeu os mensageiros de Cusai ao rei Davi em seu poço, estendendo-lhe sobre a boca um pano no qual fingia secar grãos? *Depois de beber um pouco de água, eles se foram*, ela disse e, graças a esse ardil, livrou-os das mãos dos que os perseguiam (2Sm 17,20).

Peço-vos que me respondais. Vós, que viveis sob o Evangelho, que teríeis feito, se vos encontrásseis em situação semelhante? Teríeis preferido escondê-los também com uma mentira, dizendo como a mulher: *Depois de beber um pouco de água, eles se foram,* e seguindo assim o preceito: *Liberta os que são levados à morte, salva os que são arrastados ao suplício* (Pr 24,11), ou teríeis optado, ao falar a verdade, por entregá-los aos assassinos? Cabe-vos pensar, ante a questão, nesta palavra do Apóstolo: *Ninguém procure o seu proveito, mas sim o dos ou-*

tros (1Cor 10,24). E também nesta: *A caridade não é interesseira* (1Cor 13,5; Fl 2,4). A seu próprio respeito, diz ele ainda: *Quero agradar a todos em tudo, não procurando a minha conveniência, porém a de todos, para que se salvem* (1Cor 10,33).

Se visarmos ao nosso próprio interesse e quisermos pertinazmente reter o que nos é vantajoso, mesmo em casos tão prementes, teremos de dizer a verdade e nos tornar responsáveis por morte alheia. Mas se ao nosso proveito pessoal antepusermos o que é benéfico aos outros, obedecendo assim ao mandamento do Apóstolo, ser-nos-á necessário, sem dúvida alguma, ter de passar pela mentira. Nunca haverá em nós uma caridade completa, nunca nos pautaremos pelo que aos outros convém, se não afrouxarmos um pouco as exigências de nossa vida austera e do ideal de perfeição, como nos ensina o Apóstolo, para condescender, de coração benévolo, com a alheia necessidade e nos fazermos, a exemplo dele e a fim de ganhá-los, fracos com os fracos.

20 - *Os apóstolos admitiram que às vezes a mentira era útil e a verdade nociva*

Instruídos pelos exemplos que evocamos, o bem-aventurado apóstolo Tiago e todos os principais chefes da Igreja primitiva exortam o apóstolo Paulo a descer para a simulação e os subterfúgios, a fim de bem atender à pusilanimidade dos fracos. Incitam-no a submeter-se às purificações em uso sob a lei, a raspar a cabeça e a fazer votos. Para eles, o prejuízo inerente a tal concessão não conta; preocupam-se apenas com as vantagens que haverão de decorrer de seu longo apostolado. Com efeito, Paulo não teria tanto a ganhar, restringindo-se à exata severidade dos princípios, quanto o dano que sua morte imediata causaria aos gentios. Dano que atingiria infalivel-

mente toda a Igreja, se esse fingimento salutar e útil não o tivesse preservado para a pregação do Evangelho.[6] É escusável aquiescer ao detrimento que a mentira acarreta, é até mesmo necessário fazê-lo, quando da confissão da verdade, como dissemos, se puder recear um maior dano, sem que a vantagem que ela traga baste para compensá-lo.

Aliás, o próprio e bem-aventurado Apóstolo atesta, noutros termos, que sempre e por toda parte ele se ateve a essa norma: *Para os judeus, fiz-me como judeu, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão sujeitos à Lei, fiz-me como se estivesse sujeito à Lei – se bem que não esteja sujeito à Lei –, para ganhar aqueles que estão sujeitos à Lei. Para aqueles que vivem sem a Lei, fiz-me como se vivesse sem a Lei – ainda que não viva sem a lei de Deus, pois estou sob a lei de Cristo –, para ganhar os que vivem sem a Lei. Para os fracos, fiz-me fraco, a fim de ganhar os fracos. Tornei-me tudo para todos, a fim de salvar alguns a todo custo* (1Cor 9,20-22). Que quer ele mostrar, senão que sempre condescendeu com a fraqueza dos que tinha a instruir e à medida dos mesmos se abaixou, moderando para tanto o rigor da perfeição, e que em primeiro lugar pôs o bem das almas pusilânimes, ao invés de se apegar às exigências estritas do ideal?

Examinemos as coisas porém com mais atenção, para retraçarmos detalhadamente as glórias das virtudes apostólicas.

---

[6] É inexato que Paulo tenha corrido qualquer perigo da parte dos cristãos judaizantes. Além disso, não há nenhum fingimento na conduta de Tiago e dos Anciãos de Jerusalém. Sem conceder às observâncias legais um valor de justificação, pensavam eles que nem por isso se devia abandoná-las logo. Quanto a São Paulo, ele havia combatido para que os gentios não ficassem sujeitos a usos não obrigatórios e em princípio abolidos. Mas, desde que a fé não esteve mais em perigo, nunca ele pretendeu retirar dos convertidos do judaísmo a faculdade de seguir suas tradições. Ele próprio, com os judeus, submetia-se de bom grado a elas.

Pergunta-se como o bem-aventurado Apóstolo soube se adaptar a tudo e a todos? Quando ele se fez judeu com os judeus? Ora, foi no dia em que, guardando no fundo do coração o sentimento que o levara a declarar aos gálatas: *Vede, eu, Paulo, vo-lo digo, se vos circuncidardes, de nada vos servirá Cristo* (Gl 5,2), ele adotou de certa forma as aparências da superstição judaica e circuncidou Timóteo. Quando viveu com os sujeitos à Lei, como se estivesse ele mesmo sujeito à Lei? Por certo, na ocasião em que Tiago e os mais antigos da Igreja, temendo que a multidão dos judeus crentes, ou, por melhor dizer, dos cristãos judaizantes, que haviam recebido a fé do Cristo com a idéia de se manterem sujeitos às cerimônias legais, fosse se lançar sobre ele, esforçaram-se para o proteger do perigo e lhe deram este conselho: *Vês, irmão, quantos milhares de judeus abraçaram a fé e todos são zeladores da Lei. Mas ouviram dizer que tu ensinas aos judeus da dispersão em geral que se deve renunciar a Moisés e lhes dizes que não circuncidem os filhos* (At 21,20-21); e mais adiante: *Faze pois o que te vamos dizer. Temos aqui quatro homens, que fizeram um voto. Leva-os contigo, cumpre com eles os ritos da purificação e paga por eles para que raspem a cabeça e assim todos conhecerão que é falso quanto de ti ouviram, mas que continuas observando a Lei* (At 21,23-24). E Paulo, pela salvação dos que à Lei estavam sujeitos, teve de reprimir por um instante o sentimento rigoroso que já o levara a dizer: *Pela Lei morri para a Lei a fim de viver para Deus* (Gl 2,19), e então deixar-se compelir a raspar a cabeça, submeter-se às purificações legais e fazer votos no Templo, de acordo com o rito mosaico.

Quereis saber também quando ele se fez como se vivesse sem lei, pela salvação dos que ignoravam por completo a lei de Deus? Lede então o exórdio de sua pregação em Atenas, lá

onde reinava a impiedade pagã: *Ao passar e contemplar os objetos de vosso culto, achei um altar em que está escrito – "Ao Deus desconhecido"* (At 17,23). Tomando a própria superstição deles por ponto de partida, como se ele mesmo não tivesse lei, Paulo se vale dessa inscrição profana como um pretexto para propor a fé em Cristo: *Pois aquele que venerais sem conhecer, é esse que vos anuncio* (At 17,23). Pouco depois, como se desconhecesse de todo a lei divina, cita um verso de um poeta pagão, ao invés de recorrer a uma palavra de Moisés ou de Cristo: *Como alguns de vossos poetas disseram, somos também de sua linhagem* (At 17,28). Para abordá-los, toma-lhes esse testemunho, que eles não podem refutar, e em seguida acrescenta, servindo-se do que era falso para estatuir o que é verdadeiro: *Sendo pois de origem divina, não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro ou à prata ou à pedra, obra da arte e do engenho humano* (At 17,29).

Faz-se fraco com os fracos quando por indulgência, não por ímpeto de mando, concede a volta à coabitação a quem não suportar a continência (cf. 1Cor 7,5); ou quando aos coríntios dá a beber leite, não comida sólida, e diz que se apresentou entre eles cheio de fraqueza, temor e tremor (cf. 1Cor 3,2;2,3).

Torna-se tudo para todos, a fim de salvá-los, quando diz: *Quem come de tudo, não despreze quem não come. Quem não come, não julgue aquele que come* (Rm 14,3); ou: *Quem casa sua filha virgem faz bem; quem não a casa, faz melhor ainda* (1Cor 7,38); ou: *Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco? Quem tropeça, sem que eu também fique febril?* (2Cor 11,29).

Vêmo-lo que põe em prática o que preceituava aos coríntios: *Não sejais objeto de escândalo nem para judeus, nem para gregos, nem para a Igreja de Deus, como eu quero*

agradar a todos em tudo, não procurando a minha conveniência, porém a de todos, para que se salvem (1Cor 10,32-33).

Sem dúvida, ter-lhe-ia sido mais vantajoso não circuncidar Timóteo, não raspar a cabeça, não se submeter às purificações judaicas, não andar descalço,[7] não fazer votos segundo a Lei. Contudo ele assim procede por não visar ao que é útil para si, mas ao interesse geral. Ora, ainda que seu modo de agir se volte para Deus, nisso não deixa de haver fingimento. Aquele que pela Lei morreu para a Lei de Cristo,[8] a fim de viver para Deus (cf. Gl 2,19), que considerava ser danosa a justiça da Lei (cf. Fl 3,6-8), na qual tinha irrepreensivelmente vivido, e que a tomava por escória, a fim de ganhar o Cristo, não podia submeter-se de coração sincero às observâncias legais. Não é lícito pensar que aquele que havia dito: *Se torno a edificar o que destruí, confesso-me transgressor* (Gl 2,18), incidisse no erro por ele mesmo condenado.

Tanto é indubitável que as disposições de quem age contam mais do que o ato praticado, que há casos em que a verdade foi perniciosa, tendo sido a mentira, por sua vez, benéfica. Assim, por exemplo, o rei Saul se lamentava, com os cortesãos que o rodeavam, da fuga de Davi: *Dar-vos-á também o filho de Jessé, a todos vós, campos e vinhas, e vos nomeará chefes de mil e chefes de cem, para que todos conspireis contra mim? Ninguém me avisou...* (1Sm 22,7-8). Já o edomita Doeg está dizendo a verdade, quando declara: *Eu vi o filho de*

---

[7] Dava-se o nome de *nudipedalia* às preces públicas para pedir chuva, às quais o povo comparecia descalço. O abade José supõe que este rito também fizesse parte do nazaritismo.

[8] A interpretação dada aqui a este texto não é exata. Por mais difícil que seja explicar seu pensamento, o Apóstolo pretende dizer que é pela Lei (de Moisés) que ele morreu para a Lei.

Jessé vir a Nobe para junto de Abimelec, filho de Aquitob. Este consultou ao Senhor por ele e lhe deu provisões; também lhe entregou a espada do filisteu Golias (1Sm 22,9-10).[9] Mas por ter agido assim ele merecerá ser extirpado da terra, como diz o profeta: *Por isso Deus há de destruir-te para sempre; ele há de agarrar-te, arrancar-te da tenda, erradicar-te da terra dos vivos* (Sl 51,7). Porque declarou a verdade, ei-lo portanto arrancado para sempre desta terra onde a prostituta Raab (cf. Js 6), com toda a sua parentela, pôde plantar-se devido à sua mentira.[10] É-nos de igual modo lembrado que Sansão (cf. Jz 16), para sua grande desgraça, contou a uma esposa impiedosa a verdade que, mentindo, por muito tempo ele lhe havia ocultado. E caiu na armadilha, por tê-la tão imprudentemente revelado, esquecido de observar o mandamento do profeta: *Diante daquela que dorme em teu seio, guarda-te de abrir tua boca* (Mq 7,5).

21 - *Se nos perguntarem sobre nossa abstinência, mantida até então em segredo, deve-se evitar a mentira e admiti-la? Convém aceitar o que se havia recusado de início?*

Vejamos ainda alguns exemplos, tomados das inevitáveis dificuldades em que quase todos os dias nos achamos, e das quais não nos podemos precaver de todo, por maior que seja nossa atenção, já que a necessidade, quer queiramos ou não, nelas nos faz incorrer.

Suponha-se que resolvamos adiar para o dia seguinte a refeição a ser feita. Mas à noite chega um irmão e pergunta se

---

[9] O texto de Cassiano, por erro, dá *Abimelec*, ao invés de *Aquimelec* (como também ocorreu antes, nos caps. 18 e 19).

[10] Doeg se mostra cruel. Não é porque suas palavras estão conformes à verdade que ele é condenado, mas porque ele persegue o inocente.

já nos alimentamos. Indago-vos o que fazer neste caso. Será melhor não mencionar o jejum e ocultar nossa abstinência ou, dizendo a verdade, admiti-los? Mentiremos, se não falarmos da situação em que estamos para obedecer ao mandamento do Senhor: *Para os homens não perceberem que estás jejuando, mas somente o Pai, que está no oculto* (Mt 6,18); e também: *Não saiba tua mão esquerda o que faz a direita* (Mt 6,3). Se propalarmos nossa abstinência, a sentença evangélica, com toda justiça, nos atingirá: *Em verdade vos digo: já receberam sua recompensa* (Mt 6,2).

Suponha-se ainda que um irmão, alegre com a nossa chegada, nos ofereça a beber e insista para que aceitemos. Quando porém recusamos formalmente, garantindo-lhe que não iremos mudar de opinião, eis que o irmão se prosterna de joelhos no chão, pois acredita que só cumpre com o dever da caridade se nos tratar a seu modo. O que será então melhor para nós? Ceder a ele, em nosso próprio detrimento, ou manter a decisão inflexível e perseverar pertinazmente na palavra dada?

22 - *Deve-se ocultar sua abstinência, sem aceitar o que já se recusou*

Germano: No tocante ao primeiro exemplo, cremos não haver dúvida de que convém ocultar nossa abstinência, e não dá-la a conhecer a quem nos interroga. Temos assim de admitir que a mentira, neste caso, se faz inevitável. Porém não há nenhuma necessidade de mentir, no segundo caso. Em primeiro lugar, porque podemos recusar o que o irmão oferece sem ficarmos presos, por isso, ao vínculo de um compromisso. E também porque, feita a recusa, nada haverá que nos impeça de nos mantermos inamovíveis na palavra dada.

23 - *Não é sensato obstinar-se em compromissos dessa espécie*

José: Os compromissos dessa espécie, de fato, são típicos daqueles mosteiros onde dizeis ter aprendido os rudimentos da renúncia feita por vós. Os que os dirigem se acostumaram a antepor suas próprias vontades ao bem-estar espiritual dos irmãos, insistindo em levar à prática, com uma obstinação insuperável, o que por eles mesmos foi concebido. Com os mais antigos, os nossos antecessores, não era isso o que ocorria. Tais homens, de cuja fé os renovados milagres dos Apóstolos deram testemunho, em tudo agiam por discernimento e juízo, não por obstinação. A seus olhos, os que eram condescendentes com as fraquezas alheias colhiam frutos mais fecundos do que quem se mantinha aferrado às próprias resoluções. Proclamavam também eles que era sinal de uma virtude mais sublime ocultar sua abstinência por uma mentira necessária, porém humilde, ao invés de a revelar orgulhosamente ao dizer a verdade.

24 - *Como o abade Piamun preferiu ocultar sua abstinência*

Certa vez, um irmão ofereceu ao abade Piamun vinho e uvas, de que ele não provava havia vinte e cinco anos. Ele, ao invés de propalar a abstinência, que era ignorada por todos, aceitou sem hesitar e imediatamente se pôs, contra seu hábito, a degustar o que lhe fora oferecido.

Eis outra coisa de que me lembro ter visto nossos anciãos fazerem sem hesitação. Se acaso fosse preciso à instrução dos jovens falar nas reuniões das maravilhas praticadas por eles e de suas próprias ações, seu hábito era atribuí-las a

uma outra pessoa. Ora, como não tomar isso por uma manifesta mentira? Contudo, se houvesse em nossa vida algum fato que valesse a pena propor aos jovens, para estimulá-los na fé, por certo não vacilaríamos em imitar nossos antecessores em seus fingimentos tão piedosos. É melhor mentir, com efeito, recorrendo a tais figuras de linguagem, do que ocultar inadequadamente o que é capaz de edificar os ouvintes ou incorrer na vaidade de uma jactância nociva para se manter fiel à verdade, apesar da razão. A autoridade do doutor das nações evidentemente nos ensina a seguir por esse caminho; pois que, quando teve de falar da grandeza de suas revelações, bem que ele preferiu fazê-lo sob o nome de um outro: *Conheço um homem em Cristo que foi arrebatado até ao terceiro céu. Se foi no corpo, não sei, se fora do corpo, também não sei, Deus sabe. Sei que esse homem foi arrebatado ao paraíso e lá ouviu palavras inefáveis, que ao homem não é lícito proferir* (2Cor 12,2-4).

25 - *Testemunhos da Escritura sobre as mudanças de decisões*

Mesmo brevemente, é impossível percorrermos tudo que existe a esse respeito. Quem se contentaria em enumerar os patriarcas, sendo-lhe então preciso mencionar quase todos, e os inumeráveis santos que, fosse para salvar sua vida, fosse desejosos de obter uma bênção, recorreram por assim dizer ao patrocínio da mentira, por um sentimento misericordioso ou com a intenção de manter oculto algum segredo, uns por zelo de Deus, outros para descobrir a verdade? E, se não se pode enumerar todos os fatos, não se deve também, por outro lado, deixar que todos os fatos passem em silêncio.

É a benevolência que impele o bem-aventurado José a acusar seus irmãos de um crime falso, jurando pela vida do

rei: *Vós sois uns espiões. Viestes ver os pontos fracos do país* (Gn 42,9). E mais adiante: *Mandai um de vós buscar vosso irmão e vós outros ficareis aqui presos. Assim provareis se o que dizeis é verdade. Caso contrário, pela vida do Faraó, sois uns espiões!* (Gn 42,16). Se ele não os tivesse assustado com essa misericordiosa mentira, não teria podido rever seu pai e o irmão mais novo, nem alimentá-los em meio à fome terrível que grassava, nem enfim livrar a consciência de seus irmãos do crime que haviam cometido ao vendê-lo. Por conseguinte, José é menos repreensível, por estar recorrendo a uma mentira para infundir-lhes medo, do que louvável e santo, por ter levado a um arrependimento saudável, graças às ameaças fictícias que fez, os vendilhões que foram seus inimigos. Vejamnos, com efeito, sob o golpe daquela grave acusação. O que os abate não é o crime que lhes é imputado falsamente, mas sim o remorso do que outrora tinha sido praticado por eles. Pois que *diziam uns aos outros: "Certamente somos culpados contra nosso irmão, a quem vimos angustiado pedir-nos compaixão, e não o atendemos. É por isso que nos veio esta desgraça* (Gn 42,21). A meu ver, por essa confissão se expiava por sua humildade a imensa malvadeza, não somente em relação ao irmão, contra o qual eles haviam pecado com desumana crueldade, mas também diante de Deus.

E o que falar de Salomão, que desde seu primeiro julgamento não manifesta o dom de sabedoria que recebera de Deus senão dizendo uma mentira? Para extrair a verdade oculta pela mentira de uma mulher, ele mesmo se vale de uma burla, por certo imaginada com muita perspicácia, dizendo: *Trazei-me uma espada! Cortai em dois pedaços a criança viva e dai uma metade a uma e a outra metade à outra* (1Rs 3,24-25). Tal crueldade fingida comove até as entranhas a verdadeira mãe,

ao passo que a outra a louva. E esse é o indício da verdade aguardada pelo espírito tão sagaz de Salomão, que promulga então sua sentença, a qual ninguém jamais pôde crer não ter sido inspirada por Deus: *Dai à primeira o menino vivo! Não o mateis, pois ela é a mãe* (1Rs 3,27).[11]

Mas prossigamos. Não temos o dever nem o poder de realizar tudo que decidimos, se nossa decisão não for tomada com calma, não num momento de emoção. É isso o que nos é ensinado por outros testemunhos, ainda mais copiosos, da Escritura. Freqüentemente, com efeito, lemos que os santos, os anjos ou até mesmo Deus todo-poderoso modificaram suas resoluções iniciais.

O bem-aventurado Davi toma uma decisão e compromete-se por juramento: *Que Deus faça a Davi isto e lhe acrescente aquilo se, de agora até amanhã cedo, eu deixar com vida um só homem de Nabal!* (1Sm 25,22). Quando porém a esposa deste, Abigail, intercede, implorando clemência para seu marido, logo Davi retira as ameaças e muda de intenção. Prefere dar a entender que faltará com o prometido do que manter a fidelidade ao juramento a custo de uma crueldade: *Pela vida do Senhor, se não tivesses vindo tão depressa à minha presença, de agora até ao amanhecer não teria sobrado com vida um único homem de Nabal* (1Sm 25,34). Parece-nos não ser conveniente imitá-lo na facilidade com que ele se precipita, sob o peso da emoção que o perturba, a um juramento temerário; e sim, pelo contrário, que se deveria segui-lo quando ele abranda e corrige sua primeira decisão.

---

[11] Gazet observa que Salomão não mentiu, pois não falou contra seu pensamento; e que também em seu ato não há propriamente um fingimento expresso, porque ele não quis enganar ninguém.

Paulo, o vaso de eleição, faz aos coríntios, ao escrever-lhes, uma promessa concreta de voltar a estar com eles: *Irei ter convosco depois de passar pela Macedônia, pois hei de atravessar a Macedônia. É possível que eu me demore convosco ou mesmo passe o inverno entre vós, para que me deis os meios de prosseguir a viagem. Não quero ver-vos apenas de passagem; espero ficar algum tempo convosco* (1Cor 16,5-7). Em sua segunda epístola, volta a aludir a esse projeto: *Animado por esta certeza, tencionava primeiramente ir ter convosco, para que recebêsseis uma segunda graça; a seguir, passaria para a Macedônia; por fim, da Macedônia voltaria a ter convosco, a fim de que me preparásseis a viagem para a Judéia* (2Cor 1,15-16).

Um plano melhor porém lhe ocorre e ele não faz o que havia prometido, como confessa com absoluta clareza: *Tomando este propósito, terei sido leviano? Ou meus planos seriam apenas inspirados pela carne, de modo que haja em mim simultaneamente o sim e o não?* (2Cor 1,17). Finalmente ele declara, e sob juramento, por que motivo preferiu faltar com a palavra do que causar com sua visita uma tristeza penosa: *Quanto a mim, invoco a Deus como testemunha da minha vida; foi para vos poupar que não voltei a Corinto. Resolvi o seguinte: não voltarei a ter convosco na tristeza* (2Cor 1,23 e 2,1).

Em Sodoma, os anjos se recusam a entrar na casa de Ló, dizendo: *Nós passaremos a noite na praça* (Gn 19,2). Logo porém, cedendo às súplicas dele, os anjos mudam de intenção, como a Escritura acrescenta: *Tanto Ló os instou que foram para sua casa e entraram* (Gn 19,3). Ou bem, portanto, eles sabiam que iriam se abrigar na casa, e a recusa feita ao convite, neste caso, não passaria de um fingimento, ou bem se desculpavam

deveras, e é então evidente que eles mudaram de idéia.

Creio que o Espírito Santo, ao incluir nos livros sagrados tais relatos, teve por objetivo exclusivo orientar-nos, com esses exemplos, a não nos obstinarmos nas decisões que tomamos, mas sim em conservá-las sujeitas ao nosso arbítrio. Nosso julgamento assim, livre e isento de toda obrigação, estará constantemente pronto a fazer a boa escolha que porventura se apresente; sem resistência, sem hesitação e sem demora, ele há de assumir o partido que a discrição reconhecer como melhor.

Podemos ir ainda mais longe em nossa busca de exemplos. Como narra a Escritura, eis que o rei Ezequias acha-se estendido em seu leito, vitimado por grave enfermidade. O profeta Isaías o aborda, em nome de Deus, e lhe diz que assim fala o Senhor: *"Põe ordem em tua casa, pois não te recuperarás e vais morrer". O rei virou o rosto para a parede e fez a seguinte oração ao Senhor: "Ah, Senhor! Lembra-te que andei na tua presença com coração sincero e íntegro, praticando o que te agrada". E Ezequias prorrompeu num choro incontido* (2Rs 20,1-3; Is 38,1-6). Depois disso, é dito a Isaías: *"Volta para dizer a Ezequias, soberano do meu povo: Assim fala o Senhor Deus de teu pai Davi: Ouvi a tua oração e vi as tuas lágrimas. Acrescentarei quinze anos à tua vida. Eu te libertarei das mãos do rei da Assíria, junto com esta cidade, e sobre ela estenderei a minha mão protetora, em atenção a mim e ao meu servo Davi"* (2Rs 20,5-6). O que há de mais evidente que esse testemunho? Com um intuito de misericórdia e benevolência, o Senhor julga melhor rever sua própria palavra e prolongar por quinze anos além do termo previsto a vida daquele que orava a ele, preferindo isso a ser tido por inexorável, se mantivesse imutável seu decreto.

Semelhante é o caso da condenação divina lançada contra Nínive: *Ainda três dias e Nínive será destruída* (Jn 3,4).[12] Mas logo a penitência e os jejuns dos ninivitas aplacam essa sentença, tão ameaçadora e abrupta, e o pendor de Deus à ternura o leva a optar pela misericórdia. Dir-se-ia que Deus já previa a conversão dos habitantes e que foi justamente para induzi-los à penitência que ele ameaçou arruinar sua cidade. Daí decorre, por conseguinte, que os que comandam os irmãos podem ameaçar os infratores, se for preciso, com penas mais rigorosas do que estarão dispostos a infligir-lhes, sem nem por isso sujeitarem-se à exprobração de mentir. Se se sustenta, pelo contrário, que Deus revogou sua tão severa sentença por ter levado em conta a penitência feita, conforme o que ele diz pela boca de Ezequiel: *Se eu disser ao ímpio que ele morrerá, mas ele se arrepende do pecado e pratica o direito e a justiça, com certeza viverá, não morrerá* (Ez 33,4-15), é-nos paralelamente ensinado a não persistir teimosamente em nossas determinações, mas sim fazer com que uma misericordiosa clemência suceda às ameaças que a necessidade nos houver arrancado. Para que não se creia que essa graça foi um privilégio concedido apenas aos ninivitas, Deus proclama pela boca de Jeremias que há de agir constantemente do mesmo modo com todos, prometendo mudar sua sentença sem tardança, ao considerar nossos méritos, todas as vezes que isso for necessário: *Ora falo contra uma nação ou contra um reino, para arrancar, arrasar e destruir; mas se esta nação, contra a qual falei, se converte de sua perversidade, então arrependo-me do mal que planejara fazer-lhe. Ora falo sobre uma nação ou um reino para construir e plantar; mas se faz o que me desa-*

[12] Cassiano segue aqui a versão dos Setenta. O texto hebreu e a *Vulgata*, nele baseado, dizem: "Ainda quarenta dias..."

grada, não escutando a minha voz, então arrependo-me do bem que lhe prometera fazer (Jr 18,7-10). E ele diz ainda a Ezequiel: *Não omitas palavra alguma. Talvez eles escutem e se convertam, cada um de seu caminho perverso. Então me arrependerei do mal que planejava fazer-lhes por causa da perversidade de suas ações* (Jr 26,2-3).[13]

Esses textos deixam bem claro que ninguém deve se apegar tenazmente às suas decisões, mas sim submetê-las comedidamente à razão e a julgamento, sempre escolher de preferência o melhor e tomar, sem a menor hesitação, o partido considerado mais útil.

Inestimáveis sobre o que quer que seja, os julgamentos de Deus nos ensinam ainda que sua providência, prevendo, desde a origem, o fim de todas as coisas, não obstante sempre age em conformidade com a ordem e a razão comum e, de certa forma, com os sentimentos humanos. Não é pelo poderio nem pelas inefáveis idéias de sua presciência que ele tudo julga, mas sim de acordo com as ações presentes dos homens, repelindo ou chamando a si cada qual enquanto cotidianamente derrama ou desvia sua graça.

Que é bem assim se manifesta pela eleição de Saul (cf. 1Sm 10), cujo repreensível fim não podia ser ignorado pela presciência de Deus, que o escolheu dentre tantos milhares de israelitas e ungiu-o rei. Recompensava-o pois pelo mérito de sua vida presente, sem levar em conta o pecado de sua prevaricação futura. Depois de Saul ser reprovado, como se Deus se arrependesse de o haver escolhido, é com palavras e senti-

[13] Este texto também é de Jeremias.

mentos humanos, de certa forma, que ele se queixa dele: *Estou arrependido de ter feito rei a Saul, porque se afastou de mim e não cumpriu minhas ordens* (1Sm 15,11); e ainda: *Samuel chorou por Saul, porque o Senhor se tinha arrependido de o ter feito rei de Israel* (1Sm 15,35).

A seguir ele proclama, pela boca do profeta Ezequiel, que quer fazer com todos os homens, com base num julgamento cotidiano, o que fez naquela ocasião: *Se eu disser ao justo que com certeza viverá, mas ele, seguro de sua justiça, cometer injustiças, nenhuma de suas obras justas será lembrada. Morrerá por causa das injustiças que praticou. E se eu disser ao ímpio que ele com certeza morrerá, mas ele se arrepende do pecado e pratica o direito e a justiça, devolve o penhor, restitui o furto, vive conforme as leis que dão vida, sem cometer injustiças, com certeza viverá, não morrerá. Nenhum dos pecados que cometeu lhe será lembrado* (Ez 33,13-16).

Ademais, o Senhor desvia do povo que por ele fora adotado dentre todas as nações, por causa da súbita prevaricação a que esse povo se deu, o olhar de sua misericórdia. Entretanto o Legislador intervém em favor dele e exclama, rogando ao Senhor que o ouça: *"Oh! este povo cometeu um grande pecado! Fizeram deuses de ouro. Mas agora perdoa-lhe o pecado; senão, risca-me do livro que escreveste". E o Senhor disse a Moisés: "Riscarei do meu livro a quem pecou contra mim"* (Ex 32,31-33).

Davi também se lamentava, sob a inspiração do espírito profético, de Judas e dos perseguidores de Cristo: *Que sejam riscados do livro da vida!* (Sl 68,29). E depois acrescentava, como se a culpa deixada por tal crime não os tornasse jamais merecedores de alcançar a penitência que salva: *E que*

não sejam inscritos com os justos! (id.). No próprio Judas, de fato, vemos como a maldição profética se realizou, porque, tendo perpetrado seu crime de traição, ele *foi enforcar-se* (Mt 27,5), por temer não voltar à penitência, já que estava riscado, nem merecer ser inscrito no céu com os justos. É indubitável que o nome de Judas, no tempo em que ele fora escolhido pelo Cristo e recebera a honra do apostolado, estivera incluído no livro da vida e que estas palavras, como a todos os outros, lhe haviam sido endereçadas: *Mas não vos alegreis que os espíritos se vos submetam. Alegrai-vos de que vossos nomes estejam escritos nos céus* (Lc 10,20). Contudo a peste da avareza o corrompe e, da inscrição celeste, o precipita na terra. Dele e dos que a ele se assemelham é assim pois dito com justeza, pela boca do profeta: *Senhor, todos os que te abandonam ficarão envergonhados, os que se afastam de ti serão inscritos na Terra, porque abandonaram a fonte de água viva, o Senhor* (Jr 17,13); e alhures: *Eles não farão parte do conselho do meu povo, não estarão inscritos no registro da casa de Israel nem entrarão na terra de Israel* (Ez 13,9).

26 - *Os homens santos não podem ser obstinados nem inflexíveis*

Não devemos relegar ao silêncio, por outro lado, este preceito útil: quando, instigados pela cólera ou outra paixão qualquer, nós nos deixarmos prender por juramento, o que não deveria jamais acontecer a um monge, é imprescindível avaliar todavia, com espírito íntegro, os dois aspectos da questão em pauta, comparar o que foi decidido por nós com o que nos sentimos instados a fazer e sem demora tomar o partido que um exame mais conforme às luzes da razão houver julgado ser mais conveniente. É melhor renunciar à palavra dada do que se alijar

de algo piedoso e de proveito maior para a salvação.

De resto, não nos lembramos de que aqueles, dentre nossos Pais, que eram de grande serenidade e comprovada virtude jamais se tenham mostrado inflexíveis nos compromissos dessa espécie. Cediam eles à razão, tal como a cera se amolece ao calor; e, ao se interpor uma via mais salutar, seguiam sem hesitação pelo melhor caminho. Já quanto àqueles que, pelo contrário, víamos aferrar-se às suas decisões, sempre notamos igualmente faltar-lhes discrição e bom senso.

27 - *Pergunta: A palavra do salmo,* Fiz um juramento que vou manter, *é contrária à opinião expressa precedentemente?*

Germano: Da doutrina que acabas de expor, com tal clareza e eloqüência, deduz-se que o monge não deve se comprometer com nada, por temer ser tomado por infiel ou por teimoso. Como haveremos então de pôr em prática esta palavra do salmista: *Fiz um juramento que vou manter: observar teus justos decretos* (Sl 118,106)? O que é jurar e manter, senão conservar-se imutavelmente fiel aos seus compromissos?

28 - *Resposta: Há casos em que se deve manter inalterada sua decisão e outros em que, se houver necessidade, convém revê-la*

José: Não pretendo de modo algum falar aqui dos principais mandamentos, sem os quais a salvação é impossível de todo, mas sim dos que, sem perigo para nosso estado, tanto podemos guardar quanto abrandar, como o rigor irremissível dos jejuns, a perpétua abstinência de vinho ou de azeite, o hábito de nunca sair da cela ou a leitura e a meditação incessantes. Tudo isso são exercícios, com efeito, que podemos de

bom grado fazer ou não fazer, se preciso for, sem que nosso ideal de vida e nossa profissão sofram com isso.

Já a observância dos principais mandamentos exige decisões de absoluta constância, até o extremo de nem sequer recuar da própria morte, caso haja necessidade, e a respeito deles é que cabe dizer: *Fiz um juramento que vou manter* (id.). Tal é nosso dever, em particular, quando se trata de guardar a caridade. Por ela, que tudo mais nos seja desprezível, para que em sua perfeição e em sua tranqüilidade ela se conserve imaculada. À pura castidade o mesmo juramento se aplica, como a mesma conduta a nós se impõe em relação à fé, à sobriedade, à justiça. Essas virtudes devem ser guardadas com uma perseverança que nunca se desminta. Afastar-se delas, por pouco que seja, é pernicioso e condenável.

Mas, no tocante aos exercícios físicos, dos quais é dito que são de pouco proveito (cf. 1Tm 4,8), nossas obrigações devem ser como eu falei. Se vier a surgir uma ocasião mais segura de exercer a piedade, que nos aconselhe, em relação a eles, certo afrouxamento, não nos sintamos forçados a praticá-los: é melhor abrir mão disso, para nos darmos livremente a coisas mais proveitosas. Abandoná-los por um tempo não oferece perigo; mas esquivar-se das outras incumbências, pelo contrário, por um instante que seja, é mortal.

29 - *De como se deve contar segredos*

Eis ainda outra coisa que requer de nossa parte uma semelhante cautela, qual seja, que vos escape uma palavra que era vossa intenção manter secreta. Não inquieteis quem a tiver escutado, pedindo-lhe discrição. O segredo será melhor

guardado se passardes simplesmente por cima, sem àquilo dar maior atenção. O irmão, de fato, tomando-o por algo desimportante, por uma frase casual que surgiu em meio à conversa e nem merece ser considerada, já que não houve uma expressa recomendação para a conservar em silêncio, não será assim tão tentado a propalá-la. Porém, se ligardes por algum juramento a fidelidade do irmão, por certo ele estará mais propenso a vos trair, pois que o demônio há de se lançar sobre ele com violência maior, a fim de vos tornar vulnerável ou contristar e de o levar sem demora a violar a promessa.

30 - *No tocante às coisas comuns da vida, não convém se comprometer com nada*

O monge não deve pois assumir compromissos irrevogáveis, no que concerne aos exercícios corporais, por medo de incitar ainda mais o inimigo a atacá-lo nesse ponto, que ele terá se imposto como lei, e de ser reduzido, com mais presteza, a transgredi-la. Com efeito, aquele que se impõe uma lei, vivendo sob o regime de liberdade da graça, coloca-se nas malhas de uma servidão perigosa. O que ele poderia tomar licitamente, com ação de graças e, melhor ainda, honrosamente, não lhe será mais permitido, se a necessidade vier forçá-lo a tanto, senão a custo de uma transgressão. *Já que onde não há lei, não há transgressão* (Rm 4,15).

A nós, as recomendações e a doutrina do bem-aventurado José pareceram um oráculo de Deus. Doravante seguros, decidimos ficar no Egito. Muito embora nossa promessa, desde aquele momento, pouca preocupação nos desse, não deixamos

todavia de cumpri-la, depois de transcorridos sete anos. Fizemos então uma rápida viagem ao nosso mosteiro, quando já estávamos firmemente convencidos de obter nova licença para retornar ao deserto. Essa visita, antes de tudo, permitiu-nos prestar aos nossos superiores as honras que lhes devíamos. Tal era a largueza de seu afeto, ademais, que nossas cartas de desculpa, por mais freqüentes que fossem, não haviam conseguido serenar seus espíritos, e aí fizemos reviver a caridade de antes. Enfim, plenamente desonerados do escrúpulo que adviera de nosso compromisso, retomamos o caminho do deserto de Cétia, tendo eles mesmos se alegrado em nos levar à partida.

Aqui tendes, ó santos irmãos,[16] a ciência e a doutrina dos ilustres Pais, tal como minha ignorância vos pôde apresentá-las. Se meu estilo rústico aí pôs mais confusão que clareza, peço-vos que a merecida crítica à minha imperícia não enfraqueça os louvores devidos a esses homens tão insignes. Diante de Deus, que nos julgará, pareceu-me mais certo divulgar a magnificência de sua doutrina, ainda que numa linguagem tosca, do que silenciar sobre ela. É de se esperar que o leitor, contemplando a sublimidade das idéias, não se deixe obstar em seu progresso pelo que o ofender na forma inábil. Quanto a mim, mais me preocupo em ser útil do que ser aplaudido.

Que todos pois em cujas mãos estes opúsculos vierem ter, cabe-me advertir, saibam que tudo o que aí agradar pertence aos Pais e, a mim, o que não for satisfatório.

[16] Honorato e Euquério, aos quais foi dedicada a coletânea com as Conferências XI a XVII. Cf. a carta dedicatória que precede a Conferência XI.

PREFÁCIO DE JOÃO CASSIANO

Para a Coleção das Conferências XVIII a XXIV

Após ter dado à luz, ajudado pela graça de Cristo, dez *Conferências* dos Pais, que compus como possível me foi, para satisfazer as exigências dos bem-aventurados bispos Heládio e Leôncio,[1] dediquei outras sete ao bem-aventurado bispo Honorato, cuja honra é dita de sobejo por seu nome e seu mérito, e a Euquério, venerável servidor de Cristo.[2] Creio que devo agora vos dedicar um igual número, a vós, santos irmãos Joviniano, Minérvio, Leôncio e Teodoro, já que o último de vós instituiu nas províncias gaulesas, com todo o rigor das virtudes antigas, aquela santa e egrégia disciplina cenobítica. E que os demais, também vós, instigaram os monges, com suas lições, não só a buscar antes de tudo a profissão de cenobita, mas também a desejar com ardor as sublimidades da solidão.

Tanto mais que os eminentes Pais, cuja palavra é o contexto destas conferências, aí se exprimem de tal modo, tudo abordando com tal comedimento, que elas podem convir a

---

[1] Leôncio foi bispo de Fréjus de 419 a 432 ou 433. – Heládio levava, quando recebeu as dez primeiras conferências, vida de anacoreta; pouco depois foi feito bispo, mas não se sabe de qual cidade.

[2] Honorato, ainda bispo de Lérins quando Cassiano lhe dedicou esta obra, tornou-se bispo de Arles no mesmo ano (426). – Euquério, então simples monge no mesmo mosteiro, levou depois vida solitária até o ano de 435, quando foi elevado à sé episcopal de Lyon.

ambas as profissões que fizestes florescer nas regiões do Ocidente e até nas ilhas, povoando-as de irmãos. Quero dizer que não só aqueles que persistem em suportar, nas comunidades, o glorioso jugo da obediência, mas também os que se retiraram para não muito longe de vossos cenóbios, ansiosos por experimentar a disciplina anacorética, nelas encontrarão uma instrução suplementar compatível com as condições dos lugares e a plena medida de seu estado.

Vossos cuidados e labores propiciaram a esses últimos uma grande vantagem. Consagrando-se eles aos mesmos exercícios praticados pelos antigos, já têm pois um bom preparo para abraçar mais facilmente seus ensinamentos e preceitos. Por melhor dizer, são os próprios autores das *Conferências* que eles receberão em suas celas com estes volumes, para usufruir dia a dia de um colóquio com os mesmos, fazendo-lhes perguntas e ouvindo as respostas. Dessa forma, não andarão à luz de seus próprios pensamentos nessa profissão árdua e quase desconhecida nessa região, nesses lugares a que não faltam caminhos já trilhados e exemplos sem conta, mas se acostumarão a aí orientar-se pelas máximas daqueles que uma antiga tradição e o zelo de uma longa experiência instruíram a fundo.

XVIII

CONFERÊNCIA DO ABADE PIAMUN

DAS TRÊS ESPÉCIES DE MONGES

1 - *Como fomos recebidos pelo abade Piamun, quando chegamos a Diolcos*

Depois de termos visto e entrevistado os três ilustres anciãos, cujas conferências me coube, bem ou mal, escrever, a fim de obedecer às instâncias de nosso venerável irmão Euquério, tornou-se mais forte nosso desejo de visitar as províncias mais remotas do Egito, nas quais o número de santos, igualmente notáveis pela perfeição, era ainda maior. Assim foi que chegamos à aldeia denominada Diolcos, localizada numa das sete desembocaduras do rio Nilo, compelidos menos por necessidades do itinerário do que pelo desejo de estar com os santos que naquelas paragens residiam. Tínhamos ouvido dizer que havia ali muitos cenóbios, fundados pelos Pais mais antigos, e a esperança de conquistar grandes ganhos, como se fôssemos mercadores ávidos de enriquecer, persuadiu-nos a tentar, por assim dizer, uma navegação de descoberta.

Após vagarmos por muito tempo à deriva, com nossos olhos curiosos buscando por toda parte esses sublimes gigantes da virtude, deu-se-nos a ver por primeiro, como um farol

em posição eminente, o abade Piamun. Dentre todos os anacoretas que em tal lugar habitavam, era ele simultaneamente o ancião e o presbítero. Situado no cume de excelso monte, como a cidade de que fala o Evangelho (cf. Mt 5,14), era pois natural que logo brilhasse aos nossos olhos.

Achei por bem deixar passar em silêncio os milagres e prodígios que, à nossa vista, por suas mãos se realizaram, sendo seus méritos assim testemunhados pela graça de Deus, para não me afastar de meu objetivo primevo, nem ultrapassar os limites que a este volume convêm. Não me comprometi a relatar para a memória dos homens as maravilhas divinas, mas sim, tanto quanto o permitissem minhas lembranças, as instituições e as práticas dos santos. Meu intuito foi tão-só transmitir instruções edificantes para a vida perfeita, e não, de modo algum, alimentar a vã curiosidade dos meus leitores, sem proveito para a correção de seus vícios.

O bem-aventurado Piamun nos acolheu com vivas demonstrações de alegria e permitiu-nos também nos refazermos, com a necessária liberalidade. Depois, ao tomar conhecimento de que não éramos daquele país, interessou-se muito em saber de onde vínhamos e que objetivo nos fizera ir ao Egito. Ao lhe ser dito que havíamos saído de um cenóbio da Síria e que o desejo de perfeição é que nos levara até lá, dirigiu-se a nós nos seguintes termos.

2 - *Palavras do abade Piamun sobre o modo de instrução dos monges noviços pelo exemplo dos mais velhos*

Quando um homem deseja adquirir perícia numa arte, meus filhos, é mister que se consagre, com todo o cuidado e a atenção de que for capaz, aos exercícios específicos da profis-

são que pretende abraçar; é mister que siga as recomendações e os preceitos dos mestres mais consumados na ciência ou ofício que escolher. Se assim não for, há de se debater em desejos inúteis, sem nunca se assemelhar àqueles cuja aplicação e zelo se recusou a imitar.

Conhecemos mais de um, vindos de vossas regiões até estas paragens, que percorriam os mosteiros de irmãos a fim apenas de aprender. Mas não lhes acudia jamais ao pensamento a idéia de assumir as regras e os costumes que constituíam no entanto o objetivo exclusivo da viagem feita por eles, nem de se recolher a uma cela para tentar levar à prática o que pudessem ver ou ouvir. Como retivessem suas velhas maneiras e os hábitos que lhes tinham sido incutidos, houve razão para se crer, conforme a crítica que alguns fizeram a eles, que não mudaram de província senão para evitar pobreza e incômodos, não com vontade de progredir. Ao invés de adquirirem instrução, foram pois condenados, por sua própria obstinação, a não poderem ficar muito tempo aqui. De fato, uma vez que não aquiesciam a mudança alguma, fosse quanto à observância dos jejuns, fosse quanto à ordem da salmodia ou até mesmo ao vestuário, o que se poderia pensar, a não ser que tencionassem apenas, ao virem até nós, encontrar aqui meios de subsistência?

3 - *Os jovens não devem questionar os preceitos dos mais velhos*

Portanto, se é a causa de Deus que vos inspira o desejo de conhecer-nos, como creio eu, é preciso então abdicar por completo de todas as idéias pré-concebidas por vós em vossos próprios primórdios, para aceitar sem restrições e com suma humildade as práticas e ensinamentos de nossos anciãos. Bem

pode ser que não compreendais na hora o sentido profundo ou o princípio de tal palavra ou conduta. Não vos abaleis por isso, nem deixeis de a tanto vos conformar. Os que tudo julgam de modo proveitoso e simples, aplicando-se depois a imitar fielmente o que viram ser feito ou dito pelos mais velhos, ao invés de o questionarem, hão de obter conhecimento em todas as coisas, quer pela experiência que fazem, quer pela prática. Mas aquele que começar a se instruir discutindo jamais terá acesso à verdade. O inimigo, vendo que ele se fia mais em seu julgamento que no dos Pais, levá-lo-á sem esforço a tomar por nocivas e supérfluas até mesmo as coisas mais salutares e úteis. Esse mestre em artimanhas se aproveitará tanto e tão bem de sua presunção que, à força de obstinar-se em suas opiniões irrazoáveis, ele acabará por persuadir-se de que somente é santo aquilo que sua cega teimosia considerar justo e bom.

4 - *Das três espécies de monges que há no Egito*

Deveis aprender primeiramente o princípio e os fundamentos de nossa profissão, como ela se constituiu e de que fonte se origina. Entende-se com mais eficácia os elementos da arte à qual se aspira, e concebe-se um ardor mais intenso para exercê-la, quando se reconhece a dignidade dos que foram seus fundadores e autores.

Há no Egito três espécies de monges. Duas são ótimas, mas a terceira, sendo tépida, deve ser completamente evitada.

A primeira é a dos *cenobitas*, isto é, daqueles que vivem juntos numa comunidade, sob o governo e a discrição de um ancião, os quais se acham espalhados por todo o Egito e cujo número é bem grande.

A segunda é a dos *anacoretas*, os quais, depois de feita

sua formação nos cenóbios e de terem alcançado a perfeição na via ascética, optaram pelo segredo da solidão. É a essa categoria que almejamos pertencer.

A terceira, repreensível, é a dos *sarabaítas.*

Trataremos mais detalhadamente de cada uma delas, em separado e por ordem.

De início, como dissemos, são pois os fundadores dessas três profissões que deveis aprender a conhecer. Tal conhecimento basta para vos dar aversão pela que é preciso evitar e desejo pela que é conveniente seguir, pois cada qual dessas vias necessariamente conduz quem nela ingressa ao mesmo termo a que chegou quem lhe serviu de precursor pela iniciativa e a idéia.

5 - *Dos que deram origem à profissão cenobítica*

A vida cenobítica constituiu-se nos tempos da pregação apostólica. É ela, de fato, que vemos surgir em Jerusalém, em toda aquela multidão de fiéis que os *Atos dos Apóstolos* nos descrevem assim: *A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava sua propriedade o que possuía. Tudo entre eles era comum* (At 4,32); *Vendiam as propriedades e os bens e dividiam com todos, segundo as necessidades de cada um* (At 2,45); *Não havia entre eles indigentes. Os proprietários de campos ou casas vendiam-nos e iam depositar o preço do vendido aos pés dos apóstolos. Repartia-se então a cada um segundo sua necessidade* (At 4,34-35). Assim era, repito eu, toda a Igreja, de um modo que hoje em dia é bem difícil de ver, só nos cenóbios e entre poucos.

Mas, após a morte dos apóstolos, começou a arrefecer-se a multidão de crentes, em particular a que afluía de lon-

ge, de tantos e tão diversos povos, para a fé do Cristo. Tendo em vista sua fé ainda titubeante e seu inveterado paganismo, os apóstolos requeriam dos gentios que se abstivessem apenas *das carnes imoladas aos ídolos, do sangue, das carnes sufocadas e das uniões ilegítimas* (At 15,29). Essa liberalidade, que lhes foi facultada por condescendência pela fraqueza de sua crença incipiente, não deixou de contaminar pouco a pouco a perfeição da Igreja de Jerusalém. Sendo dia a dia crescente o número de adeptos do judaísmo e do paganismo, o fervor da fé primitiva se perdeu. A antiga austeridade viu-se afinal relaxada, não somente entre a multidão de prosélitos, mas até mesmo entre os chefes da Igreja. Muitos se persuadiram, julgando lícita para si mesmos a concessão feita à fraqueza dos gentios, de não haver detrimento algum em conservar bens e fortuna quando se professava a fé do Cristo.[3]

Já aqueles nos quais a chama dos tempos apostólicos ainda queimava, fiéis que eram à memória da perfeição de outrora, deixaram eles as cidades e a companhia dos que tomavam por lícita, para si ou para a Igreja de Deus, a negligência de uma vida relaxada. Estabelecendo-se pelos arredores, em locais ermos, puseram-se então a aplicar à parte, por conta própria, as regras que se lembravam de terem sido estipuladas pelos apóstolos para todo o corpo da Igreja. Assim nasceu a observância, de que falamos, dos discípulos que se subtraíram ao contágio das turbas. Pouco a pouco, ao sabor do tempo, foram eles se constituindo numa categoria separada dos de-

[3] Cassiano reproduz aqui a tradição, comumente divulgada em sua época, que fazia a instituição monástica remontar à primeira comunidade cristã de Jerusalém (cf. At 2,42-47; 4,32-35): é esse o tema, desenvolvido então com freqüência, da *Vita apostolica* (ver, p. ex., Sócrates, *Hist. eccl.* l. 4, c. 23. PG, 67, 512). Sabe-se entretanto que o monaquismo não adquiriu realmente seu contorno histórico senão no início do século IV, com Antão e Pacômio.

mais fiéis. Como se abstinham do casamento, mantendo-se afastados dos parentes e da vida secular, foram denominados *monges* ou "monazontes" (μοναξοντεζ), devido à austeridade daquela vida solitária e sem família. Depois lhes deram, pelas comunidades que formavam, o nome de cenobitas, dando-se o de cenóbios às suas celas e moradas.[4]

Tal foi a única espécie de monges dos tempos mais antigos, a primeira pelo tempo, a primeira pela graça, que por longos anos se manteve em toda a honradez de sua integridade, até a época dos abades Paulo e Antão. Vemos que atualmente seu resto reside nos fervorosos mosteiros de cenobitas.

6 - *Origem e primórdios dos anacoretas*

Dessa classe de perfeitos saíram, por assim dizer, como flores e frutos de uma raiz bem fecunda, os santos anacoretas. São Paulo e Santo Antão, a que acabo de me referir, são conhecidos como os precursores dessa profissão. Não foi a pusilanimidade nem foi o vício da impaciência, como ocorre com alguns, mas sim o desejo de um progresso mais sublime e o

[4] O termo *monge*, que não parece haver sido empregado antes do século IV, designava aquele que vivia na solidão do deserto, longe de toda sociedade. Quanto aos monazontes (μοναξοντεζ) do abade Piamun, pode-se comparar com as *Instituições*, II, V. Nos dois casos, trata-se certamente dos *Terapeutas* de Fílon, que Cassiano, de acordo com todos os seus contemporâneos, erroneamente toma por cristãos. Os monges têm ancestrais mais autênticos nos *ascetas*, tão numerosos durante os primeiros séculos da Igreja. Devotados à prática da perfeição, esses constituíram o traço de união entre a primitiva comunidade de Jerusalém e o monaquismo propriamente dito do século IV. Faziam voto de castidade e praticavam a abstinência segundo formas mais ou menos severas. Viviam ora sós, ora em grupos, no seio de suas famílias ou numa habitação reservada, não se afastando, de todo modo, dos lugares povoados. Distinguiam-se do comum dos fiéis, tal como as virgens consagradas, por um vestuário específico e privilégios honoríficos. Nada indica que a designação de cenobitas lhes tenha sido alguma vez aplicada.

gosto da divina contemplação, que os levaram a ganhar os segredos da solidão, muito embora o primeiro, pelo que se diz, tenha sido forçado a fugir para o deserto devido a insídias de parentes dele, numa época de perseguição.

Da primeira observância de que falamos surgiu assim uma outra espécie de vida de perfeição, cujos adeptos são com razão chamados de anacoretas, ou seja, homens recolhidos. Não contentes de obter sobre o diabo uma primeira vitória, ainda em sociedade, ao esmagarem sob os pés suas armadilhas ocultas, dispuseram-se eles a enfrentar os demônios de maneira ostensiva, olhos nos olhos, e não temeram penetrar nos vastos recessos da solidão, procedendo pois à imitação de João Batista, que permaneceu no deserto por todo o seu tempo de vida, de Elias e Eliseu e de todos em suma rememorados pelo Apóstolo: *Andaram errantes, cobertos com peles de ovelha e de cabra, necessitados, atribulados, maltratados. Eles, de quem o mundo não era digno, andaram perdidos nos desertos e montes, nas cavernas e covas de terra* (Hb 11,37-38). É também sobre eles que o Senhor diz a Jó, em sentido figurado: *Quem pôs o asno selvagem em liberdade e soltou as rédeas do burro xucro? Dei-lhe por habitação a estepe e por morada o deserto salino. Ele se ri do tumulto da cidade e não escuta os gritos do arrieiro. Vagueia pelos montes em busca de pasto e procura toda erva verdejante* (Jó 39,5-8). Deles se fala ainda nos Salmos: *Que o confessem os redimidos do Senhor, os que ele resgatou da mão do inimigo* (Sl 106,2); e um pouco adiante: *Erravam na solidão do deserto, sem encontrar caminho para alguma cidade habitada. Passavam tanta fome e sede, que a vida se lhes esvaía. Então, na angústia, gritaram ao Senhor, e ele os livrou das tribulações* (Sl 106,4-6). Jeremias, por sua vez, assim se manifesta: *É bom para o homem suportar o jugo desde sua juventude. Que*

esteja solitário e silencioso quando o Senhor o impuser sobre ele (Lm 3,27-28). Por suas disposições íntimas e por suas obras, tais homens cantam com o salmista: *Sou como o pelicano no deserto. Fico em vigília, tornei-me qual pássaro solitário no telhado* (Sl 101,7-8).

7 - *Origem e modo de vida dos sarabaítas*

Embora a religião cristã se regozijasse com essas duas profissões, pouco a pouco a decadência se estabeleceu em seu meio, e uma espécie de monges muito maus e infiéis surgiu então. Ou, melhor dizendo: aquela erva daninha, brotada no coração de Ananias e Safira no alvorecer da Igreja e cortada pela raiz pela severidade do apóstolo Pedro (cf. At 5), é que voltava agora a reviver e crescer. Não deixara ela de ser tida entre os monges por execranda e detestável, nem mais tinha sido vista em ninguém, enquanto o medo suscitado por sentença tão rigorosa persistiu na memória dos fiéis. Se foi novo o crime, aos que dele deram um primeiro exemplo o bem-aventurado apóstolo não deixara a menor margem de satisfação nem de arrependimento, já que a morte célere havia ceifado o perniciosíssimo germe. Paulatinamente, não obstante, uma longa negligência e o desgaste do tempo acabaram por apagar do olhar de muitos o exemplo que a severidade apostólica havia punido nas pessoas de Ananias e Safira. Foi então que emergiu a classe dos sarabaítas, assim chamada a partir de um termo copta, porque eles se separavam das comunidades cenobíticas, cuidando eles mesmos das suas necessidades. Descendentes dos cristãos de que não há muito falávamos, mais dados a afetar uma aparência de perfeição evangélica do que a assumir-lhe a verdade, foram eles impelidos pelo desejo de emular com aqueles que a todas as riquezas do mundo pre-

ferem a nudez do Cristo – e de ter parte em sua glória.

Porém, seja por colocarem apenas uma alma fraca a serviço de sua ambição na empreitada que exige incomum virtude, seja porque apenas a necessidade os forçou à profissão monástica, mostram-se tão apressados a se ornar de um nome de monge quanto pouco propensos a imitar-lhe a vida. Não se preocupam com a disciplina cenobítica; não querem sujeitar-se à autoridade dos anciãos, nem aprender com eles a dominar suas próprias vontades, nem sequer ligam para uma formação legítima ou as regras ditadas por uma sã discrição. Renunciam apenas para o público, para assim estar em face dos homens. Ou bem restringem-se a seus domicílios e, sob o privilégio que o nome de monge lhes confere, perseveram nas mesmas ocupações de antes, ou bem constroem para si celas que lhes servem tão-só, adornadas pelo nome de mosteiros, para aí viver a seu gosto e em liberdade incontida. O Evangelho preceitua: *Não vos deixeis embaraçar por preocupações com o pão de cada dia, nem com os estorvos da riqueza* (cf. Mt 6,25). Curvar-se a esse jugo é algo entretanto que eles jamais se permitem. Somente atenderão ao preceito, sem as hesitações de uma alma infiel, os que inteiramente se desapegarem dos bens deste mundo e, submetendo-se depois aos superiores das comunidades cenobíticas, fizerem voto de não mais se pertencer. Mas não são assim os sarabaítas, que se subtraem, como dissemos, à austeridade dos cenóbios, que vivem a dois ou três em suas celas e que nada desejam menos do que serem governados pela autoridade e os cuidados de um abade. Seu principal objetivo, muito pelo contrário, é eximir-se ao jugo dos anciãos, a fim de terem a mais total liberdade para realizar seus caprichos, para sair, para vaguear onde queiram, para fazer o que mais lhes apeteça. Pode até acontecer que eles traba-

lhem mais que os cenobitas, dando-se ao trabalho, como se o dia não lhes fosse bastante, também à noite. Não o fazem no entanto com os mesmos pensamentos de fé, nem com a mesma intenção: seu propósito é ganhar e acumular dinheiro, e não confiar ao arbítrio de um ecônomo o fruto de seu trabalho.

Notai bem a enorme diferença que existe entre esses dois tipos de monges.

Os cenobitas, sem pensar no dia de amanhã, oferecem a Deus, como hóstia grata, o fruto de seu suor; os sarabaítas estendem as preocupações de sua alma infiel não só ao dia de amanhã, mas também pelo espaço de muitos anos, e tornam Deus mentiroso ou desprovido de recursos, como se ele não quisesse ou não pudesse manter sua promessa de dar suficientemente o pão de cada dia e o que vestir. Os primeiros desejam, pelos votos todos que fazem, o "aktemosyne" (αχτημοσυνη), isto é, o despojamento completo e a pobreza perpétua; mas os últimos querem a superabundância de bens. Uns se esforçam para ir além da quantidade de trabalho prescrita a fim de que, depois de atendidas as santas necessidades do mosteiro, seja o restante dispensado, pelo arbítrio do abade, às prisões e abrigos para estrangeiros, aos hospitais e indigentes; outros só visam satisfazer, com o supérfluo de sua gula diária, uma vontade de esbanjar ou uma avareza culposa.

Devo por fim reconhecer que os sarabaítas, às vezes, podem distribuir melhor do que foi dito o dinheiro que juntaram sem uma boa intenção. Mas nem mesmo em tal caso se equiparam eles em mérito à virtude e à perfeição dos cenobitas. Estes, à medida que obtêm para o mosteiro tantos recursos, dos quais diariamente abrem mão, nunca deixam contudo de manter-se em grande submissão e humildade, privando-se

de dispor livremente do que eles ganham com o suor de seu rosto, como de sua própria pessoa, e assim renovam sem cessar, por esse cotidiano despojar-se dos frutos de seu trabalho, o fervor da renúncia que por primeiro fizeram. Já aqueles logo se dão a enaltecer-se por qualquer largueza que tenham em relação aos pobres, sendo pois arrastados a cada dia que passa à perdição. A paciência e a rigorosa fidelidade com que os primeiros perseveram na profissão que outrora abraçaram, jamais fazendo sua própria vontade, diariamente os transformam em crucificados para o mundo e em mártires vivos; a tibieza e o capricho dos outros os afundam no inferno.

As duas primeiras espécies de monges, os cenobitas e os anacoretas, equivalem-se mais ou menos, nesta província, quanto a seu número. Mas nas demais, que as necessidades da fé católica me forçaram a percorrer, a terceira espécie, a dos sarabaítas, é abundante e quase a única. No tempo de Lúcio, que era um bispo vendido à perfídia ariana, sob o imperador Flávio Valente, tive de levar o fruto de uma coleta aos nossos irmãos que, por sua fidelidade à fé católica, haviam sido mandados do Egito e da Tebaida para trabalhar nas minas da Armênia e do Ponto. Se em algumas poucas cidades pude ver raríssimos traços de vida cenobítica, não me consta porém que o nome dos anacoretas jamais tenha chegado sequer a ser ouvido por lá.

8 - *Sobre uma quarta espécie de monges*

Há uma quarta espécie de monges, que vimos surgir há pouco tempo, formada pelos que se gabam de manter somente a aparência, uma vã imagem, da vida anacorética. Seu fervor fazia crer, quando entraram para o mosteiro, que eles procuravam realmente a perfeição da disciplina cenobítica. Mas foi tão

breve tal fervor, que eles logo caíram na tibieza. Não se importam em se livrar de seus hábitos e de seus vícios de outrora. Incapazes de suportar por mais tempo o jugo da paciência e da humildade, e desdenhando submeter-se ao comando dos anciãos, querem ter celas separadas e aí desejam viver em solidão, a fim de que, não se irritando mais com ninguém, possam ser tidos por serenos, pacientes e humildes. Mas essa nova profissão, ou melhor, essa tibieza, jamais permite que alcancem a perfeição os que se deixaram infectar por ela. Não será exagerado dizer que seus vícios nunca se corrigem, mas sim pioram, pelo simples fato de não haver quem os provoque, como um veneno letal que ao entrar no corpo, quanto mais oculto estiver, mais a fundo penetra nos tecidos para afinal engendrar uma doença incurável. Em sinal de reverência pela cela do solitário, ninguém se atreve a apontar-lhe vícios que ele mesmo preferiu ignorar, ao invés de saná-los. Não é no entanto ocultando o vício, mas sim superando-o, que se adquire a virtude.

9 - *Pergunta: Que diferença existe entre um cenóbio e um mosteiro?*

Germano: Existe alguma diferença entre um cenóbio e um mosteiro, ou os dois nomes aplicam-se à mesma coisa?

10 - *Resposta*

Piamun: Muitos empregam indiferentemente estas duas designações, mosteiro e cenóbio, muito embora haja sim uma diferença: mosteiro diz respeito somente à habitação, ao local de moradia dos monges, enquanto cenóbio significa ao mesmo tempo a índole da profissão e seu modo de vida. Além disso, pode-se chamar de mosteiro ou monastério a morada de

um só monge; a outra designação, ao contrário, corresponde apenas às casas onde um grupo de pessoas vive em comum sob o mesmo teto. Dá-se também o nome de mosteiro ou monastério aos lugares habitados pelas congregações de sarabaítas.

11 - *Da verdadeira humildade, e como a falsa humildade de um irmão foi revelada pelo abade Sarapião*

Vós, bem vejo, que já pertencíeis a uma ótima espécie de monges antes de chegar subitamente à vanguarda desta profissão, isto é, vós que saístes da louvável escola de um cenóbio para vos esforçar em direção aos altos cimos da disciplina anacorética, perseguis com o coração sincero a virtude da humildade e da paciência, que em vosso primeiro estado aprendestes, não tenho dúvida, e não vos contentais, como há quem faça, em assumir sua exterioridade apenas, fingindo depreciar-se em palavras e desdobrando-se em polidez corporal com inclinações afetadas e supérfluas.

O abade Sarapião fez certa vez uma zombaria elegante e mordaz dessa humildade fingida. Ao chegar-lhe um visitante, com uma aparência e palavras que expressavam a mais profunda abjeção por si mesmo, o ancião o exorta, conforme o hábito, a dizer uma oração. Sua insistência é todavia impotente para vencer uma obstinada recusa. O recém-chegado, que nem sequer concorda em se sentar numa esteira, pois que a terra nua lhe basta, diz ser um homem desprezível e coberto de opróbrios, indigno até mesmo do ar que está respirando, e é ainda mais taxativo ao negar-se à ablução dos pés. Terminada a refeição, o abade Sarapião aproveita o costumeiro colóquio para fazer-lhe uma advertência suave e benigna. Diz que um jovem como ele, tão robusto como era, não deveria viver cor-

rendo ao léu, ocioso e incerto, sempre inconstante, jamais estável, mas sim ficar em sua cela, segundo a regra ditada pelos antigos, e aplicar-se a viver de seu trabalho, em vez de depender da munificência alheia. "O apóstolo Paulo", acrescenta então, "bem que se preveniu contra isso (cf. 2Ts 3,8; At 20,34). Operário do Evangelho, ele poderia ter reclamado, como uma dívida, a hospitalidade. Preferia contudo trabalhar dia e noite para ganhar o pão de cada dia para si mesmo e aqueles que, ajudando-o em seu ministério, não tinham tempo para praticar um ofício". O jovem, ao ouvir essas palavras, se entristece e exaspera, a tal ponto que seu rosto não pode dissimular o amargor que havia em seu coração. "Mas o que foi, meu filho?", volta a lhe falar o ancião. "Tu mesmo te acusavas, ainda há pouco, de todas as más ações, não temendo porém, ao confessar tão atrozes crimes, sujeitar-se ao parecer de outrem. E se agora eu te dou este conselho tão simples, tão comum, que nada traz de ultrajante em si, mas apenas se imbui, pelo contrário, de dileção e intenção edificante, por que razão te vejo assim tão zangado que a indignação transparece nos traços de teu rosto, contra a tua vontade, e não consegues disfarçá-la sob um semblante sereno? Por acaso esperavas que, enquanto te rebaixavas, eu viesse a te responder com esta máxima: *A boca do insensato é uma armadilha para si mesmo?*" (Pr 18,7).

Conservai pois a verdadeira humildade de coração, que não consiste em demonstrações e palavras afetadas, mas sim num íntimo abaixamento da alma, e há de fulgir por vossa paciência, que será dela o sinal mais evidente. E isso, não quando vos gabardes de crimes em que ninguém há de crer, mas quando vos mantiverdes insensíveis às acusações arrogantes que contra vós desferirem e suportardes com brandura e equanimidade de ânimo as injúrias que vos forem feitas.

12 - *Uma pergunta sobre como adquirir a verdadeira paciência*

Germano: Gostaríamos de saber como se adquire e conserva esta tranqüilidade da qual nos falas. Por certo é bom nos coagirmos ao silêncio, manter a boca fechada e reprimir toda licença verbal. Mas a doçura de coração precisaria ser mantida também. E às vezes, mesmo quando se consegue refrear a língua, perde-se a paz por dentro. Por isso, reter o bem da brandura não nos parece possível, a não ser que se viva solitariamente numa cela à parte.

13 - *Resposta*

Só por uma profunda humildade de coração é que se adquire e conserva a verdadeira paciência e a tranqüilidade. A virtude que emana dessa fonte não sente a menor falta do benefício de uma cela ou do refúgio da solidão. Por que iria ela se pôr à procura de um apoio externo, se é interiormente sustentada pela humildade, que é sua mãe e guardiã?

Por outro lado, se cedemos a uma emoção, quando alguém nos provoca, por certo a estabilidade dos fundamentos da humildade não está garantida em nós. Qualquer borrasca que advém é então suficiente para abalar nosso edifício espiritual, ameaçando arruiná-lo. Mas a paciência não merece admiração nem louvores por manter-se tranqüila, se não tem um inimigo que lhe atire dardos. Perseverar imóvel, quando desaba sobre ela a procela da tentação, é que a torna ilustre e gloriosa. Quando se pensa que a adversidade vai enfraquecê-la e desconcertá-la, daí mesmo é que ela extrai sua força: seu gume se torna mais agudo com o que iria aparentemente embotá-lo. Ninguém ignora que paciência vem de padecer e sus-

ter. Claro está, por conseguinte, que só merece ser dito paciente quem suporta sem revolta todos os maus tratos que lhe são infligidos. Esse, com plena justiça, é louvado por Salomão: *O homem paciente é rico em prudência, mas o impulsivo aumenta o desatino* (Pr 14,29).

Se alguém portanto, vencido pela injúria, inflamar-se de cólera, não se deve crer que a causa desse pecado seja a mordacidade da afronta, que apenas torna manifesta uma fraqueza oculta. Vemos realizar-se aqui a parábola de nosso Senhor e Salvador sobre as duas casas, uma fundada na rocha, a outra sobre areia (cf. Mt 7,24ss). As chuvas, enchentes e ventos da tempestade atingem ambas de igual modo. Contudo, se a que está alicerçada na solidez da rocha agüenta o choque violento sem sofrer dano algum, a que foi construída sobre a areia, que é instável e móvel, sem tardança se arruína. Parece pois tão claro como o dia que não foram as torrentes e inundações que a atingiram que a fizeram ruir, mas sim a imprudência daquele que a erigiu sobre a areia. A diferença entre um pecador e um santo não provém de ambos não serem semelhantemente tentados, mas sim de o último não se deixar abater nem pelos mais graves ataques, ao passo que a tentação mais ligeira basta para dominar o primeiro. Dissemos que a força do justo não faria jus a elogios se ele triunfasse sem ser tentado. Como é possível haver vitória sem luta contra o adversário? Mas *feliz o homem que suportar a provação, porque, provado, receberá a coroa da vida que Deus prometeu a quem o ama* (Tg 1,12). Do mesmo modo, segundo o apóstolo Paulo, não é no repouso nem no deleite, *mas na fraqueza, que a força chega à perfeição* (2Cor 12,9).[5] Pois que está dito: *Eis que te*

[5] O verdadeiro sentido desta passagem é que a força de Deus se mostra sobretudo na fraqueza do homem.

constituo hoje como uma cidade fortificada, uma coluna de ferro, uma muralha de bronze diante de todo o país, diante dos reis e chefes de Judá, diante dos sacerdotes e todo o povo. Eles lutarão contra ti, mas não prevalecerão, porque eu estou contigo para te libertar – oráculo do Senhor (Jr 1,18-19).

14 - *Exemplo de paciência numa mulher devotada ao serviço de Deus*

Quero vos dar ao menos dois exemplos da paciência em questão. O primeiro, o de uma mulher devotada ao serviço de Deus, a qual se consagrava com um desejo tão ardente a essa virtude que, ao invés de esquivar-se aos embates das tentações, intencionalmente procurava ocasiões de molestar-se, para se habituar a vencê-las por mais freqüentes que fossem. Moradora de Alexandria e nada obscura pelo nascimento, ela servia com devoção ao Senhor na casa que lhe fora deixada por seus pais. Certa vez, tendo ido falar com o Bispo Atanásio, de bem-aventurada memória, pediu a ele para deixar por sua conta, para que ela a alimentasse, uma das viúvas mantidas pelos recursos da Igreja. Segundo suas próprias palavras, exprimiu-se assim: "Dê-me uma das irmãs para que eu possa socorrê-la". Ao vê-la tão predisposta às obras de misericórdia, o bispo muito louvou sua intenção e mandou lhe escolherem uma viúva que se destacasse entre todas pela conduta, a seriedade e os hábitos. Realmente era preciso que o generoso desejo da benfeitora não fosse vencido por vícios da agraciada e que, ao buscar recompensa na sustentação de uma mulher pobre, não viesse ela a ofender-se com eventuais costumes corruptos, sofrendo estrago em sua fé. A dama então levou a viúva para casa e se pôs a prodigalizar-lhe atenções. Mas eis que não encontra senão modéstia e doçura em sua hóspede, que a

todo instante se desdobra em novas ações de graças pelas provas de caridade que lhe são dadas. Passam-se uns dias e a dama procura o bispo de novo, dizendo agora: "Eu lhe pedi que me desse uma viúva que eu pudesse socorrer, servindo-a docilmente em suas necessidades". Sem entender seu pensamento de início, nem o desejo que a anima, ele retruca: "A pessoa que se encarregou disso deve ter sido um pouco negligente em atender ao pedido". Não sem certa veemência, vai o bispo indagar quais as razões da demora, e é por sua vez informado de que já fora escolhida para aquela senhora a viúva mais estimável que se pudera encontrar.

Ele então, em segredo, ordena que lhe mandem a pior de todas, a que mais fosse propensa, mais que qualquer mulher do mundo, à raiva, às brigas, à embriaguez e aos destemperos verbais. Dão-lhe pois essa, que foi muito mais fácil de encontrar que a primeira, e a boa dama a leva para casa, passando a servi-la como à outra, com a mesma diligência e até mais zelo. Por tantos favores, não recebe porém, à guisa de agradecimentos, senão indignas ofensas, invectivas e exprobrações sem fim. Violentamente a mulher a tomava à parte com frases injuriosas, acusando-a de a ter pedido ao bispo, não para dar-lhe alívio, mas sim para atormentá-la e fazer-lhe afrontas; ao invés de transformar seu padecimento em sossego, ter-lhe-ia acarretado justamente o contrário. De querela em querela, a megera se altera até socá-la, enquanto sua protetora se redobra em delicadezas e submissão voluntária. Predispunha-se a vencer aquela fúria, não lhe opondo resistência, mas rebaixando-se com ainda mais humildade, e tentava acalmar a raiva insana da brigona, quando provocada por indignidades, com a brandura de sua benevolência. Por fim, plenamente fortalecida por essa ascese e alcançando, o que era todo

seu desejo, a perfeição da paciência, retorna ela ao pontífice, para agradecer-lhe pela prudência de sua escolha e o benefício que daí havia tirado. Ele lhe propiciara uma digna mestra de paciência, cujas incessantes injúrias a tinham fortificado, como o óleo faz com os atletas, até levá-la ao auge dessa virtude. "Até que enfim o senhor me deu uma viúva", disse ela, "à qual eu posso ajudar; já no caso da primeira, era mais ela que me honrava e consolava com seus bons préstimos".

Mas que isso que aqui foi dito baste, quanto ao sexo feminino. Para nós, um tal relato não é de índole edificante apenas, deveria também nos confundir, nós que não podemos manter a paciência a não ser que fiquemos, como feras na jaula, bem no fundo de nossas celas.

15 - *Outro exemplo de paciência, dado pelo abade Pafnúcio*

Proponho-vos agora meu segundo exemplo, que é o do abade Pafnúcio. Tendo ele permanecido para sempre em Cétia, deserto glorioso, digno de ser celebrado em toda a terra, de onde é atualmente o presbítero, aí disseminou um tal amor pelo recolhimento que os demais anacoretas deram-lhe o cognome de Búfalo, o boi selvagem, pelo desejo de solidão que nele viam, inato de certa forma, e por sua propensão a incessantemente manter-se às escondidas.

Desde seus tenros anos, luziam em sua pessoa virtude e graça singulares. Os mais preclaros e consumados Pais daquele tempo admiravam sua seriedade e inamovível constância, que não se desconcertava com nada. Malgrado sua juventude, igualavam-no aos antigos, pelo mérito de sua virtude, e julgavam-no digno de ter lugar entre eles. Foi então que aquela mesma paixão, que outrora havia instigado contra o patriar-

ca José o espírito de seus irmãos (cf. Gn 37,11), acendeu no coração de um irmão um fogo voraz de inveja. Possuído pelo desejo de empanar, com mancha desonrosa, o brilho de tal beleza, concebeu ele um ardil malicioso.

Um domingo, aproveitando o momento em que Pafnúcio saíra de sua cela para ir à igreja, entrou lá furtivamente e, sem ser visto, escondeu um manuscrito que lhe pertencia entre as tranças que o jovem solitário se ocupava em fazer com folhas de palmeira; depois, certo do sucesso de uma artimanha tão bem-planejada, dirigiu-se à igreja com os outros, como um homem que tem a consciência pura e inocente. Ao terminar a cerimônia, segundo a ordem de praxe, ele então, em presença de todos os irmãos, faz sua queixa ao santo Isidoro, que era o presbítero do deserto, antes do abade Pafnúcio. Afirma que o foram roubar em sua cela, levando seu manuscrito, e a reclamação arrasta a alma de todos, em particular do presbítero, a um indescritível abalo. Ninguém sabe o que pensar nem que medida tomar, de tão estupefatos que ficaram ante a denúncia de um crime assim tão novo e inaudito, pois ninguém tem lembrança de que alguma coisa do gênero jamais haja acontecido no deserto; depois disso, aliás, nunca se viu outro exemplo igual. O delator contudo insiste, dizendo: "Que todos os irmãos fiquem na igreja e que se escolham alguns para ir revistar as celas, uma por uma". Isidoro atribui a incumbência a três anciãos, que lá se vão, por toda parte, a revirar os catres, chegando enfim à cela de Pafnúcio, onde, de fato, encontram, bem onde o insidiador o pusera, o manuscrito escondido entre os trançados de folhas de palmeira, que eles chamavam de *sira*.[6] Apressadamente trazem-no à igreja e o exibem aos olhares de todos. Pafnúcio, apesar de estar certo da

[6] O grego seira (σειρα), que se pronunciava *sira*, designa um atilho, uma corda.

pureza de sua consciência, não obstante se comporta como se admitisse sua culpa no crime: sujeita-se de todo à satisfação que se queira e humildemente postula que lhe imponham penitência. Poupava, assim procedendo, seu pudor e modéstia. Urgia então tentar se justificar por tal desonra? Mas seria dar a crer que ao roubo ele acrescentava a mentira, pois ninguém poderia admitir outra coisa, a não ser o que a devassa revelara. Na mesma hora assim ele se afasta da igreja, menos abatido por sua infelicidade do que cheio de confiança no julgamento de Deus. Sem se dar trégua, derrama lágrimas, faz orações em profusão, triplica os jejuns e se rebaixa ainda mais profundamente em face dos homens, com os sentimentos da mais extrema humildade.

Ao longo de quase duas semanas, vai-se pôr desse modo aos pés de todos, em plena contrição de corpo e espírito, a ponto de só comparecer à igreja, sábado e domingo, pela manhã bem cedo, não para receber a santa comuhão, mas sim para prosternar-se à porta e suplicantemente pedir perdão. Mas aquele cujo olhar penetra nos mais ocultos segredos não permitiu que ele fosse por mais tempo vítima de sua autopenitência e do desprezo dos outros. Foi o autor do delito, o atrevido ladrão de seu próprio bem, o astucioso difamador da honra alheia, que por si mesmo deu a conhecer o que sem testemunha praticara, fazendo-o por influência do diabo, que também havia sido o instigador de seu erro. Possuído por um demônio crudelíssimo, revelou ele toda a oculta trama do embuste, de modo que o próprio maquinador da calúnia acabou por se tornar também autor da denúncia. Duramente e por longo tempo o espírito imundo atormentou-o. Em vão a prece dos santos que habitavam neste deserto, e que tinham recebido o carisma divino de sobrepor-se a espíritos malignos, esforçava-se por

libertá-lo. Malgrado sua graça ímpar, nem mesmo o presbítero Isidoro conseguiu ter êxito nisso, ele a quem a munificência do Senhor havia outorgado um poder tão grande que qualquer possesso que lhe levassem sempre era curado, antes mesmo de transpor o limiar de sua cela. Cristo reservava esta glória para o jovem Pafnúcio. O culpado só deveria ser libertado pela oração daquele contra o qual ele tinha armado a cilada; e era invocando o nome de quem sua raiva invejosa acreditara poder rebaixar a honra que ele deveria receber perdão por seu erro e ver o fim de seus suplícios.

Assim pois, desde sua adolescência Pafnúcio já dava antecipadamente sinais do que viria a ser mais tarde; ainda nos anos de puerícia ele esboçava os primeiros traços de uma perfeição destinada a sofrer novos acréscimos com a madureza da idade. Portanto, temos de assentar nossa construção espiritual sobre fundamentos idênticos, se quisermos chegar, como ele, à culminância da virtude.

16 - *A perfeição da paciência*

Duas razões me impeliram a vos contar essa história. Em primeiro lugar, pensemos na calma inabalável e na constância do bem-aventurado Pafnúcio, e, posto que as maquinações dirigidas contra nós pelo inimigo sejam, em comparação, tão pouco temíveis, deixemo-nos imbuir ainda mais dos sentimentos de tranqüilidade e paciência.

Por outro lado, tenhamos por garantido que não podemos estar em segurança contra as procelas das tentações e os ataques do demônio se depositarmos a salvaguarda e a esperança de nossa paciência, não no vigor de nosso próprio homem interior, mas na clausura de uma cela, no recesso da so-

lidão, na companhia dos santos ou qualquer outro sustentáculo exterior a nós. Se Aquele que disse no Evangelho: *O reino de Deus está no meio de vós* (Lc 17,21) não fortificar nossa alma pela virtude de sua proteção, será inútil nós nos gabarmos de vencer as trapaças das potências do ar, ou de evitá-las, por um afastamento no espaço, ou de vedar sua aproximação pelo anteparo de uma cela.

Nada disso faltava ao santo Pafnúcio. No entanto o tentador não deixou de encontrar um caminho para atacá-lo. Nem as paredes que o muravam, nem a solidão do deserto, nem os méritos de tantos santos reunidos nesse lugar conseguiram repelir o espírito do mal. O bem-aventurado servidor de Deus não fixara porém sua esperança em ajudas vindas de fora, mantendo o coração sempre à espera d'Aquele que julga os segredos mais recônditos. E por isso nem mesmo o ataque de uma trama tão terrível foi capaz de o abalar.

Por sua vez, o infeliz precipitado pela inveja a um tão grande pecado não desfrutava do benefício da solidão, da proteção de uma remota cela e do convívio com o bem-aventurado abade e presbítero Isidoro e os demais santos? O furacão soprado pelo diabo encontrou todavia sua casa alicerçada na areia e, não contente em atingi-la por fora, acabou por derrubá-la no chão.

Não busquemos pois fora de nós nossa paz, não contemos com a paciência do outro para vir socorrer-nos, se o vício da impaciência nos dobrar. Tal como *o reino de Deus está no meio de nós* (id.), assim também *os inimigos da gente serão os próprios parentes* (Mt 10,36). Que parente é mais íntimo do que o meu próprio coração? E ninguém me é contudo mais inimigo que ele. Sejamos vigilantes, por conseguinte, e nossos inimigos interiores não mais nos poderão ferir. Se as pes-

soas de nossa casa pararem de lutar contra nós, nossa alma pacificada possuirá o reino de Deus. Pensando bem, um outro homem não poderá me atingir, seja qual for a malícia que ele empregue, se meu desapaziguado coração não me puser em guerra comigo. A culpa não é do ataque alheio, se eu me ferir, mas sim de minha impaciência. Assim ocorre com a comida forte e sólida, que é boa para quem está com saúde e perniciosa ao doente; que não pode fazer mal a quem a ingere, a não ser que encontre, em sua fraqueza, a força de prejudicá-lo.

Se algum dia portanto alguma coisa do gênero vier de novo a ocorrer entre os irmãos, nem por isso abandonemos nossa tranqüilidade, não cedamos espaço às detrações e às palavras de violência que se encontram na boca das pessoas do mundo. Não haverá por que se espantar, ademais, se criminosos e perversos se inserirem para se esconder entre os santos. É inevitável, enquanto na eira deste mundo nós estivermos expostos à malhação e à tritura, que a palha destinada ao fogo eterno se ache misturada ao trigo puro. Lembremo-nos de que houve um Satanás entre os anjos, um Judas entre os apóstolos e um Nicolau, autor de uma monstruosa heresia, entre os diáconos (cf. Jó 1,6; Mt 10,4; At 6,5; Ap 2,15),[7] e não poderemos mais nos surpreender se descobrirmos que nas fileiras dos santos há homens dados ao mal. Alguns sustentam, é verdade, que esse Nicolau não é aquele escolhido pelos apóstolos para a obra do ministério; não podem porém negar que ele tenha estado entre os discípulos de uma perfeição tão eminente, da qual não encontramos senão alguns raros imitadores entre os

[7] O autor segue aqui a opinião de Santo Irineu, Tertuliano, Santo Epifânio e São Jerônimo, que são unânimes em vincular a heresia dita dos nicolaítas a Nicolau, um dos sete primeiros diáconos (cf. At 6,5). Mas Eusébio é de opinião contrária (cf. *Hist. eccls.*, 3, 3g). É muitíssimo provável, com efeito, que os heréticos se acobertassem falsamente sob um nome venerável, para terem seus erros e maus procedimentos autorizados.

cenobitas de nossa época. Assim, não retenhamos nosso pensamento na ruína do supradito irmão vitimado, neste célebre deserto, por uma escorregadela tão desastrosa, nem sobre a mácula infamante que de resto ele soube apagar perfeitamente depois, nas lágrimas da penitência. Tendamos antes a tomar em consideração o exemplo do bem-aventurado Pafnúcio. Ao invés de achar um motivo de escândalo no pecado do primeiro, em quem a pretensão de ser monge serviu para acirrar o antigo vício da inveja, imitemos com todas as nossas forças a humildade do segundo. Esta, não tendo sido fruto espontâneo do deserto, foi adquirida no convívio dos homens, para desenvolver-se e consumar-se na solidão.

Convém saberdes entretanto que é mais difícil obter a cura da inveja que dos outros vícios. Quando uma alma se deixa infectar por seu veneno, eu ousaria até dizer que não existe remédio. Este é o flagelo sobre o qual, pela boca do profeta, é dito em sentido figurado: *Eis que envio contra vós serpentes venenosas, contra as quais não há encantamento, e elas vos morderão* (Jr 8,17). Muito adequadamente, o profeta compara ao veneno mortal de uma serpente a mordida da inveja, de que pereceu o primeiro autor e príncipe de todo mal, fazendo outros perecerem.[8] Matador de si mesmo, foi ele causa de sua própria ruína, antes de instilar o vírus da morte no homem de quem tinha inveja. Pois *a morte, por inveja do diabo entrou no mundo, e a experimentarão os que a ele pertencem* (Sb 2,24). De fato, tal como o demônio, o primeiro a ser vitimado por essa peste, permanece sem acesso ao remédio da penitência,[9] a qualquer tratamento capaz de minorar

[8] O demônio pereceu por orgulho; a inveja só veio após. Cf. *Conf.* VIII, cap. 10.

[9] Já se acreditou perceber aqui o eco de uma opinião muito estranha, segundo a qual teria sido concedido aos anjos maus um tempo para a penitência. Seja como for, a verdade sobre este ponto se acha claramente exposta, *Conf.* IV, cap. 14.

seu mal, assim também os que se entregam às mesmas mordidas envenenadas excluem todo socorro do santo encantador. Pois o que os atormenta não são os erros de quem lhes causa inveja, mas sim sua felicidade. Envergonhando-se de trazer a verdade às claras, vão eles pois buscar alhures razões supérfluas e ineptas para se ofenderem. Como são absolutamente falsas, e como o veneno mortal que eles não querem revelar continua oculto em seu íntimo, toda tentativa de cura é vã. Donde apropriadamente o sábio dizer a seu respeito: *Se a serpente não se deixa encantar e pica, de nada vale o encantador* (Ecl 10,11). Com efeito, tais mordidas secretas são as únicas para as quais a medicina dos sábios não consegue dar remédio. Tão incurável é esse mal, que as carícias o exasperam, as deferências o aumentam, os presentes o irritam: *Quem pode resistir à inveja?* (Pr 27,4), diz ainda Salomão. Quanto mais cresce o próximo, pelas sujeições da humildade, pela virtude da paciência ou pela glória da munificência, mais se sente o invejoso espicaçado pelo aguilhão de sua própria paixão. É a ruína, é a morte de seu irmão que ele deseja, e nada mais. Vede os filhos de Jacó. A submissão do inocente José esteve longe de aplacar o fogo de sua inveja: *Percebendo os irmãos que o pai o amava mais do que a todos eles, odiavam-no e já não lhe podiam falar pacificamente* (Gn 37,4), como diz a Escritura. As coisas chegaram a um tal ponto, que sua inveja se impacienta, à medida que José se mostra obediente e complacente, e mal se satisfaz, já que anseia por vê-lo morto, ao vendê-lo como escravo.

É pois uma verdade indubitável que a inveja, de todos os vícios, é o mais pernicioso e o mais difícil de curar, já que os remédios que minoram os outros o estimulam ainda mais. Se alguém se queixa, por exemplo, de ter sofrido algum dano, a generosidade lhe oferece uma compensação, e ei-lo curado de seu mal. Se um outro se indigna, diante de uma injúria que

lhe tiver sido feita, uma humilde satisfação o apazigua. Mas como proceder com um homem que se ofende exatamente por vos ver em maior benevolência e humildade? Presentes o abrandariam, se fosse a cupidez que lhe acendesse a ira; se fosse seu amor-próprio ferido, ou um desejo de vingança, afagos e um desdobrar de atenções bem poderiam também fazer o mesmo. Mas o que o irrita é tão-somente o sucesso, a felicidade alheia. Ora, sendo assim, quem então ia querer declinar de sua felicidade, desistir de prosperar ou ser vítima de alguma calamidade para satisfazer um invejoso?

Por isso é que, para que a serpente não mate, com uma só de suas mordidas venenosas, tudo que em nós é vivo e, por assim dizer, animado pelo movimento vital do próprio Espírito Santo, temos de implorar incessantemente a ajuda de Deus, para quem nada é impossível. No tocante ao veneno das outras serpentes, isto é, aos pecados ou aos vícios carnais,[10] por fácil que seja a fragilidade humana sucumbir a eles, mais fácil ainda há de ser expurgá-los. As feridas que fazem são reconhecidas por marcas exteriores no corpo e, a despeito do eventual perigo existente no inchaço que elas provocam, se algum encantador capacitado a se servir das fórmulas mágicas da Escritura aplicar-lhes o remédio de suas salutares palavras, o veneno não chegará a decretar a morte da alma. Porém a inveja, como o veneno jogado pela sua serpente, destrói a vida da religião e da fé já nas próprias raízes, antes mesmo de a ferida ter aparecido por fora. De fato, não é contra o homem, mas sim contra Deus, que por uma blasfêmia se ergue aquele que, nada achando que reclamar de um irmão, a não ser sua felici-

[10] *Carnal* é dito aqui em sentido muito genérico, por oposição à inveja, que o autor considera um vício de ordem puramente espiritual, que não transparece pelo lado de fora.

dade, repreende não o erro de um homem, mas sim os julgamentos divinos. É aí que desponta a raiz da *planta amarga capaz de contaminar a muitos* (Hb 12,15), a qual progride para o alto a fim de causar ofensa ao próprio Criador, de quem ao homem vêm todos os bens.

Por outro lado, não é preciso inquietar-se ante a ameaça que Deus faz de enviar *serpentes venenosas* (Jr 8,17) para morder aqueles cujos crimes o ofendem. Não foi ele, por certo, o inventor da inveja. Todavia, como os dons de sua graça são concedidos aos humildes e negados aos soberbos e réprobos, não é eqüitativo e digno de seus julgamentos que a inveja pareça um flagelo partido de sua mão para ferir e consumir os que merecem ser entregues a seus *sentimentos depravados* (Rm 1,28), segundo a expressão do Apóstolo? É isso o que exprimem estas palavras: *Provocaram meu ciúme com um deus falso; pois vou provocar seu ciúme com um povo falso* (Dt 32,21).

A tais palavras do abade Piamun, o desejo que nos levara a sair da escola elementar do mosteiro cenobítico, para tender ao grau superior dos anacoretas, inflamou-se ainda mais em nós. Foi com ele que aprendemos os primeiros princípios da vida solitária, da qual iríamos adquirir em seguida, em Cétia, um conhecimento mais perfeito.

XIX

CONFERÊNCIA DO ABADE JOÃO

Finalidades do Cenobita e do Eremita

1 - *O cenóbio do abade Paulo e a paciência de um irmão*

Poucos dias depois, retomamos nosso caminho, arrastados que éramos pelo desejo de progredir na doutrina, e chegamos novamente, na maior alegria, ao cenóbio do abade Paulo.

Em geral ele contava com mais de duzentos monges, mas uma grande festa que era dada, naquele mesmo dia, atraíra para lá uma infinita multidão de outros, vindos de variados mosteiros: celebrava-se solenemente o aniversário do sepultamento do último abade que havia governado os monges locais. Se faço menção a essa reunião, é de propósito, pois pretendo descrever em poucas palavras a paciência de um irmão, que se evidenciou pela doçura inalterável da qual, diante de tanta gente, ele deu prova. Na verdade, outra é a intenção do presente escrito: proponho-me relatar aqui o que nos foi dito pelo abade João, que abandonara o deserto, com admirável humildade, para ir submeter-se à disciplina desse cenóbio. Mas não penso fazer algo disparatado se eu puder dar, sem maiores desvios, como espero, um grande tema edificante a todos que

têm inclinação à virtude.

A multidão de monges, repartida em grupos de doze, sentava-se para a refeição num imenso átrio a céu aberto. Lá pelas tantas, ao ver que um irmão trazia com certo atraso o prato do qual ficara encarregado, o abade Paulo, que ativamente se movia entre os que estavam servindo, estendeu a mão e, diante de todos, deu-lhe uma bofetada tão ruidosa, que até mesmo os que se achavam de costas, ou mais longe, foram capazes de ouvi-la. Contudo o jovem, cuja paciência assim se fez memorável, recebeu com tal doçura a afronta, que nem sequer uma palavra lhe escapou da boca, e no silencioso estremecimento de seus lábios nem o mais tênue murmúrio pôde ser notado. Seu ar modesto, sua tranqüilidade e até mesmo a coloração de seu rosto, de resto, não mudaram em nada.

Esse fato foi motivo de grande espanto, não apenas para nós, que, vindos recentemente de nosso mosteiro na Síria, não tínhamos chegado ainda a conhecer, por exemplos tão patentes, o vigor da paciência que ali prevalecia, mas também para aqueles aos quais tais práticas não eram de todo estranhas; e dentre eles até mesmo os mais perfeitos puderam inferir do acontecido uma instrução precípua, posto que, assim como o corretivo do abade não alterara a paciência do jovem, nem sequer o espetáculo da multidão tão grande lhe fez subir ao semblante o menor rubor.

2 - *A humildade do abade João e uma pergunta nossa*

Foi pois nesse cenóbio que encontramos um ancião de idade muito avançada, cujo nome era João. Pareceu-me que eu não deveria deixar passar em silêncio suas palavras, nem

tampouco a humildade que o elevava acima dos demais santos. Sei que foi por essa virtude, de fato, que ele se sobressaiu em particular. E ela se mantém, muito embora seja a mãe de todas as outras e o solidíssimo alicerce da construção espiritual, profundamente extrínseca aos nossos hábitos de vida, não sendo pois de admirar que não mais possamos nos erguer à sublimidade desses grandes homens. Pouco predispostos agora a nos submetermos, até a velhice, à disciplina cenobítica, mas contentes de suportar por uns dois anos apenas o jugo da obediência, logo escapamos dele para nos darmos a uma liberdade presunçosa e fatídica. Se pelo menos observássemos, durante esse curto tempo de submissão aos mais velhos, o estrito rigor cujo modelo nos é mostrado por eles... Mas não, a nossa é uma obediência relativa, que se deixa ordenar por nossa própria inconstância.

Assim, ao vermos aquele ancião no cenóbio do abade Paulo, sua idade venerável e a graça que dele transparecia nos deixaram, logo de início, cheios de admiração. A seguir, prosternando-nos de rosto no chão, suplicamos-lhe que se dignasse a nos explicar os motivos que o tinham levado a renunciar à liberdade do deserto, e àquela profissão tão sublime na qual ele adquirira, sobrepondo-se aos outros, uma reputação das mais célebres, para preferir sujeitar-se ao jugo da vida cenobítica. Ao responder-nos que a disciplina anacorética lhe ultrapassava a virtude, disse ele ser indigno de uma perfeição assim tão conspícua. Por isso é que havia voltado para as escolas de formação de noviços, dando-se por muito feliz se pudesse seguir suas práticas de um modo que fosse compatível com a excelência dessa profissão. A humildade de tal resposta não pôde porém conter-se, diante de tanta insistência nossa, e ele enfim resolveu falar, nos termos que aqui estão.

3 - *Resposta do abade João sobre as razões que o fizeram abandonar o deserto*

A vida de anacoreta, da qual vos admirais tanto que eu tenha abdicado, longe está de me inspirar repugnância ou desprezo. Muito pelo contrário, eu a aprovo, amo e venero tanto quanto posso. Após haver estado trinta anos num mosteiro de cenobitas, passei vinte no deserto, e me alegro de nunca ter denotado aí, por minha conduta, uma real frouxidão, entre tantos que se mostravam apenas, quanto a isso, em meios-termos. Porém, depois de eu provar sua pureza, tal vida perdeu para mim parte do encanto, quando a vi conturbada pela preocupação dispersiva das necessidades materiais. De modo que achei mais proveitoso voltar para um cenóbio, a fim de aí realizar um plano menos cheio de acidentes, esquivando-me ao perigo apresentado pela humildade de uma profissão mais sublime. É melhor agir com fervor em promessas menores do que com tibieza em compromissos muito ambiciosos.

Assim, se eu por acaso disser alguma palavra que pareça não se pautar pela humildade, ou que denote talvez uma liberdade excessiva, peço-vos não atribuí-la jamais ao vício da jactância, mas tão-somente ao desejo de edificar-vos. Espero acreditardes que não é por orgulho, mas sim por caridade, que eu penso que nada devo ocultar da verdade a homens que tão ardentemente a procuram. Por minha vez, creio que as palavras que eu proferir poderão servir à vossa instrução se, deixando um pouco a humildade de lado, eu vos revelar simplesmente e em toda a extensão da verdade qual foi a minha intenção. Tenho assim confiança de que minha franqueza não virá a ser tomada por vós por rasgo de vaidade, garantindo-me igualmente que minha consciência não me acusará de incor-

rer, por suprimir a verdade, em crime de mentira.

4 - *Como o abade João praticou a virtude, durante o tempo em que foi eremita*

Se jamais alguém se deleitou no segredo da solidão, a ponto de olvidar-se do comércio com os homens e de poder dizer com Jeremias: *Nem desejei o dia fatal, tu o sabes* (Jr 17,16), confesso que o Senhor também me concedeu a graça de eu me firmar nessa disposição ou, pelo menos, de me empenhar por conseguir alcançá-la. Lembro-me de me ter freqüentemente extasiado tanto em tais arrebatamentos, por misericordioso favor de nosso Senhor, que até chegava a me esquecer do fardo desta fragilidade corpórea. Minha mente, de súbito, se isolava dos sentidos exteriores, e tão longe do mundo material ela ia, que nem meus olhos nem meus ouvidos cumpriam mais suas funções. A tal ponto a meditação sobre o divino e a contemplação espiritual me preenchiam a alma, que eu muitas vezes nem sabia, à noite, se ao longo da jornada me alimentara, continuando incapaz de decidir portanto, no dia seguinte, se meu jejum já fora interrompido na véspera.

Por isso é que se põe em reserva, no sábado, num *prochirium*, que é uma cestinha portátil, o alimento para toda a semana, isto é, quatorze pães, para que assim o solitário, se acaso se esquecer de comer, disso possa dar-se conta. Tal costume tem ainda a vantagem de prevenir outro erro. Se todo o pão for consumido, é sinal de que a semana acabou, tendo chegado o dia do Senhor. O solitário recebe pois um infalível aviso para ir à assembléia dos irmãos, a fim de celebrar a correspondente solenidade. Caso os arrebatamentos de que falei venham a perturbar esse cálculo, o trabalho cotidiano oferece um outro meio de ir contando os dias para evitar enganos.

Quanto às demais virtudes do deserto, prefiro silenciar. Não é nossa intenção, de fato, considerar sua infinda multiplicidade, mas sim examinar quais são as finalidades do eremita e do cenobita. Antes, hei de explicar-vos rapidamente os motivos que me decidiram a abandonar a solidão, pois que é isso que desejais saber, e os méritos mais sublimes que acreditei ser de meu dever preferir a todos os frutos de que me recordo.

5 - *Das vantagens do deserto*

Enquanto os que viviam no deserto, sendo, naquele tempo, em pequeno número, deixavam-nos ainda a liberdade de vagar por suas vastas solidões; enquanto um recolhimento mais profundo ainda nos tornava possível sermos freqüentemente enlevados nos arrebatamentos celestes; antes de chegar por lá a infinidade de visitantes que nos impunha um sem-número de delicadezas e apuros, já que era preciso cumprir com as obrigações da hospitalidade, dei-me com insaciável desejo e com um ardor ilimitado aos tranqüilos recessos da solidão e àquela vida comparável à beatitude dos anjos.

Mas veio o dia em que, como eu já disse, um número cada vez maior de irmãos começou a se estabelecer no deserto, cujas solidões, antes tão amplas, viram-se, por assim dizer, estreitadas. Logo o fogo da contemplação divina deu a impressão de arrefecer, enquanto a preocupação com as coisas materiais nos punha em face de inumeráveis entraves. Foi então que preferi seguir o ideal cenobítico, da melhor maneira que me fosse possível, ao invés de me entorpecer, pelo desassossego incessante quanto às necessidades do corpo, numa profissão tão sublime. Se eu já não poderia contar com a liberdade e os arrebatamentos de que outrora havia desfrutado, restava-me porém o consolo de obedecer à risca à prescrição evan-

gélica, rejeitando de modo absoluto toda preocupação com o amanhã. Ao sofrer a perda de uma contemplação tão alta, teria eu pois sua compensação na humildade da obediência. Quando alguém professa uma arte, quando se consagra a uma carreira qualquer, é realmente deplorável, em suma, que aí não chegue à perfeição.

6 - *Da utilidade de um cenóbio*

Deixai então que eu vos faça uma breve exposição das grandes vantagens que, a meu ver, se encontram na vida cenobítica. Vós mesmos havereis de julgar, quando eu tiver terminado, se os benefícios que ela traz equivalem aos da solidão. Notareis igualmente, por minhas próprias palavras, se foi desgosto ou, antes, o desejo da pureza outrora procurada por mim lá no deserto que me impôs a decisão de me encerrar num cenóbio.

Nunca é preciso, aqui, prever o trabalho de cada dia; não há nenhuma preocupação de compra e venda; nada daquela inevitável necessidade de fazer uma provisão de pão para o ano todo; nem sombra alguma de desassossego acerca de coisas materiais, seja para atender às suas próprias exigências, seja para receber tantas visitas que chegam; enfim, nenhuma pretensão de glória humana, coisa mais que tudo impura aos olhos de Deus, e que às vezes torna vãos até mesmo os grandes labores do deserto.

Mas, no tocante à vida de um anacoreta, deixemos de lado as ondas de elevação espiritual e o mortal risco de vanglória, para volvermos ao fardo comum a todos, isto é, à preocupação em prover sua subsistência. A que excessos não se chegou quanto a isso? Bem ultrapassados se encontram os

limites da antiga austeridade, que ignorava por completo o uso do azeite. Devo aliás dizer que nem mesmo com a medida estipulada pelo desmazelo que impera em nossa época ninguém mais se contenta. Um sesteiro de azeite e um alqueire de lentilhas bastavam para recepcionar os hóspedes durante o ano inteiro. A medida foi duplicada, triplicada mesmo, e ainda assim mal dá para o gasto. Muitos levaram a extremos esse desmazelo funesto. Longe estamos agora daquela gota de azeite que nossos predecessores na vida eremítica, tão superiores a nós pelo rigor de sua abstinência, pingavam na mistura de vinagre e salmoura, tencionando apenas evitar a vanglória. Para agradar à delicadeza do gosto, parte-se um queijo do Egito que é mais regado de azeite do que se faz necessário: duas iguarias que à parte já têm seus atrativos, e que poderiam muito bem constituir dois diferentes regalos em momentos diversos, unem-se assim numa só delícia. Em tais excessos culminou essa "ylike ktesis" (υλιχη χτησιζ), isto é, essa aquisição de bens materiais! Não consigo recordar, sem que eu disso me envergonhe, que os anacoretas passaram a ter em suas celas, a pretexto de hospitalidade e acolhida a dar aos forasteiros, um cobertor de lã. E nem sei mais o que dizer de tantas coisas que pesam particularmente sobre uma alma de todo arrebatada e constantemente atenta à contemplação espiritual, como as relações com outros irmãos, os deveres que a recepção e o procedimento com hóspedes impõem, as visitas mútuas, a interminável azáfama de confabulações e transações, cuja mera expectativa continua a causar preocupações no próprio tempo em que parecem cessar, a inquietude que sempre se renova para manter o espírito numa agitação permanente.

A liberdade do deserto, desse modo, sucumbe ao peso das obrigações e o coração nunca se eleva àquela alegria ine-

fável de que falamos, não conseguindo mais, por conseguinte, colher os frutos da profissão eremítica.

Se a eles não posso pretender agora, na comunidade em que estou e em meio a tantos irmãos, pelo menos não careço de tranqüilidade na alma, de paz no coração despreocupado. Se aqueles que continuam na solidão não as têm, como eu, a seu alcance, estão arcando com os labores da vida anacorética sem alcançarem seus frutos, que só pela estabilidade e o repouso do espírito podem ser conquistados. Por fim, mesmo supondo que a vida em comum me tire um pouco da pureza de coração de que eu desfrutava outrora, eis que encontro na observância da prescrição evangélica uma compensação que me satisfaz. Pois todas as vantagens da solidão não ultrapassam por certo a de não ter nenhuma preocupação com o amanhã e assim poder, submetendo-me até o fim à direção de um abade, imitar de algum modo aquele de quem é dito: *Ele se humilhou, feito obediente até a morte* (Fl 2,8); e humildemente repetir suas palavras: *Desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade de quem me enviou* (Jo 6,38).

7 - *Uma pergunta sobre os frutos da vida na solidão e em comum*

Germano: Para nós está claro que não apenas tocaste, como muitos, nos primeiros degraus desses dois tipos de vida, mas também que te elevaste até seus pontos culminantes. Desejamos assim saber qual a finalidade do cenobita e qual a do eremita. Ninguém por certo é mais capaz de abordar esse tema de um modo mais fiel e pleno do que quem se tornou perfeito em ambas as profissões, graças à longa prática e às lições da experiência, e está pois em condições de expor, em toda a extensão da doutrina e da verdade, a fina-

lidade e o mérito de cada uma.

8 - *Resposta à pergunta feita*

João: Bem que eu poderia declarar que não há como existir um mesmo homem simultaneamente perfeito nas duas profissões, se eu não fosse contido por alguns raros exemplos. Considerando-se que já é um grande portento que haja alguém consumado em uma ou outra, quão difícil para a força humana, senão mesmo impossível, quase eu chegaria a dizer, reunir sem restrição a perfeição de ambas! Isso salta aos olhos. E, se porventura um caso ocorre, não há por que transformá-lo logo em lei genérica. Não pode uma regra universal basear-se numa ínfima minoria, na consideração de umas quantas unidades, mas tão-somente no que está ao alcance do maior número ou, melhor dizendo, de todos. O raríssimo sucesso de alguns privilegiados, que ultrapassa as possibilidades de uma virtude comum, deve ser separado dos preceitos genéricos, como favor superior concedido à nossa condição humana e à fragilidade de nossa natureza. Se o mencionarmos, convém ser como milagre, e não tanto como exemplo.

Dito isto, eis que respondo à vossa pergunta, em breves palavras e de acordo com os parcos recursos de minha inteligência.

A finalidade do cenobita é mortificar e crucificar todas as suas vontades e não se preocupar nem um pouco com o dia de amanhã, segundo o salutar preceito da perfeição evangélica (cf. Mt 6,34). Não há por certo ninguém, a não ser ele mesmo, que possa realizar esse ideal. A um tal homem é que o profeta Isaías, cumulando-o de louvores e proclamando-o bem-aventurado, se refere assim: *Se não puseres o pé fora de casa*

no sábado, e não te dedicares aos teus negócios no meu dia santo; se o honrares, não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, então encontrarás tua alegria no Senhor, e eu te farei levar em triunfo sobre as alturas da terra, eu te nutrirei com a herança de teu pai, Jacó, pois foi a boca do Senhor que falou (Is 58,13-14).

Já a perfeição do eremita é ter o espírito liberto de todas as coisas terrenas e desse modo unir-se ao Cristo, tanto quanto o consiga a fraqueza humana. O profeta Jeremias o descreve nestes termos: *É bom para o homem suportar o jugo desde sua juventude. Que esteja solitário e silencioso quando o Senhor o impuser sobre ele* (Lm 3,27-28). Por sua vez, diz o salmista: *Sou como o pelicano do deserto. Fico de vigília: tornei-me qual pássaro solitário no telhado* (Sl 101,7-8).

Se eles não corresponderem, tanto um quanto o outro, à finalidade de suas respectivas profissões, tal como as definimos, será inútil o primeiro se dar à disciplina cenobítica e, o segundo, à vida solitária, pois nenhum dos dois há de realizar plenamente o sentido de sua condição.

9 - *Da verdadeira e consumada perfeição*

Ter-se-á, nesse caso, uma perfeição μεριχη, isto é, não integral e não de todo consumada, mas tão-somente uma parte da perfeição, a qual é portanto rara, posto que aqueles a quem Deus a concede, por um dom gratuito, sejam pouquíssimos. De fato, só é verdadeiramente perfeito, e não apenas em parte, quem sabe suportar, com igual grandeza de alma, tanto o horror da solidão no deserto quanto as fraquezas dos irmãos no mosteiro. É difícil, por conseguinte, encontrar alguém que seja

de todo consumado nas duas profissões, porque o anacoreta nunca chega completamente ao "aktemosyne" (αχτημοσυνη), isto é, ao desprezo e privação das coisas materiais, nem o cenobita à pureza da contemplação. Sei entretanto que o abade Moisés, Pafnúcio e os dois Macários[1] possuíram à perfeição essas virtudes. Primorosos nas duas profissões, em recolhimento eles eram insaciáveis ao se nutrir do segredo da solidão, mais que todos os outros residentes do deserto, e não iam de modo algum procurar, tão imbuídos estavam disso, companhia humana. Mas suportavam admiravelmente bem, por outro lado, a freqüentação e as fraquezas dos que acorriam para eles: em face da incontável multidão de irmãos que de toda parte afluía, fosse tão-só para visitá-los, fosse com a intenção de progredir, a inquietude quase sem folga que lhes causava a obrigação de receber tanta gente vinha encontrá-los com a paciência inalterada. Poder-se-ia mesmo crer que ao longo de seu tempo de vida não haviam aprendido nem praticado outra coisa, a não ser consagrar-se aos visitantes com os habituais deveres da caridade, sendo assim intrigante para todos saber em qual das profissões seu zelo mais se mostrava, e se sua magnanimidade combinava mais maravilhosamente com a pureza eremítica ou com a vida em comum.

10 - *Dos que vão para o deserto antes de serem perfeitos*

Há quem se torne tão arisco, com o diuturno silêncio da solidão, que passa a sentir um distanciamento total quanto ao convívio dos homens. Se uma visita eventual os arranca, por um instante que seja, de seu recolhimento costumeiro, deixam eles transparecer uma aflição notável, dando eviden-

[1] Macário, o Egípcio e Macário de Alexandria, os dois mais célebres com este nome.

tes sinais de pusilanimidade.

Em particular, isso acontece àqueles que são levados ao deserto por um desejo prematuro de vida solitária, antes de receberem uma boa formação nos cenóbios e de se terem libertado de seus vícios antigos. Quer num estado, quer no outro, esses sempre imperfeitos e frágeis, inclinam-se para onde os impele o mais leve sopro de sua própria emoção. Tal é o incômodo que experimentam, ante a presença de irmãos, que eles se põem a ferver de impaciência. Porém, caso retornem à sua solidão, eis que não podem agüentar o silêncio que antes tinham querido. A rigor, nem sequer eles sabem para que fim a solidão é desejável e deve ser procurada, pois imaginam que a virtude, que o auge dessa profissão consiste unicamente em evitar a companhia dos irmãos e esquivar-se, como se fosse coisa detestável, dos olhares humanos.

11 - *Pergunta: Qual o remédio para os que deixam prematuramente os mosteiros de cenobitas?*

Germano: Somos justamente daqueles que buscaram a solidão com insuficiente formação cenobítica, antes da expulsão de todos os vícios. Que remédio pode vir socorrer-nos, a nós e aos que a nós se igualam, em nossa fragilidade e mediano grau de progresso? Qual o meio de obter tanta constância de alma e a inquebrantável firmeza da paciência de quem não mais conhece o desassossego, agora que abandonamos prematuramente, ao abandonar nosso mosteiro, a própria escola e o ginásio desses exercícios? Lá é que deveríamos ter concluído nossa primeira educação, conduzindo-a a bom termo. Solitários hoje, como haveremos de alcançar a perfeição da longanimidade e da paciência? Como o olhar de nossa consciência, que esquadrinha os movimentos interiores da alma,

discernirá em nós a presença ou a ausência dessas virtudes? Não é de se temer que, separados do convívio com os homens e nada mais tendo que tolerar de sua parte, uma falsa persuasão nos engane e nos faça crer termos chegados à inabalável tranqüilidade da alma?

12 - *Resposta: Como pode o solitário conhecer seus vícios*

João: Àqueles que buscam sinceramente o remédio, não pode deixar de vir a cura, da parte do verdadeiro médico das almas; sobretudo àqueles que não fecham os olhos para suas doenças, por desespero ou negligência, mas que, longe de esconder as próprias feridas ou de insolentemente repelir o tratamento da penitência, recorrem ao médico celestial, de alma humilde, contudo vigilante, pelos langores que a ignorância, o erro ou uma infeliz necessidade os fizeram contrair.

Saibamos todavia que, se nos retirarmos para o deserto ou qualquer lugar escondido antes de curar nossos vícios, somente seus efeitos são reprimidos, não a paixão. A raiz dos pecados, enquanto não a extirpamos de vez, continua oculta em nosso íntimo e, pouco a pouco, de fato, vai-se alastrando. Alguns indícios permitem-nos depreender que ela ainda está viva. Quando estamos na solidão, por exemplo, e um irmão chega de imprevisto ou fica um tempo conosco, nosso espírito não o suporta sem arder de agitação, e essa ansiedade é um sinal de que um foco muito vivaz de impaciência persiste em nós. Por outro lado, quando esperamos a visita de um irmão que, por qualquer razão, demora a vir, uma tácita indignação se apodera de nós, para culpá-lo pelo atraso, e nossa alma se perturba numa expectativa despropositada e inquieta, deixando que um exame de consciência aí encontre uma prova de que o vício da ira e da tristeza continua a residir em nós. Se

um outro nos pede para ler um manuscrito, ou para usar um objeto qualquer que nos pertence, e se o pedido nos contrista, ou o repelimos com uma negativa, não há dúvida de que ainda estamos retidos nas malhas da avareza. Se um pensamento que de súbito irrompe ou o transcorrer de uma leitura sagrada nos faz vir à lembrança uma mulher, a respeito da qual então sentimos pruridos, saibamos que o ardor da fornicação não se extinguiu ainda em nossos membros. E se, ao compararmos nossa austeridade com o relaxamento de um outro, um leve sentimento de exaltação vier roçar-nos a alma, por certo fomos infectados pela terrível peste da soberba.

Quando portanto percebermos em nosso coração esses vestígios de vícios, reconheçamos que, se não chegamos a atos de pecado, temos contudo a inclinação que aí leva. Basta nos imiscuirmos um dia na vida social, para que logo saiam tais paixões das cavernas dos nossos sentimentos, provando que elas não nascem no momento em que bruscamente se arrojam, mas que se mostram enfim à luz do dia depois de terem ficado por longo tempo escondidas.

É assim que o próprio solitário pode descobrir, a partir de indícios certos, se a raiz desse ou daquele vício continua enterrada no fundo de si mesmo, desde que ele porém não se ponha a ostentar sua pureza, mas que a apresente inviolada, isto sim, aos olhos daquele a quem nem os mais íntimos segredos do coração conseguirão escapar.

13 - *Pergunta: Como pode curar-se quem entrou na solidão antes de estar purificado de seus vícios?*

Germano: Os dados que permitem recolher indícios reveladores de nossas enfermidades, o método para distinguir

nossos males, ou seja, o modo de depreender os vícios que se ocultam em nós, tudo isso está límpido e claro aos nossos olhos, ainda mais porque a experiência cotidiana e os movimentos que a todo instante afloram em nossas próprias cogitações também nos deixam constatar que é bem assim como dizes.

Porém, após nos teres demonstrado com tão grande evidência a causa das doenças e o meio de descobri-las, falta nos mostrar de igual modo qual o remédio a adotar para a cura. Ninguém por certo será mais indicado para falar do tratamento a fazer do que quem soube por primeiro detectar as origens e as causas do mal, a ponto de contar com a aprovação da própria consciência do enfermo. Ver que tua beatitude desnuda nossas feridas mais secretas dá-nos certeza de poder ter também um esclarecimento quanto aos remédios, já que um diagnóstico assim tão digno de crédito autoriza toda esperança.

Entretanto tu disseste ademais que é na vida em comum que a obra da salvação tem início e que as almas só se mantêm na solidão sadias se tiverem sido primeiramente sanadas pela disciplina cenobítica. Essa idéia nos faz reincidir num pernicioso abatimento. Tendo saído tão imperfeitos do mosteiro, será que ainda poderemos alcançar a perfeição no deserto?

14 - *Resposta sobre o remédio em questão*

João: Meios de salvação não haverão de faltar, se a intenção de se curar persistir. O mesmo método que nos faz compreender os indícios de cada um dos nossos vícios também fornece o remédio. Depois de eu ter afirmado que os solitários não estão imunes aos vícios que se encontram no curso habitual da vida humana, não posso também negar que se

descubram, longe de toda sociedade, meios de praticar a virtude e obter saúde.

Se alguém reconhecer portanto, pelos sinais ainda há pouco indicados, que se acha exposto aos movimentos tumultuosos da impaciência e da ira, que ele se adestre, sem perder a constância, em pensamentos capazes de aumentá-los. Haverá então de imaginar-se vítima de todos os tipos de injúrias e danos, daí se exercitando a suportar, com perfeita humildade, tudo que lhe possa ser imposto pela maldade dos homens. Ao se retratar com freqüência as coisas mais cruéis, mais intoleráveis, este alguém, imbuído dos sentimentos da mais profunda contrição, terá seu pensamento ocupado pela grande bondade que deveria demonstrar em tais circunstâncias. E concordará, se olhar para os sofrimentos dos santos ou os do próprio Senhor, que todos os ditos insultuosos e os eventuais castigos de toda espécie estão muito abaixo do que ele merece, preparando-se assim para agüentar qualquer dor. Suponha-se agora que um convite o intime um dia a uma assembléia de irmãos, o que não pode deixar de acontecer, a não ser bem raramente, até mesmo aos solitários mais radicais. Se acaso ele perceber que sua alma, em face dessa contingência, se inquietou, e por nada, que ele mesmo se torne o impiedoso censor de seus movimentos secretos. Tornar-se-á assim, de imediato, àquelas extremadas injúrias, pelas quais se aplicava dia a dia à paciência perfeita, e asperamente irá repreender-se, lançando invectivas a si: És tu, ó varão do bem, que te orgulhavas de vencer pela constância todos os males, quando na solidão te aplicavas, és tu então aquele mesmo que outrora se julgava bastante forte para manter-se inquebrantável diante de qualquer tormenta, quando te representavas no espírito as mais acerbas diatribes e, o que é pior, insuportáveis suplícios? Como pôde uma frase tão desimportante,

assim que roçou em ti, deixar em tal confusão tua paciência invencível? E como pôde ser tua casa abalada por um sopro tão fraco, se ela, pelo que te parecia, estava tão fortemente alicerçada na solidez da rocha? Se invocavas a guerra em meio à paz, cheio de inane confiança, onde estão aquelas belas palavras que eram proclamadas por ti, *Apresso-me e não me perturbo* (Sl 118,60), e as que dizias com o profeta: *Examina-me, Senhor, e submete-me à prova, sonda meus rins e o coração* (Sl 25,2); *Sonda-me, ó Deus, e conhecerás meu coração! Examina-me, e conhecerás meus pensamentos! Vê se estou no caminho da perdição* (Sl 138,23-24)? Como pôde uma sombra de inimigo causar tanto pavor a um combatente tão bem-aparelhado? Dessa forma, ao condenar-se por essas reprimendas mescladas de arrependimento, ele não há de permitir que fique impune a emoção pela qual se deixou surpreender. Mas castigará com dureza ainda maior sua carne, por meio dos jejuns e vigílias, e expiará, no labor de uma abstinência contínua, o erro decorrente de sua instabilidade, de modo a levar agora ao fim, no calor de tais práticas, o que já deveria ter reduzido a nada, ao purificar-se quando entre os cenobitas vivia.

Na verdade, se quisermos alcançar a paciência firme e perene, há um princípio ao qual devemos ater-nos com uma inabalável constância: a nós, a quem a lei divina proíbe não só se vingar de injúrias, mas também guardá-las na memória (cf. Lv 19,18), não é dado o direito de nos entregarmos à ira, seja qual for o dolo ou contrariedade que lhe dê pretexto. Que dano mais grave pode advir a uma alma do que ser privada, pela súbita cegueira em que a agitação a lança, da claridade da luz verdadeira e eterna, afastando-se assim da contemplação d'Aquele que é *manso e humilde de coração* (Mt 11,29)? O que há de mais pernicioso, de mais degradante, pergunto-vos, do

que ver alguém perder toda a noção do decoro, esquecer-se das regras e princípios do justo discernimento e perpetrar, sadio e sóbrio, o que nem em estado de ebriedade e insensatez lhe seria admissível?

Portanto, se atentarmos para esses inconvenientes e os outros da mesma espécie, suportaremos sem pesar, desdenhando-os, todos os danos, todas as injúrias e dores que nos possam sobrevir até mesmo da parte dos mais cruéis dos homens, pois compreenderemos que não há nada mais prejudicial do que a cólera, nada mais precioso do que a tranqüilidade da alma e a constante pureza do coração. É digno desse tesouro que por ele desprezemos não só o que são proveitos da carne, mas também os de ordem espiritual, se eles não podem se adquirir nem perfazer sem que essa paz seja perturbada.

15 - *Pergunta: Deve-se pôr a castidade, como as demais virtudes, à prova?*

Germano: Mostraste-nos o remédio para várias paixões, ou seja, a ira, a tristeza e a impaciência, na representação de objetos que são de natureza a contrariá-las. Gostaríamos de ser instruídos, de igual modo, sobre o tipo de tratamento que convém aplicar ao espírito de fornicação. Porventura o fogo da concupiscência poderá ser extinto, se lhe propusermos, como nos casos precedentes, temas maiores que o aticem? Cremos que tal método seria muito nocivo à castidade, quer se tratasse de exagerar em nós os estímulos libidinosos, quer apenas de deter a mente em tais coisas, mesmo por um breve momento.

16 - *Resposta: Por quais sinais se reconhece a castidade*

João: Vossa sagaz pergunta serviu para antecipar um

tema ao qual minha exposição tenderia, por seu desdobramento natural, ainda que houvésseis permanecido em silêncio. Não duvido que o compreendais bem a fundo, porque a penetração de vossa inteligência foi capaz de se antepor às minhas palavras. Não mais nos custa elucidar um problema quando quem interroga, adiantando a solução, já por primeiro se encaminha para o fim ao qual nos cabe conduzi-lo.

Para remediar os vícios de que falamos, o convívio humano, longe de ser nocivo, apresenta, muito pelo contrário, grandes vantagens. Em geral eles se manifestam pelas múltiplas impaciências de que são causa e, quanto mais continuadas forem a dor e o arrependimento que provêm de nossas derrotas, mais depressa também nosso labor se aproxima da cura. Por isso é que, quando vivemos na solidão e as ocasiões capazes de estimulá-las não podem surgir da parte dos homens, devemos dar-lhes, em nosso espírito, a mais expressa representação, a fim de assegurar-nos, por um combate ininterrupto, uma cura mais rápida.

Contra o espírito de fornicação, o método porém é outro, sendo a causa diversa. Assim como se faz necessário afastar o corpo dos atos de concupiscência e da proximidade da carne, necessário é também tirar da mente qualquer lembrança de tais coisas. Para corações ainda fracos e enfermos, seria bem perigoso, de fato, admitir a mais tênue recordação dessa paixão, posto que às vezes até mesmo a reminiscência de mulheres santas ou de relatos da Sagrada Escritura excitem o aguilhão do mau prazer. Eis aí o motivo pelo qual nossos anciãos, muito prudentemente, costumavam abster-se de fazer tais leituras em presença de jovens. Quanto àqueles que já estão consumados e realmente são perfeitos no amor à castidade, não

lhes faltarão meios de sondar-se e pôr-se à prova, podendo assim certificarem-se eles mesmos, pelo incorruptível julgamento de suas consciências, da integridade de seus corações. Por conseguinte, o solitário consumado, mas tão-somente ele, experimentar-se-á quanto a esse vício como em relação aos restantes e, tendo extirpado a fundo as raízes do mal, poderá então, para testar sua castidade, conceber em espírito alguma imaginação sedutora. De modo nenhum convém que os que ainda são fracos tentem semelhante exame, dando-se, por exemplo, a longas representações de contatos femininos e de carícias mais ou menos voluptuosas e ternas, pois isso lhes seria mais danoso que útil. Quando portanto alguém perfeitamente alicerçado em virtude não descobrir em si, por intermédio da imagem que se fizer dos mais insinuantes e cativantes afagos, nenhum consentimento da mente, nenhuma emoção da carne, terá ele a prova indubitável de sua própria pureza e, se assim se consagrar à estabilidade dessa pureza, não só possuirá na alma o bem da castidade e da incorrupção, como também, supondo-se que alguma necessidade o leve a tocar numa mulher, sentirá abominação por isso.

A essa altura o abade João, notando aproximar-se a nona hora, e com ela a refeição, deu sua conferência por encerrada.

XX

CONFERÊNCIA DO ABADE PINÚFIO

DA FINALIDADE DA PENITÊNCIA E DO SINAL DE SATISFAÇÃO

1 - *A humildade do abade Pinúfio e seu refúgio*

Ao me dispor a relatar os ensinamentos do abade Pinúfio sobre a finalidade da penitência, parece-me que em muito eu mutilaria o tema, se me abstivesse de louvar a humildade desse homem preclaro e singular. Verdade é que toquei nisso, em breves palavras, no quarto livro das *Instituições,*[1] cujo título se refere ao modo de formação dos que renunciam ao mundo. Mas a preocupação de evitar que meus leitores se enfastiem não deve me impor silêncio hoje, sobretudo porque muitos que terão a oportunidade de ler esta conferência talvez não conheçam a obra de que falei, e a autoridade da doutrina ficaria comprometida, se se ocultasse o mérito de quem a transmite.

Pinúfio governava, na condição de abade e presbítero, um vasto mosteiro não muito longe de Panefisi, que é, como eu então expliquei, uma cidade do Egito. Em toda a província, suas virtudes e milagres alçaram-no a um patamar tão elevado de glória, que lhe parecia ter recebido, nos louvores humanos, uma retribuição por seus esforços. Contudo, temendo que esse vão

[1] Caps. 30-31.

favor popular, particularmente maçante para si, pudesse privá-lo do fruto da recompensa eterna, ele fugiu de seu mosteiro, às escondidas, para internar-se no secreto refúgio dos monges de Tabena. Ali, ao invés de buscar a solidão do deserto, ou a ausência de preocupações de uma vida isolada, à qual vemos lançar-se muitas vezes, com orgulhosa presunção, monges imperfeitos que não querem mais suportar o labor da obediência entre os cenobitas, optou pelo jugo da vida em comum nesse famoso cenóbio. Todavia, para não ser traído por seu hábito, vestiu um traje secular e assim vestido foi plantar-se à porta. Lá o deixaram vários dias, conforme a tradição dos monges locais, a cobrir-se de lágrimas, a prosternar-se aos pés de todos e a suportar os diuturnos desdéns que então lhe impunham para testar seu desejo. Diziam-lhe que ele, chegado a idade tão provecta, era impelido apenas pela necessidade de obter seu pão, não sendo sincero na intenção de se dar à santidade da vida que levavam. Porém, a despeito de tudo, finalmente conseguiu ser aceito.

Havia lá um irmão ainda bem jovem, que desempenhava a função de jardineiro, e Pinúfio foi posto como seu ajudante. Desincumbia-se de tudo que lhe era ordenado pelo chefe, e do que era reclamado pelas obrigações do serviço, com uma santa humildade que despertava admiração. Além disso, aproveitava a noite para fazer às escondidas certos trabalhos necessários que os outros entretanto evitavam, porque tinham aversão pelos mesmos. Sendo assim, toda a comunidade, mal raiava a manhã, espantava-se e muito ao ver realizada obra tão útil, cujo autor era desconhecido. Quase três anos se passaram, quase um triênio de alegria, nesse trabalho de submissão humilhante que ele tanto quisera. Foi então que um irmão que o conhecia de antes, vindo da mesma parte do Egito de onde ele tinha saído, surgiu por lá inesperadamente e

logo o identificou sem dificuldade, se bem ficasse numa hesitação prolongada, pelas roupas que o cobriam e a insignificante função em que o encontrou. Dissipando-se porém suas dúvidas, depois que o observou com vagar, ei-lo que à frente de Pinúfio, num rompante, vai se pôr de joelhos. Grande pasmo se apossou dos outros irmãos, primeiramente. Mas, quando ele disse o nome de quem assim venerava, nome que o rumor de uma santidade tão eminente já havia propalado até seu meio, o assombro cedeu lugar à dor. Pareceu-lhes por demais lamentável terem destinado a tarefas tão vis um homem de tantos méritos, honrado pelo sacerdócio. Pinúfio, por sua vez, vertia abundantes lágrimas, pois atribuía à inveja do demônio a desgraça daquela traição.

Os irmãos, cingindo-o como uma guarda de honra, reconduziram-no a seu mosteiro, onde ele porém não se demorou quase nada. Sentindo-se de novo ofendido com os respeitos que lhe eram devidos pela primazia e a honra de que o revestiam, embarcou em segredo e rumou para a província da Síria, na Palestina. Como principiante e noviço, receberam-no no mosteiro em que estávamos, e o abade lhe ordenou habitar em nossa cela conosco. Mas também lá sua virtude e seus méritos não puderam ficar por muito tempo encobertos. Reconhecido como da primeira vez, foi ele de igual modo, com imensas demonstrações honoríficas, levado de volta para seu mosteiro, em meio a muitas manifestações de louvor, e forçado finalmente a ser o que havia sido.

2 - *Nossa chegada junto dele*

Quando o desejo de sermos instruídos na ciência dos santos, não muito tempo depois, levou-nos por nosso turno a

viajar para o Egito, pusemo-nos à sua procura, com sentimentos de uma grande afeição e uma imensa vontade de estar com ele, que nos recebeu com toda a benevolência e caridade, a ponto de honrar-nos, na condição de antigos companheiros, hospedando-nos também em sua cela, construída por ele no canto mais afastado de seu jardim.

Foi então que, tendo um irmão querido comprometer-se sob o jugo da regra, Pinúfio lhe deu, em presença de todos os monges reunidos, os sublimes e austeros ensinamentos relatados por mim, do modo mais sucinto possível, no quarto livro das *Instituições*.[2] Os cimos da verdadeira renúncia, desde aquele momento, pareceram-nos algo prodigioso e incompreensível. Não podíamos crer que nossa pequenez fosse algum dia capaz de se elevar tão alto. Abatidos e desencorajados, nem sequer tentávamos dissimular no semblante o amargor das idéias que nos assaltavam no íntimo. Tínhamos pois o espírito ansioso quando retornamos ao bem-aventurado ancião; e como ele, sem tardança, nos indagasse pela causa de tamanha tristeza, o abade Germano respondeu-lhe com um profundo suspiro:

3 - *Pergunta sobre a finalidade da penitência e o sinal de satisfação*

Tuas palavras, mostrando-nos uma doutrina desconhecida, acabam de apontar-nos o escarpado caminho da renúncia mais alta. Afastaram as nuvens que nos toldavam os olhos, por assim dizer, e indicaram como essa renúncia, em seu ápice, vai culminar no próprio céu. Quanto mais magnífica e sublime ela era, mais profundo se tornava porém o desespero ao

[2] Caps. 32-43.

qual sucumbimos. Se medimos a grandeza do alvo por nossas forças tão fracas, se comparamos a pouca elevação de nossa ignorância com a excelsitude infinita da virtude que nos apresentaste, não só nós nos sentimos totalmente incapazes de alcançá-la, como também nos vemos decaindo da própria posição em que estamos. Esmagados pelo peso de um desalento enorme, precipitamo-nos ainda mais para baixo de nossa habitual pequenez.

Só uma coisa, ímpar por seu valor, pode vir socorrer-nos para remediar tanta aflição: receber algumas luzes sobre a finalidade da penitência e, em particular, sobre o sinal de satisfação. Se pudéssemos certificar-nos da remissão dos nossos erros passados, teríamos mais ânimo para escalar os cimos da perfeição de que falaste.

4 - *Resposta referente à humildade de nossa indagação*

Pinúfio: Deleitam-me sobremaneira os copiosos frutos da humildade que observo em vós. Já me fora possível considerá-los outrora, não sem vivo interesse, quando fui hóspede de vossa cela, e por eles concebi justa estima. Hoje, é para mim grande alegria que com tanta admiração recebais a doutrina do último dentre os cristãos, o qual não possui talvez outro mérito senão a ousadia de suas próprias palavras. Não tendes menos zelo a aplicá-las, se não me engano, do que a proferi-las eu tenho. De fato, bem sei que o que ora digo, pois disso guardo boa lembrança, vós já fazeis, pondo na vida que levais a austeridade que ponho em minhas frases. Empenhai-vos em ocultar o mérito de vossa virtude, não obstante, como se nunca vos houvessem comunicado as coisas que praticais dia a dia. Entretanto essa modéstia, com a qual afirmais desconhecer as máximas dos santos, como se apenas ainda fôsseis

noviços, merece ser de todo louvada. Por isso é que pretendo expor concisamente, como ao meu alcance estiver, o que com tanto ardor postulais. Para atender às vossas ordens, porventura nossa familiaridade de outrora exigirá também que eu vá além do que posso, se se fizer necessário?

Muito foi dito, de viva voz ou por escrito, sobre o suplicante poder e o mérito da penitência. Mostraram-se suas imensas vantagens, a virtude e a graça que nela estão. Se for lícito afirmá-lo, de certo modo ela resiste a Deus, ofendido por nossos erros passados e pronto a infligir-nos o justo castigo por tantos crimes; como que a despeito da vontade divina, se posso exprimir-me assim, é ela que mantém em suspenso a mão de sua vingança. Mas estou certo de que vossa natural sabedoria e o estudo infatigável da Sagrada Escritura já vos tornaram familiares tais verdades que, quando de vossa jovem conversão, constituíram vosso alimento. De resto, não é pela natureza da penitência que tendes curiosidade, mas sim por sua finalidade e o sinal de satisfação.[3] Com rara sagacidade, fazeis com que vossa interrogação se concentre justamente nos pontos que outros deixaram de lado.

5 - *A regra da penitência e a prova do perdão*

A fim de satisfazer concisa e resumidamente o desejo estipulado em vossa pergunta, eis aqui a definição perfeita e plena da penitência: ela consiste em doravante não voltar a cometer os pecados dos quais nos arrependemos ou de que

[3] É muito importante reter isto. Toda a conferência tem por tema os meios de eliminar o que os teólogos chamam de *reliquiae peccati*, isto é, os afetos e disposições que o pecado deixa em sua esteira, e de chegar à perfeição da pureza. É isso que o autor toma por se achar plenamente satisfeito, e é então que o perdão é integral. Quanto à finalidade da penitência, contenta-se em defini-la (cap. 5). E consiste, pelo que diz, em não mais cometer os pecados dos quais nos arrependemos.

nossa consciência sente remorso. Por outro lado, o sinal de satisfação e perdão é ter tirado de nosso coração todo o apego a tais pecados. Cada qual deve saber, com efeito, que ainda não se encontra liberto de seus antigos pecados enquanto a imagem dos erros cometidos, ou de outros semelhantes, ainda se apresentar a seus olhos e, não digo o deleite, mas tão-só a recordação dos mesmos ainda lhe infestar os recessos da alma. Assim, quem é mantido sempre alerta pelo desejo de dar satisfação por seus pecados há de saber de sua absolvição e perdão por este sinal, qual seja, que nem a sedução nem a imagem deles não mais o atingirão.

Eis por que temos nós, em nossa consciência, um veríssimo examinador da penitência e a testemunha do perdão. Antes mesmo do dia da revelação e do juízo, enquanto permanecemos ainda nesta carne mortal, desvenda-nos ele a desobrigação de nossa dívida, manifesta-nos o termo da satisfação e a graça da remissão. E creiamos, para que assim eu me sintetize numa linguagem mais expressiva, que nossas máculas passadas são-nos enfim remidas quando nem o desejo nem as impressões das volúpias deste mundo encontrarem mais lugar em nosso coração.

6 - *Pergunta: Não é preciso rememorar os erros passados, para manter a compunção do coração?*

Germano: Mas de que fonte então tirar a santa e salutar compunção de um coração humilhado? Eis aqui as palavras, partidas dos lábios do penitente, com que a Escritura a descreve para nós: *Manifestei-te meu pecado e não encobri meu delito. Eu disse: "Confessarei ao Senhor minhas ofensas"* (Sl 31,5). Que direito teremos, por conseguinte, a redizer com verdade o que vem logo a seguir: *E tu perdoaste a culpa de meu*

pecado (id.)? Se banirmos de nosso coração a memória dos nossos pecados, como iremos, prosternados em prece, estimular-nos às lágrimas de uma humilde confissão, para merecer obter perdão por nossos crimes, segundo esta palavra: *Todas as noites, inundo de pranto minha cama, rego com lágrimas meu leito* (Sl 6,7). O Senhor não ordena, pelo contrário, que invariavelmente a guardemos, quando diz: *Já não me lembro dos teus pecados. Aviva-me a memória* (Is 43,25-26)?

Em vista disso, não é tão-só no trabalho, mas até mesmo na oração, que intencionalmente me empenho para transportar meu espírito à lembrança de meus erros. Por esse método, inclinado de modo mais eficaz à humildade verdadeira e à contrição do coração, ousarei então dizer com o profeta: *Vê minha miséria e tribulação e perdoa-me todos os pecados!* (Sl 24,18).

7 - *Até que momento convém se lembrar de seus pecados passados*

Pinúfio: Tal pergunta, como antes já observei, não tinha por objeto a natureza da penitência, mas sim sua finalidade e o sinal de satisfação. Parece-me que já lhe dei uma resposta cabível e, no tocante à razão, satisfatória.

Quanto à lembrança dos pecados, de que falas agora, ela é por certo muito útil e até se torna necessária, mas para aqueles que ainda fazem penitência e, batendo no peito, sem cessar exclamam: *Pois reconheço meus delitos e tenho sempre presente o meu pecado* (Sl 50,5), ou: *Estou aflito em razão do meu pecado* (Sl 37,19). Enquanto durar a penitência, portanto, e ainda sentirmos remorso por nossos atos viciosos, é preciso que as lágrimas de uma humilde confissão de culpa, caindo como chuva na alma, aí apaguem o fogo que nossa consci-

ência acendeu. Porém, quando já tivermos ficado por muito tempo nessa humildade de coração e contrição de espírito, dados sem trégua ao labor e aos gemidos, e a lembrança do mal cometido adormecer, eis que o espinho do remorso, por graça da divina misericórdia, é arrancado da medula da alma, sendo esse o sinal inequívoco de que chegamos ao termo da satisfação; ganhamos pois o perdão; todo a nódoa dos delitos de outrora está purgada.[4]

Pensando bem, não há outro caminho para atingir esse esquecimento, a não ser a abolição dos vícios e paixões de nossa vida primeira – uma pureza de coração perfeita e íntegra. Sem dúvida alguma, ninguém que negligencie corrigir seus vícios, por indolência ou por desprezo, jamais irá obtê-lo, pois isso se reserva apenas a quem, à força de gemidos, de suspiros e de uma santa tristeza, houver reduzido até o mais tênue vestígio suas manchas passadas e, em toda a verdade, do fundo de sua alma puder clamar ao Senhor: *Manifestei-te meu pecado e não encobri meu delito* (Sl 31,5); e também: *As lágrimas são meu pão, dia e noite* (Sl 41,4). Conseqüentemente, aqui está a resposta que ele merecerá ouvir: *Reprime o teu pranto e as lágrimas de teus olhos! Porque há uma recompensa para o teu trabalho – assim diz o Senhor* (Jr 31,16). E a voz divina lhe dirá ainda: *Dissipei como névoa as tuas revoltas e como nuvens os teus pecados* (Is 44,22); e: *Eu, sim, eu cancelei as tuas revoltas em atenção a mim, e de teus pecados já não me quero lembrar* (Is 43,25). Assim, desenredado *de suas próprias maldades, dos laços da culpa* que captura (Pr 5,22), ele entoará ao Senhor este cântico de ação de graças: *Porque rompeste meus grilhões, oferecer-te-ei um sacrifício de louvor* (Sl 115,16-17).

---

[4] Como observa Gazet, Cassiano ouve falar apenas de uma certeza moral, fundamentada em razoáveis indícios.

8 - *Dos diversos frutos de penitência*

Além da comum graça do batismo e do preciosíssimo dom do martírio, que se obtém por efusão de sangue, há ainda numerosos frutos de penitência, pelos quais se chega à expiação de seus crimes. A salvação eterna, de fato, não é prometida apenas à penitência propriamente dita, da qual falava o bem-aventurado apóstolo Pedro: *Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, a fim de que sejam apagados os vossos pecados* (At 3,19), e que João Batista e depois o próprio Senhor tinham pregado: *Arrependei-vos, porque o reino dos céus está próximo* (Mt 3,2). Também a caridade faz desaparecer os pecados que se avolumam: *A caridade cobre uma multidão de pecados* (1Pd 4,8). Também a esmola propicia um remédio para nossas feridas, pois *A água extingue o fogo flamejante, e assim a esmola expia os pecados* (Eclo 3,30). E também as lágrimas, em profusão, podem lavar as manchas dos delitos, pois que o profeta exclama: *Todas as noites, inundo de pranto minha cama, rego com lágrimas minha cama* (Sl 6,7), e a seguir acrescenta, para mostrar que não chorou em vão: *Afastai-vos de mim, malfeitores, porque o Senhor ouviu a voz de meu pranto!* (Sl 6,9). Além disso, a confissão que se faz dos próprios crimes tem o dom de apagá-los: *Eu disse: "Confessarei ao Senhor minhas ofensas", e tu perdoaste a culpa de meu pecado* (Sl 31,5); e: *Conta-me tu tuas iniqüidades, a fim de seres justificado* (Is 43,26). Obtém-se de igual modo a remissão do mal que se tenha praticado pela aflição do coração e do corpo: *Vê minha miséria e tribulação e perdoa-me todos os pecados!* (Sl 24,18) e principalmente pela correção dos costumes: *Tirai a maldade de vossas ações de minha frente. Deixai de fazer o mal! Aprendei a fazer o bem! Procurai o direito, corrigi o opressor. Julgai a causa do órfão, defendei a viúva. Vinde, debatamos – diz o Senhor. Ainda que vossos pecados*

sejam como púrpura, tornar-se-ão brancos como a neve. Se forem vermelhos como o carmesim, tornar-se-ão como lã (Is 1,16-18). É a intercessão dos santos, por vezes, que garante o perdão por nossos erros: *Se alguém vir o irmão cometer um pecado que não leva à morte, ore e alcançará a vida para os que não pecam para a morte* (1Jo 5,16). E ainda: *Há algum enfermo? Mande, então, chamar os presbíteros da Igreja, que façam oração sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor. A oração da fé salvará o enfermo e o Senhor o levantará e, se tiver cometido pecado, será perdoado* (Tg 5,14-15). Noutras circunstâncias, é o mérito da misericórdia e da fé que reduz a nódoa de nossos vícios, segundo esta palavra: *Expiam-se os pecados pela misericórdia e a fé* (Pr 16,6). Com muita freqüência, é também a conversão e a salvação daqueles que por nossa pregação e conselhos são reconduzidos ao bem: *Saiba que salvará uma alma da morte e cobrirá uma multidão de pecados todo aquele que converter um pecador do caminho desviado* (Tg 5,20). Enfim, o esquecimento e o perdão que concedemos aos outros nos tornam dignos de ser perdoados por nossas próprias más ações: *Porque, se perdoardes aos homens suas ofensas, o Pai celeste também vos perdoará* (Mt 6,14).

Vedes pois quantas entradas para a sua misericórdia a clemência do Salvador nos abriu, a fim de que nenhum daqueles que desejam a salvação se deixe abater pelo desânimo, quando tantos remédios o intimam à vida. Alegais que vossa fraqueza vos impede de apagar os pecados pela aflição do jejum? Não podeis então dizer: *Jejuei tanto que meus joelhos se dobram, e sem óleo minha carne emagrece* (Sl 108,24)*; pois comi cinza por pão, e misturei ao que bebi minhas lágrimas* (Sl 101,10)? Por vossas larguezas, por vossas esmolas, redimi-os. Nada tendes que dar aos indigentes? Os extremos do apu-

ro pecuniário e da pobreza a ninguém porém impedem tal boa ação: aos magníficos donativos dos ricos, foram preferidas as duas pequeninas moedas da viúva (cf. Lc 21,1-2), e o Senhor promete recompensar até mesmo um copo de água fresca (cf. Mt 10,42). Mas certamente vos podeis purificar pela correção dos vossos costumes. Se adquirir a perfeição das virtudes, pela extinção de todos os vícios, vos parecer tarefa impossível, dedicai então vossos piedosos cuidados à salvação de outrem.

Lamentais não serdes capazes desse ministério? Cobri pois vossos pecados com os sentimentos da caridade. Se houver em vós certa indolência de espírito que também quanto a esse ponto vos torne frágeis, rebaixai-vos e, com afetos de humildade, implorai pela prece e a intercessão dos santos o remédio para vossas feridas. Quem não pode dizer, enfim, em tom de fervorosa súplica: *Manifestei-te meu pecado e não encobri meu delito* (Sl 31,5), para que mereça, por essa profissão, acrescentar a seguir: *E tu perdoaste a culpa de meu pecado* (id.)? A vergonha vos retém? Enrubescei-vos de revelar vossos pecados em presença dos homens? Nem por isso deixeis de confessá-los, com incessantes súplicas, Àquele a cujo olhar eles não poderão escapar, dizendo-lhe: *Reconheço meus delitos e tenho sempre presente o meu pecado. Contra ti, só contra ti pequei, pratiquei o mal diante de teus olhos* (Sl 50,5-6). É ele que nos cura, poupando-nos à vergonha de divulgar nossos erros, e que, sem nos criticar por eles, perdoa os nossos pecados. Além desse meio de salvação tão seguro e acessível, a divina bondade nos concede um outro, ainda mais fácil, deixando por conta de nosso arbítrio o remédio que nos socorre. Nossos próprios sentimentos, nesse caso, são a medida do perdão por nossos crimes, quando dizemos: *Perdoa-nos nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos ofenderam* (Mt 6,12).

Qualquer um que deseje chegar à indulgência por seus erros tem aqui pois os meios, bastando-lhe apenas estudar-se para adequar-se a eles. Que ninguém venha a tornar ineficaz, pela obstinação de um coração endurecido, um remédio tão salutar, que ninguém se feche à transbordante fonte preparada por tamanha bondade! Porque, nem mesmo se fizéssemos todas as obras que acabam de ser enumeradas, seriam elas suficientes para expiar nossos crimes: é à bondade do Senhor, é à sua clemência, que compete apagá-los. Contudo, assim que ele descobre em nós alguns sinais de nossos sentimentos religiosos, o sacrifício que uma alma suplicante oferta, logo recompensa com desmedida liberalidade esses esforços pobres e fracos: *Eu sim,* diz ele, *eu cancelei as tuas revoltas em atenção a mim, e de teus pecados já não me quero lembrar* (Is 43,25).

Eis aí portanto a disposição da qual, logo de início, se convém revestir. Em seguida, os jejuns cotidianos, a mortificação do espírito e do corpo obterão a graça da satisfação, porque, segundo o que está escrito, *não há remissão sem efusão de sangue* (Hb 9,22). E não injustamente. Com efeito, *a carne e o sangue não podem possuir o reino de Deus* (1Cor 15,50). Quem retiver *a espada do espírito, que é a palavra de Deus* (Ef 6,17), para impedir essa efusão de sangue, conseqüentemente há de incorrer, sem dúvida alguma, na maldição de Jeremias: *Maldito o que priva de sangue sua espada* (Jr 48,10). São os golpes salutares dessa espada que deitam fora o sangue corrompido, seiva viva do pecado. É ela que poda e corta todas as vegetalidades carnais e terrenas que encontra em nossa alma, fazendo-nos morrer para o vício a fim de viver para Deus, no vigor das virtudes espirituais. Desde então, não é mais a lembrança dos pecados cometidos, mas sim a esperança das alegrias futuras, que leva o monge a derramar suas lágrimas. O espírito, voltado mais

para as alegrias futuras do que para os males passados, já não pranteia de desgosto por seus erros, mas sim de alegria pelo eterno gáudio. *Esquecendo o que fica para trás*, ou seja, os vícios carnais, ele se lança *em perseguição do que fica para a frente* (Fl 3,13), ou seja, os dons e virtudes espirituais.

9 - *É útil aos perfeitos esquecer seus pecados*

Quanto ao que ainda há pouco dizias, que guardas propositadamente a memória de teus pecados passados, isso é algo que se deve evitar de todo. Mais ainda, se tal lembrança insinuar-se em nós, contra nossa própria vontade, convém, de imediato, expulsá-la. É que ela tem muita força, em particular num solitário, para fazer com que a alma se retraia da contemplação da pureza, envolvendo-a no que há de sordidez no mundo, onde a infecção dos vícios lhe tira a respiração. Pretendes repassar em teu espírito os erros que por ignorância ou lascívia cometeste, seguindo o príncipe do século? Reconheço de bom grado que não serás afetado, quando de um tal pensamento, por seu pernicioso deleite. Assegura-te porém de que o mero contágio da gangrena de outrora há de inevitavelmente infectar de fetidez tua alma, dissipando a espiritual fragrância das virtudes, ou seja, a suavidade dos bons odores. Tão logo bata no espírito a lembrança de nossos vícios passados, evitemo-la pois, como um homem virtuoso e grave, na via pública, esquiva-se da cortesã despudorada e atrevida que se aproxima para tentá-lo com palavras ou enleios. Se ele não se safar rapidamente desse desonroso contato, se parar, por um momento que seja, para confabular com ela, seu bom renome, mesmo que o homem se abstraia de qualquer consentimento ao mal, não deixará de ser afetado no julgamento dos passantes, que certamente o crivarão de censuras. Por conseguinte, é preciso

que nós, quando uma lembrança malsã nos arrastar a pensamentos dessa natureza, deles nos afastemos às pressas. Atenderemos desse modo ao preceito de Salomão, que diz: *Sai logo, não te atardes onde mora a mulher insensata, nem mesmo olha para ela* (Pr 9,18). Se assim não for, os anjos, passando ao largo e vendo-nos entregues a idéias vergonhosas e impuras, não poderão dizer-nos: *A bênção do Senhor esteja convosco!* (Sl 128,8). É de todo impossível que a alma se ligue a bons pensamentos, se ela se degradar, em sua própria parte principal, por indignas cogitações terrenas. A palavra de Salomão é verdadeira: *Teus olhos verão coisas estranhas e teu coração dirá disparates. Serás como alguém deitado em alto-mar ou deitado no alto de um mastro. "Feriram-me... e eu nada senti! Bateram-me... e eu nada percebi!"* (Pr 23,33-35).

Por isso é que, distanciando-nos de todo mau pensamento e, mais ainda, de todo pensamento terreno, devemos sempre elevar a atenção da alma para as coisas celestes, segundo esta sentença de nosso Salvador: *Onde eu estiver, estará também meu servo* (Jo 12,26). De fato, ocorre com bastante freqüência, quando pessoas inexperientes retornam mentalmente às suas próprias quedas, ou a escorregadelas alheias, como que para deplorá-las, que a sutil ponta do mau consentimento as fira e que aquilo que havia começado sob coloração de piedade termine numa obscenidade culposa: *Há caminhos que para alguns parecem retos, mas no fim conduzem à morte* (Pr 16,25).

10 - *Deve-se evitar a lembrança dos pecados vergonhosos*

Daí decorre que é mais por apetite de virtude e desejo pelo reino dos céus do que pela funesta recordação dos vícios que devemos estimular-nos a uma louvável compunção. É ine-

vitável sermos sufocados pela fetidez que emana de uma cloaca, se acima dela, a remexer em sua imundície, nós nos atardarmos.

11 - *Do sinal de satisfação; da abolição dos pecados passados*

Já dissemos várias vezes que há um sinal que finalmente permite darmo-nos por satisfeitos quanto aos nossos pecados, qual seja, que os movimentos e afetos que nos fizeram cometê-los tenham desaparecido de vez de nosso coração. Assim pois, ninguém deve se gabar de obter tal resultado, antes de haver suprimido, com todo o fervor de seu espírito, o que causou ou deu oportunidade às suas quedas. Se alguém caiu, por exemplo, por perniciosa familiaridade com mulheres, em fornicação ou adultério, que passe então a evitar, com o máximo de cuidado, até mesmo seu aspecto. Se se deixou levar por excessos de vinho ou de comida, que conseqüentemente reprima, por uma rigorosa austeridade, as seduções da mesa e da crápula. Se talvez foi induzido ao perjúrio, ou a roubo e ao homicídio, pelo desejo e uma paixão por dinheiro, é mister manter longe os objetos que, abrasando-lhe a avareza, o atraíram para a armadilha. Enfim, já que é o vício da soberba que o impele à cólera, deve ele arrancar pela raiz todo orgulho, por uma profunda virtude de humildade. E o mesmo se aplica a cada vício: para que se possa extingui-lo, primeiramente há que podar a causa e a oportunidade que lhe serviram de princípio ou de fim. Com esse tratamento, chegar-se-á, por certo, ao esquecimento dos erros.

12 - *Como só há um tempo para a penitência, e como ela pode não ter fim*

No entanto a doutrina que eu acabo de expor, sobre o

esquecimento dos pecados, não se refere senão aos que são pecados mortais, já condenados pela lei mosaica. Nosso bom sistema de vida bane ou extingue seus afetos, e é por isso que a penitência que por eles se faz pode ter fim.

No tocante àquelas mínimas faltas, em que *o justo, ainda que caia sete vezes, levantar-se-á* (Pr 24,16), sempre haverá do que se penitenciar. Pois que dia a dia, com freqüência, nós as cometemos, voluntária ou involuntariamente, por ignorância ou descuido, por palavras ou em pensamento, por surpresa ou impulso, pela fragilidade da carne e as poluções do sono. É por faltas dessa natureza que Davi implora ser purificado e perdoado, quando ora ao Senhor nestes termos: *Quem pode discernir os próprios erros? Purifica-me das faltas escondidas! Preserva também o teu servo do orgulho, para que ele nunca me domine* (Sl 18,13-14). O Apóstolo, por seu turno, afirma: *Não faço o bem que quero e sim o mal que não quero* (Rm 7,19). E logo, sempre sobre o mesmo tema, num suspiro ele exclama: *Infeliz de mim! Quem me livrará deste corpo de morte?* (Rm 7,24). É tão fácil nós incorrermos nessas faltas, que se diria que isso é uma lei natural. Não há como assim evitá-las completamente, por mais circunspectos e vigilantes que a seu respeito sejamos. Um dos discípulos, o que era amado por Jesus, disso deu uma definição taxativa, quando afirmou: *Se dizemos que em nós não há pecado, enganamos a nós mesmos e a verdade não está conosco. Se dizemos que não pecamos, chamamos Deus de mentiroso e sua palavra não está conosco* (1Jo 1,8 e 10).

Por conseguinte, é pouco, para quem deseja atingir o cimo de perfeição, ter chegado até o fim da penitência, ou seja, abster-se das coisas proibidas. É imprescindível que ele,

sem se cansar da caminhada, dirija suas energias todas para a prática das virtudes que levam aos sinais de satisfação. Não basta nos mantermos imunes aos mais sórdidos erros, que são abomináveis ao Senhor, se não adquirirmos, pela pureza de coração e a perfeição da caridade ensinada pelo Apóstolo, o bom odor das virtudes, que ao Senhor causa deleite.

Aqui terminam as palavras do abade Pinúfio sobre a finalidade da penitência e o sinal de satisfação. Muito insistiu ele conosco, e com grande solicitude, para nos convencer a continuar em seu mosteiro. A fama do deserto de Cétia nos externava todavia um convite, e assim, não tendo como nos reter, ele se despediu.

XXI

PRIMEIRA CONFERÊNCIA DO ABADE TEONAS

Do Repouso de Pentecostes

1 - *Como foi a visita de Teonas ao abade João*

Antes de passar a desenvolver a presente conferência, por nós assistida com o ilustre abade Teonas, um breve relato dos primórdios de sua conversão me parece ser necessário. O mérito e a graça desse grande homem tornar-se-ão assim, para o leitor, mais evidentes.

Estava ele ainda em plena adolescência quando seus pais, tomados de grande zelo, valeram-se da autoridade que tinham para impor-lhe os vínculos do casamento. A religião paterna, preocupada com a sua inocência, precavia-se assim em relação ao futuro, já que os pais, temerosos dos funestos atrativos que a idade crítica poderia trazer, julgaram bem proceder ao tratar de evitar-lhe, com uma união legítima, as paixões da juventude. Vivia pois com sua esposa, havia já cinco anos, quando um dia foi visitar o abade João, que pelo mérito de uma maravilhosa santidade se elegera, naquela época, para presidir a diaconia.

---

[1] Sabe-se que, para os antigos, esta palavra designa os cinqüenta dias que vão da festa de Páscoa à de Pentecostes.

Tal dignidade, de fato, não fica posta ao alcance de uma iniciativa pessoal ou da ambição do primeiro que chegar: o costume é a ela promover quem a assembléia dos anciãos designa, quer pela prerrogativa da idade, quer pela comprovação de sua fé e virtudes, como o melhor e o mais apto. Foi então ao bem-aventurado João, como eu ia dizendo, que o fervor de uma pia devoção conduziu o jovem Teonas. Levava algumas oferendas religiosas, misturado a um grupo de proprietários de terras que rivalizavam pelo desvelo em presentear, com o dízimo ou com as primícias de suas safras, o bondoso ancião. Quando esse viu tanta gente que afluía, trazendo-lhe donativos tão ponderáveis, quis recompensá-los por sua devoção e, a exemplo do que diz o Apóstolo, deu-se ao dever de semear bens espirituais naqueles cujos bens materiais recolhia (cf. 1Cor 9,11). Fez-lhes portanto a exortação que se segue.

2 - *Exortação do abade João a Teonas e aos outros vindos com ele*

É com grande prazer, meus filhos, que vejo a pia generosidade de que vossos presentes são a prova cabal, alegrando-me sobremaneira receber essas oferendas devotas cuja distribuição me é confiada. Nisso bem se patenteia, de fato, como um sacrifício de suave odor, vossa fidelidade em dar a Deus as primícias e o dízimo do que vos pertence, para atender às necessidades dos indigentes. Por outro lado, certificai-vos de que o restante de vossas colheitas e haveres, donde tomais para o Senhor esta parte, serão largamente abençoados, devido à vossa generosidade, e de que ainda neste mundo vos será prodigalizada a mais completa abundância de bens, segundo a promessa expressa no mandamento divino: *Honra o Senhor com a tua riqueza, com as primícias de tudo o que ganhares,*

e os teus celeiros se encherão de trigo, os teus lagares transbordarão de vinho (Pr 3,9-10). Sabei que, ao cumprirdes fielmente com esta devoção, consumais toda a justiça da antiga Lei; mas lembrai-vos também de que aqueles que foram submetidos a ela, se incorriam inevitavelmente em pecado ao transgredi-la, não podiam todavia chegar, só por cumpri-la, ao cúmulo da perfeição.

3 - *Da oferta dos dízimos e das primícias*

Por preceito do Senhor, os dízimos eram consagrados ao usufruto dos levitas, cabendo aos sacerdotes as oblações e as primícias (cf. Nm 18,26;5,9-10).

Quanto às primícias, eis aqui qual era a regra: devia-se oferecer, para o serviço do Templo e dos sacerdotes, a qüinquagésima parte dos animais e dos frutos. Mas, à medida que os tíbios diminuíam tal parcela, por infidelidade, e que os devotos a aumentavam, chegou-se a um ponto em que uns pagavam a sexagésima parte de suas safras, pagando outros, por seu turno, apenas a quadragésima. É que os justos, aos quais a Lei não se destina (cf. 1Tm 1,9), provam que sob a Lei não estão quando, não satisfeitos de pôr em prática a justiça da Lei, esforçam-se ainda por ultrapassá-la. Sua devoção é superior ao mandamento, e eles, levando a extremos a observância do preceito, de bom grado acrescentam mais uma parte ao que é estritamente devido.

4 - *Abraão, Davi e os demais santos foram além dos mandamentos da Lei*

Assim é que Abraão ultrapassa os preceitos que um dia a Lei iria impor. Após triunfar sobre quatro reis, torna a

trazer para Sodoma o butim que haviam pilhado. Sua vitória dava-lhe legítimo direito a esses bens, tanto assim que o próprio rei de Sodoma, a quem pertenciam os despojos, suplicantemente os oferece a ele. Mas Abraão, sem nem querer tocar nos bens em questão, invoca o nome de Deus por testemunha e exclama: *Levanto minha mão para o Senhor, o Deus Altíssimo, Criador do céu e da terra, e juro: nem um fio nem uma correia de sandália nem coisa alguma tomarei do que é teu* (Gn 14,22-23).

Assim é que Davi, por sua vez, mais longe vai do que a Lei ordena. Moisés queria que a seus inimigos fosse dado de volta o talião (cf. Ex 21,24). Mas Davi não o fez e, mais ainda, envolveu em dileção os que o perseguiam, como que em luto chorou por sua morte e vingou-a (cf. 1Sm 1,1-17), ao mesmo tempo em que orava ao Senhor por eles, tomado de grande compaixão.

Assim temos ainda a prova de que nem Elias nem Jeremias estiveram sob a Lei; pois ambos preferiram perseverar na virgindade, embora legítima e irrepreensivelmente pudessem recorrer ao casamento.

E assim Eliseu, como os outros que lhe imitaram a vida, foi mais além dos mandamentos de Moisés. É deles que diz o Apóstolo: *Andaram errantes, cobertos com peles de ovelha e de cabra, necessitados, atribulados, maltratados. Eles, de quem o mundo não era digno, andaram perdidos nos desertos e montes, nas cavernas e covas de terra* (Hb 11,37-38).

Que direi eu dos filhos de Jonadab, filho de Recab? Lemos que ao profeta Jeremias, o qual, por ordem do Senhor, lhes oferece vinho, eles respondem: *Nós não bebemos vinho, pois nosso pai Jonadab, filho de Recab, nos deu esta ordem:*

"Jamais bebereis vinho, nem vós, nem vossos filhos; da mesma forma, não construireis casas, nem semeareis, nem plantareis vinhas, nem possuireis nenhuma dessas coisas; mas durante toda a vossa vida habitareis em tendas para que vivais longos dias" (Jr 35,6-7). O que os leva a ouvir da boca daquele mesmo profeta: *Por isso, assim diz o Senhor todo-poderoso, o Deus de Israel: "Não faltará a Jonadab, filho de Recab, um descendente, que estará diante de mim todos os dias!"* (Jr 35,19).

Nenhum desses se contentou em ofertar o dízimo daquilo que possuía; todos porém, renunciando até mesmo a seus domínios, ofertaram a Deus sua pessoa e a alma, pela qual o homem não tem compensação a dar, tal como o Senhor o atesta no Evangelho: *Que dará o homem em troca da sua alma?* (Mt 16,26).

5 - *Os que vivem sob a graça do Evangelho devem ultrapassar os mandamentos da Lei*

Por isso, bem devemos saber, nós de quem não é mais a observância da Lei que se exige, mas em cujos ouvidos a palavra evangélica clama a cada dia: *Se quiseres ser perfeito, vai, vende tudo que tens, dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus; depois vem e me segue* (Mt 19,21), que, quando ofertamos a Deus o dízimo de nossos bens, de algum modo nos mantemos sob o jugo da Lei; não chegamos ainda à sublime perfeição do Evangelho, que não somente concede a seus fiéis os benefícios da vida presente, como também os gratifica com as recompensas por vir. De fato, o prêmio que a Lei promete aos que observarem seus preceitos não é o reino dos céus, mas sim as consolações desta vida, quando diz: *Quem os cumprir encontrará neles a vida* (Lv 18,5). No entanto o Senhor diz a seus discípulos: *Felizes os que têm espírito de pobre, porque deles é o reino dos*

céus (Mt 5,3); e: *Ninguém que deixou mulher, irmãos, pais ou filhos por amor do reino de Deus deixará de receber neste mundo muito mais e, no mundo futuro, a vida eterna* (Lc 18,29-30). E não injustamente: há menos glória em se abster das coisas proibidas do que em renunciar também às que são lícitas e não usá-las jamais, por reverência Àquele que permitiu essa amplitude à nossa enfermidade.

Assim pois, se até mesmo os que obedecem aos antigos preceitos do Senhor, ofertando fielmente o dízimo de seus frutos, ainda não podem galgar os cimos do Evangelho, vedes claramente a que distância se encontram os que nem sequer chegam a tanto. Esses, que desdenham cumprir com os próprios preceitos, muito mais acessíveis, da Lei antiga, como haverão de ser partícipes da graça evangélica? É o tom imperioso do Legislador que atesta essa facilidade dos preceitos antigos. Não chega ele até a ameaçar de maldição quem não os satisfizer, quando exclama: *Maldito seja quem não cumprir as palavras desta Lei, pondo-as em prática* (Dt 27, 26)? Hoje em dia, pelo contrário, tal é a sublimidade, tal a excelência dos mandamentos, que nos é dito simplesmente: *Quem puder entender que entenda* (Mt 19, 12). Outrora, a enérgica intimação do Legislador indicava a parcimônia das prescrições, pois que ele diz, de fato, aos que não guardassem os mandamentos do Senhor: *Eu tomo hoje o céu e a terra como testemunhas contra vós: sereis depressa e completamente exterminados da face da terra...* (Dt 4,26). A magnificência e sublimidade dos novos mandamentos coloca-se em termos condicionais, sendo mais uma exortação do que uma ordem: *Se quiseres ser perfeito, vai* (Mt 19,21), faze isto ou aquilo. Moisés impõe, mesmo aos recalcitrantes, um fardo inescusável; já São Paulo se apresenta com um conselho, e tão-só para os que a

querem e à perfeição se apressam.

Não convinha transformar em um preceito genérico, nem, se assim posso dizer, exigir de todos como se isso fosse a regra, o que não se acha indistintamente ao alcance de todos, devido à sua sublimidade admirável. É preferível que haja, e à guisa de conselho, uma simples convocação à graça. Dessa forma, os fortes têm meios de obter a coroa da virtude perfeita, ao passo que os fracos, que não conseguem se pôr *de acordo com a idade madura da plenitude de Cristo* (Ef 4,13), apesar de parecerem eclipsados pelo brilho dos primeiros, como por astros maiores, não obstante escapam às trevas das maldições da Lei, não sendo abandonados aos presentes males nem condenados ao suplício eterno. Cristo portanto não constrange ninguém, pela necessidade do preceito, a se elevar ao cume excelso das virtudes, mas a isso provoca nosso livre arbítrio, incita-nos pela bondade de seu conselho, inflama-nos pelo desejo de perfeição. Onde há preceito, de fato, há necessidade e, por conseqüência, em caso de falha, castigo. Mas também os que observam tão-só o mínimo, ao qual são forçados pela severidade de uma lei categórica, mais evitam a pena com que ela os ameaçava do que ganham recompensa.

6 - *Como a graça do Evangelho, conduzindo os perfeitos para o reino dos céus, misericordiosamente socorre os fracos*

Assim é que a palavra do Evangelho é capaz de alçar os fortes ao que há de mais sublime e elevado, sem todavia impor aos fracos precipitar-se no que há de mais baixo. Se conduz os perfeitos à plenitude beatífica, aos que se deixam vencer pela fragilidade concede o perdão.

Já a Lei impôs aos que obedeciam às suas disposições,

em determinado ambiente, um meio-termo tão distante da glória dos perfeitos quanto da danação dos transgressores. Uma simples comparação tomada às coisas do mundo permite ver quão miserável e ínfima é essa condição. Com efeito, não é um destino deplorável consumir-se em labores e cuidados, com a única perspectiva de não passar por criminoso entre pessoas honestas, sem que se possa pretender à riqueza, à honorabilidade ou à glória?

7 - *Viver sob a graça do Evangelho ou sob o terror da Lei está em nosso poder*

Está portanto em nosso poder, hoje, viver sob a graça do Evangelho ou sob o terror da Lei: a qualidade de nossos atos nos enfileira neste ou naquele partido. Ou bem ultrapassamos a Lei, e a graça do Cristo nos acolhe, ou bem somos inferiores à Lei, e ela nos retém como seus devedores e súditos. Sendo impossível atingir a perfeição evangélica como violador dos preceitos legais, não há razão então para que alguém se gabe de ser cristão e se ter tornado livre pela graça do Senhor.

E não é somente aquele que se nega a cumprir o preceituado pela Lei que se deve considerar que sempre está sob a Lei, mas também aquele que, satisfeito de observar o que ela ordena, não dá os frutos dignos da vocação e da graça cristãs. Pois o Cristo não nos diz: *Não atrasarás a oferta de tua colheita e de teu lagar* (Ex 22,28), mas sim: *Vai, vende tudo que tens, dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus; depois vem e me segue* (Mt 19,21). Tal é ainda a grandeza da perfeição cristã que, quando um discípulo pede para enterrar seu pai, nem o brevíssimo espaço de uma hora lhe chega a ser concedido, e a virtude do amor divino passa à frente do dever da afeição hu-

mana (cf. Mt 8,21ss).

8 - *Como Teonas exortou sua esposa a também se dar à renúncia*

Ao ouvir essa preleção, o bem-aventurado Teonas sentiu acender-se nele um desejo inextinguível de perfeição evangélica: a semente da palavra caíra em seu coração como numa terra bem fértil, arada por sulcos muito profundos. Algo em particular o comovia e humilhava: além de não ter ainda atingido a perfeição evangélica, pelo que o ancião lhe dissera, mal tinha ele satisfeito as exigências da Lei. Embora acostumado a ir pagar todos os anos, na diaconia, o dízimo de seus bens, nunca sequer ouvira falar sobre as primícias, e isso o levava às lágrimas. Mesmo que tivesse sido fiel quanto a esse ponto, de resto, como quanto ao primeiro, humildemente ele reconhecia que ainda assim estaria muito longe da perfeição, segundo as declarações do ancião.

Ei-lo pois que volta para casa, traspassado até o fundo do coração por aquela tristeza que produz arrependimento salutar e duradouro (cf. 2Cor 7,10). Não mais duvidando de suas próprias intenções, que ele sente que estão bem definidas, dirige sua solicitude e atenções para a salvação da esposa. Tentava nela estimular, retomando as exortações do abade João, o mesmo e forte desejo de que já estava imbuído. Dia e noite, em lágrimas, recomendava-lhe o santo propósito de servir a Deus de comum acordo, na continência e em castidade. Dizia que não convinha adiar a conversão a uma vida melhor, pois que as vãs esperanças da juventude não nos põem ao abrigo dos golpes súbitos da morte, que vemos arrebatar igualmente, junto com os velhos, até a infância, a puberdade e a adolescência.

9 - *Como, ante a recusa de sua esposa, rapidamente ele foi para o mosteiro*

Apesar de seus contínuos apelos, a esposa se mantinha inflexível. Dizia que não, que não podia, na flor da idade, se abster do marido e que, se o abandono a fizesse incorrer em algum erro, a culpa seria dele, por ter rompido o vínculo do casamento.

Em resposta, ele alegava a condição da natureza humana, tão incerta e tão frágil: como seria arriscado permanecer envolvidos por mais tempo nos desejos e obras da carne! E acrescentava que a ninguém era lícito colocar uma barreira entre sua própria pessoa e o bem já reconhecido como infinitamente digno de ser abraçado; que havia mais perigo, ademais, em desprezar o bem conhecido do que em não o amar, incógnito. Já não se achava ele mesmo em prevaricação, desde que, tendo descoberto bens tão preclaros e celestes, ainda dava preferência aos terrestres e sórdidos? A qualquer idade, a qualquer sexo, convinham as grandezas da perfeição. De fato, todos os membros da Igreja eram instados a galgar as alturas das mais sublimes virtudes: *Correi*, disse o Apóstolo, *para que alcanceis o prêmio* (1Cor 9,24). As demoras dos apáticos e dos indecisos não deviam jamais ser um empecilho para o resoluto ardor dos entusiastas. Não era justo que os que iam na frente arrastassem consigo os indolentes, antes de ver a caminhada entravada por seu peso morto? Além do mais, já estava tomada sua decisão de renunciar ao século e morrer para o mundo, a fim de viver para Deus; caso ele não pudesse obter a felicidade de ser admitido com sua companheira na sociedade de Cristo, achava melhor salvar-se com um membro a menos, entrando mutilado no reino dos céus, do que condenar-se com

seu corpo inteiro (cf. Mt 5,30).

A essas, somou ainda outras razões. Se Moisés permite à dureza de coração despedir a esposa (cf. Mt 19,8), por que o Cristo não concederia tal privilégio ao desejo de castidade? A Lei e, após ela, até mesmo o Senhor não prescreveram que as outras afeições de família, o amor de um pai, da mãe, dos filhos, fossem mantidas em grande reverência? Não obstante o próprio Senhor declarou ser necessário, em prol de seu nome e do desejo de perfeição, não somente renunciar às mesmas, mas também odiá-las. E ele incluía entre elas o amor conjugal: *Todo aquele que abandonar casa e irmãos ou irmãs, pai e mãe* ou mulher *ou filhos e campos por amor de meu nome receberá cem vezes mais e possuirá a vida eterna* (Mt 19,29). Assim pois, estava tão pouco propenso a tolerar qualquer comparação com a perfeição que pregava, que queria ver-nos quebrar e repelir por seu amor até mesmo os laços sagrados que nos unem a pai e mãe e são, segundo o Apóstolo, objeto do primeiro mandamento, ao qual se prometeu recompensa: *Honra teu pai e tua mãe: é o primeiro mandamento, seguido de uma promessa: para que passes bem e tenhas uma longa vida na terra* (Ef 6,2-3). Parecia portanto por demais evidente que, se o Evangelho condenava quem rompe o vínculo do casamento, exceto em caso de adultério (cf. Mt 5,32), prometia também o cêntuplo a quem sacode o jugo da carne por amor ao Cristo e ao desejo de castidade.

Por conseguinte, continuou Teonas, se fores razoável e de bom grado te dobrares à decisão que me fala ao coração, a de nós dois nos consagrarmos ao serviço do Senhor, para que assim evitemos o castigo da geena, verás que eu não renego o amor conjugal. Quero é que aí, pelo contrário, haja mais dileção

que nunca, pois reconheço e venero em ti a auxiliar (cf. Gn 2,18) que me foi destinada pelos julgamentos divinos, não me negando a permanecer ligado a ti em Cristo por um indissolúvel vínculo de caridade. Não, não pretendo separar de mim o ser que a mim o Senhor uniu pela lei da primeira criação, desde que tu sejas também, por tua parte, o que o Criador quis que fosses. Se, ao invés de auxiliar, quiseres porém ser sedutora; se preferires dar apoio ao adversário, e não a mim; se achares que o mistério conjugal não tem outra finalidade a não ser permitir que tentes, enquanto te furtas em pessoa à salvação que aconselho, fazer com que eu também me retraia de acompanhar o Salvador, virilmente hei de abraçar o sentimento expresso pelo abade João, ou melhor, saído da própria boca do Senhor. Quero dizer que nenhuma afeição carnal poderá me separar do bem espiritual: *Se alguém vem a mim e não odeia seu próprio pai e mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs e até a própria vida, não pode ser meu discípulo* (Lc 14,26), diz o Senhor.

Entretanto nem essas palavras, nem as demais que ele acrescentou, foram capazes de dobrar a vontade da mulher, que se mantinha, dura como pedra, sempre na mesma obstinação.

Se não consigo te arrancar da morte, disse então o bem-aventurado Teonas, nem por isso tu irás me separar do Cristo. É mais prudente para mim divorciar-me de uma criatura do que de Deus. Impelido pela graça divina, energicamente ele se deu ao dever de pôr sua resolução em prática, sem deixar que o ardor de seus desejos se enfraquecesse por maiores delongas. De fato, logo se despojou de seus bens e precipitou-se ao mosteiro, onde sua santidade e humildade iriam resplandecer dentro em breve. Assim, quando o abade João, de bem-aventurada memória, emigrou da luz do mundo em direção ao Senhor, e

quando, por sua vez, faleceu o santo Elias, que em virtude lhe era igual, Teonas, o terceiro, foi eleito por aprovação unânime para suceder aos dois na administração da diaconia.

10 - *Cassiano se desculpa, não querendo parecer que aconselha aos cônjuges romper o vínculo do casamento*

Se contei esse caso, crede, não é que eu tenha intenção de provocar separações entre cônjuges. Bem longe estou de condenar as núpcias e, pelo contrário, com o Apóstolo digo: *Considerai o matrimônio com respeito e conservai o leito conjugal imaculado* (Hb 13,4). Não quis senão apresentar com fidelidade ao leitor o início da conversão que a Deus levou tão grande homem. Em compensação, e como testemunho de sua boa vontade, rogo-lhe que antes de tudo, quer isto lhe agrade ou não, condescenda em me pôr fora de questão, reservando seus elogios, ou suas críticas, ao próprio herói. Quanto a mim, que não pretendi expressar uma opinião pessoal sobre este assunto, tendo-me limitado apenas ao papel de simples narrador, é justo que, como não reivindico parte alguma dos elogios que se lhe possam fazer, também não venha a estar exposto às críticas dos que o desaprovem. Que cada um portanto pense, do que foi dito, o que mais lhe aprouver. Advirto não obstante o leitor para que em seu julgamento seja circunspecto. Que ele não chegue a se tomar por mais eqüitativo ou mais justo do que Deus, que por si mesmo concedeu a Teonas uma renovação dos milagres apostólicos. Nada digo do sentimento de tantos Pais que, longe de censurarem seu gesto, tão manifestamente o louvaram. Não o puseram eles à frente da diaconia, preferindo-o a homens mais sublimes, mais eminentes? Penso eu que aqueles todos, homens tão espirituais, não erraram de modo algum no julgamento que fizeram sob a ins-

piração de Deus; tanto mais que a decisão que tomaram foi confirmada por tão maravilhosos prodígios, como ainda há pouco eu dizia.

11 - *Pergunta: Por que não se jejua no Egito durante todo Pentecostes e por que não se dobram os joelhos para a oração?*

Mas já é hora de prosseguir com o relato da conferência, prometido antes por mim. Deu-se pois que o abade Teonas veio nos ver em nossa cela, nos dias de Pentecostes. Terminada a solenidade de vésperas, sentamo-nos no chão, por alguns instantes, e com muito interesse lhe indagamos por que se evitava entre eles, durante todo esse período, e com tanto cuidado, dobrar os joelhos para a oração e prolongar o jejum até a nona hora. Nossa curiosidade se mostrava ainda maior porque nunca tínhamos visto essa prática observada com tal escrúpulo nos mosteiros da Síria.

12 - *Resposta: É que há coisas boas e más, como há outras que são indiferentes*

Foi então que o abade Teonas começou a falar: Há que se conformar à autoridade dos Pais, disse ele. Ainda que a razão nos escape, convém sempre ceder ao costume de nossos predecessores, que vemos perpetuar-se até nossa época, numa tão longa sucessão de anos, e perseverantemente mantermo-nos fiéis a ele, em toda exatidão e reverência, tal como desde a antiguidade nos foi transmitido. Todavia, já que desejais saber qual o motivo e o fundamento disso, eis aqui, em breves termos, o que nos foi ensinado por nossos anciãos a respeito.

Antes de invocar o testemunho da Escritura, diremos

porém algumas palavras, se assim for de vosso agrado, sobre a natureza e a essência do jejum em si mesmo. A autoridade dos livros sagrados há de subseqüentemente vir confirmar nossa discussão.

Ensina-nos a divina sabedoria, pelo *Eclesiastes*, que há um tempo para tudo, tanto para as coisas felizes quanto para aquelas que reputamos adversas e tristes: *Tudo tem seu tempo, há um momento oportuno para cada propósito debaixo do céu. Tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de colher a planta. Tempo de matar, e tempo de sarar; tempo de destruir, e tempo de construir. Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de gemer, e tempo de dançar. Tempo de atirar pedras, e tempo de ajuntá-las; tempo de abraçar, e tempo de se separar. Tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de jogar fora. Tempo de rasgar, e tempo de costurar; tempo de calar, e tempo de falar. Tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de paz* (Ecl 3,1-8). Mais adiante nos é dito: *Há um tempo para todas as coisas e para toda ação* (Ecl 3,17).

Nada disso portanto é bom em termos definitivos, mas tão-só desde que executado oportuna e compativelmente, de modo tal que a mesma coisa, bem-sucedida se ocorre no momento certo, há de se revelar danosa e inútil, se for tentada em hora imprópria. Só há exceções à regra para aquilo que em si, em sua essência, é bom ou mau e em sentido contrário não se pode dispor, como a justiça, a prudência, a fortaleza, a temperança e as demais virtudes, e também como, no extremo oposto, os vícios. Todas essas são coisas que, por natureza, não podem passar a ser contrárias a si e formalmente se mantêm pois avessas a qualquer mutação. No tocante porém àquelas

que se dispõem de igual modo em um ou outro sentido, e que ora vão ao encontro do bem, ora do mal, de acordo com as inclinações de quem age, não as tomamos em absoluto por nocivas ou úteis por sua essência, mas sim pela intenção que as perfaz e sua oportunidade.

13 - *De que natureza é o bem do jejum?*

Cabe-nos considerar agora o que temos a decidir sobre a natureza do jejum. Diremos que ele seja um desses bens, como a justiça, a prudência, a fortaleza e a temperança, que de modo algum podem dispor-se em sentido contrário, ou então que é uma coisa indiferente, ora útil fazer, ora inócuo descurar, que tanto pode nos tornar repreensíveis, por a ter praticado, quanto merecedores de elogios, por preteri-la? Se o tomamos por uma das virtudes, pondo a abstinência de alimentos entre os bens essenciais, conseqüentemente alimentar-se será então criminoso e mau, pois tudo que for contrário a um bem essencial deve ser considerado um mal essencial. A autoridade das Escrituras não nos permite porém julgar assim a questão. Se jejuamos pensando que há pecado em fazer uso de alimentos, não só não obteremos fruto algum de nossa abstinência, como também nos expomos, segundo o Apóstolo, a uma censura muito grave e a crime de sacrilégio, abstendo-nos *de alimentos que Deus criou, para os fiéis, conhecedores da verdade, se servirem com ação de graças. Porque toda criatura de Deus é boa e nada há reprovável, quando se usa com ação de graças* (1Tm 4,3-4). De fato, *alguma coisa só é impura para quem a considera assim* (Rm 14,14). Nunca, por conseguinte, soubemos de alguém que fosse condenado só por ter se nutrido, a menos que houvesse uma circunstância que, no momento, ou logo após, o tornasse condenável.

14 - *O jejum não é essencialmente um bem*

Eis o que também nos indica com a mais extrema clareza que o jejum é uma coisa indiferente: se o observamos, ele nos justifica; entretanto não nos condena, se o rompemos, excetuando-se o caso em que a transgressão de um preceito, e não o uso de alimentos, venha a exigir castigo.

Quando uma coisa é boa essencialmente, não há um só instante da vida em que devamos não lhe ir ao encontro, a ninguém é permitido jamais privar-se dela, pois não haveria como preteri-la sem incorrer em pecado. Mas ao que é mau pela essência, pelo contrário, não concedamos tempo: o que é sempre prejudicial não poderá deixar de o ser, se a tanto nos permitirmos, nem há de se transmudar em algo meritório.

Em conseqüência, estando em causa práticas para as quais vemos um modo e um tempo determinados, e cuja observância santifica, sem que porém sua omissão nos desonre, manifestamente elas são indiferentes em si. Nesse caso encontram-se o casamento, a agricultura, a solidão no deserto, as vigílias, a leitura dos livros sagrados, a meditação sobre os mesmos e afinal o jejum, que ocasionou esta preleção. Temos aí alvos de nossa atividade, que nem os preceitos divinos nem a autoridade das Sagradas Escrituras nos ordenam perseguir com continuidade tal, que fazer um descanso seja crime. Tudo que constitui o objeto de um mandamento propriamente dito nos faz merecer a morte, se não o observarmos; já o que é mais aconselhado do que mandado acarreta vantagens, se for feito, sem contudo suscitar castigo, se não o for. Recomendaram-nos assim nossos Pais que só nos entregássemos a essas práticas, a algumas delas, pelo menos, com circunspecção e cautela, levando em con-

ta o motivo, o lugar, o modo e a ocasião. Tudo denota congruência, de fato, se elas ocorrem oportunamente; se assumidas porém com incongruência, serão tão prejudiciais quanto deslocadas estão. Vejamos alguns exemplos. Se um irmão vem a nós, é o Cristo que em sua pessoa nós devemos reconhecer com sentimentos humanitários, recebendo-o na mais amável caridade. Todavia, se preferirmos observar estritamente o jejum, não incidiremos num reprovável caso de crueldade, sem que adquiramos a glória e o mérito da religião? Já quando o esgotamento e a fraqueza do corpo estão a exigir alimentos, para que lhe seja possível restaurar suas forças, mas quem se encontra em questão não aquiesce em abrandar o rigor da abstinência, não será mais plausível tomá-lo por cruel, por homicida de seu próprio corpo, do que por um provedor de sua salvação? De igual modo ainda, se a realização de uma festividade pede uma trégua na abstinência e autoriza, ao condescender com um razoável uso de alimentos, uma refeição que já se fazia por sinal necessária, mas alguém se obstina mesmo assim na observância rígida e ininterrupta de seu jejum, nele por certo se verá mais tolice e irracionalidade que religiosidade.

Tais modos de agir são particularmente funestos para os que buscam no jejum uma glória humana, pretendendo adquirir fama de santidade pela inane ostentação de palidez num rosto desfigurado. Desde este mundo, esses aí já receberam sua recompensa, como declara a palavra do Evangelho (cf. Mt 6,16). E é igualmente seu jejum que o Senhor reprova pela boca do profeta, o qual começa por se fazer uma objeção, como se em nome deles falasse: *Por que jejuamos e não ligas, nos mortificamos e não levas em conta* (Is 58,3)? Logo ele desenvolve o argumento e dá a conhecer as razões que os trazem a não merecer atenção: *Vede: no dia em que fazeis jejum, ides*

atrás de vossos interesses e procedeis como duros capatazes com todos os vossos operários. Jejuais, mas ao mesmo tempo tendes desavenças e brigas, e dais golpes com punho brutal. Não é um jejum como o de hoje que fará vossa voz ser ouvida no céu. É talvez um jejum assim que eu aprecio, um dia em que uma pessoa se mortifica? Acaso basta andar de rosto caído como junco, deitar-se em saco e cinza? Chamarias isso de jejum, dia agradável ao Senhor (Is 58,3-5)? A seguir ele ensina a quem jejua como tornar sua abstinência aceitável, enunciando claramente que o jejum por si só de nada serve, a não ser que se cerque das condições que enumera: *O jejum que aprecio é este: solta as algemas injustas, desata as amarras da canga, dá liberdade aos oprimidos e despedaça todo jugo! Reparte o pão com o faminto, acolhe em casa os pobres sem teto! Quando vires um homem sem roupa, veste-o e não te recuses a ajudar o próximo! Então tua luz romperá como a aurora, e tua ferida depressa ficará curada. Diante de ti marchará a tua justiça e atrás de ti a glória do Senhor. Então clamarás, e o Senhor responderá, gritarás por socorro, e ele dirá: "Eis-me aqui!"* (Is 58,6-9).

Vedes pois que Deus não admite que o jejum seja essencialmente um bem, visto que ele não o aprova em si mesmo, mas sim em virtude de outras boas obras, e que as circunstâncias bem podem, pelo contrário, torná-lo vão e até mesmo odioso: *Se jejuarem, não escutarei sua súplica* (Jr 14,12), diz o Senhor.

15 - *O bem essencial não deve ser praticado tendo em vista um bem inferior*

De fato, a misericórdia, a paciência, a caridade ou as outras virtudes antes mencionadas, nas quais por certo reside

o bem em essência, não devem se subordinar ao jejum, mas sim o jejum a elas. Por intermédio do jejum, é preciso trabalhar para adquiri-las, elas que são realmente boas, e não lhes dar o jejum por termo. Afligir a carne tem sua utilidade, e a abstinência é um bom tratamento a lhe aplicar. Por quê? Porque por esse método se chega à caridade, na qual consiste o bem perpétuo e imutável, sem exceção de tempo.

Atentai que a medicina, a ourivesaria e as demais artes que há no mundo não se exercem tendo em vista os instrumentos necessários às suas obras: as ferramentas é que são, isto sim, comandadas pela prática da arte. Úteis ou apropriadas, essas se tornam totalmente supérfluas em mãos que desconheçam o saber da disciplina. Se são de grande valia para quem sabe utilizá-las na produção, a quem apenas se contenta em tê-las, não fazendo porém idéia do fim ao qual se destinam, não podem, a rigor, servir para nada: pois toda a utilidade das ferramentas, aos olhos desses, consiste em possuí-las, e não em realizar uma obra.

Em suma, para concluir, o bem essencial é aquele ao qual as coisas indiferentes se relacionam, e esse bem, que é verdadeiramente precípuo, nunca se faz com uma intenção voltada para qualquer outra coisa, mas tão-só para sua própria bondade.

16 - *Como o bem essencial se distingue dos outros*

Eis de que modos ele se distingue dos demais bens que até aqui foram chamados por nós de coisas indiferentes: o bem essencial é bom em si mesmo, não em virtude de outra coisa; e por si mesmo é necessário, não tendo em vista uma finalidade distinta; sendo sempre e imutavelmente bom, mantém-se pois na perpetuidade do que é, sem que se possa revestir da qualida-

de contrária; caso sofra um eclipse, ou seja negligenciado, daí decorre uma ruína imensa; seu contrário é o mal essencial, que semelhantemente não pode, tal como ele, mudar de natureza.

Essas características, pelas quais se reconhece o bem essencial, não podem ser atribuídas, de modo algum, ao jejum, que não é bom em si, nem por si mesmo necessário: o que torna salutar sua prática é que ela tenciona adquirir pureza de coração e de corpo, para que a alma pacificada, embotando os aguilhões da carne, se reconcilie com seu Criador. O jejum também não é sempre e imutavelmente bom, pois bem pode ser que o interrompamos, como tantas vezes se dá, sem que isso nos cause prejuízo. Além do mais, se a ele nos entregarmos inoportunamente, volta-se para a perdição da alma. Seu contrário, isto é, o prazer que se tem naturalmente em comer, por sua vez não é um mal essencial, pois, a não ser que se associe à intemperança, à luxúria ou a algum outro vício, como mal não se pode defini-lo: *Não é o que entra pela boca que torna o homem impuro, mas o que sai da boca, isso é que torna o homem impuro* (Mt 15,11).

Posto isso, é faltar com o bem essencial, e não realizá-lo segundo a perfeição e sem pecado, fazê-lo com outra coisa em vista. Tudo deve se referir a ele, que tem de ser buscado em si mesmo e tão-somente por si.

17 - *Da natureza e da utilidade do jejum*

Atenhamo-nos constantemente portanto a essa noção sobre a natureza do jejum. Poderemos entregar-nos a ele, se assim for, com todas as forças de nossa alma, sabendo que será bom para nós caso, ao fazê-lo, observemos o tempo, a qualidade e a medida, sem nele pôr o termo da esperança nos-

sa, mas com o pensamento centrado em alcançar, por seu intermédio, a pureza de coração e a caridade ensinada pelo Apóstolo. O simples fato de haver tempos específicos que lhe foram determinados, como também se regulamentou sua qualidade e medida, prova com suficiente clareza que ele não é bom pela essência, mas se entremeia com o bem e o mal. Assim, o que a autoridade de um preceito ordena como bom, ou interdita como mal, nunca está submetido a exceções de tempo, de modo que algumas vezes é mister que se faça o que é proibido ou se deixe de fazer o que foi prescrito. A justiça, a paciência, a sobriedade, a pureza e a caridade não têm uma medida determinada, mas nem por isso a injustiça, a impaciência, a ira, a impureza, a inveja e a soberba são livremente permitidas.

18 - *Nem sempre o jejum convém*

Após essas premissas sobre a natureza do jejum, a meu ver cabe invocar em acréscimo a autoridade da Sagrada Escritura. Tornar-se-á mais evidente a prova de que o perpétuo jejum, além de não ser obrigatório, não é possível.

Lemos no Evangelho que os fariseus jejuavam, como também os discípulos de João Batista, ao passo que os apóstolos, na condição de amigos e convivas do celeste esposo, não o faziam. Ora, os discípulos de João acreditavam manter com seu jejum o supra-sumo da justiça. Não estariam seguindo então as pegadas do exímio pregador da penitência, modelo para todos os povos por seu exemplo de vida, o qual, além de recusar os variados pratos de que os homens se servem, ignorava até mesmo o próprio pão, que é alimento comum a todos? Por isso eles se queixam ao Senhor: *Como é que nós e os fariseus jejuamos com freqüência e teus discípulos não jejuam?* (Mt 9,14). A res-

posta dada mostra claramente que o jejum nem sempre é necessário ou conveniente, podendo ser interrompido quando as características festivas do tempo ou uma eventual razão de caridade o aconselhem: *Por acaso os amigos do noivo podem ficar tristes enquanto o noivo estiver com eles? Mas virão os dias em que o noivo lhes será tirado, então jejuarão* (Mt 9,15). É verdade que tais palavras foram pronunciadas antes da Ressurreição de seu corpo. Mas elas fazem pensar justamente em Pentecostes, pois que então, durante os quarenta dias que se seguiram à Ressurreição, o Senhor comia com seus discípulos, e a alegria de sua presença cotidiana não lhes permitia jejuar.

19 - *Pergunta: Por que interromper o jejum em todos os dias de Pentecostes?*

Germano: Por que afrouxar o rigor da abstinência, tomando nossa refeição na metade do dia, durante todo o Pentecostes, quando o Senhor, após a Ressurreição, não ficou senão quarenta dias com seus discípulos?

20 - *Resposta*

Teonas: Bem que a pergunta tem cabimento, merecendo pois conhecer toda a verdade. Após a Ascensão de nosso Salvador, que ocorreu no quadragésimo dia da Ressurreição, os apóstolos voltaram do monte das Oliveiras, onde lhes fora dado vê-lo elevar-se em direção a seu Pai, como o atestam os *Atos dos Apóstolos*. Retornando a Jerusalém, esperaram durante dez dias pela vinda do Espírito Santo. Depois disso, ou seja, no qüinquagésimo dia, receberam-no com alegria (cf. At 1,12ss). Viu-se assim evidentemente completo o número consagrado pela festividade em questão.

Vemo-lo nós, de resto, figurado no Antigo Testamento. Aí os sacerdotes deveriam oferecer ao Senhor, depois de transcorridas sete semanas, o pão das primícias. Mas o verdadeiro pão das primícias foi o oferecido a Deus, naquele dia, pela predicação que os apóstolos fizeram à multidão: era esse o pão da nova doutrina, que nutriu cinco mil homens, satisfazendo-os generosamente, e ao Senhor consagrou o povo cristão, como primícias tomadas aos judeus (cf. Dt 16,9ss).

Eis por que esses dez dias devem ser unidos aos quarenta primeiros e celebrados com a mesma solenidade e uma igual alegria. A tradição dessa festividade foi transmitida até nossos dias pelos cristãos da era apostólica (cf. At 2), sendo nosso dever permanecer-lhe fiéis, sem mudar nada disso. Pelo mesmo motivo é que não nos dobramos nos joelhos para orar nesses dias, pois tal postura é um sinal de penitência e de dor. Já se vê por aí que nós lhes damos em tudo a mesma solenidade do domingo, quando, segundo nos ensinaram nossos Pais, nem jejuar nem se ajoelhar em reverência pela Ressurreição do Senhor era preciso.

21 - *Pergunta: O relaxamento do jejum não impõe obstáculo à castidade?*

Germano: Não se deixará a carne seduzir pelas insólitas seduções de uma festividade tão longa? E a raiz dos vícios, nesse caso, por mais que haja sido cortada, não lançará novos espinhos? Não tenderá o espírito, entorpecido por inabituais iguarias, a tornar menos rigoroso o domínio que deve ter sobre o corpo, seu servidor? E logo o verdor da juventude, principalmente entre nós, não levará nossos membros subjugados à rebelião, se ingerirmos em maior quantidade os alimentos de hábito, ou nos permitirmos comer os que não são de costume?

22 - *Resposta: Há que sempre manter a abstinência e uma justa medida*

Teonas: Pesemos bem nossos atos, todos eles, na balança da razão; e, no que toca à pureza de coração, consultemos sempre nossa consciência, não o julgamento alheio: a trégua em pauta, tomadas tais providências, certamente não será impedimento para uma justa austeridade. Mas, como já foi dito, é preciso aquilatar com igualdade, com imparcialidade de alma, a indulgência e a abstinência, mantendo-as em equilíbrio para poder corrigir, quer de um lado, quer de outro, qualquer excesso. À luz da verdadeira discrição, é preciso notar se o peso das delícias faz com que a parte espiritual se abaixe, ou se é o outro prato da balança, o do corpo, que cede ao excessivo rigor do jejum feito por nós. Temos de pôr mais peso no prato que vemos se altear, em suma, e de erguer o que virmos se abaixando muito. De fato, nada quer nosso Senhor que façamos, por seu culto e em sua honra, sem a moderação do julgamento, pois *O poder do rei está em amar o direito* (Sl 98,4). Também o sapientíssimo Salomão nos adverte que não desviemos para um lado nem para o outro de nosso julgamento pendente: *Honra o Senhor com tuas riquezas, com as primícias dos teus rendimentos* (Pr 3,9). É que em nossa consciência reside um juiz incorruptível e franco, que é o único a jamais se enganar, mesmo que incidam todos em erro sobre nossa própria pureza.

Urge pois manter o coração em constantes circunspecção e atenção, com toda perspicácia e prudência, por temor de que, se o julgamento de nossa discrição falhar, o desejo de uma abstinência inconsiderada nos inflame ou o amor de uma excessiva doçura nos seduza. Pesaríamos nossas forças, caso as-

sim fosse, numa balança falsa. Não é o que nos convém. Convém-nos é pôr num prato a pureza da alma, no outro nosso vigor corporal, e pesá-los pelo julgamento verídico da consciência, de modo a não sermos arrastados, por um afeto preponderante e vicioso, para nenhum dos dois lados. Se inclinássemos a balança, quer para uma austeridade desmedida, quer para um demasiado relaxamento, ser-nos-ia dito em razão do excesso: *Se fizeres o bem, andarás de cabeça erguida. Mas, se não o fizeres, o pecado não estará à porta?* (Gn 4,7).

Será inútil acreditar que oferecemos a Deus, com retidão, os sacrifícios extorquidos do pobre estômago à custa de convulsões violentas, pois Aquele que *ama a justiça e o direito* (Sl 32,5) os execra e diz: *Eu, o Senhor, amo o direito, odeio a rapinagem e o crime* (Is 61,8). Por outro lado, a palavra divina condena como operários fraudulentos os que dedicam o principal de suas oferendas, ou seja, de seus serviços e seus atos, a favorecer a carne e a satisfazer suas próprias necessidades, não reservando ao Senhor senão os restos, senão uma parte insignificante: *Maldito o que faz com negligência o trabalho do Senhor* (Jr 48,10). Não é pois sem razão que o Senhor increpa aquele que tanto se deixa assim iludir por um julgamento iníquo, dizendo: *Somente um sopro, apenas mentira são os filhos do homem: se subissem na balança, juntos seriam menos que um sopro* (Sl 61,10). O bem-aventurado Apóstolo também nos admoesta a manter a discrição sob controle, para que nem à esquerda nem à direita inclinemos, vitimados por algum exagero repleto de miragens, quando exorta a *um culto espiritual* "razoável" (Rm 12,1). Uma idêntica interdição é feita pelo Legislador, que preceitua: *Tende balanças justas, pesos justos e medidas para sólidos e líquidos justas* (Lv 19,36). Salomão, por fim, profere sobre este tema uma sentença bem semelhante: *Pesos desi-*

guais e medidas desiguais, ambos são abominação diante do Senhor. Por seus atos o menino já revela se a sua atuação será pura e reta (Pr 20,10-11).

Até agora não falamos porém senão de uma só maneira de evitar os falsos pesos e as medidas dúplices, nas questões de consciência e no secreto julgar do coração. Eis ainda uma outra. Não convém, ao mesmo tempo em que soltamos as rédeas, com excessiva indulgência, para abrandar as exigências da austeridade regular, não convém, insisto, sobrecarregar aqueles aos quais pregamos a palavra de Deus com mandamentos mais severos e fardos mais pesados que os que nós mesmos podemos suportar. Que faremos nós, se assim agirmos, senão pesar e medir com peso e medida dúplices os mantimentos e as colheitas do Senhor? Se dosarmos os preceitos, de uma maneira para nós e de outra para nossos irmãos, seremos justamente recriminados por Deus por termos balanças enganadoras e medidas dúplices, segundo esta sentença de Salomão: *Pesos desiguais são abominação diante do Senhor, e balança fraudulenta não fica bem* (Pr 20,23).

É evidente que também incorreremos nesse pecado do peso doloso e da medida dúplice se fizermos ostentação ante os irmãos, por um desejo de glória humana, de práticas mais austeras do que aquelas às quais habitualmente nos damos em nossas celas: seria querer parecer mais abstinentes e mais santos aos olhos dos homens, de fato, do que aos olhos de Deus nós somos. Não há vício que se deva, mais que evitar, mais abominar do que esse.

Fomos porém um pouco longe demais de nosso assunto, e a ele temos de voltar agora.

23 - *Do tempo e medida das refeições*

A solenidade de Pentecostes deve portanto ser observada de modo a que os relaxamentos consentidos durante esse período sejam proveitosos, e não prejudiciais, ao bem do corpo e da alma, pois não há festividade cuja alegria possa embotar os aguilhões da carne, e temos um adversário feroz, que não sabe atenuar a reverência devida aos mais santificados dos dias. Para que a solenidade fixada pelo costume se mantenha nos dias festivos, sem ultrapassar a medida de uma salutar parcimônia, bastará não permitir que a indulgência e os regalos transponham estes limites: tomaremos um pouco mais cedo, ou seja, na sexta hora, a refeição prevista para a nona, considerando-se o caráter de festividade da época, mas em nada haveremos de alterar sua qualidade e a quantidade de praxe, por temor de que a pureza de corpo e a integridade de alma conquistadas na abstinência da Quaresma se percam nas atenuações de Pentecostes, a ponto de já não servir para nada o que pelo jejum foi obtido e uma saciedade imprudente não demoraria em tirar-nos. Precauções que são tão mais necessárias por ser bem conhecida a esperteza do inimigo em atacar nossa pureza quando nos vê desprevenidos por estarmos em plena celebração de uma solenidade qualquer. É preciso muita vigilância para nunca deixarmos que o vigor de nossa alma se afrouxe em lisonjeiras doçuras, a fim de não perdermos no repouso e na segurança de Pentecostes, como ainda há pouco eu disse, a perfeita castidade adquirida no esforço continuado da Quaresma. Assim, nada de extraordinário, nem quanto à quantidade, nem quanto à qualidade da comida. Proscrevamos de igual modo, durante os dias mais solenes, os alimentos cuja privação mantinha nossa pureza sem mácula, nos dias comuns, para que a alegria da festa não se converta em luto, ao despertar-nos para os combates da carne, nem faça des-

vanecer-se a festa mais excelente do espírito, que consiste no gáudio triunfante da perfeita inocência. Depois da alegria carnal, tão vã, tão breve, teríamos nós de prantear, nas longas aflições da penitência, nossa pureza perdida. Que assim não seja! Ao invés disso, cuidemos para que a exortação do profeta não se dirija a nós inutilmente: *Celebra, Judá, tuas festas, cumpre teus votos* (Na 2,1). Se as solenidades que interrompem o curso normal do tempo nada mudarem na continuidade de nossa abstinência, fruiremos sem descanso das festas espirituais e, cessando desse modo toda obra servil, iremos *de lua nova em lua nova, de sábado em sábado* (Is 66,23).

24 - *Pergunta sobre as diversas maneiras de observar a Quaresma*

Germano: Por que a Quaresma dura apenas seis semanas? É verdade que, em algumas províncias, uma religião talvez mais viva lhes fez acrescentar uma sétima; mas, como os sábados e domingos são subtraídos aí, nem mesmo assim se chega ao total de quarenta dias. Nas seis semanas, não há senão trinta e seis.

25 - *Resposta: O jejum da Quaresma é referente ao dízimo do ano*

Eis aí um problema que a piedosa simplicidade de muitos suprime por completo. Mas, como fazeis tão escrupulosas sondagens sobre temas que a um outro nem sequer pareceriam dignos de suscitar indagações, de tal modo vos anima o desejo de penetrar a fundo em nossa observância e sua significação mística, dar-vos-ei uma razão evidente, onde percebereis com clareza que não há nada que não seja razoável no

que nos foi transmitido por nossos anciãos.

Na Lei mosaica, este preceito genérico foi promulgado para todo o povo: *Não tardarás em oferecer o dízimo e as primícias de tua abundância e do teu supérfluo* (Ex 22,28). Se nos é mandado oferecer o dízimo de nossos bens e colheitas, quão mais necessário é oferecermos também o dízimo da própria vida, de nossa atividade humana, de nossas obras. E é bem isso o que fazemos, com toda exatidão, por intermédio da Quaresma. O dízimo dos dias que o ano contém, em sua revolução completa, é de trinta e seis e meio. Ora, se de sete semanas subtrairmos os domingos e os sábados, restam trinta e cinco dias consagrados ao jejum. Acrescentai a esses a grande vigília do sábado, quando continuamos em jejum até que o galo cante, nas primeiras horas do domingo da Ressurreição, e não tereis apenas trinta e seis dias, mas sim, contando o tempo da noite como dízimo pelos cinco dias restantes, um total ao qual nada falta.

26 - *Também nós devemos oferecer nossas primícias ao Senhor*

Que direi eu das primícias? Não é verdade que os servos fiéis de Cristo as apresentam todos os dias? Tão logo despertos e reencontrando após o sono o movimento da vida, antes de conceberem no coração uma impressão qualquer, antes mesmo de se permitirem preocupações ou lembranças de seus interesses materiais, eles consagram aos holocaustos divinos o nascimento e origem de seus pensamentos. E o que é isso, senão de fato estar pagando as primícias de seus frutos mediante Jesus Cristo, que é o sumo pontífice, pelo uso da vida que lhes é dado e essa imagem de ressurreição cotidiana? De igual

modo eles oferecem a Deus, ao saírem do sono, a hóstia de seu júbilo. O primeiro movimento de sua língua se destina a invocá-lo, a celebrar seu nome e louvá-lo; é para entoar-lhe hinos que abrem as portas de seus lábios, antes de qualquer outra coisa, imolando a Deus o serviço prestado pela boca. Semelhantemente lhe dirigem a primeira oferenda de suas mãos e seus pés, quando saem da cama, quando se levantam para rezar e, ao invés de orientarem em causa própria o trabalho de que seus membros se incumbem, nada querem de início desviar para si, mas só dão passos que se voltam para a honra de Deus, ou só param de os dar para o louvar, quitando assim as primícias de cada um dos seus movimentos pelas mãos estendidas, os joelhos dobrados e o corpo todo em prosternação.

Aliás, não podemos atender ao que é cantado nos salmos: *Antecipo-me à aurora, pedindo auxílio* (Sl 118,147); *Meus olhos antecipam-se às vigílias, meditando em tua palavra* (Sl 118,148); e *De manhã minha súplica já está diante de ti* (Sl 87,14), a não ser que, após a quietude do sono, trazidos de volta à luz do dia como se do seio das trevas e da morte, nada ousemos tirar antecipadamente das funções da alma e do corpo para nossas necessidades próprias. Pois quem é aquele que o profeta preveniu desde o romper da aurora e que a nós cabe prevenir de igual modo? Outro não é senão nós mesmos, isto é, aquilo que nos ocupa, nossas disposições e inquietações de mortais, sem as quais não podemos existir, ou então as sutilíssimas sugestões do inimigo, que ele, com as fantasias dos sonhos vãos, tenta incutir-nos, quando ainda estamos abandonados ao repouso e mergulhados no sono, a fim de apoderar-se de nós, de atrapalhar o despertar que se aproxima e, desflorando o melhor de nossas primícias, arrebatá-lo para si. Conseqüentemente, se quisermos pôr em prática o supradito versículo, em toda a ex-

tensão de seu sentido, temos de ter cuidado, imbuídos de uma extrema cautela e de engenhosa vigilância, para proteger o primeiro despertar de nossas cogitações matutinas e assim evitar que a inveja do inimigo, pronta a apossar-se dele, lhe traga esmorecimento e leve o Senhor a rejeitar nossas primícias, ao tomá-las agora por banais e vis. Se ao inimigo nós não nos anteciparmos, por uma circunspecta vigilância do espírito, ele mesmo não se eximirá de abrir mão de suas criminosas manobras, para cotidianamente vir antecipar-se a nós com seus ardis.

Se portanto desejamos oferecer a Deus, como hóstias de bem-querer sempre benquistas, as primícias dos frutos de nosso espírito, não devemos poupar solicitude para manter nossos sentidos, todos eles, principalmente nas horas matutinas, como os sacrossantos, ilibados e intatos holocaustos do Senhor. Mesmo entre pessoas leigas, muitos observam com extremo cuidado esse tipo de devoção. Levantando-se antes de romper o dia, ou ainda em plena aurora, só começam a envolver-se com os necessários afazeres do mundo depois de terem acorrido à igreja para, na divina presença, consagrarem as primícias de todos os seus trabalhos e ações.

27 - *Por que a observância da Quaresma difere, entre muitos, quanto ao número de dias*

Quanto ao que dizeis das diferentes maneiras de celebrar a Quaresma, que é aqui de seis semanas e, em algumas outras províncias, de sete, o jejum todavia permanece o mesmo, sempre igual sob essa aparente diversidade. Onde fixaram a observância em seis semanas, pensa-se que se deve jejuar no sábado. Quitam-se pois seis dias por semana, e esse número, repetido seis vezes, dá o mesmo total de trinta e seis.

Assim, como dissemos, o jejum é o mesmo e se mantém igual por toda parte, embora o número de semanas difira.

28 - *Por que o nome de Quaresma, ou Quarentena, quando os dias de jejum são apenas trinta e seis*

Tal é a razão profunda de nossa observância, obliterada por incúria da memória dos homens, e a época em que oferecemos a Deus o dízimo do ano, com trinta e seis dias e meio de jejum, recebeu o nome de Quaresma, ou Quarentena. Talvez se tenha pensado em adotar esse vocábulo porque Moisés, Elias e até o próprio Senhor jejuaram quarenta dias (cf. Ex 34,28; 1Rs 19,8; Mt 4,2). Os quarenta anos que Israel ficou no deserto e as quarenta estações místicas que marcaram sua travessia também se harmonizam muito bem com o mistério desse número (cf. Dt 29,4). Ou então esse dízimo de nova espécie recebeu o nome de Quarentena por analogia com as praxes de arrecadação. De fato, é assim que se designa, na linguagem popular, o imposto pelo qual se destina para o serviço do rei uma parte dos lucros proporcional ao legítimo tributo da Quaresma, que é exigido de nós, pelo usufruto de nossa vida, pelo rei de todos os séculos.

Eis agora uma coisa que não se relaciona à questão em pauta, mas sobre a qual não creio que eu deva manter silêncio, já que a ocasião de abordá-la se apresenta. Nossos predecessores testemunharam com freqüência que os da nação inimiga dos demônios costumam redobrar seus ataques, durante esses dias, contra a espécie dos monges, instigando-os com mais impetuosidade ainda a abandonar suas celas para ir a outros lugares. Assim como os antigos egípcios oprimiam os filhos de Israel sob aflições violentas, esses egípcios da vida espiri-

tual se esforçam para fazer com que o verdadeiro Israel, o povo espiritual dos monges, se curve a um trabalho duro e torpe. Bem que eles gostariam de nos impedir de deixar a terra do Egito, por uma tranqüilidade que agrada a Deus, para passar ao deserto das virtudes, onde reside a salvação. O Faraó, fremente de ira contra nós, ordena: *São uns preguiçosos, e por isso reclamam: "Queremos ir oferecer sacrifícios ao nosso Deus". Carregai estes homens com mais trabalho, para que estejam ocupados e não dêem ouvidos a palavras mentirosas* (Ex 5,8-9). Sendo eles mesmos vãos, os demônios consideram como vaidade suprema o santo sacrifício ao Senhor, que só no deserto e de livre coração se oferece, pois *para o pecador a religião é execrável* (Eclo 1,25).

29 - *Os perfeitos vão além da lei da Quaresma*

O homem justo e perfeito não é contido todavia pela lei da Quaresma, pois não pode se contentar com a submissão a uma regra assim tão modesta. Os chefes das Igrejas estabeleceram-na para as pessoas do mundo, que se acham envolvidas, durante todo o espaço do ano, em seus prazeres e negócios. Constrangendo-as de algum modo por essa necessidade legal, quiseram eles coagi-las a se ocupar do Senhor pelo menos nesses dias e a consagrar-lhe o dízimo de suas vidas, que a vaidade, se assim não fosse, devoraria por completo. Mas, com os justos, não é o mesmo que ocorre: *a Lei não se destina a eles* (1Tm 1,9), que não dão aos exercícios espirituais uma parte assim tão pequena, somente um décimo de seu tempo, mas toda a vida. Por isso é que estão isentos do pagamento do dízimo legal; e, se alguma honesta e santa necessidade vier forçá-los a tanto, não temem eles, sem mais debates, romper com a regra do jejum. Não será isso, por certo, reduzir a

modicidade do dízimo, já que a si mesmos, com tudo que possuíam, eles ofereceram. Quem porém nada oferece voluntariamente a Deus não agiria de igual modo sem se tornar muito culpado de fraude. Desse se espera que quite estritamente seu dízimo; e a lei não lhe deixa escusa.

Daí comprovar-se com suficiente clareza que à perfeição não se destina o que é servo da lei e se limita a evitar o que é proibido e a fazer o que está prescrito. Realmente perfeitos são apenas aqueles que nem mesmo se servem das liberdades que a lei lhes concede. Na verdade, malgrado o que é dito da Lei mosaica, que ela *nada levou à perfeição* (Hb 7,19), lemos nós que entre os santos do Antigo Testamento houve perfeitos. Esses transcenderam o império da Lei para viver sob a perfeição evangélica, cientes de que *a Lei não se destina para os justos, mas para os ímpios, os rebeldes, os iníquos e pecadores, para os sacrílegos e profanadores* etc. (1Tm 1,9-10).

30 - *Da causa e dos primórdios da Quaresma*

De resto, a observância da Quaresma não chegou a existir enquanto permaneceu inviolada a perfeição da Igreja primitiva. Nem preceitos que constrangessem nem disposições legais se faziam necessários; o jejum não tinha um limite prefixado, mas era concluído de modo invariável ao longo de todo o ano. No entanto a multidão de fiéis foi dia a dia se afastando dessa devoção instituída pelos apóstolos. Pondo-se a acumular suas riquezas, ao invés de as dividir para o uso em comum de todos os fiéis, segundo a orientação dos apóstolos, cada qual se ocupou de seus próprios ganhos e, não contente de seguir o exemplo de Ananias e Safira, não se restringiu a conservar o já possuído, mas também se esforçou por aumentá-lo.

Foi então que todos os bispos,[7] vendo os homens assim tão envolvidos com as preocupações seculares e, por assim dizer, quase destituídos de noção de abstinência e compunção, resolveram impor-lhes um jejum regular, como que um dízimo legal, para os chamar de volta e os compelir a fazer, por necessidade, uma obra santa. Tal medida, sendo benéfica para os fracos, não tinha como prejudicar os perfeitos. Vivendo esses sob a graça do Evangelho, sua devoção voluntária vai mais longe que a lei, a fim de poder chegar à beatitude expressa pelo Apóstolo: *Pois o pecado já não vos dominará, porque agora não estais sob a Lei, e sim sob a graça* (Rm 6,14). Sobre a alma que é fiel a permanecer sob a liberdade da graça, o pecado não poderia, de fato, exercer sua dominação.[8]

31 - *Pergunta: Como entender isto que diz o Apóstolo, que "o pecado já não vos dominará"?*

Germano: A sentença do Apóstolo, que promete a segurança como recompensa, não somente para os monges, mas também para os cristãos em geral, não pode ser uma falácia, e é isso que a torna muito obscura para nós. De fato, ele declara que todos que crêem no Evangelho são livres, libertos do jugo e da dominação do pecado. Como então essa dominação se exerce sobre quase todos os batizados, segundo a sentença do Senhor que diz: *Todo homem que se entregar ao pecado é escravo do pecado* (Jo 8,34)?

---

[7] Na época de Cassiano, o termo *sacerdotes* [por ele aqui utilizado] ainda designava comumente os presbíteros da primeira ordem, ou seja, os bispos.

[8] Ao contrário do que diz Cassiano, a prática do jejum em dias fixos (quarta e sexta-feira) é atestada desde o primeiro século (cf. *Doctrine des apôtres*, 8, I e Duchesne, *Origines du culte chrétien*, cap. 8, I).

32 - *Resposta: Da diferença existente entre a graça e os princípios da Lei*

Teonas: Tal pergunta nos traz mais uma vez a uma desmesurada questão, e bem sei eu que, se não formos instruídos pela experiência, tanto é impossível livrar-se dela quanto captar-lhe o segredo. Tentarei todavia, como estiver ao meu alcance, resolvê-la e explicá-la de maneira sucinta. Coloco para isso uma condição apenas, que vossa inteligência não se restrinja a interessar-se pelas minhas palavras, mas que subseqüentemente ela se ponha em ação, praticando obras. Assim ocorre com tudo que se aprende por experiência, e não só em teoria: quem não o praticou é incapaz de instruir a respeito os outros; e não há como, além do mais, compreendê-lo ou guardá-lo na memória, a não ser fundamentado em princípios e direção análogos.

Posto isso, acho que primeiro é preciso inquirir atentamente qual o propósito ou vontade da Lei, para abordar em seguida a disciplina e a perfeição da graça. Poderemos discernir, com base nesses princípios, o que se deve entender por dominação do pecado e por expulsão do pecado.

A Lei faz da união nupcial um preceito da maior importância, quando diz: Bem-aventurado aquele *cuja posteridade está em Sião e as pessoas de sua casa, em Jerusalém* (Is 31,9); e: *Maldita a esterilidade que não procria!*[9] A graça, pelo contrário, intima-nos à pureza da integridade perpétua e à continência da virgindade bem-aventurada: *Felizes as estéreis e os seios que não amamentaram* (Lc 23,29); e: *Quem não odeia*

[9] Estas palavras não se encontram na Escritura; mas bem expressam a idéia judaica de que a fecundidade é uma bênção, e a esterilidade, um opróbrio.

seu próprio pai e mãe e mulher não pode ser meu discípulo (Lc 14,26). Ou esta palavra do Apóstolo: *Só resta que os que têm mulher vivam como se não a tivessem* (1Cor 7,29).

A Lei diz: *Não tardarás em oferecer de tua abundância e do teu supérfluo* (Ex 22,28); e a graça: *Se quiseres ser perfeito, vai, vende tudo que tens, dá aos pobres* (Mt 19,21).

A Lei não proíbe responder à invectiva pela invectiva, à injúria pela injúria: *Olho por olho, dente por dente* (Ex 21,24). Já a graça quer, como prova de nossa paciência, que suportemos o redobramento da injúria ou dos golpes que temos de sofrer, ordenando estarmos prontos para agüentar dupla perda: *Se alguém te esbofetear na face direita, oferece também a outra. E se alguém quiser mover uma ação para tirar-te a túnica, deixa-lhe também o manto* (Mt 5,39-40).

Uma diz para odiar os inimigos, mas a outra diz para amá-los (cf. Mt 5,44), chegando até a prescrever que se ore incessantemente a Deus por eles.

33 - *Os preceitos do Evangelho são mais brandos que os da Lei*

Quem quer que tenha ascendido a esse cume da perfeição evangélica acha-se decerto elevado, pelo mérito de tão grandes virtudes, acima de toda a Lei. Os preceitos trazidos por Moisés parecem-lhe agora insuficientes e desprezíveis, tendo ele consciência de não mais sujeitar-se senão à graça do Salvador, cuja ajuda o fez chegar, como reconhece, a um estado assim tão sublime. Nele portanto o pecado não predomina. *O amor de Deus, que se derramou em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado* (Rm 5,5), exclui, de fato, qual-

quer outra afeição, não podendo cobiçar o proibido nem desdenhar o ordenado, pois toda sua aplicação e desejo, que ao próprio amor divino se atêm, longe estão de se deixarem tomar por abjetas volúpias e nem mesmo nas coisas permitidas se assentam. Quanto à Lei, que garante o direito mútuo dos cônjuges, inutilmente ela restringe os transportes da carne à união do casamento, pois é impossível que os aguilhões da luxúria deixem de conservar seu vigor. Um fogo que cuidamos de alimentar, tendo dificuldade em conter-se nos limites que nós lhe fixamos, acaba por fugir ao controle para queimar tudo em que toca. Quisera eu que ele sempre encontrasse pela frente um objeto que o impedisse de lançar para fora suas labaredas. Mesmo que seja refreado, o fogo entretanto nunca pára de arder, porque a própria vontade é que é culpável, e o hábito do ato conjugal rapidamente impele aos excessos do adultério. Ao contrário, aqueles que por graça do Salvador são inflamados de uma santa paixão pela incorrupção perfeita consomem no fogo da caridade divina todos os espinhos dos desejos carnais, de modo que neles não se acha nem mesmo a cinza ainda quente dos vícios, para diminuir o frescor de sua integridade. Pela prática do que é lícito, os servos da Lei são arrastados, em suma, à do que não o é, enquanto os partícipes da graça, por renunciarem às coisas permitidas, nem sequer conhecem as ilícitas.

Ora, como em quem é adepto do casamento, o pecado está também em quem se contenta em pagar o dízimo e as primícias que deve. É fatal que esse cometa algum erro, seja por negligência ou atraso, de quantidade ou qualidade ou ainda na distribuição cotidiana que lhe caiba fazer. Imaginai um homem que infatigavelmente se obriga a fornecer de seus bens aos indigentes: por maiores que sejam, nessa caridade, sua fé

e sua devoção, como é difícil ele não cair muitas vezes nas malhas do pecado! Vede aquele, por outro lado, que não repeliu com desprezo o conselho do Senhor. Após haver distribuído aos pobres tudo que tinha, ele tomou de sua cruz e segue o dispensador da graça. Poderia o pecado predominar sobre ele? Sua fortuna já foi consagrada ao Cristo, suas riquezas não lhe pertencem mais e, enquanto piedosamente faz a partilha, não mais é atormentado pela preocupação infiel de guardar para viver, nenhuma hesitação pesarosa vem estragar a alegria que existe em dar esmola. Tendo dado tudo a Deus, já nada agora lhe toca, e ele o dispensa como tal, sem se lembrar de suas próprias necessidades, sem temor quanto ao pedaço de pão que o fará subsistir, tanto tem certeza de que, atingido o despojamento desejado, Deus o alimentará como a um passarinho do céu, e ainda até com mais cuidado. Quanto àquele que retém a substância do mundo, pelo contrário, e distribui, seja o dízimo ou as primícias de seus bens, seja uma parte do dinheiro que tem, sob a obrigação da Lei antiga, verdade é que não há orvalho que se compare a essa esmola para extinguir o fogo de seus pecados. Contudo, seja qual for sua magnanimidade nessa partilha de seus bens, é impossível que se afaste completamente da dominação do pecado, a não ser que renuncie ao mesmo tempo, por graça do Salvador, tanto àquilo que possui quanto ao espírito de propriedade.

De igual modo, é impossível que não permaneça sob o império cruento do pecado quem exige, com a Lei, olho por olho, dente por dente (cf. Ex 21,14), ou prefere odiar seu inimigo. Enquanto ele anseia por represálias iguais à ofensa e nutre contra o adversário um rancoroso amargor, as furiosas perturbações da cólera continuam sempre a abrasá-lo. Triunfa porém do mal, não pela resistência, e sim pela paciência, quem

quer que viva sob a luz da graça evangélica: se alguém o agride, voluntariamente e sem demora ele oferece a outra face; se alguém quiser mover uma ação para tirar sua túnica, deixa-lhe também o manto (cf. Mt 5,39-40). Amando seus inimigos e rezando por quem o caluniar, esse repeliu o jugo do pecado e já rompeu seus grilhões. Não vive mais sob a Lei, a qual realmente não destrói as sementes do pecado. Donde dizer com justiça o bem-aventurado Apóstolo: *Assim sendo, está abrogada a prescrição anterior, porque era fraca e sem proveito. De fato, a Lei nada levou à perfeição* (Hb 7,18-19). E o Senhor, pela boca do profeta: *Dei-lhes então estatutos que não eram bons e normas pelas quais não alcançariam a vida* (Ez 20,25). Vive no entanto sob a graça quem não se limita a podar os ramos do mal, mas arranca bem a fundo, pela própria raiz, o que for vontade daninha.

34 - *Como se reconhece se alguém está sob a graça*

O homem que se esforça por seguir a perfeição da doutrina evangélica, permanece portanto sob a graça, não sendo mais oprimido pela dominação do pecado: e estar sob a graça é fazer o que a graça ordena. Mas quem quer que se negue a acatar a plenitude da perfeição evangélica há de gabar-se em vão de ser batizado e monge: saiba-se que esse não está sob a graça, mas ainda embaraçado nos liames da Lei, vergando sob o peso do pecado.

De fato, o desígnio do Senhor, ao fazer seu, pela graça da adoção, todo aquele que o recebe, não é destruir, mas rematar, nem abolir, mas aperfeiçoar, os mandamentos de Moisés. E é isso que muitos ignoram de todo. Se por um lado se descuidam das magníficas exortações de Cristo, por outro se en-

tregam a uma presunçosa liberdade. Além de não se colocarem à altura dos preceitos de Cristo, por considerá-los árduos demais, desprezam os mandamentos que a Lei mosaica impunha aos judeus, tomando-os por antiquados e próprios para principiantes e crianças. É uma liberdade nociva, que o Apóstolo execrou ao dizer: *Devemos pecar porque não estamos sob a Lei e sim sob a graça?* (Rm 6,15). Ora, quem não está sob a graça, porque não ascendeu aos cimos da doutrina do Senhor, nem sob a Lei, porque se nega a acatar até mesmo os sucintos mandamentos da Lei, sofre duplamente a tirania do pecado, pois isso é crer que a graça de Cristo se recebe tão-só para que dele alguém se alheie por uma liberdade danosa, é cair no abismo do qual nos adverte o apóstolo Pedro, ao mandar nos comportarmos *como homens livres, e não à maneira dos que tomam a liberdade como véu para cobrir a malícia* (1Pd 2,16). Por sua vez, diz de igual modo o bem-aventurado apóstolo Paulo: *Vós, irmãos, fostes chamados à liberdade*, isto é, à libertação da tirania do pecado; *não abuseis, porém, da liberdade, usando-a como pretexto para servirdes à carne* (Gl 5,13), ou seja, não acrediteis que escapar dos preceitos da Lei é dar permissão aos vícios. A verdadeira liberdade não se encontra senão onde se encontra o Senhor, como também nos é ensinado pelo apóstolo Paulo: *O Senhor é Espírito e, onde está o Espírito do Senhor, há liberdade* (2Cor 3,17).

Não sei se fui capaz de aclarar o pensamento do bem-aventurado Apóstolo, como sabem elucidá-lo os que a seu favor têm a experiência. Há algo que sei porém muito bem, e é que esse pensamento, sem um mestre que o explique, revela seus segredos aos que foram até o fim da πραχτιχη, ou seja, da disciplina ascética. Não precisarão eles desdobrar-se em esforços para compreender discutindo o que de antemão a prá-

tica já lhes terá ensinado.

35 - *Por que às vezes os ataques da carne tornam-se ainda mais pungentes justamente quando mais jejuamos?*

Germano: Esclareceste uma questão muito obscura, sobre a qual, ao que me parece, muitos ainda se mantêm na ignorância. Peço-te que nos ajudes a continuar em progresso, esclarecendo-nos ainda cuidadosamente este ponto: na própria ocasião em que nossa disposição de jejuar se faz mais forte, os combates do corpo também se fazem sentir com veemência maior. Muitas vezes, ao acordar, o contágio da sórdida polução que sofremos nos deixa tão abatidos que, perdendo toda a confiança em nós mesmos, nem sequer nos atrevemos a nos levantar para a prece.

36 - *Essa pergunta deve ficar reservada para uma próxima conferência*

Teonas: Não se satisfazendo com noções superficiais, vossos desejos querem chegar a um conhecimento pleno e integral do caminho da perfeição. Tanto ardor me incita a ser eu mesmo infatigável no prolongamento desta conferência. O que mais vos interessa, na realidade, não é a castidade exterior, a circuncisão manifesta, mas sim a que jaz oculta. Sabeis que a plenitude da perfeição não consiste numa continência de ordem material, que até mesmo os infiéis podem ter, quer por necessidade, quer por hipocrisia, mas que ela está na pureza do coração e provém da livre vontade, conservando-se invisível. É esta que o Apóstolo prega: *Não é verdadeiro judeu quem o é no exterior, nem a circuncisão é a circuncisão exterior da carne. É judeu aquele que o é no interior e a circuncisão é a*

do coração, segundo o espírito e não segundo a letra. O louvor deste judeu não provém dos homens, mas de Deus (Rm 2,28-29), que é o único a penetrar nos segredos dos corações.

Não posso entretanto satisfazer completamente vosso desejo. O pouco tempo que ainda resta da noite não basta para ir ao fundo de uma questão tão complexa. Parece-me assim oportuno, pelo momento, adiá-la. Tudo isso deve ser visto com vagar, com o coração de todo imune ao rumor das cogitações. A respeito de tais coisas, é desse modo que vos devo falar, e desse modo é que deveis ouvir. Por elas só convém inquirir quando se visa a uma pureza maior e, por outro lado, só quem por experiência conhece o dom da integridade é capaz de bem ensiná-las. O que está em questão não são ocos argumentos nem palavras sonoras, onde o testemunho da consciência e a força vitoriosa da verdade devam falar por si. Não, nesta ciência da pureza, não há doutores, só pela prática se conseguirá dominá-la. E só quem ama intensamente a verdade, quem não a torna um tema vão de indagações e discursos, mas anseia por ela e a persegue com todas as suas forças, é que poderá transmiti-la: aquele que, ao invés de ser levado por uma loquacidade infrutífera, o é tão-só pelo desejo de purificar-se por dentro.

XXII

SEGUNDA CONFERÊNCIA DO ABADE TEONAS

Das Ilusões da Noite

1 - *Exortação que nos fez o abade Teonas, quando a ele voltamos*

Passaram-se quase sete dias; a solenidade de Pentecostes tinha terminado. Com as primeiras sombras da noite – era o momento que se segue à sinaxe da tarde –, entramos na cela do abade Teonas com o espírito em suspenso pela expectativa em que estávamos da prometida conferência.

O ancião, já se achando pronto, foi o primeiro a nos dirigir a palavra, com o rosto sorridente e amável. Era espantoso, disse ele, que o ardor de vosso zelo vos tivesse permitido esperar sete dias pela solução do problema que me submetestes. Parecia-me estranho que houvésseis concedido ao vosso devedor um prazo assim tão extenso, sobretudo porque ele não o pedira.

Conseqüentemente, após a pausa que vossa benignidade me concedeu com tanta largueza, é mais que justo que eu não mais me demore a quitar meu débito. Tal espécie de usu-

ra, na verdade, é muito grata para mim, pois as riquezas que assim distribuímos multiplicam-se em nossas mãos. Se tornam maior o cabedal de quem as recebe, nem por isso deixam mais pobre quem as vem repartir. É um ganho dobrado, de fato, o do dispensador da doutrina espiritual: ao proveito do ouvinte soma-se o benefício pessoal que ele obtém ao falar, pois nele mesmo, quando instrui os outros, o desejo de perfeição não se acende menos. Vosso ardor, desse modo, é para mim causa de progresso, sendo vossa solicitude causa de compunção. Minha própria alma permaneceria afundada em torpor e nem sequer pensaria em nada do que reclamais, se vossa expectativa e entusiasmo não a despertassem do sono, à lembrança das coisas espirituais. É pois o momento, se vos parece bem, de enunciar o problema cuja solução fomos persuadidos antes, pela exigüidade do tempo, a adiar.

2 - *Evocação de nossa pergunta: Por que os combates da carne às vezes se tornam mais violentos após uma abstinência maior?*

Se não me engano, este era o ponto que vossa indagação suscitava: que às vezes é numa época de descanso e de alegre abandono que os aguilhões da carne parecem enfraquecer-se; e que, ao redobrar-se a abstinência, ocorre-nos, pelo contrário, com o corpo esgotado e lânguido, sermos assaltados pelas mais rudes investidas, até por fim nos encontrarmos maculados, ao despertar, como vossa confissão deu a entender, pelo derramamento de humores naturais.

3 - *O derramamento de fluido genital provém de uma causa tríplice*

Ensinaram-nos nossos predecessores que essa infesta-

ção tem três causas, as quais irrompem, por intempestivos desvios, ao longo do prazo de moderação fixado. Ou bem houve um excesso de alimentação supérflua que a seguir acarreta uma congestão, ou bem é a falta de vigilância que lhe dá livre curso, ou bem ainda são as ciladas do inimigo que, por ilusões, a provocam.

Primeiramente é a avidez da boca, ou seja, o vício da voracidade e da gula, que põe para fora essa superabundância de obscenos humores. Se alguém vê sua pureza empanada numa época da mais rigorosa abstinência, a causa não está nas privações da hora presente, como imaginais, mas sim nas saturações passadas. É inevitável que aquilo que por sôfrega voracidade se condensou na medula venha a ser rejeitado, por prurido ou, ao menos, por inconsciência, justamente quando o corpo se acha minado pelo jejum. Não basta pois evitar lautas refeições, é preciso também que uma continência sempre sóbria modere o consumo dos alimentos mais comuns. Nem mesmo o pão e a água devem ser ingeridos à saciedade se, depois de termos conquistado a pureza do corpo, quisermos que ela permaneça e imite de algum modo a castidade intemerata do espírito. Forçoso é reconhecer que não são poucos os que, sem nenhuma preocupação quanto a isso, mas apenas pelo equilíbrio do corpo ou a madureza da idade, só muito de vez em quando conhecem a sordidez, ou nem sequer chegam a poluir-se pela efusão de tais fluidos. Um porém é o mérito de quem por sorte inerte alcança a paz, outro o de quem por gloriosas virtudes se faz merecedor do triunfo. Nesse, há uma força vitoriosa que debela todos os vícios e desperta admiração; já aquele, que a necessidade do bem protege em sua indolência, parece-me, por assim dizer, mais digno de pena que de elogio.

A segunda causa dessa emanação impura está em que,

por se achar a alma ociosa, sem nenhuma ocupação, nenhum exercício espiritual, não mais procura ela viver segundo as disciplinas do homem interior, e assim se deixa tomar, à medida que seu contínuo torpor degenera em hábito, por uma espécie de ferrugem da apatia. Ou então ela se precavém tão pouco das influências dos maus pensamentos, e é tão indolente em seu desejo pelos graus mais sublimes da pureza de coração, que acaba crendo que o supra-sumo da castidade e da perfeição consiste apenas em castigar o homem exterior. Por serem viciosos, tal negligência e tal erro têm uma conseqüência fatal. Com um descarado atrevimento e das mais diversas maneiras, as idéias errantes se acumulam e irrompem no segredo da alma, onde as sementes dos vícios do passado, além do mais, perseveram. Ora, enquanto essas se mantiverem ocultas em seus recônditos, nem os jejuns mais severos com que castigamos o corpo impedirão que sonhos voluptuosos venham inquietar o sono. E, antes do legítimo curso do tempo, tais sonhos provocarão, não por necessidade natural, e sim por fraude de libertinagem, a mancha que não tanto o esgotamento da carne quanto a circunspecção da alma e sua virtude ao menos reduziriam, com o auxílio da graça divina, a um derramamento bem simples, se a não pudessem evitar de todo. Justamente por isso é que é preciso, antes de tudo, reprimir as divagações do espírito, para que a alma não se acostume a esses desvios e depois se deixe arrastar, durante o sono, às mais repelentes incitações da luxúria.

A terceira causa é que, por uma prática regular e atenta da abstinência, por contrição do coração e do corpo, optamos por adquirir a pureza perpétua da castidade, mas, enquanto tão meritoriamente cuidamos do bem da carne e do espírito, a inveja do inimigo concebe uma ardilosa tática: seu alvo é abater nossa confiança e, como se por uma falta real, nos humi-

lhar. Assim propenso, ele escolhe em particular aqueles dias, nos quais por uma integridade mais louvável mais desejamos ser do agrado da divina presença, para poluir-nos o corpo pela emissão de um simples fluido, embora sem pruridos da carne, por certo, sem consentimento da alma ou a ilusão de um fantasma qualquer, com a intenção de afastar-nos da sacrossanta comunhão.

Não obstante, em alguns principiantes, cujo corpo ainda não foi rarefeito pela longa mortificação do jejum, tais ilusões parecem servir às vezes a outra manobra diabólica. É justamente quando os vê dedicados a jejuns mais intensos que o demônio se empenha por subverter seus esforços. Ao verificar que eles nada ganharam, jejuando de um modo tão rigoroso, para a pureza do corpo, mas que os ataques se tornaram, pelo contrário, mais violentos, calcula ele que talvez passem a ter horror da abstinência, tomando então essa mestra de incorrupção, essa ama de pureza, por inimiga.

Há algo pois de que devemos nos persuadir bem a fundo. Por que razão não devemos permitir que nenhum dos vícios subsista? Sem dúvida, para que seus movimentos tumultuosos não nos ocupem o espírito. Mas também por outro motivo, qual seja, que um vício, não contente de exercer sua dominação à parte, traz consigo um bando de sequazes, que são ainda mais cruéis, e assim promove uma devastação na alma que lhe foi submetida, entregando-a a um multiplicado cativeiro. Se é pois mister vencer a gula, não é tão-só por causa dela, não por medo de que, com sua onerosa voracidade, ela nos corrompa, nem sequer e unicamente para se precaver de que acenda em nós o fogo da concupiscência carnal, mas também para impedir que ela chegue a escravizar-nos à ira, ao

furor, à tristeza e aos demais vícios. De fato, caso nos dêem de comer e beber em quantidade menor, ou muito tarde, ou com negligência ao servir, e se por isso nos deixarmos dominar pela tirania da gula, fatalmente também seremos picados pelos aguilhões da ira. Por outro lado, é impossível deleitar-se em voluptuosos sabores e ao mesmo tempo escapar à paixão pelo dinheiro, que reina sobre os preparativos supérfluos e dispendiosos em que a luxúria se compraz. Na verdade, o apego ao dinheiro, a vanglória, a soberba, toda a profusão de vícios se mantém coesa numa associação inseparável. Não importa se um deles começa a medrar sozinho em nós, pois logo ele haverá de ser propício ao crescimento dos outros.

4 - *Pergunta: É lícito aderir à sacrossanta comunhão, se se foi poluído por uma ilusão noturna?*

Germano: Cremos que tratar dessa questão assim com tanta franqueza é uma providência de Deus. Há um ponto, de fato, em que nunca pudemos ser instruídos, porque o pudor coibia em nós a ousadia de indagar. A conferência de agora e a própria ordenação dos assuntos nos estimulam no entanto a falar com mais liberdade. Então, se por acaso nós sofrermos em sonho uma ilusão maculada, quando for tempo de comparecer aos sacramentos, o que será melhor fazer: abster-se deles, ou ousar participar, mesmo assim sendo, do pão três vezes sagrado da salvação?

5 - *Resposta: Quando, em tais circunstâncias, se incorre em erro*

Teonas: Todo o zelo que há em nós, decerto, deve por nós ser empregado para manter imaculada a pureza de nossa castidade, sobretudo nas ocasiões em que pretendemos com-

parecer perante o altar sagrado. Quanta vigilância, quanta circunspecção, quantas precauções infinitas não se farão necessárias para que a integridade de nossa carne, até então indene, não nos seja arrebatada na própria noite em que nos preparamos para a comunhão do salutar banquete!

Mas se o inimigo, planejando nos subtrair ao proveito do remédio celeste, enganar com sua malícia a vigilância da alma adormecida, de modo a não deixar-nos porém contaminados, nem por um repreensível prurido, nem por nenhum consentimento ao prazer pernicioso, e que ele assim só tenha a alegar, como impedimento à nossa santificação, uma emissão provocada pela necessidade natural ou por seu ataque, sem qualquer sentimento de volúpia, não só podemos como também devemos nos aproximar confiantemente da graça desse tonificante alimento.

Diferente seria o caso, se houvesse erro de nossa parte. Conviria então pôr em causa nossa própria consciência, pensando, e fazendo-o com tremor, nestas palavras do Apóstolo: *Quem come o pão ou bebe o cálice do Senhor indignamente será réu do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e então coma do pão e beba do cálice; pois aquele que come e bebe, sem discernir o corpo do Senhor, come e bebe sua própria condenação* (1Cor 11,27-29). Isso porque ele não distingue o nutriente celeste dos alimentos comuns e utilitários, não é capaz de compreender que só lhe é lícito recebê-lo de alma e corpo purificados. O Apóstolo, a seguir, acrescenta: *Eis por que há entre vós tantos débeis e enfermos e muitos morreram* (1Cor 11,30), afirmando que é principalmente a esse pressuposto que a doença e a morte espirituais devem sua origem. De fato, muitos que ousam comun-

gar ilicitamente são fracos na fé e de alma débil, ou seja, vitimada pelos langores do vício; dormem o sono do pecado, sem que jamais uma solicitude salutar os desperte dessa letargia funesta. O texto prossegue: *Se nos examinássemos a nós mesmos, não seríamos julgados* (1Cor 11,31). Em outras palavras: se nós mesmos nos julgarmos indignos de receber os sacramentos, sempre que a chaga do pecado nos ponha de sobreaviso, acautelar-nos-emos para deles só nos aproximarmos de maneira condigna, emendando-nos pela penitência. Se assim não for, o Senhor será forçado a castigar nossa indignidade com a rija chibata das enfermidades. Por esse método, pelo menos chegaremos à compunção; e então iremos procurar remédio para nossas feridas, pelo temor de sermos futuramente condenados com os pecadores deste mundo, se do castigo passageiro do presente século não fomos julgados dignos.

O *Levítico* nos dá, em termos evidentes, um mandamento idêntico ao do Apóstolo: *Todo aquele que estiver puro poderá comer da carne; mas se alguém se encontrar em estado de impureza e comer da carne de um sacrifício de comunhão oferecido ao Senhor, será exterminado do meio do seu povo* (Lv 7,19-20). No *Deuteronômio*, de modo semelhante, o homem impuro é misticamente segregado do campo espiritual: *Se em teu meio houver algum homem que ficou impuro por causa de uma polução noturna, ele deverá sair para fora do acampamento e não voltará. Ao cair da tarde ele se lavará e, ao pôr-do-sol, poderá voltar ao acampamento* (Dt 23,11-12).

6 - *Os acontecimentos em pauta eventualmente decorrem das artimanhas do demônio*

Eis algo que provará de modo ainda mais claro que uma tal impureza é também devida às vezes aos ardis do de-

mônio. Conheço um irmão que fruía de uma constante castidade de coração e de corpo, depois de a ter merecido à força de circunspecção e humildade, e que não costumava ser tentado por essas ilusões da noite. No entanto, todas às vezes em que ele se preparava para a comunhão do Senhor, uma impura emissão o vinha macular em seu sono. O espanto o impediu, por longo tempo, de participar dos sacramentos. Por fim ele resolveu submeter a questão aos anciãos, confiante de encontrar em seu caritativo conselho um remédio para esses ataques, bem como para a dor que sentia.

A ciência dos médicos espirituais empenhou-se de início em explorar a causa primeira das doenças do gênero, que consiste no excesso de comida, da qual porém não encontraram nele nenhum vestígio. Como sua bem-conhecida austeridade e o fato de tal circunstância específica só ocorrer nos dias de solenidades não lhes permitem se ater a essa idéia, logo passam então a examinar a segunda causa. Para que a carne, extenuada pelos jejuns, fosse perseguida por ilusões impuras, não teria a alma cometido algum erro? Há homens, de fato, e até dos mais austeros, que insensivelmente se exaltam pela pureza de seus corpos. Mas é o vício da soberba, nesse caso, que lhes provoca uma polução, porque julgaram obter por suas forças humanas o que é um dom muito particular de Deus, a castidade do corpo. Interrogam pois o irmão sobre isso. Tomar-se-ia ele por capaz de uma tal virtude, apenas por seus próprios esforços e portanto prescindindo da ajuda divina? No entanto humildemente ele afirma, parecendo-lhe abominável essa idéia tão ímpia, que não teria mantido o corpo puro, mesmo em dias comuns, se não houvesse sido socorrido pela graça divina. Sem mais tardança eles então vão fixar-se na terceira causa. Tudo está claro: o que se tem pela

frente é uma secreta maquinação do diabo. Certificando-se de não haver erro, nem da carne, nem do espírito, os anciãos ousadamente decidem que o irmão deve participar do banquete sagrado. Perseverar na abstenção seria cair na engenhosa armadilha que a malignidade do inimigo preparou para ele, manter-se longe do corpo e da santidade de Cristo e ver-se para sempre excluído, por essa astúcia diabólica, de um meio de salvação tão poderoso.

Assim foi feito, e toda a encenação urdida pelo demônio se descobriu, porque a virtude do corpo do Senhor interrompeu de imediato a ilusão já tornada habitual. Ao evidenciar-se assim pois a insidiosa intenção do inimigo, foi também explicada e comprovada a sentença dos anciãos, segundo a qual tal impureza freqüentemente tinha origem, não num vício da carne, não num vício da alma, mas sim no logro, na mistificação a que o adversário compele.

Para ignorar portanto, senão para sempre, pelo menos durante determinados meses, segundo a condição humilde e comum, a falaz imaginação dos sonhos que provoca tais acidentes, nosso primeiro apoio será a fé, na qual convém sempre esperarmos esse dom da pureza, que muito particularmente vem da graça de Deus, cabendo-nos reprimir em seguida os excessos ao comer e beber. A superabundância nisso, com efeito, engendra necessariamente por si certos humores que, devendo ser rejeitados pela própria lei da natureza, acabarão por derramar-se na ocasião em que ocorram alguma ilusão ou prurido. Subtraída a saciedade, tais impurezas serão, pelo contrário, de formação mais lenta. E quer seu fluxo, quer até mesmo a ilusão, se assim for, só bem mais raramente e de maneira mais suave perturbarão o sono, porque o derramamento não procede tanto da

imaginação quanto a imaginação de seu excesso.

Por conseguinte, se quisermos nos ver livres dessas ilusões lamentáveis, é preciso nos aplicarmos, em primeiro lugar, a triunfar do vício impuro, a fim de que, segundo a palavra do bem-aventurado Apóstolo, *o pecado já não reine em nosso corpo mortal, por nossa obediência às concupiscências* (Rm 6,12); em segundo, a acalmar e adormecer a força da carne, de modo a *não oferecermos nossos membros ao pecado como instrumentos do mal* (Rm 6,13); em terceiro, a mortificar até à medula de nosso homem interior todo e qualquer instinto libidinoso, *oferecendo-nos a Deus como mortos que voltaram para a vida* (id.). Essas etapas progressivas nos farão atingir a perpétua tranqüilidade do corpo, permitindo que ofereçamos *nossos membros a Deus como instrumentos* (id.), não de paixão, mas *de justiça* (id.). Fundados na pureza dessa castidade, *o pecado já não nos dominará* (Rm 6,14). Pois não estamos mais *sob a Lei* (id.), que, recomendando a prática lícita do casamento, nutre e reserva em nosso âmago o ardor que posteriormente se converte em agente das obras ilícitas da fornicação, *e sim sob a graça* (id.), que, introduzindo a incorrupção da virgindade, suprime até os movimentos mais simples e inocentes do corpo, assim como da prática lícita do casamento bane os excessos de volúpia.

Estancada desse modo a fonte dos humores impuros, transformar-nos-emos naqueles nobres e louváveis eunucos que Isaías celebra e mereceremos possuir a beatitude que lhes é prometida: *Pois assim fala o Senhor: aos eunucos que observam os meus sábados, dão preferência ao que me agrada e se mantêm fiéis à minha aliança, para eles levantarei na minha casa e no âmbito das minhas muralhas um monumento*

com seu nome gravado, mais valioso que filhos e filhas; eu lhes darei um nome eterno e imperecível (Is 56,4-5).

Quem são esses filhos e filhas aos quais os eunucos são preferidos, a ponto de receberem lugar e nome melhores, senão os santos do Antigo Testamento que, permanecendo no vínculo do casamento, todavia chegaram, e não sem merecê-lo, à adoção de filhos, pela observância dos mandamentos? Por outro lado, que nome é esse prometido como recompensa suprema, como algo insigne, senão o próprio nome de Cristo, que nós devemos ter um dia?[2] Nome do qual o mesmo profeta diz alhures: *Aos meus servos será dado outro nome, de modo que no país quem almejar bênçãos, o fará pelo Deus fiel, e quem no país prestar juramento, jurará pelo Deus fiel* (Is 65,15-16). Como diz ainda: *Receberás um nome novo que a boca do Senhor determinará* (Is 62,2). Além disso, aos fiéis de Cristo será dada, por essa beatitude precípua e singular, a fruição de cantar o cântico que nenhum dos santos pode cantar, a não ser os que seguem o Cordeiro por toda parte aonde ele vai, porque *estes são os que não se mancharam com mulheres, mas são virgens* (Ap 14,4).

Se quisermos pois chegar a essa glória tão sublime de virgens, busquemos com todas as nossas forças a castidade de espírito e de alma, para que assim nós não corramos o risco de figurar entre as virgens insensatas (cf. Mt 25), cuja virgindade não foi levada em conta. Tendo elas se limitado à castidade de corpo, esse nome de virgens lhes foi dado, mas de virgens insensatas, porque em seus vasos faltava o óleo da pureza interior, e todo o brilho, todo o esplendor de sua virgindade corpó-

[2] Os cristãos têm, de fato, o nome de *Cristo*.

rea desde então se extinguia. Pois é mister que a pureza interior conserve e por sua irradiação alimente a castidade do homem exterior, animando-o a nunca deixar de perseverar na integridade perpétua. Malgrado a qualificação como virgens, as insensatas assim não fazem jus ao glorioso ingresso na câmara nupcial do Esposo junto com as virgens prudentes, as quais mantiveram irrepreensivelmente seu corpo, sua alma e seu espírito intactos para o dia de nosso Senhor Jesus Cristo (1Ts 5,23). Imunes à corrupção, são essas, de fato, as verdadeiras virgens do Cristo, essas é que são reputadas como os nobres e admiráveis eunucos de que falava Isaías, não porque temam a fornicação e lhe sejam de todo incomplacentes, não porque refreiem a impudicícia, mas sim por terem dominado na alma as mais diminutas emoções da volúpia e as incitações mais tênues da paixão, por reduzirem a tal ponto o próprio sentido de sua carne, por assim dizer, que seus movimentos já não lhes trazem deleite algum, nem sequer a menor satisfação.

7 - *Ninguém nunca se deve julgar digno da comunhão do Senhor*

Devemos porém entrincheirar tão bem nosso coração, sob custódia da humildade, como se, com uma firmeza invariável de espírito, levássemos em consideração esta máxima: de modo algum nos é possível chegar a um mérito de purificação assim tão grande. De tal modo que, mesmo se realizássemos, pela graça de Deus, tudo que acaba de ser dito, ainda assim deveríamos nos crer indignos da comunhão do corpo santo. A razão para isso, em primeiro lugar, é que a majestade desse maná celeste é tanta que ninguém, nessa carne que foi moldada em barro, pode imaginar recebê-lo por causa de seus méritos próprios, e não por liberalidade, de todo gratuita, do Senhor. Ade-

mais, no combate deste mundo, quem será capaz de manter tal circunspecção que os dardos do mal não o atinjam, ao menos de raro em raro, ferindo-o de leve ao menos? A rigor é impossível, de fato, não pecar nunca, seja por ignorância, negligência ou sobressalto, seja em pensamento ou por impulso, seja ainda por esquecimento ou durante o sono. Eleva-se aos mais gloriosos cimos de virtude o homem que, sem jactância, pode exclamar com o Apóstolo: *Quanto a mim, mui pouco se me dá de ser julgado por vós ou por qualquer tribunal humano, pois nem a mim mesmo eu julgo. Certo que de nada me acusa a consciência* (1Cor 4,3-4). Tal homem deve entretanto saber que ele não pode estar sem pecado, pois não é sem motivo que acrescenta o mesmo Doutor: *Mas nem por isso me creio justificado* (id.). Ou seja: se a mim mesmo eu tomar por justo, não possuirei concomitantemente a glória da verdadeira justiça; ou ainda: do fato de em minha consciência não haver remorso por alguma falta não decorre que eu esteja isento de qualquer mácula, pois há muitas coisas que escapam à minha consciência, que me são obscuras e desconhecidas, mas que Deus nota e lhe são manifestas. Por isso ele conclui: *Quem me julga é o Senhor* (id.), isto é, somente aquele que penetra no segredo do coração profere sobre mim um julgamento verídico.

8 - *Objeção: Se ninguém está sem pecado, todos devem ser privados da comunhão do Senhor?*

Germano: Ainda há pouco disseste que, a não ser que se seja santo, não se deve participar dos sacramentos celestes. Mas agora acrescentas que é impossível ao homem estar de todo isento de faltas. Se ninguém está livre de faltas, ninguém então é santo. Ora, se ninguém é santo, conseqüentemente ninguém pode ser partícipe dos mistérios de Cristo e ninguém

ademais deve esperar pelo reino dos céus, que o Senhor promete somente aos santos.

9 - *Resposta: Muitos podem ser santos, mas sem pecado não há senão o Cristo*

Teonas: Não posso negar, por certo, que muitos são santos e justos. Mas entre santo e imaculado há uma grande distância. Uma coisa é ser santo, isto é, consagrado ao culto divino, designação que é comum, como testemunha a Escritura, não só a homens como também a lugares e aos vasos e utensílios do Templo, e outra coisa é estar sem pecado. Isso é um privilégio que se reserva à majestade de nosso Senhor Jesus Cristo, sobre quem o apóstolo proclama, como grandeza que lhe foi peculiar: *Ele não cometeu pecado* (1Pd 2,22). Com efeito, teria sido atribuir-lhe, à guisa de prerrogativa divina e incomparável, uma glória bem vulgar e pouco à altura dos louvores de que ele é digno, se a nós também fosse dado levar uma vida totalmente livre de pecados. O Apóstolo diz ainda aos hebreus: *Não temos um Sumo Sacerdote incapaz de compadecer-se de nossas fraquezas. Ao contrário, ele passou pelas mesmas provações que nós, com exceção do pecado* (Hb 4,15). Contudo, se entre nossa baixeza terrena e esse pontífice divino e excelso pode haver uma tal comunidade, se somos igualmente tentados, sem sofrer a ofensiva do pecado, por que terá o Apóstolo admirado nele tal privilégio singular e exclusivo, fazendo tanta diferença entre seu mérito e o do restante dos homens? Portanto, é por esta única exceção que ele se distingue de todos nós: é certo que não somos tentados sem pecado; ele, ao contrário, foi tentado sem pecado. Qual é o homem, por mais forte e corajoso que seja, que entretanto muitas vezes não exponha seu flanco aos dardos inimigos, que

possa viver sem risco entre os perigos tão temíveis dos combates, como se fosse revestido de uma carne invulnerável? Somente Cristo, *o mais belo dos filhos dos homens* (Sl 44,3), assumindo nossa condição mortal e toda a fragilidade da carne, jamais chegou a macular-se de qualquer sordidez.

10 - *Só o Filho de Deus venceu o tentador, sem conhecer a chaga do pecado*

Ele, à nossa semelhança, foi tentado, primeiramente pelo vício da gula. A astuta serpente, segundo a ordem que outrora havia seguido ao seduzir Adão, conta com a fome do Senhor e se esforça em iludi-lo com um desejo de alimentação: *Se és filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães* (Mt 4,3). Mas a tentação não se insinua, não o leva, de modo algum, a dar margem ao pecado; muito embora tal milagre, sem dúvida, estivesse a seu alcance, ele rejeita a comida que lhe é proposta pelo artífice de falsidades, dizendo: *Nem só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus* (Mt 4,4).

À nossa semelhança, foi ele tentado de vanglória, quando lhe foram dirigidas estas palavras: *Se és filho de Deus, lança-te daqui abaixo* (Mt 4,6). Mas não se deixa pegar pela malévola sugestão do diabo e, repelindo o sedutor tão velhaco, diz ao opor-lhe mais uma vez as Escrituras: *Não tentarás o Senhor teu Deus* (Mt 4,7; Dt 6,16).

Foi tentado, à nossa semelhança, de soberba e presunção, quando o diabo lhe prometeu todos os reinos do mundo e sua glória. Contudo ele ri da impostura do tentador e o castiga com estas palavras: *Afasta-te, Satanás. Pois está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele servirás* (Mt 4,10). Tais

testemunhos nos ensinam que devemos resistir de igual modo às fraudulentas sugestões do inimigo, trazendo à lembrança as Escrituras.

Pela segunda vez foi tentado de soberba, à nossa semelhança, quando o fazedor de insídias lhe fez oferecer pelos homens a realeza que, de suas mãos, ele já recusara. Mas zombou dos ardis do tentador, sem cair em pecado: *Percebendo que pretendiam levá-lo para fazê-lo rei, retirou-se outra vez, sozinho, para o monte* (Jo 6,15).

Foi tentado, à nossa semelhança, quando o esmurraram e açoitaram, quando nele odiosamente escarraram, quando na cruz suportou até o fim os mais incomparáveis suplícios. Todavia nenhum ultraje, nem sequer aquelas próprias torturas puderam arrancar-lhe a indignação mais ligeira, e do alto de seu patíbulo ele teve este grito de misericórdia: *Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem* (Lc 23,34).

11 - *Só Cristo veio à semelhança da carne do pecado*

E como entender aquilo que a seu respeito diz o Apóstolo, que ele veio à semelhança da carne do pecado, se nós podemos ter também uma carne livre da mancha do pecado? Pois é ainda um privilégio exclusivo d'Aquele que é o único a estar sem pecado o que ele quer exprimir nestas palavras: *Deus enviou seu Filho em carne semelhante à do pecado* (Rm 8,3). Tomando-se a substância de nossa carne em sua verdade e integridade, forçoso é crer que Cristo não assumiu com ela o pecado, mas tão-somente a semelhança do pecado. A palavra *semelhança* não vai assim contra a verdade da carne, segundo o sentido errôneo de alguns heréticos, mas se refere à imagem do pecado. De fato, ele tinha uma carne verdadeira, que todavia estava sem

pecado e apenas trazia a semelhança da carne pecadora. A primeira parte da frase afirma a realidade da natureza humana; a segunda concerne a seus costumes e vícios. Tinha ele a carne semelhante à do pecado quando indagou, como um homem que ignora o que há para comer e se preocupa com isso: *Quantos pães tendes?* (Mc 6,38). Porém, não estando sua carne submetida ao pecado, seu espírito não o estava também à ignorância. Assim, o Evangelista logo acrescenta: *Dizia para experimentá-lo, pois bem sabia o que ia fazer* (Jo 6,6). Tinha uma carne semelhante à pecadora quando, como um homem que sente sede, pediu de beber à mulher da Samaria. Mas sua carne não estava poluída pela mancha do pecado, pois ele mesmo – vede o contraste! – foi que instou a samaritana a solicitar a água viva que a impediria de jamais ter sede, tornando-se nela uma fonte a jorrar para a vida eterna. De igual modo, tinha ele a verdade da carne, quando dormiu na barca. Mas, para que aqueles que navegavam em sua companhia não fossem enganados por tal parecença de pecado, *levantou-se e intimou aos ventos e ao mar e se fez grande bonança* (Mt 8,26). Parecia estar sujeito ao pecado, segundo a sorte comum a todos, quando dele se dizia: *Se ele fosse profeta, saberia quem e que espécie de mulher é esta que o toca; pois é uma pecadora* (Lc 7,39).

Contudo ele não tinha a verdade do pecado, pois logo confundiu o pensamento blasfemo do fariseu e perdoou os pecados da mulher em questão. Poder-se-ia pensar que ele trouxesse uma carne pecadora, tal como os outros, quando, em perigo de morte e tomado de terror ante seus iminentes suplícios, fez esta prece: *Pai, se for possível, afasta de mim este cálice* (Mt 26,39), ou quando disse: *Minha alma está triste até à morte* (Mt 26,38). Tal tristeza desconhecia no entanto o contágio do pecado, pois quem era o autor da vida não podia ame-

drontar-se com a morte. E ele, de fato, disse de sua vida: *Ninguém a tira de mim. Sou eu mesmo que a dou. Tenho o poder para dá-la e para novamente retomá-la* (Jo 10,18).

12 - *Os santos e os justos não têm a semelhança, mas a verdade do pecado*

Entre o homem nascido da Virgem e os que nascem da união dos sexos há pois esta considerável diferença: todos nós trazemos em nossa carne, não a semelhança, mas a verdade do pecado, ao passo que ele, mesmo assumindo uma carne verdadeira, contudo não incorporou a verdade, mas tão-somente a semelhança do pecado. Por isso foi que os fariseus, que no entanto podiam se lembrar muito bem do que dele está escrito no profeta Isaías, que *não tivesse praticado violência nem houvesse falsidade em sua boca* (Is 53,9; 1Pd 2,22), deixaram-se ainda assim enganar pela semelhança da carne do pecado, a ponto de dizerem: *Eis aí um comilão e beberrão de vinho, amigo de publicanos e pecadores* (Mt 11,19); e ao cego que recuperara a visão: *Dá glória a Deus. Nós sabemos que aquele homem é pecador* (Jo 9,24); e por fim a Pilatos: *Se não fosse malfeitor não o teríamos entregue a ti* (Jo 18,30).

Daí decorre que qualquer um que se atreva a se declarar sem pecado entrega-se a um orgulho blasfemo, reivindicando igualdade com o privilégio tão singularmente próprio ao Senhor. Seria o mesmo que dizer, de fato, que tem a semelhança da carne do pecado, e não a verdade do pecado.

13 - *Os pecados dos santos não são tão graves, que lhes tirem o mérito da santidade*

Assim pois a Escritura proclama abertamente que os

justos e os santos não estão imunes a faltas, quando diz: *O justo, ainda que caia sete vezes, levantar-se-á* (Pr 24,16). Que é cair, com efeito, senão pecar? No entanto, mesmo dizendo que ele cai sete vezes, ela não deixa de o chamar de justo, pois as quedas por pura fragilidade humana não comprometem sua justiça. É que entre a queda do pecador e a do santo há um abismo. Uma coisa é cometer um pecado mortal, outra é deixar-se surpreender por um pensamento que não esteja isento de pecado, errar por ignorância, por esquecimento, por palavras inúteis e escapadas às pressas, ser afetado por alguma ligeira hesitação na interioridade da fé, regozijar-se com as carícias sutis da vaidade, despencar por um momento, sob o peso da natureza, dos mais altos cimos da perfeição. São esses os sete tipos de queda que se encontram na própria vida dos santos, sem que eles cessem, por causa delas, de ser justos. Por outro lado, por mais ligeiras que pareçam, e de pequenas conseqüências, tais quedas porém nos fazem não estar sem pecado. Os santos realmente têm motivos para se dar à penitência diária, implorar perdão e incessantemente rezar por seus pecados, dizendo: *Perdoa-nos nossas ofensas* (Mt 6,12).

Provemos todavia, por exemplos bem evidentes, que muitos santos erraram, sem nem por isso decair da justiça.

Veja-se o bem-aventurado Pedro, o primeiro dentre os apóstolos. Que pensar a seu respeito, a não ser que ele era santo? Sobretudo na hora em que o Senhor lhe dizia: *Feliz és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue quem te revelou, mas o Pai, que está nos céus... Eu te darei as chaves do reino dos céus, e tudo que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo que desligares na terra será desligado nos céus* (Mt 16, 17.19). Que pode haver de mais glorioso do que esse elogio que o Senhor lhe faz, de mais sublime do que esse

poder e tal beatitude? Porém no instante seguinte, em sua ignorância da Paixão, Pedro se opõe, sem saber, a esse mistério, que viria a ser de tão grande utilidade para o gênero humano, quando exclama: *Deus não permita, Senhor, que isto aconteça* (Mt 16,22). E por tal razão merece ouvir: *Afasta-te de mim, Satanás! Tu és para mim um escândalo, porque não tens senso para as coisas de Deus, mas para as dos homens* (Mt 16,23). Ora, quando a própria Eqüidade lhe dirige uma reprimenda assim, é lícito crer que ele não tenha caído, ou que tenha perseverado na santidade da justiça? Já quando o medo dos perseguidores, que estão prestes a se lançar sobre ele, leva-o a renegar três vezes seu mestre, pode-se não admitir que haja sofrido uma evidente queda? O arrependimento no entanto vem logo a seguir depois do erro, suas lágrimas por demais amargas limpam a mancha de um tão grande crime e ei-lo que assim não perde os méritos de santidade e justiça.

É portanto a seu respeito, e a respeito dos santos que se assemelham a ele, que nós devemos escutar o que por Davi é cantado: *O Senhor firma os passos do homem, em cuja senda se compraz. Se cair, não ficará prostrado, porque o Senhor o sustenta pela mão* (Sl 36,23-24). Pode porventura não ser justo aquele que tem seus passos firmados pelo Senhor? Dele entretanto é dito: *Se cair, não ficará prostrado*. Que quer dizer esse *se cair*, a não ser: se ele incorrer em algum pecado? Já quando é dito que ele *não ficará prostrado*, compreende-se que as incursões do pecado não o oprimirão por muito tempo. Na hora, bem pode parecer que se prostra; mas, soerguido pelo amparo divino, que ele implora, sua presteza em repor-se ereto faz com que não chegue a perder a imóvel retidão da justiça; ou pelo menos, se momentaneamente a perde, pela fragilidade da carne, logo a tem devolvida pela mão do Senhor, que o

sustenta. De fato, um homem não deixa de ser santo depois de sua queda se, reconhecendo que não poderá justificar-se pela confiança em suas próprias obras, e persuadido de que somente a graça do Senhor o livrará dos incontáveis liames do pecado, também não deixa de proclamar com o Apóstolo: *Infeliz de mim! Quem me livrará deste corpo de morte? Graças a Deus, por Jesus Cristo nosso Senhor* (Rm 7,24-25).

14 - *Como se deve compreender esta palavra do Apóstolo:* Não faço o bem que quero (Rm 7,19)

O apóstolo Paulo reconheceu que o homem, obstado pelo burburinho de seus pensamentos, é impotente para penetrar no inestimável abismo da pureza; e, tendo estado tanto tempo à deriva, como que sobre a infinitude dos mares, ele mesmo disse: *Não faço o bem que quero e sim o mal que não quero* (id.); e depois: *Se faço o que não quero, já não sou eu que faço, e sim o pecado que mora em mim* (Rm 7,20); e ainda: *No íntimo de meu ser amo a lei de Deus. Mas sinto nos membros outra lei que luta contra a lei do espírito e me prende à lei do pecado que está nos meus membros* (Rm 7,22-23). Ele olhou pois até o fim sua natureza, sua própria fragilidade humana, e, tomado de pavor diante da vastidão tão imensa dessa profundez, busca um refúgio no porto seguro do amparo divino. Desesperando, por assim dizer, de sua tosca embarcação, que ele vê sempre quase a ponto de ir a pique sob o peso da mortalidade, suplica Àquele para quem nada é impossível que o salve do naufrágio, soltando este grito patético: *Infeliz de mim! Quem me livrará deste corpo de morte?* (Rm 7,24). E logo espera que lhe venha da bondade divina a redenção que não contava mais que viesse da fraqueza da natureza, pois cheio de confiança ele prossegue: *Graças a Deus, por Jesus Cristo*

nosso Senhor (Rm 7,25).

15 - *Objeção: Não se deveria pensar que o Apóstolo tenha falado em nome dos pecadores?*

Germano: Muitos deduzem que essa passagem do Apóstolo deveria ser entendida assim: que ele não falou em seu próprio nome, mas em nome dos pecadores que gostariam de abster-se das volúpias carnais e contudo, presos a seus vícios antigos, encantados pelas paixões da carne, não conseguem conter-se; o hábito inveterado do mal oprime-os sob uma tirania impiedosa que não lhes permite respirar o ar puro da liberdade e da virtude.

Quanto ao bem-aventurado Apóstolo, posto que tenha chegado, sem dúvida alguma, ao mais alto cume da perfeição, como estas palavras poderiam ser-lhe aplicadas: *Não faço o bem que quero e sim o mal que não quero* (Rm 7,19); ou o que logo a seguir ele acrescenta: *Se faço o que não quero, já não sou eu que faço, e sim o pecado que mora em mim* (Rm 7,20); ou ainda isto: *No íntimo de meu ser amo a lei de Deus. Mas sinto nos membros outra lei que luta contra a lei do espírito e me prende à lei do pecado que está nos meus membros* (Rm 7,22-23)? De que modo conciliar essas idéias com a pessoa do Apóstolo? Qual o bem que ele não pôde fazer? Por outro lado, qual o mal que ele fez, contra a sua vontade e a despeito do ódio que sentia por isso a que a natureza o arrastava? Sob que lei do pecado esse vaso de eleição, em que Cristo falava (cf. 2Cor 13,3), pôde tornar-se cativo? Ele, após haver subjugado toda desobediência e *todo orgulho que se levantar contra Deus* (2Cor 10,5), dizia em plena confiança a seu próprio respeito: *Combati o bom combate, terminei minha carreira, guardei a fé. Já me está preparada a coroa da justiça que naquele dia*

me entregará o Senhor, justo juiz (2Tm 4,7-8).

16 - *A questão é deixada para mais tarde*

Teonas: Seguro do silêncio, entrei no porto, e eis que tentas me levar para o ilimitado oceano de uma questão cheia de profundos mistérios. Porém, depois de termos empreendido, na presente conferência, uma viagem já bem longa, aproveitemos esse lugar tão tranqüilo que nos é oferecido para fundear, e aqui lancemos a âncora da quietude. Amanhã, se a isso não se opuser a tempestade, nós nos valeremos do vento favorável e içaremos as velas para uma nova conversa.

XXIII

TERCEIRA CONFERÊNCIA DO ABADE TEONAS

DA IMPECABILIDADE

1 - *Discussão do abade Teonas sobre estas palavras do Apóstolo:* Não faço o bem que quero (Rm 7,19)

Ao retornar a luz do dia, muito insistimos com o ancião, pedindo-lhe para sondar a fundo o abismo da questão que se levantara na véspera a respeito do Apóstolo.

Esforçai-vos por provar, disse então Teonas, que o apóstolo Paulo não falava em seu próprio nome, mas em nome do pecador, quando afirmou: *Não faço o bem que quero e sim o mal que não quero* (id.); ou ainda: *Se faço o que não quero, já não sou eu que faço, e sim o pecado que mora em mim* (Rm 7,20); e também isto: *No íntimo de meu ser amo a lei de Deus. Mas sinto nos membros outra lei que luta contra a lei do espírito e me prende à lei do pecado que está nos meus membros* (Rm 7,22-23). No entanto a conclusão que evidentemente decorre desses textos é justamente o contrário da que tirais. Tais idéias não poderiam de modo algum adequar-se à pessoa do pecador, e o que está dito se refere tão-somente aos perfeitos; só a castidade daqueles que imitam as virtudes dos apóstolos

corresponde a essa linguagem.[1]

De resto, como estas expressões poderiam convir à pessoa dos pecadores: *Não faço o bem que quero e faço o mal que não quero* (Rm 7,19), ou: *Se faço o que não quero, já não sou eu que faço, e sim o pecado que mora em mim* (Rm 7,20)? Qual pecador se macula de impudicícia ou de adultério contra a sua vontade? Qual, a despeito do que quer, arma ciladas para o próximo? Qual sente um constrangimento inevitável por oprimir pelo falso testemunho, por enganar e roubar, por cobiçar despojos ou tirar sangue dos outros? Pelo contrário, tal como está escrito, *a tendência do coração humano é má desde a infância* (Gn 8,21). Em todos aqueles nos quais arde a paixão do vício, que avidez por satisfazer seus imoderados desejos, que solicitudes que jamais adormecem! Eles espreitam a ocasião favorável para cometer o crime, de tanto que temem já gozar tarde demais da saciedade de suas propensões exaltadas. Além disso, orgulham-se do acúmulo de suas perversidades e de sua ignomínia, fazendo do que é vergonhoso uma espécie de glória, segundo a severa palavra do Apóstolo (cf. Fl 3,19). O profeta Jeremias, por sua vez, garante que não só é sem resistência da vontade e com tranqüilidade de coração e de corpo que os vemos perpetrar os crimes de sua infâmia,

[1] A opinião corrente é que o Apóstolo fala em nome do judeu, esclarecido pela Lei, mas vencido pela concupiscência; é a única que se põe de acordo com o texto (cf. PRAT, *Théologie de saint Paul,* 13, I, 272-5; e, para um diferente matiz, LAGRANGE, *Épitre aux Romains*, 171-4). Santo Agostinho, depois de a ter sustentado, abandonou-a, para explicar que São Paulo falou em nome do cristão justificado, contudo atormentado pela concupiscência (*Contra duas epist. Pelag.*, l. 1, caps. 16-29; *PL*, 44, 559-562. *Retract.*, l. 1, caps. 23, 24, 26; *PL* 32, 620 segs.; l. 2, cap. 1; *ibid.*, 629). Santo Hilário mantinha a mesma idéia (*In Psalm.*, 118, 3; *PL*, 9, 518). Teonas vai mais longe, pretendendo tratar-se dos perfeitos; por outro lado, não fala mais, com muita exatidão, da concupiscência, mas apenas das inevitáveis fragilidades deste mundo.

mas que eles se desgastam também em laboriosos esforços para chegar a cometê-los, a ponto de as dificuldades que encontram, por maiores que sejam, tornarem-se impotentes para afastá-los de seu apetite criminoso e nefasto: *Cansam-se de agir mal* (Jr 9,4), diz o profeta. E diríamos ser adequada aos pecadores esta palavra: *Sou eu mesmo que pela razão sirvo à lei de Deus, e pela carne à lei do pecado* (Rm 7,25)? Claro está que eles não servem a Deus, nem no espírito, nem no corpo. E de que modo os que pecam pelo corpo serviriam pelo espírito a Deus? O que alimenta o fogo dos vícios é engendrado na carne pelo coração. O próprio autor de ambas as substâncias o afirma, é aí que a fonte, que a origem do pecado se encontra: *Porque do coração provêm os maus pensamentos, os adultérios, a prostituição, os roubos, os falsos testemunhos* (Mt 15,19) etc.

Agora então está bem evidente a prova, esses textos não podem ser entendidos quanto à pessoa do pecador. Pois que, além de não detestarem o mal, eles, de fato, o amam; longe de servirem a Deus pelo espírito e pela carne, fazem o mal no próprio coração, antes de o cometerem na carne, e o pecado de seu espírito e de seus pensamentos se antecipa a eles, antes que entreguem à volúpia seu corpo.

2 - *Dos muitos bens consumados pelo Apóstolo*

Falta-nos medir o real alcance dessas palavras pelos sentimentos íntimos de quem as pronunciou. O que é chamado de bem pelo bem-aventurado Apóstolo? E o que, comparativamente, ele chama de mal? Não devemos julgar com base na significação pura e simples das palavras, mas pelo mesmo ponto de vista dele; é guiando-nos pela dignidade e o mérito daquele que fala que devemos tentar perscrutar o fundo de seu pensamento. Com efeito, o modo de compreender as máxi-

mas inspiradas por Deus, como ele quer que elas o sejam, não é considerar atentamente a grandeza e o mérito daqueles que as promulgaram, revestindo-se de disposições semelhantes, não em palavras, mas na realidade da prática? Do estado em que nos encontramos, sem dúvida alguma, é que depende o modo de concebermos as coisas, como também de dizê-las.

Procuremos pois com cuidado qual é esse bem por excelência que o Apóstolo não pôde fazer como queria. Sabemos de muitos bens que não nos cabe negar que ele ou tivesse por natureza ou adquirido pela graça, tal como os homens de mérito igual ao dele. A castidade, que é boa, a continência, que é louvável, a prudência, que é admirável, a hospitalidade, que é generosa, a sobriedade, que é circunspecta, a temperança, que é modesta, a misericórdia, que é piedosa, a justiça, que é santa. Certamente em Paulo e nos demais apóstolos havia todas essas virtudes, tão perfeitas e plenas que foi mais por sua santa vida do que por suas palavras que eles ensinaram a religião. Devo referir-me ainda ao cuidado contínuo de todas as Igrejas e à solicitude a que sempre eles se consagraram? Quanta misericórdia, quanta perfeição, em se deixar consumir pelos que caem, em ser fraco com os fracos (cf. 2Cor 11,29)! Em meio à abundância de tão grandes bens, qual será então aquele que ele não pôde realizar perfeitamente? Mais uma vez não temos como saber, a não ser nos colocando à altura do sentimento que o fazia falar. O mérito de todas as virtudes nele reconhecidas por nós, que decerto são pedras preciosas do mais raro esplendor, avilta-se no entanto e se torna desprezível se as compararmos à pérola brilhante, mais magnífica que qualquer outra, de que aquele negociante do Evangelho anda à procura e pela qual venderá tudo que tem (cf. Mt 13,46). Que não haja indecisão quanto a abrir mão dessas posses, uma vez

que, pelos inumeráveis bens assim vendidos, um só bem já nos faz ricos.

3 - *Qual é o bem verdadeiro que o Apóstolo testemunha não ter podido fazer?*

Qual é então a coisa ímpar, tão incomparavelmente superior a tantos e tão grandes bens, que devemos, para possuí-la, desprezar e rejeitar todos eles? Sem dúvida alguma, aquela melhor parte cuja magnificência e perpetuidade Maria preferiu aos deveres da hospitalidade, sendo por isso exaltada pelo Senhor, que diz: *Marta, Marta, andas muito inquieta e te preocupas com muitas coisas, entretanto uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada* (Lc 10,41-42). Eis que portanto a *teoria*, isto é, a contemplação de Deus, é a única coisa necessária cujo mérito supera toda a excelência das ações santas, todos os esforços de virtude.

Certamente todas as qualidades que dissemos reluzir no apóstolo Paulo eram boas, eram úteis e, além do mais, preclaras e grandes. Porém o estanho, que a princípio parecia de alguma utilidade e beleza, banaliza-se em face da prata; esvai-se o valor do dinheiro, se o compararmos ao ouro; e o próprio ouro se torna desprezível, em comparação com as pedras preciosas; enfim, toda a beleza das pedras preciosas empalidece, diante do brilho de uma só pérola. De igual modo, todos os méritos da santidade, ainda que não sejam bons e úteis apenas para a vida presente, mas nos adquiram também o dom da eternidade, parecerão banais e, por assim dizer, muito fáceis de vender, pelo valor dos méritos da contemplação divina.

A autoridade das Escrituras há de confirmar esse paralelo. De modo genérico, a respeito das criaturas de Deus, não

dizem elas *que tudo que Deus tinha feito era muito bom* (Gn 1,31)? e também que *todas as obras do Senhor são magníficas, todas as suas ordens são executadas pontualmente* (Eclo 39,16)? Eis portanto que as criaturas materiais são proclamadas boas no presente, e não simplesmente boas, mas boníssimas, no superlativo. Por isso, enquanto permanecermos neste mundo, prestam-se elas às necessidades da vida, servem à saúde do corpo, sem falar de outras tantas utilidades cujo conhecimento nos escapa. São muito boas, de fato, porque nos permitem constatar que *desde a criação do mundo o invisível de Deus se torna visível através de suas obras* (Rm 1,20), bem como contemplar sua eterna onipotência e sua divindade na grandeza e na ordem do universo criado e de todos os seres que nele subsistem. Da bondade no entanto as criaturas não haverão de reter nem mesmo o nome, se as compararmos ao século futuro, onde os bens se mantêm sem mutação, onde não há mais que temer nenhuma alteração da verdadeira beatitude. Eis a descrição dessa beatitude do mundo futuro: *A luz da lua será como a luz do sol, e a luz do sol será sete vezes mais forte, como a luz de sete dias* (Is 30,26).

Assim, todas as coisas cá da terra, por maiores, mais belas e maravilhosas que ao olhar se mostrem, hão de parecer vaidade, ante o valor do que a fé nos promete no futuro, como exclama Davi: *Eles perecerão, mas tu permanecerás; todos eles se desgastarão como um manto; tu os trocarás como um traje, e eles serão mudados; tu, porém, és sempre o mesmo, e teus anos não têm fim* (Sl 101,27-28). Por conseguinte, se nada é estável em si mesmo, se nada é imutável, se nada é bom a não ser Deus, se nenhuma criatura pode obter a beatitude da eternidade e da imutabilidade por sua própria natureza, mas apenas por uma participação de seu Criador e por graça, toda bon-

dade criada se dissipa, comparada à bondade do Criador.

4 - *A bondade e a justiça humanas não são boas, se comparadas à bondade e à justiça divinas*

Se quisermos, encontraremos testemunhos mais manifestos para estabelecer essa verdade. Há no Evangelho muitas coisas que são qualificadas de boas – uma árvore boa, um bom tesouro, um homem bom, um bom servo. Eis que está dito: *Não pode a árvore boa dar maus frutos* (Mt 7,18); e: *O homem bom tira de seu bom tesouro coisas boas* (Mt 12,35); e ainda: *Muito bem, servo bom e fiel* (Mt 25,21). Não há dúvida de que se trata, em todos esses casos, de uma bondade em si. Contudo, se erguermos os olhos para a bondade divina, a palavra *bom* não mais terá cabimento aí: *Ninguém é bom senão Deus* (Lc 18,19), diz o Senhor. Comparados a ele, até mesmo os apóstolos, que ultrapassavam de tantos modos a bondade comum dos homens pelo mérito de sua eleição, são declarados maus. É a eles que se dirigem, de fato, estas palavras do Senhor: *Se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas a vossos filhos, quanto mais o Pai, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedirem* (Mt 7,11).

Ademais, assim como nossa bondade se converte em malícia para quem considera a bondade celeste, assim também nossa justiça, comparada à justiça divina, é tida por semelhante a um pano imundo: *Todos os nossos atos justos parecem um vestido manchado* (Is 64,5), diz o profeta Isaías. Se um testemunho ainda mais evidente for preciso, recorramos à Lei. Seus preceitos são preceitos de vida, pois que ela foi *promulgada por anjos, pela mão de um mediador* (Gl 3,19), e é dela ainda que o Apóstolo diz: *Em suma, a Lei é santa e o*

preceito santo, justo e bom (Rm 7,12). Não obstante, diante da perfeição evangélica, o oráculo divino proclama que não são bons: *Dei-lhes então estatutos que não eram bons e normas pelas quais não alcançariam a vida* (Ez 20,25). O Apóstolo também afirma que toda a glória da Lei se eclipsa à luz do Novo Testamento, a tal ponto que, diante do esplendor do Evangelho, ela não mais merece ser glorificada: *E em verdade o que foi glorioso de modo parcial deixa de ser, comparado com esta outra glória eminente* (2Cor 3,10).

A Escritura conserva esse estilo quando, no extremo oposto, põe em paralelo os pecados dos homens. Em comparação com os ímpios, justifica os que pecaram menos: *Tu justificaste Sodoma*, diz ela; e ainda: *Em que consistia a iniqüidade de Sodoma, tua irmã?* (Ez 16,52.49); e por fim, alhures: *A renegada Israel é mais justa do que a infiel Judá* (Jr 3,11).

Assim ocorre com todas as virtudes enumeradas acima, que, embora boas e preciosas em si, são ofuscadas pela claridade da *teoria*. Na verdade, ao manterem os santos ocupados com boas obras, com aplicações terrenas, elas também acabam por deixá-los retraídos e retardados para a contemplação do bem supremo.

5 - *Ninguém pode se manter constantemente atento ao bem supremo*

Eis alguém que *livra do prepotente o infeliz e, do explorador, o oprimido e o pobre* (Sl 34,10); que *quebrava as mandíbulas do ímpio, e fazia a presa cair de seus dentes* (Jó 29,17). Enquanto desempenha seu papel de justiceiro, erguerá ele o olhar de uma alma tranqüila para a glória da divina majestade?

Este outro distribui esmolas aos pobres e, como um anfitrião cheio de benevolência, acolhe a multidão que vem à sua procura. Nesse momento em que as necessidades dos irmãos ocupam-lhe o solícito espírito, como haverá de concentrar a atenção no oceano ilimitado da beatitude celeste? Agitado pelas preocupações e inquietudes da vida presente, seu coração se alçará por cima do contágio terreno para observar, ao longe, a condição do século futuro?

Donde o bem-aventurado Davi desejar aderir incessantemente ao Senhor e decidir que só isso é bom para o homem, quando diz: *Minha felicidade, ó Deus, é estar junto de ti e fazer de ti, Senhor Deus, meu refúgio* (Sl 72,28). Mas o *Eclesiastes* declara que ninguém entre os santos é capaz de realizar irrepreensivelmente esse ideal: *Não existe um homem tão justo sobre a terra que faça o bem sem jamais pecar* (Ecl 7,20).

De quem se poderá crer, ainda que seja, dentre os justos e santos, o mais preclaro, que ele tenha conseguido, nos liames deste corpo mortal, possuir imutavelmente o bem supremo, sem jamais se afastar da contemplação divina, sem jamais permitir que pensamentos terrenos o levassem a desviar-se um instante d'Aquele que é o único a ser bom? Porventura já se soube de alguém que não desse importância alguma à comida, ao vestuário e às demais necessidades carnais, que nunca se preocupasse com o acolhimento de irmãos, com uma mudança de lugar, com a construção de uma cela, chegando até a desejar a ajuda dos homens ou a expor-se, por causa de sua profunda aflição, à advertência do Senhor: *Não vos preocupeis de vossa vida com o que haveis de comer, nem de vosso corpo, com o que haveis de vestir* (Mt 6,25)?

Nem mesmo o apóstolo Paulo, cujo acúmulo de dores

foi além do sofrer dos demais santos, preencheu esse ideal. Sem temor o afirmamos, sobretudo porque ele mesmo, nos *Atos dos Apóstolos*, é quem proclama aos discípulos: *Sabeis que às minhas necessidades e às dos que me acompanham, proveram estas mãos* (At 20,34); é ele também que testemunha, escrevendo aos tessalonicenses, que trabalhou *com afã e fadiga dia e noite* (2Ts 3,8). Por isso, concordo, adquiriu tesouros de méritos. Não obstante sua alma, por mais santa e sublime fosse, não tinha como não ser separada às vezes, pela aplicação ao trabalho terreno, da celeste *teoria*. Assim, reconhecendo, por um lado, os inestimáveis frutos que obtém na vida ativa, e pesando em seu coração, por outro, o bem da *teoria*, de certa forma ele põe num dos pratos da balança o produto resultante de tantos labores, pondo no outro os deleites da contemplação divina. Depois esforça-se por longo tempo, dir-se-ia, para levar à perfeita retidão seu julgamento íntimo. Pois se o imenso valor de seus trabalhos o alegra, por um lado, o desejo de unidade e da inseparável companhia de Cristo, por outro, o intima a abandonar seu corpo. Por fim, em sua dúvida, ele exclama: *Não sei bem o que escolher. Sinto-me num dilema: meu desejo é partir e ir estar com Cristo, pois isso me é muito melhor, mas o permanecer na carne é mais necessário por vossa causa* (Fl 1,22-24).

Eis aí como eleva o sumo bem muito acima dos frutos de sua prédica. Todavia, diante da caridade, sem a qual ninguém merece o Senhor, decide se submeter. Em consideração pelos que nutre com o leite do Evangelho, como poderia ser feito por uma mãe, não se recusa a separar-se de Cristo, separação que lhe é danosa, sendo porém necessária aos outros. Sua excessiva ternura o inclina a tomar tal posição, como o impele a desejar o supremo mal do anátema, se isso fosse pos-

sível, pela salvação de seus irmãos. Diz ele: *Quisera eu mesmo ser anátema, separado de Cristo, em favor de meus irmãos, de meus parentes segundo a carne, que são os israelitas* (Rm 9,3-4). Ou seja: quisera eu ser destinado, não só a penas temporais, mas também a penas eternas, para que todos os homens, sendo isso factível, desfrutem da companhia de Cristo; pois estou certo de que a salvação de todos é mais útil a Cristo e a mim mesmo do que apenas a minha.

Portanto, a fim de obter à perfeição o bem supremo, que consiste em fruir da visão de Deus e conservar-se permanentemente unido a Cristo, deseja ele ver romperem-se os liames de seu corpo. De fato, é impossível que nosso corpo mortal, transitório como é, e bloqueado pelas muitas necessidades que emanam de sua fragilidade, não seja às vezes separado da companhia de Cristo (cf. Fl 1,23).

É impossível até que a própria alma, já que tantos cuidados a distraem, já que inquietudes tão diversas quão molestas a entravam, seja ela mesma capaz de incessantemente fruir da contemplação de Deus. Qual aplicação tão perseverante, nos santos, qual vida tão austera não estará sujeita, de tempos em tempos, às ilusões do adversário insidioso e astuto? Quem porventura já tanto se voltou para o segredo da solidão, tanto se empenhou em esquivar-se à convivência com os mortais, que chegasse a nunca deslizar para cogitações supérfluas, a nunca decair, quer pela visão das coisas deste mundo, quer por desassossego com ocupações terrenas, da contemplação divina, que é a única verdadeiramente boa? Quem já pôde guardar tão bem o fervor do espírito, que o escorregar de seus próprios pensamentos não o tenha levado às vezes para longe de sua prece, arremessando-o de repente do céu à terra? A

qual de nós não ocorreu, para nada dizer de outros momentos de divagação, ser tomado por uma espécie de estupor e sofrer uma grande queda na própria hora em que elevava ao céu sua alma cheia de súplicas? Tal ofensa é involuntária, não nego, mas nem por isso deixa de ser feita a Deus, quando o que se pretendia era obter seu perdão. Quem, insisto, é tão atento e experiente que de modo algum chega a distrair-se do sentido da Escritura, enquanto entoa um salmo a Deus? Quem a tal ponto já entrou na intimidade divina, que possa regozijar-se de haver cumprido por um dia que fosse o preceito do Apóstolo, de orar sem cessar (cf. 1Ts 5,17)?

Todas essas fraquezas parecem leves, e quase sem sombra de pecado, a muitos que estão mergulhados em vícios mais grosseiros. Mas, para os que conhecem o bem da perfeição, uma infinidade de faltas, por mínimas que sejam, é coisa de extrema gravidade.

6 - *Os que se crêem sem pecado são iguais às pessoas que têm remela nos olhos*

Suponhamos que dois homens entrem numa casa grande, entulhada de fardos, móveis e objetos diversos; goza o primeiro de boa e penetrante visão, mas o segundo está com os olhos cobertos de remela. Esse, a quem o olhar enevoado não permite ver tudo, garante que lá não há senão armários, camas, bancos, berços – coisas das quais o tato, em suma, mais do que a vista, lhe revela a existência. Já o outro, pelo contrário, cujo olhar muito claro, como um raio de luz, sondou os cantos mais ocultos, declara haver uma infinidade de pequenos objetos que mal se podem contar e que, sendo ajuntados, igualariam ou talvez até mesmo ultrapassariam em nú-

mero a escassa quantidade de móveis reconhecidos às apalpadelas por seu companheiro.

Assim são os santos. Digamos que eles sejam os videntes. Em seu zelo extremado pela perfeição, descobrem em si, com rara penetração, para sem complacência condená-las, coisas que o nosso olhar interior, entenebrecido como é, não consegue perceber. Lá onde, segundo o julgamento de nossa negligência, um pecado bem venial não chegou a embaciar a brancura da consciência, que ainda esplendece como neve, eles, por sua vez, vêem-se cobertos de manchas. E quando acontece isso? Quando, no momento da oração, não um pensamento ocioso, que se infiltre no santuário de sua alma, mas a própria lembrança do salmo a recitar lhes cause um desvio de atenção. Eles se habituaram a dizer: se fazemos súplicas a algum dignitário, não pela salvação de nossa vida, mas apenas tendo em vista um proveito temporal qualquer, ligados nele pelos olhos e a alma, mantidos numa expectativa alarmada por um sinal que nos faça com a cabeça, receamos que uma palavra inoportuna ou desastrada possa vir a impedir sua misericórdia. Eis ainda o que se dá se, no transcorrer de uma audiência, no tribunal dos juízes deste mundo, tendo nós pela frente o litigante, começarmos a tossir, rir, cuspir, dormir ou bocejar bem no meio dos debates: como a hostilidade de nosso vigilante inimigo estará pronta a excitar, para nos levar à ruína, a severidade do juiz! Assim, quando suplicamos ao divino Juiz, testemunha infalível de todos os segredos, para que afaste o perigo de morte eterna que nos ameaça, tendo nós pela frente principalmente aquele que ao mesmo tempo é nosso pérfido sedutor e nosso acusador, com que atenção, com que fervor de oração devemos lhe implorar a clemência!

Na verdade, não é tornar-se culpado, não apenas de

um ligeiro pecado, mas de um gravíssimo crime de impiedade, quando diante de Deus faz-se uma prece, afastar-se de súbito de sua presença, como se de um surdo e cego, para seguir a vaidade de um mau pensamento? Mas aqueles que cobrem os olhos de seu coração com o véu espesso dos vícios e, segundo a palavra do Salvador, *vêem sem ver e ouvem sem ouvir nem entender* (Mt 13,13), mal percebem nos recessos de seu peito as grandes faltas capitais: como teriam eles o olhar puro que é preciso para distinguir a insensível aparição dos pensamentos, ou os movimentos fugidios e ocultos da concupiscência, que ferem a alma com uma ponta aguda e sutil, ou ainda as distrações que os mantêm cativos? Errando por sobre os objetos, ao sabor de uma imaginação sem controle, nem lhes ocorre a idéia de afligir-se quando são arrancados da divina contemplação, que é algo de infinitamente simples. É que nada eles têm de cuja perda possam lamentar-se: abrindo a alma por completo ao fluxo invasor dos pensamentos, não têm, de fato, um objetivo fixo ao qual se agarrem sobre todas as coisas e para o qual façam convergir todos os seus desejos.

7 - *Os que afirmam que o homem pode estar sem pecado são vítimas de um duplo erro*

A causa que nos precipita nesse erro é a profunda ignorância em que estamos do que seja ao certo o *anamarteton*, isto é, a própria impecabilidade.

Os desvios da imaginação, os pensamentos inconstantes e vãos parecem-nos compatíveis com a perfeita inocência. Como se a insensibilidade nos tornasse estúpidos, como se fôssemos atingidos pela cegueira, não consideramos em nós senão as faltas capitais, crendo que só devemos evitar o que é

também condenado pelo rigor das leis seculares. Logo que nos sentimos, mesmo que medianamente, imunes quanto a isso, logo também nos persuadimos de não haver pecado em nós.

Eis que do número dos videntes somos então segregados. E de nossa impotência em descobrir a infinidade de pequenas manchas que se acumulam em nós nenhum sentimento de compunção decorre, se a doença da tristeza veio perturbar nossa alma; nenhuma dor pelas sugestões de vanglória que nos abalam; nem lágrimas por nossa tepidez ou por nossa lentidão em rezar. Se ocorrer-nos ao espírito, durante a oração e a salmodia, pensamentos estranhos à oração ou ao salmo, não o tomamos por falta. Não nos enrubescemos de dar lugar em nosso coração, mesmo que apenas por momentos, a muitas coisas que a vergonha nos impediria de dizer ou fazer diante dos homens, quando as sabemos manifestas ao olhar divino, e não nos horrorizamos por isso. Não nos purificamos, derramando copiosas lágrimas, da polução advinda em sonhos torpes. Na prática da caridade, enquanto provemos às necessidades dos irmãos ou distribuímos a esmola aos pobres, uma nuvem que por acaso obscureça a serenidade de nosso contentamento é uma hesitação da avareza, mas nem por isso nos deploramos. Cremos não sofrer nenhum detrimento se abandonamos a lembrança de Deus para pensar nas coisas temporais e corruptíveis; e aplica-se então a nós, com ampla justiça, o oráculo de Salomão: *Bateram em mim, mas não me doeu; espancaram-me, mas não senti nada* (Pr 23,35 – LXX).

8 - *Poucos são os que compreendem o pecado*

Já os que põem toda doçura, toda beatitude e alegria, na contemplação das coisas divinas e espirituais, se pensamentos

tirânicos os arrancarem delas, por um instante que seja e sem seu consentimento, pensam ter cometido, pelo contrário, uma espécie de sacrilégio que logo vem a ser punido por imediata penitência. Quantas lágrimas, por haverem preferido ao Criador a criatura vil que desviou o olhar de sua alma! É quase de impiedade, diria eu, que eles se acusam. Ainda que sua presteza seja extrema, para repor na claridade da glória divina os olhos de seu coração, as trevas dos pensamentos carnais, mesmo sendo fugidias, são-lhes coisa insuportável, e eles têm em execração tudo que lhes tira o espírito daquela luz verdadeira.

Tal era a disposição que o bem-aventurado apóstolo João queria inculcar em todos, quando dizia: *Não ameis o mundo nem o que há no mundo. Em alguém que ama o mundo não mora o amor do Pai. Pois tudo que há no mundo – concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e orgulho da vida – não vem do Pai, mas procede do mundo. E o mundo passa junto com sua concupiscência, enquanto aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre* (1Jo 2,15-17).

É assim que os santos põem em desprezo toda a substância deste mundo. Mas é impossível eles não serem levados até ela, pelo menos por breves distrações, e não há quem entre os homens, exceto nosso Senhor e Salvador, tenha podido reter na contemplação divina a natural mobilidade de sua alma, de modo a não desligar-se dela e a ponto de nunca pecar por afeição a uma coisa criada. A Escritura, de fato, diz: *Nem as estrelas são puras a seus olhos* (Jó 25,5); e ainda: *Nem seus santos gozam de sua confiança, e em seus anjos ele encontra defeitos*; ou, segundo uma versão mais exata: *Entre seus santos, nenhum é imutável, nem os próprios céus são puros a seus olhos* (Jó 15,15).

9 - *Com que prudência o monge deve guardar a memória de Deus*

De bom grado e não sem justiça eu compararia os santos aos dançarinos que volteiam na corda, comumente chamados de funâmbulos. Não parece que os santos andam no vazio, sobre cordas esticadas em pleno ar, quando se esforçam por guardar fielmente a lembrança de Deus? Os funâmbulos, que arriscam a vida sobre tão estreita passagem, bem sabem que a morte espera por eles, instantânea e cruel, se uma pequena perda de equilíbrio os fizer pisar em falso e sair da direção da qual sua salvação depende. Enquanto, com maravilhosa destreza, penosamente se orientam em seu avanço pelo ar, quanta prudência, quantos cuidados não lhes são necessários para manter-se nessa senda mais estreita do que o passo de um homem! Em caso contrário, a terra, que para todos é o amparo natural, o fundamento seguro e sólido, torna-se sua ruína manifesta e imediata, não por que mude de natureza, mas porque aí eles são precipitados pelo peso do corpo.

De igual modo, a bondade infatigável e a imutável substância de Deus a ninguém ferem. Nós é que nos damos morte quando, afastando-nos das alturas celestes, propendemos às baixezas da terra. Esse próprio afastamento, de resto, já é morte para nós, pois que está dito: *Ai deles, que fugiram de mim! Desolação para eles, que se rebelaram contra mim* (Os 7,13); e: *Ai deles, quando deles eu me afastar!* (Os 9,12); e ainda: *Tua própria maldade te castigue e tuas apostasias te punam! Compreende e vê, como é mau e amargo, abandonar o Senhor teu Deus!* (Jr 2,19). É que *o ímpio enreda-se nas próprias maldades e é capturado nos laços de sua culpa* (Pr 5,22).

Às pessoas dessa espécie é que o Senhor, com toda a

justiça, faz esta advertência: *Atenção! Todos vós que ateais fogo e flechas incendiárias, precipitai-vos nas chamas de vosso fogo e lançai-vos ao encontro de vossas flechas incendiárias!* (Is 50,11); e: *Quem diz mentiras perecerá* (Pr 19,9).

10 - *Os que tendem à perfeição se humilham de verdade e sempre se sentem necessitados da graça de Deus*

Decair, sob o peso vitorioso dos pensamentos terrenos, das alturas sublimes da contemplação; submeter-se à lei do pecado e da morte, contra a sua vontade e, o que é pior, sem o saber; ser desviado da presença divina, para nada dizer das demais causas de distração, pelas obras enumeradas acima, boas e justas na verdade, não obstante terrenas, eis que isso é portanto, para os santos, parte da experiência cotidiana. Decerto eles têm motivos para gemer continuamente em direção ao Senhor, proclamando-se pecadores, não só da boca para fora, mas também no coração, com sentimentos de uma verdadeira humildade e compunção; têm motivos para derramar sem cessar genuínas lágrimas de penitência, ao implorarem perdão pelas faltas a que dia a dia são arrastados pela fragilidade da carne. Assim pois, é até o último instante de sua vida que eles se vêem tomados por agitações que lhes são uma dor perpétua e pungente, deixando-os fora de condições de até mesmo oferecer suas súplicas sem que a inquietude a elas se mescle.

Conscientes, portanto, de que as forças humanas, impedidas pelo peso da carne, não conseguem atingir o fim desejado; de sua impotência para unir-se, como o próprio coração almeja, ao bem supremo e incomparável; e das distrações que os impelem, cativos, para as coisas deste mundo, para longe da contemplação divina, recorrem eles à graça de Deus,

que justifica o ímpio (Rm 4,5), e com o Apóstolo exclamam: *Infeliz de mim! Quem me livrará deste corpo de morte? Graças a Deus, por Jesus Cristo nosso Senhor* (Rm 7,24-25). Sentem, de fato, que não podem fazer o bem que querem, mas que sempre eles incorrem naquele mal que não querem e, além do mais, detestam – ou seja, na agitação dos pensamentos ou na preocupação com coisas carnais.

11 - *Explicação desta sentença:* Comprazo-me na lei de Deus segundo o homem interior (Rm 7,22) etc.

Certamente eles se comprazem *na lei de Deus segundo o homem interior* (id.), o qual, transcendendo todo o visível, esforça-se por viver numa constante união tão-só com Deus. Todavia percebem em seus membros uma outra lei, inerente e conatural à condição humana, *que luta contra a lei do espírito* (Rm 7,23) e lhes torna o espírito cativo sob a violenta lei do pecado, forçando-o a abandonar o bem supremo para sujeitar-se aos pensamentos terrenos. Nesses, por mais úteis e essenciais que pareçam, quando ordenados pela religião para atender a alguma necessidade, todos os santos vêem um mal que urge evitar, em comparação com o bem divino que lhes regozija a visão, porque tais pensamentos os arrancam, por algum tempo, pelo menos, da alegria da beatitude perfeita.

De fato, é uma verdadeira lei do pecado aquela que a prevaricação do primeiro pai impôs ao gênero humano quando, em punição por seu erro, o justo Juiz emitiu contra ele esta sentença: *Maldito é o solo por causa de ti! Com sofrimentos dele te nutrirás. Ele produzirá para ti espinhos e cardos* (Gn 3,17-19). Eis aí, insisto, a lei inerente aos membros de todos os mortais, que luta contra a lei do espírito e o afasta da contemplação de Deus. Por ela, depois que o homem adquiriu o co-

nhecimento do bem e do mal, a terra, maldita em nossos trabalhos, começou a produzir os espinhos e os cardos das cogitações. Sob seus aguilhões, as sementes naturais das virtudes se estiolam porém: é impossível comer de outra maneira, a não ser com o suor de nosso rosto, o pão *que desce do céu* (Jo 6,33) e *reconforta o coração do homem* (Sl 103,15).

Todo o gênero humano, sem nenhuma exceção, acha-se universalmente submetido a essa lei. Ninguém come desse pão, por mais santo que seja, senão com o suor de seu rosto e mediante a aplicação vigilante do coração.

Já ao pão comum, como vemos, não faltam ricos que dele se alimentam sem ter de recorrer ao suor do rosto.

12 - *Sobre estas palavras:* Sabemos de fato que a Lei é espiritual (Rm 7,14) etc.

O bem-aventurado Apóstolo garante contudo que essa lei é espiritual, quando diz: *Sabemos de fato que a Lei é espiritual mas eu sou carnal, vendido como escravo ao pecado* (id.). É espiritual, com efeito, a lei que nos ordena comer com o suor de nosso rosto o verdadeiro pão *que desce do céu* (Jo 6,33); sermos vendidos ao pecado porém nos torna carnais.

Que pecado, pergunto, e de quem? Sem dúvida alguma, o de Adão, cuja prevaricação nos vendeu: uma negociação danosa, um comércio desonrado por fraude, por assim dizer, que nos fez vendidos. Deixando-se persuadir pelas seduções da serpente, ele come o fruto proibido e, com isso, condena toda sua descendência ao jugo de uma eterna servidão. Entre vendedor e comprador, realmente a praxe é esta: aquele que aceita se tornar parte das posses do outro recebe de quem o compra um valor para compensar a perda de sua liberdade e

a entrega feita de si mesmo a uma escravidão permanente. Ora, entre Adão e a serpente, eis que é isso claramente o que ocorre. Ao comer o fruto proibido, Adão recebe o preço de sua liberdade. Desde então, renuncia à condição livre na qual havia nascido e escolhe sem volta a escravidão ao demônio, de quem obteve esse pagamento fatal. O pacto que o liga, além disso, constitui uma obrigação verdadeira, que depois e para sempre submete toda sua posteridade ao mesmo jugo. De um casamento de escravos não podem nascer senão escravos.

Como assim? À força de habilidade e astúcia, o comprador então arrebatou ao verdadeiro e legítimo senhor seu domínio? Não, de modo algum. Uma só esperteza não lhe pôde entregar completamente o tesouro divino, a ponto de o possuidor genuíno perder de uma vez por todas seu direito de propriedade. Ele mesmo aliás não se curva, por mais rebelde e fugitivo que seja, ao jugo da servidão divina? A todas as criaturas racionais o Criador concedeu no entanto o livre arbítrio: não deveria pois fazer voltar à liberdade original, sem a concordância dos próprios, aqueles que sacrilegamente se venderam por uma transgressão concupiscente. Tudo aquilo que é contrário à bondade e à eqüidade causa repugnância ao Autor de toda piedade e justiça. Ora, retomar o benefício da liberdade, depois de o haver concedido, teria sido um mal; teria sido uma injustiça se, paralisando a liberdade do homem e, por sua força, mantendo-a em cativeiro, ele não lhe permitisse exercer seu poder. Sua salvação ele porém reservou para os séculos futuros, a fim de que a plenitude do tempo fixado chegasse regularmente a termo. Era preciso que a raça de Adão perseverasse na condição do antepassado enquanto o primeiro mestre, por sua graça e a preço de seu sangue derramado, a restabelecesse no antigo estado de liberdade, desprendida dos grilhões originais. Desde en-

tão ele a poderia ter salvo, mas não quis. A eqüidade não lhe permitia contrapor-se às disposições de seu decreto.

Quereis saber o que foi que vos vendeu? Escutai vosso Redentor, que o proclama abertamente pela boca do profeta Isaías: *Onde está o documento de divórcio, com o qual eu teria repudiado vossa mãe? Ou quem é o credor, ao qual vos teria vendido? Sim, por causa das vossas iniqüidades fostes vendidos, por causa de vossas rebeldias foi repudiada vossa mãe* (Is 50,1). Ademais, quereis saber claramente por que ele não quis usar de força para vos libertar do jugo da servidão a que fostes abandonados? Escutai o que ele acrescenta às palavras pelas quais repreendia os escravos do pecado, ainda agora, pela causa de sua venda voluntária: *Seria minha mão demasiado fraca para resgatar, ou eu não teria força para libertar?* (Is 50,2). Mas o que foi que sempre se opôs a essa misericórdia onipotente? O mesmo profeta vos permite saber, quando diz: *Prestai atenção! A mão do Senhor não é incapaz de salvar, tampouco seu ouvido é mouco para ouvir. Ao contrário, são as vossas iniqüidades que cavaram o abismo entre vós e vosso Deus, são vossos pecados que ocultaram de vós sua face, para não vos escutar* (Is 59,1-2).

13 - *Sobre estas palavras:* Sei que em mim, isto é, na minha carne, não mora o bem (Rm 7,18)

Tornados carnais e condenados aos espinhos e cardos pela primeira maldição de Deus, vendidos por nosso pai num comércio iníquo, somos portanto impotentes para fazer o bem que queremos. Tendo nós o pensamento ocupado por Deus Altíssimo, eis que daí a necessidade nos tira, para levar-nos a pensar no que a fragilidade humana requer; ardendo de amor

pela pureza, os aguilhões da carne, que gostaríamos de ignorar, muitas vezes nos ferem malgrado nossa intenção. Sabemos pois *que em nossa carne não mora o bem* (id.), ou seja, a tranqüilidade firme e perpétua de contemplação e pureza de que falamos. Fez-se em nós um divórcio sinistro e lamentável. Pelo espírito, gostaríamos de servir à lei de Deus e nunca desviar nossos olhos da claridade divina. Mas, circundados pelas trevas carnais, somos arrancados à força, por uma lei de pecado, do bem que já conhecemos. Dos cimos do espírito, caímos nas preocupações e cogitações terrenas, às quais nos condena justamente essa lei do pecado, isto é, a sentença divina exarada contra o primeiro pecador.

Donde o bem-aventurado Apóstolo, confessando abertamente essa necessidade de pecado a que ele e os demais se vêem constrangidos, não deixar porém de ousadamente declarar que nenhum deles é condenável por isso: *De agora em diante, pois, já não há condenação alguma para aqueles que estão em Jesus Cristo. A lei do espírito da vida em Jesus Cristo te libertou da lei do pecado e da morte* (Rm 8,1-2). Ou seja: a graça que Cristo esparge a cada dia sobre todos os santos absolve-os, quando eles imploram a remissão das próprias dívidas, daquela lei do pecado e da morte à qual uma fatalidade involuntária continuamente os sujeitava.

Assim pois, como vedes, não foi em relação aos pecadores, mas sim aos que verdadeiramente são perfeitos e santos, que o bem-aventurado Apóstolo proferiu esta sentença: *Não faço o bem que quero e sim o mal que não quero* (Rm 7,19); e também esta: *Mas sinto nos membros outra lei que luta contra a lei do espírito e me prende à lei do pecado que está nos meus membros* (Rm 7,23).

14 - *Objeção: O que o Apóstolo diz*, Não faço o bem que quero (Rm 7,19) etc., *não se aplica nem aos infiéis nem aos santos*

Germano: A nosso ver, esses textos não se aplicam nem aos que vivem em crimes capitais nem ao Apóstolo ou aos perfeitos que chegaram à sua altura. Pensamos que devam mais adequadamente compreender-se em relação aos que, depois de terem recebido a graça divina e conhecido a verdade, desejam se abster dos vícios carnais, mas ainda se vêem arrastados às suas inveteradas concupiscências pela força de um hábito antigo que exerce sobre seus membros, como se fosse uma lei da natureza, um domínio tirânico. O hábito e a repetição do mal, de fato, tornam-se como que uma lei natural. Inerente aos membros da fraqueza humana, essa escraviza e leva ao vício as inclinações da alma insuficientemente formada nas práticas da virtude e, por assim dizer, de castidade ainda noviça e tenra. Em decorrência de uma lei antiga, submete-a à morte e ao tirânico jugo do pecado, não lhe permitindo alcançar o bem da pureza que ela ama, mas constrangendo-a, antes, a fazer o mal que detesta.

15 - *Resposta à objeção*

Teonas: Vossas idéias já fizeram um sensível progresso. Vós mesmos sustentais agora que essas palavras não seriam compreensíveis na pessoa dos pecadores em geral, convindo mais adequadamente aos que se esforçam por se abster dos vícios carnais. Após terdes separado, da totalidade dos pecadores, aqueles aos quais elas se destinam, pouco a pouco chegareis a inseri-los entre os fiéis e os santos. Pelo que dizeis, que espécies de pecado poderiam eles cometer, de que a graça cotidiana de Cristo os devesse livrar, se a tanto se entregas-

sem já depois do batismo? Ou de que corpo de morte convém pensar que tenha dito o Apóstolo: *Infeliz de mim! Quem me livrará deste corpo de morte? Graças a Deus, por Jesus Cristo nosso Senhor* (Rm 7,24-25)? Não está manifesto, como a verdade vos forçou, por vossa vez, a reconhecer, que aqui não se trata desses membros dos crimes capitais pelos quais se adquire a morte eterna, homicídio, fornicação, adultério, embriaguez, roubo, rapina, mas sim do corpo de pecado de que anteriormente falamos, e que é socorrido pela cotidiana graça de Cristo? De fato, saiba quem quer que se abandone ao outro corpo de morte, depois de haver recebido o batismo e a ciência de Deus, que seu crime não será apagado pela graça cotidiana de Cristo, isto é, o perdão fácil que à nossa oração o Senhor concede por erros sem conseqüências, mas que lhe será imposto sofrer as longas aflições da penitência e de grandes penas expiatórias, a não ser que ele esteja destinado, na vida futura, aos suplícios do fogo eterno. É o mesmo Apóstolo que o declara: *Não vos iludais! Nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, nem as pessoas de costumes infames, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os injuriosos herdarão o Reino de Deus* (1Cor 6,9-10).

Ou que lei é essa que milita em nossos membros e luta contra a lei do nosso espírito, que, depois de nos ter levado como cativos, a despeito de nossa resistência, sob a lei do pecado e da morte, para tornar-nos seus escravos quanto à carne, não obstante nos deixa servir a Deus pelo espírito? Não me parece que a lei do pecado designe as grandes ignomínias nem que ela possa ser entendida quanto aos crimes supracitados. Quem se tornasse culpado de tais faltas não mais serviria à lei de Deus pelo espírito: deveria, isto sim, renunciar a ela em seu coração, antes já de as cometer, sejam quais forem, na própria

carne. Que é servir à lei do pecado, de fato, senão fazer o que o pecado ordena? Mas qual é esse pecado a que uma santidade tão consumada como a do Apóstolo pode sentir-se escravizada, embora não duvidando de que a graça do Cristo a livre, já que está dito: *Infeliz de mim! Quem me livrará deste corpo de morte? Graças a Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo* (Rm 7,24-25)? Qual, pergunto, qual será, a vosso ver, essa lei em nossos membros que, arrancando-nos da lei de Deus e escravizando-nos à lei do pecado, nos faz mais infelizes do que culpados? De tal maneira que, ao invés de sermos destinados aos suplícios eternos, apenas suspiramos, por ver interromper-se a alegria de nossa beatitude, e clamamos com o Apóstolo, em busca do socorro que nela nos restabeleça: *Infeliz de mim! Quem me livrará deste corpo de morte?* (Rm 7,24). Que é ser levado cativo sob a lei do pecado, senão manter-se na obra e na realização do pecado? Ou qual é o bem por excelência que os santos não conseguem fazer, senão aquele em comparação com o qual todos os outros deixam de ser bens, como dissemos antes? Por certo nós sabemos que existem neste mundo múltiplos bens, como, antes de tudo, a castidade, a continência, a sobriedade, a humildade, a justiça, a misericórdia, a temperança, a piedade. Eles porém não poderiam equiparar-se àquele supremo bem e, por outro lado, acham-se ao alcance, não direi dos apóstolos, mas das almas medianas. Assim pois, quem não os fizer será punido pelo eterno suplício ou por labores de uma longa penitência, não devendo contar com sua libertação pela graça cotidiana de Cristo.

Reconheçamos portanto que essa sentença do Apóstolo só se aplica exatamente à pessoa dos santos. Sujeitos dia a dia à lei do pecado, tal como definida por nós, e não àquela que consiste em faltas graves, mantêm-se eles confiantes em

sua salvação. Não são precipitados ao crime; contudo, como dissemos várias vezes, decaem da contemplação divina na miséria das preocupações temporais, frustrando-se incessantemente quanto ao bem da verdadeira beatitude. Pois que, supondo-se que se sentissem envolvidos, por aquela lei de seus membros, em crimes cotidianos, não deplorariam haver perdido a felicidade, mas sim a inocência, e o apóstolo Paulo não teria dito: *Infeliz de mim!* (id.), porém: "Que homem impuro, que celerado eu sou!" Nem desejaria ser livrado deste corpo de morte, ou seja, da condição mortal, mas sim dos crimes e desonras da carne. Ora, vendo-se ele, pelo contrário, na condição da humana fragilidade, mantido cativo e arrastado às solicitudes e preocupações carnais, frutos da lei do pecado e da morte, ei-lo que geme por causa dessa, à qual se acha submetido malgrado sua vontade, e de imediato recorre a Cristo, cuja graça o salva por uma libertação que não se faz esperar. Tudo que a lei do pecado, raiz fecunda em espinhos e cardos de preocupações e inquietudes terrenas, produz de solicitudes no coração do Apóstolo é sem tardança extirpado pela lei da graça, como a seu respeito ele diz: *A lei do espírito da vida em Jesus Cristo te libertou da lei do pecado e da morte* (Rm 8,2).

16 - *Que é o corpo do pecado?*

Tal é pois o inevitável corpo de morte, no qual os perfeitos, após terem saboreado *como o Senhor é bom* (Sl 33,9), cotidianamente recaem, sentindo com o profeta *como é mau e amargo abandonar o Senhor seu Deus* (Jr 2,19). Tal é o corpo de morte, que os tira da contemplação celeste e os rebaixa às coisas da terra; que evoca em seu pensamento, enquanto eles salmodiam ou em oração se prosternam, a lembrança de efígies humanas, de palavras, ações e assuntos supérfluos. Tal é o

corpo de morte, que coloca um obstáculo à sua ambição quando, zelosos por imitar a santidade dos anjos e desejosos de aderir constantemente ao Senhor, eles não obtêm êxito em ir ao encontro de um tão grande bem, mas acabam por fazer o mal que não querem, levados como são pelo pensamento até mesmo a coisas que nem ao progresso nem à consumação das virtudes interessam.

Em suma, o bem-aventurado Apóstolo, evidentemente a fim de frisar que ele falava dos santos, dos perfeitos, daqueles que lhe eram afinal semelhantes, logo prossegue, como se se apontasse com o dedo: *Agora pois o meu eu...* (Rm 7,25). O que equivale a dizer: se sou eu que assim vos falo, não são os segredos de uma alheia consciência, e sim os da minha própria, que vos intento revelar. Assim pois, é uma prática habitual para ele recorrer a locuções dessa espécie quando de modo especial quer designar a si mesmo: *Eu, Paulo, vos exorto, pela mansidão e bondade de Cristo* (2Cor 10,1); e de novo: *Que tivestes a menos, senão o fato de que não vos fui pesado?* (2Cor 12,13); ou: *Bem! Em nada vos dei trabalho* (2Cor 12,16); e alhures: *Vede, eu, Paulo, vo-lo digo: se vos circuncidardes, de nada vos servirá Cristo* (Gl 5,2); e por fim aos romanos: *Pois desejava ser eu próprio segregado por Cristo pelos meus irmãos* (Rm 9,3). Pode-se até mesmo pensar, e não seria irrazoável, que ele quis dar um tom particular, uma espécie de ênfase, a seu modo de dizer: *Agora pois o meu eu...* (Rm 7,25), como que significando: eu, que vós sabeis ser um Apóstolo de Cristo, que reverenciais com toda a honra e respeito, que acreditais tão perfeito e grande, eu, em quem Cristo fala, confesso que, servindo pelo espírito à lei de Deus, pela carne sirvo à lei do pecado. As distrações inerentes à condição humana forçam-me freqüentemente a descer do céu à terra; e meu espírito se precipita, das alturas onde lhe apraz pla-

nar, à preocupação com coisas vis e vulgares. Sinto que a todo momento a lei do pecado me escraviza e, embora meus desejos perseverem em sua imutável direção para Deus, vejo-me impotente a evadir-me dessa escravidão violenta, a não ser por um apelo incessante à graça do Salvador.

17 - *Todos os santos confessaram-se verdadeiramente impuros e pecadores*

Essa fragilidade de nossa natureza conduz os santos a contínuos suspiros, e eles, quando consideram a mobilidade de seus pensamentos ou sondam os recessos ocultos de sua consciência, exclamam numa voz suplicante: *Não cites perante o tribunal teu servo, porque, diante de ti, nenhum ser vivo é justo!* (Sl 142,2); e também: *Quem pode dizer: "Tenho consciência pura, estou limpo do meu pecado"?* (Pr 20,9); ou: *Não há na terra ninguém tão honrado que faça o bem sem nunca pecar* (Ecl 7,20); ou ainda: *Quem se adverte dos extravios?* (Sl 18,13). Quão fraca, imperfeita e sempre necessitada da misericórdia divina foi por eles estimada a justiça do homem! Quando a palavra de Deus dissipou as iniqüidades e os pecados de um deles, com uma brasa apanhada no altar, eis que o mesmo, após sua maravilhosa visão da divindade, após haver contemplado os serafins sublimes e recebido a revelação dos mistérios do céu, solta esta exclamação: *Ai de mim! Estou perdido, porque sou um homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de lábios impuros* (Is 6,5). Quanto a mim, creio eu que nem mesmo então ele teria sentido a impureza de seus lábios se não houvesse conhecido, pela contemplação de Deus, a verdadeira e inteira pureza da perfeição. Soube porém repentinamente, perante aquela visão, da mancha que de início se lhe mantinha incógnita. Pois que é bem da poluição de seus lábios que ele fala, e não

da maculação do povo, quando diz: *Ai de mim! Estou perdido, porque sou um homem de lábios impuros.* E a prova disso está no que se segue: *Habito no meio de um povo de lábios impuros.* Além do mais, quando confessa, em sua prece, a impureza dos pecados que sujam, por assim dizer, toda a face da terra, sua súplica não se restringe aos maus, mas abarca, com eles, também o povo dos justos: *Sim, te irritaste e nós pecamos; é nos caminhos de outrora que seremos salvos. Por isso todos nós nos tornamos como pessoas impuras, e todos os nossos atos justos parecem um vestido manchado* (Is 64,4-5). Pergunto-vos então o que há de mais evidente do que essa sentença? Por um lado, ele considerou todos os nossos atos justos, e não apenas um. Por outro, como que passa em revista o que há para nós de mais repulsivo e sujo. Nada tendo encontrado, no correr da vida humana, de mais sórdido ou impuro, é assim a um pano imundo, horripilante, que os compara.

É pois em vão que opondes vossa espinhosa objeção à manifesta evidência da verdade. Anteriormente vós a expressastes assim: Se ninguém está livre de pecados, ninguém então é santo; se ninguém é santo, ninguém poderá ser salvo (cf. *Conf.* XXII, cap. 8). Mas o testemunho do profeta esclarece a questão, quando ele diz: *Te irritaste e nós pecamos* (Is 64,4). Ou seja: o abismo dos pecados nos engolfou assim que tu, despojando-nos de teu auxílio, deixaste de cuidar da edificação de nosso coração e de nossas negligências. Como se disséssemos ao resplandecente globo do sol: "Tu te inclinaste no horizonte, e a tenebrosa obscuridade nos cobriu". Entretanto, mesmo afirmando que os santos pecaram, e não somente que pecaram, mas que ficaram por muito tempo em pecado, ele não chega a desesperar-se de sua salvação, pois que prossegue: *Nós pecamos; é nos caminhos de outrora que seremos salvos* (id.).

Aproximarei então esta sentença: *Sim, te irritaste e nós pecamos* (id.) daquela outra do Apóstolo: *Infeliz de mim! Quem me livrará deste corpo de morte?* (Rm 7,24). O que o profeta acrescenta: *Nós pecamos; é nos caminhos de outrora que seremos salvos* (Is 64,4) é também congruente com o que se segue na palavra do Apóstolo: *Graças a Deus, por Jesus Cristo nosso Senhor* (Rm 7,25). De igual modo, esta passagem do mesmo profeta: *Ai de mim! Estou perdido, porque sou um homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de lábios impuros* (Is 6,5) parece ter o mesmo sabor que as palavras ainda há pouco citadas: *Infeliz de mim! Quem me livrará deste corpo de morte?* (Rm 7,24). Enfim, quando o profeta continua: *E um dos serafins voou em minha direção; tinha em sua mão uma brasa* (ou uma pedra) *que tomara do altar com uma tenaz. Tocou-me a boca e disse: "Eis que isto tocou os teus lábios: foi removida a tua culpa e perdoado o teu pecado"* (Is 6,6-7), não se acreditaria ouvir São Paulo, que, por sua vez, diz: *Graças a Deus, por Jesus Cristo nosso Senhor* (Rm 7,25)?

Vedes pois como falaram todos os santos, não tanto pela pessoa do povo quanto em seu próprio nome, e como eles se confessam verdadeiramente pecadores. Mas, ao mesmo tempo, de modo algum desesperam de sua salvação. Presumem que a plenitude da justiça lhes virá da graça do Senhor e de sua misericórdia, já que a fragilidade humana lhes tira a confiança de a obter por si mesmos.

18 - *Nem mesmo os santos e os justos estão isentos de pecado*

Ninguém, de fato, nesta vida, por mais santo que se queira, pode estar livre de dívidas de pecado, e é o próprio magistério do Salvador que nos instrui quanto a isso, quando

ele ensina a seus discípulos o modelo da verdadeira oração. Entre os demais mandamentos, tão sacrossantos e sublimes que não poderiam convir nem aos infiéis nem aos maus, posto que só sejam dados aos perfeitos e aos santos, ordena ele que se inclua esta súplica: *E perdoa-nos as nossas dívidas, como também nós perdoamos aos nossos devedores* (Mt 6,12).

Se proferida pelos santos essa oração é verdadeira, como se deve indubitavelmente crer, haverá porventura algum homem tão arrogante e presunçoso, tão inflado pelo diabólico furor da soberba, para se declarar sem pecado? Não seria isso tomar-se por maior do que os apóstolos? Pior ainda, não seria acusar o próprio Salvador de ignorância ou de leviandade? Porque ou bem ele não sabia que podia haver ali homens imunes a dívidas, ou bem deu um ensinamento vão a pessoas conhecidas por ele por não terem nenhuma necessidade de tal remédio. Por outro lado, quando os santos, cumpridores fiéis do mandamento de seu rei, repetem diariamente: *Perdoa-nos as nossas dívidas* (id.), ou bem estão dizendo a verdade, e portanto ninguém está isento de culpa, ou então é um fingimento e, nesse caso, torna-se verdade que eles não estão livres do pecado da mentira.

Donde o sapientíssimo *Eclesiastes*, percorrendo em espírito todas as ações e ocupações humanas, declarar, sem fazer nenhuma exceção: *Não existe um homem tão justo sobre a terra que faça o bem sem jamais pecar* (Ecl 7,20). Ou seja: nunca houve nem nunca poderá haver sobre a terra alguém tão santo, tão diligente e tão atento que seja capaz de aderir constantemente ao bem verdadeiro, sem que tenha de constatar diariamente, suas distrações, sua culpabilidade. No entanto a Escritura, ao declarar que o homem não pode estar sem pecado, simultaneamente não nega que ele seja justo.

19 - *Na própria hora da oração, só a muito custo o pecado pode ser evitado*

Assim sendo, quem quer que pretenda atribuir à natureza humana o *anamarteton*, isto é, a impecabilidade, que traga, para combater-nos, não palavras vãs, mas sim o testemunho de sua consciência, a prova que ela possa apresentar, e que então se declare sem pecado, se é que sente realmente nunca ter sido separado do bem supremo. Irei mesmo mais longe. Quem quer que, considerando sua consciência, puder certificar-se de haver celebrado uma só sinaxe, para não falar de outras coisas, sem distrações de pensamento, de palavra ou de ação, que esse então se declare sem pecado.

Nós porém confessamos que nosso espírito volúvel, sendo humano, nem sempre pode se afastar de todas as coisas fúteis e supérfluas. Eis por que reconhecemos, na mais completa verdade, que não estamos livres de pecado. Por mais atentos que sejamos em vigiar nosso próprio coração, nunca o vigiaremos segundo o desejo da parte espiritual, devido à contradição que ele encontra na condição da carne.

Quanto mais progride a alma, maior é a pureza da contemplação que ela alcança; e mais também vê-se impura, como que no espelho de sua própria pureza. Porque, enquanto o espírito se estende a mais sublimes intuitos, considerando ao longe ações maiores que as suas, necessariamente despreza como inferior e vil o grau no qual ainda se encontra. Mais coisas distingue o olhar sadio, uma vida irrepreensível impõe-nos repreensões mais dolorosas, a correção dos costumes e o zelo vigilante da virtude multiplicam gemidos e suspiros. Para quem quer que seja, de fato, é impossível satisfazer-se com o grau a que che-

gou. Quanto mais sua alma é pura, mais ele se vê maculado e encontra em si mais razões para humilhar-se do que para exaltar-se. Quanto mais rápida sua ascensão aos cimos, mais ele vê como se alarga, à sua frente, o espaço ainda a percorrer.

Assim o apóstolo privilegiado entre todos, aquele *a quem Jesus amava* (Jo 13,23), tirou, por assim dizer, do coração divino, ao repousar no peito de seu Mestre, esta palavra: *Se dizemos que em nós não há pecado, enganamos a nós mesmos e a verdade não está conosco* (1Jo 1,8). E se a verdade, ou seja, Cristo, não está conosco, quando dizemos que em nós não há pecado, que ganhamos com essa afirmação, senão que, de pecadores, damo-nos também a ver como criminosos e ímpios?

20 - *Com quem se deve aprender a se livrar do pecado e a se tornar perfeito nas virtudes*

Enfim, se temos no coração o desejo de aprofundar a questão, para saber com maior exatidão se a impecabilidade é possível à natureza humana, quem melhor para instruir-nos do que aqueles que *crucificaram a carne com as paixões e concupiscências* (Gl 5,24) e para os quais, na verdade, *o mundo está crucificado* (Gl 6,14)? Depois de terem extirpado de seu coração todos os vícios e, ademais, quando ainda se esforçam para excluir de si qualquer idéia ou lembrança de pecado, não obstante eles confessam, todos os dias, que nem sequer por uma hora podem ficar sem a mancha do pecado.

21 - *Mesmo conscientes de não estar sem pecado, não devemos suspender para nós a comunhão do Senhor*

Não devemos todavia suspender para nós a comunhão do Senhor, por termos consciência de que somos pecadores.

Pelo contrário, iremos recebê-la com mais avidez ainda, a fim de nela encontrar a sanidade da alma e a purificação do espírito, mas com sentimentos de fé e de humildade, julgando-nos indignos de tal graça e buscando, antes de tudo, remédio para nossas feridas. Se esperássemos ser dignos, nem sequer faríamos a comunhão uma vez por ano. Essa prática da comunhão anual é uma das muitas que se mantêm nos mosteiros, onde a dignidade, a santidade e a grandeza dos divinos mistérios são encaradas de tal modo por eles que, a seu ver, só quem é santo e sem mácula, e não quem assim quer se tornar, é que dela deve aproximar-se. Pensam, com isso, evitar toda presunção orgulhosa. Mas aquela na qual incorrem, na realidade, é ainda maior, porque no dia em que comungam, pelo menos, da comunhão eles se julgam dignos. Quão mais sensato é receber os santos mistérios sempre aos domingos, como remédio para nossas enfermidades, humildes de coração, crendo e confessando que não estamos à altura de merecer essa graça, ao invés de nos inflarmos com a vã persuasão de que no fim do ano nós seremos dignos dela!

Mas, para compreender essas coisas e conservá-las como útil memória, imploremos com mais atenção a misericórdia do Senhor, a fim de que ele nos ajude a cumpri-las. Nada disso se aprende, com efeito, como as demais ciências humanas, onde se começa pelo ensinamento verbal. É a prática, é a experiência que devem prevalecer aqui. Todavia é igualmente necessário aplicar-se ao estudo de tais coisas, seja em conferências com homens espirituais, seja aprofundando-as por exemplos e pela experiência cotidiana, porque, se assim não for, ou bem a negligência as anula, ou bem elas se perdem no esquecimento.

XXIV

CONFERÊNCIA DO ABADE ABRAÃO

DA MORTIFICAÇÃO

1 - *Como revelamos ao abade Abraão o segredo dos nossos pensamentos*

Eis que dou forma, por um favor de Cristo, à vigésima quarta conferência, que é do abade Abraão e conclui os ensinamentos e preceitos de todos os anciãos. Quando eu a tiver terminado, por intercessão de vossas preces, considerarei minhas promessas cumpridas, por haver chegado a este número de vinte e quatro, o qual se acha em relação mística com os vinte e quatro anciãos do santo *Apocalipse* (cf. Ap 4,4) que oferecem suas coroas ao Cordeiro. Se por sua bela doutrina os nossos vinte e quatro anciãos[1] merecem uma coroa de glória, haverão de oferecê-la também, prostrados em terra, ao Cordeiro imolado pela salvação do mundo. Pela honra de seu nome, foi ele que se dignou conceder, a eles, um exímio pensamento e, a mim, um estilo qualquer para expressar tanta profundeza: é mister atribuir o mérito de nossos dons ao autor de todo bem, a quem devemos mais do que pagamos.

---

[1] Cassiano fala de vinte e quatro anciãos, mesmo número das conferências, para que a aplicação mística se torne mais notável; aqui, os anciãos totalizam, na realidade, apenas quinze.

Fomos então fazer ao abade Abraão a confissão cheia de ansiedade do combate a nós imposto por nossos próprios pensamentos. Novas tormentas surgiam a cada dia em nossa alma, pois nos sentíamos fortemente impelidos a retornar à nossa província e rever nossos pais.

Lembrarmo-nos de sua religiosidade e piedade era o que mais fomentava esses desejos, causando-nos satisfação que eles nunca pusessem obstáculos ao nosso tipo de vida. Pelo contrário, ocorria-nos, para constantemente ocupar-nos, a idéia de que seus assíduos cuidados tendiam mais a favorecer nossos progressos. Nenhuma preocupação com coisas materiais nem o estorvo de prover à nossa subsistência poderiam vir distrair-nos, pois eles mesmos nos forneceriam em abundância, e com alegria, tudo que fosse necessário.

Apascentávamos na alma, além do mais, vãs esperanças, crendo por antecipação que haveríamos de fazer uma maravilhosa colheita ao converter muitas pessoas, conduzidas por nosso exemplo e conselhos à via da salvação.

Os lugares que jazem no domínio hereditário dos nossos antepassados, com seus contornos e a aprazível beleza das paisagens, descortinavam-se então aos nossos olhos. Como eram propícios tais espaços a uma solidão tão bem-vinda e congruente! Que deleite havia, para um monge, no segredo das florestas, e também quantas facilidades de vida!

Em toda a simplicidade, revelamos ao ancião todos esses pensamentos, segundo os ditames de nossa consciência, e declaramos, por entre lágrimas, que não poderíamos mais

conter a violência de tais investidas, se a graça de Deus não nos viesse socorrer, por meio do remédio que lhe parecesse de bom alvitre prescrever-nos.

Após permanecer por longo tempo em silêncio e à espera, por fim, com um profundo suspiro, ele se pôs a falar.

2 - *Como o ancião esclareceu nosso erro*

A fraqueza de vossas cogitações demonstra que ainda não renunciastes aos desejos mundanos, nem mortificastes vossas paixões de outrora. E a indolência de vosso coração transparece nesses caprichos dos desejos errantes. Foi apenas com o corpo que empreendestes esta longa viagem e vos separastes de vossos pais, quando deveríeis tê-lo feito em espírito. Todos esses pensamentos já estariam sepultos e extirpados de vez do coração se houvésseis compreendido a renúncia e a causa principal da solidão que abraçamos. Vejo porém que sofreis daquela doença da ociosidade que os *Provérbios* caracterizam assim: *O preguiçoso ambiciona, mas seu desejo é vão* (Pr 13,4 – LXX); *Os desejos do preguiçoso causam-lhe a morte* (Pr 21,25).

Bem pode ser que a nós também não nos tivessem faltado as comodidades carnais de que falais, se acreditássemos que elas pudessem convir aos nossos propósitos, ou se julgássemos que o encanto de tais atrativos pudesse ter para nós proveito igual ao que se tem nesses lugares sombrios e na mortificação do corpo. Não somos tão destituídos assim de todo amparo por parte de nossos pais, pois não faltam os que se alegrariam em nos sustentar com seus bens, se não nos viesse à lembrança esta palavra do Salvador, que nos leva a excluir tudo que é apenas pertinente ao contentamento da carne: *Se alguém vem a mim e tem mais amor ao pai, à mãe, à mulher, aos filhos, aos irmãos,*

às irmãs e mesmo à própria vida, não pode ser meu discípulo (Lc 14,26). Mesmo que fôssemos completamente privados do apoio dos parentes, ainda assim, sem dúvida, poderíamos contar pelo menos com os favores dos poderosos deste mundo. Veríamos sua largueza obsequiosamente alegrar-se por atender às nossas necessidades, com todos os sentimentos da mais profunda ação de graças. E nós, vivendo de sua munificência, seríamos livrados de inquietações em relação à nossa subsistência, caso a maldição do profeta, que nos enche de terror, não nos afastasse de tal caminho, quando ele diz: *Maldito o homem que confia no homem* (Jr 17,5); e: *Não confieis nos príncipes* (Sl 145,3). Poderíamos também localizar nossas celas à beira do rio Nilo e assim ter água bem à mão, poupando-nos o trabalho de carregá-la nas costas por uma distância de quatro milhas. Mas a palavra do bem-aventurado Apóstolo nos anima em todas as horas e nos torna infatigáveis para suportar esse esforço: *Cada um receberá a sua recompensa conforme o seu trabalho* (1Cor 3,8). Não ignoramos que em nossas regiões, de igual modo, há refúgios amenos, onde a abundância dos frutos, a fecundidade e o encanto das hortas nos propiciariam sem cansaço as coisas necessárias à vida, se não temêssemos que a reprimenda dirigida ao rico, no Evangelho, fosse aplicada a nós também: *Lembra-te de que em vida já recebeste bens* (Lc 16,25).

Tomando-as por nada, nós porém já desprezamos essas comodidades e, com elas, todos os prazeres do mundo. Somente a aridez do deserto nos apraz. Preferimos a assustadora nudez da solidão a qualquer outra delícia e, para nós, as riquezas das terras mais fecundas não se comparam jamais à desoladora tristeza desses areais. Porque não procuramos as vantagens corpóreas, que passam, mas sim o proveito espiritual, que permanece eternamente.

Não basta a um monge renunciar uma vez, ou seja, desprezar as coisas presentes nos primórdios de sua conversão, se cotidianamente não persistir nessa renúncia. Até o fim de nossa vida, temos de repetir com o profeta: *Não desejei o dia fatal, tu o sabes* (Jr 17,16). E é isso que, no Evangelho, leva o Senhor a dizer: *Se alguém quiser seguir-me, negue-se a si mesmo, tome a cruz cada dia e me siga* (Lc 9,23).

3 - *Dos lugares que devem ser preferidos pelos anacoretas*

Eis por que quem é motivado por um desvelo sempre atento com a pureza do homem interior deve procurar lugares que não o solicitem, pela fecundidade e riqueza, a um absorvente cultivo, nem o impeçam de fazer de sua cela, compelindo-o a trabalhos ao ar livre, uma morada permanente e inalterável. Seus pensamentos se dariam livre curso, por assim dizer, num espaço que à frente deles se abrisse, e toda a direção de sua alma, voltada para um sutilíssimo e único destino, dispersar-se-ia em meio a tantos e tão diversos intuitos.

Por mais cuidadosos e precavidos que formos, é impossível evitar essa dispersão, como impossível é até mesmo dar-se conta dela, a menos que nos conservemos constantemente enclausurados, de corpo e alma, entre as paredes da cela. Presuma-se, por exemplo, um pescador espiritual, que vá à cata de comida segundo o método aprendido com os apóstolos. Ei-lo que espreita nas profundezas tranqüilas de seu coração, atento e sem se mexer, os pensamentos que se acumulam nadando. Como que de cima de um proeminente rochedo, logo ele então mergulha fundo seu olhar perspicaz, discernindo os que são salutares e lhe convém puxar para si, com sua linha, como também os que deve deixar de lado e

afastar, como peixes ruins e perigosos.

4 - *Tipos de trabalho que devem ser escolhidos pelos solitários*

Todo aquele que assim perseverar na guarda de seu coração realizará eficazmente o que o profeta Habacuc exprime com suficiente clareza: *Vou ficar de pé no posto de guarda, vou colocar-me sobre a muralha e espreitar para ver o que ele me falará e o que responderá à minha lamentação* (Hab 2,1). As muitas dificuldades e o trabalho que há nisso são comprovados pelo testemunho bem manifesto do que acontece com os ascetas do deserto de Cálamo ou de Porfirião. A solidão que os separa das cidades e habitações humanas é ainda mais vasta do que em Cétia. Sete a oito dias de caminhada pelo interminável deserto mal bastam para os conduzir ao refúgio onde suas celas se ocultam. Contudo, ao invés de permanecerem em clausura, eles se dão à prática da agricultura. Além disso, quando vêm a Cétia ou a essas áridas paragens nas quais vivemos, trazem consigo uma tal efervescência de idéias e uma ansiedade tão grande que, como recém-chegados que jamais houvessem provado dos exercícios da solidão, são incapazes de suportar a permanência na cela e a quietude do silêncio. Como noviços inexperientes, logo vão para fora e deixam-se vitimar por um desassossego profundo, porque não aprenderam a acalmar os movimentos do homem interior nem a evitar as tormentas de seus pensamentos, por uma solicitude contínua e uma aplicação perseverante. Nos extenuantes afazeres a que diariamente eles se dão ao ar livre, seu espírito, tanto quanto seu corpo, mantém-se o dia todo numa agitação muito grande; e seus pensamentos, dispondo-se de acordo com essa movimentação incessante, espalham-se também ao acaso pelos espaços abertos. Desse modo

eles não percebem porém a inconstante frivolidade de seu coração, não tendo ademais a força de que precisariam para refrear suas divagações caprichosas. Incapazes de sustentar o labor da compunção, tomam a própria continuidade de seu silêncio por intolerável. E, vencidos afinal pelo ócio, embora parecessem incansáveis nos trabalhos rudes dos campos, a perseverança em seu repouso os enfada.

5 - *As errâncias do corpo, ao invés de aliviarem, tornam mais grave a ansiedade do coração*

Não é nada espantoso se, quando o monge está em sua cela e nela se congregam também, como num claustro estreito, suas cogitações, o grande número de suas ansiedades o sufoque. Quando ele sai, ei-las que se precipitam atrás, abandonando o habitáculo em que estavam encarceradas, para pôr-se imediatamente a voltear em todas as direções, como cavalos desenfreados que galopam. Na hora, enquanto elas se evadem assim do lugar que as mantinha cativas, a alma sente uma consolação breve e triste. Mas é preciso retornar à cela: novamente toda a tropa de pensamentos acorre como que para a sua morada, e o próprio hábito de uma liberdade excessiva e inveterada faz com que surjam aguilhões ainda mais dolorosos.

Há portanto os que ainda não podem ou não sabem resistir às instigações de suas vontades. Quando, com insólita veemência, a acédia se abate em seu peito não habituado a tais investidas, a ansiedade se apossa deles, dentro mesmo de suas celas. Caso abrandem a austeridade da regra, concedendo-se a liberdade de sair com freqüência, haverão esses de suscitar contra si um mais terrível flagelo, muito embora pensassem encontrar aí um remédio. De igual modo, alguns doentes acre-

ditam que, bebendo uma água gélida, conseguirão diminuir o calor intenso da febre. Mas é evidente que isso, ao invés de extinguir, só acende ainda mais o fogo interior que os abrasa, e seu alívio momentâneo fará assim acompanhar-se de uma dor mais pungente.

6 - *Comparação para demonstrar que o monge deve manter seus pensamentos sob sua guarda*

É preciso pois que o monge mantenha sua atenção sempre fixa num alvo único, para o qual fará convergir ativamente todos os pensamentos que se agitem ou se alteiem em seu espírito, e esse alvo é a lembrança de Deus.

Comparo-o a um homem que queira erguer e rematar em pleno ar a abóbada de uma abside. Terá esse de traçar sua circunferência a partir do centro, que é um ponto extremamente delicado, e calcular, guiando-se por essa norma infalível, a exata rotundidade e a planta da construção. Por mais confiança que tenha em seu engenho ou sua arte, quem tentar levar a obra a bom termo sem tomar em consideração aquele ponto central ver-se-á impossibilitado de obter uma forma regular e sem erro. Além disso, não poderá também perceber, só pelo olhar, em que medida seu erro foi prejudicial à beleza que decorre de uma rotundidade perfeita. Para tanto, terá de se referir constantemente ao indício que lhe permite apreciar a correção das medidas e, pelos esclarecimentos que daí receba, de determinar com precisão o contorno interno e externo da obra. Toda a massa da construção imponente dependerá assim de um só ponto.

O mesmo ocorre com nossa alma. O monge, se não fizer da caridade do Senhor o centro imóvel ao redor do qual

suas obras se irradiam, se não corrigir ou repelir seus pensamentos, orientando-os, por assim dizer, pelo certíssimo compasso da caridade, nunca conseguirá edificar com verdadeiro engenho o edifício espiritual do qual o apóstolo Paulo é o arquiteto (cf. 1Cor 3,10), nem conhecerá a beleza desse templo interior que o bem-aventurado Davi desejava exibir a Deus, quando exclamava: *Senhor, amo a casa onde resides e o lugar onde mora tua glória* (Sl 25,8). Irá apenas construir sem arte, em seu coração, um templo desprovido de beleza, indigno do Espírito Santo e destinado a desabar sem demora. Longe de ter a glória de aí coabitar com o hóspede divino, sinistramente ele será esmagado sob as ruínas de sua construção.

7 - *Pergunta: Por que pensar que a vizinhança de nossos pais nos seria prejudicial, quando tal inconveniente não existe para os que moram no Egito?*

Germano: É um preceito útil e até mesmo indispensável recomendar que tipos de trabalho podem ser feitos no interior de uma cela. Ao exemplo de vossa beatitude, que vemos basear-se na imitação das virtudes dos apóstolos, somamos o testemunho de nossa própria experiência, que já nos tornou bem patentes as vantagens de uma tal opção.

O que não está muito claro é a vizinhança dos pais. Se vós mesmos, ao que parece, não a repelis em excesso, por que devemos nós evitá-la tanto? Até notamos que entre vós, vós que irrepreensivelmente ides pelo caminho da perfeição e que afinal residis nas mesmas regiões de que sois, não poucos são os que nem sequer se afastam muito de suas próprias aldeias. Por que então considerar para nós inadequado o que a vós não prejudica?

8 - *Resposta: Nem tudo é bom para todos*

Abraão: Vemos que de uma coisa boa às vezes se tira um mau exemplo. Se um presunçoso resolver imitar seu próximo, não tendo porém os mesmos sentimentos, o mesmo propósito e uma semelhante virtude, acabará por cair nas armadilhas do engano e da morte, lá onde outros adquiriram o fruto da vida eterna.

Sem dúvida, isso teria acontecido a Davi, malgrado sua bravura, em sua luta contra o terrível gigante Golias, se ele houvesse vestido a poderosa armadura de Saul, que era feita para um homem adulto (cf. 1Sm 17). Com ela, alguém de mais idade e mais corpulento já deitara por terra batalhões inteiros, mas a derrota seria inevitável para o adolescente Davi. Assim foi que sua prudente discrição soube escolher o que convinha à sua juventude. Para avançar contra o temível adversário, muniu-se ele das armas com as quais se sentia capaz de combater, declinando da couraça e do escudo de que via os outros cobertos.

Que cada um considere pois atentamente a capacidade de suas forças, pautando-se por ela para abraçar o modo de vida que lhe aprouver. Todas as vocações são boas, mas não poderão adequar-se indistintamente a todos. Se é boa a vida anacorética, nem por isso comprovamos que seja de conveniência genérica, pois muitos sentem que ela lhes pode não só ser infrutífera, como também perniciosa. Reconhecemos com justeza que a disciplina cenobítica e a direção dos irmãos são em si mesmas santas, meritórias e louváveis, embora não nos pareça que, por causa disso, todos devam dedicar-se a elas. A obra dos hospitais para estrangeiros, de igual modo, é fertilíssima em frutos, mas nem todos poderiam, sem detrimento de sua

paciência, indiscriminadamente consagrar-se a tal missão.

Primeiramente comparai portanto os costumes de vosso país com os nossos; depois, de ambos os lados, considerai em separado o grau de vigor moral dos habitantes, que resulta da perseverança na virtude ou no vício. O que para um homem de determinada região é penoso e impossível, um hábito inveterado conseguiu transformar, para os de outra, quase que numa segunda natureza. Existem povos, separados por grande diversidade de clima, capazes de suportar, e até sem roupas que os protejam, tanto o rigor extremo do frio quanto um sol abrasador. Mas os que nunca passaram pela experiência de um céu assim tão inclemente permanecem sem condições de agüentar essas temperaturas excessivas, por mais fortes que sejam. Vosso caso não será semelhante? Pondes aqui toda a energia, física e moral, para combater em muitos pontos o que em vossa pátria, por assim dizer, é natural. Examinai porém se, nas regiões onde habitais, enrijecidas pelo torpor do inverno, ao que se diz, e como que geladas pelo frio de uma infidelidade excessiva, poderíeis suportar essa espécie de nudez que estais vendo entre nós. Aqui, por toda parte, a antiguidade da vida monástica tornou de certo modo natural a fortaleza em relação aos santos propósitos. Se descobrirdes em vós igual constância e uma comparável virtude, também não estareis obrigados a evitar a vizinhança dos pais ou dos irmãos.

9 - *Os que têm força para imitar a mortificação do abade Apolo não precisam temer a vizinhança de seus pais*

Mas, para que tenhais uma norma certa, captando com vossas forças a idéia que mais convém, contar-vos-ei rapidamente uma história que teve um ancião por herói, o assim cha-

mado abade Apolo. Se puderdes garantir-vos, sondando na intimidade vosso coração, que nem ao propósito nem à virtude dele sois inferiores, ser-vos-á perfeitamente possível, sem prejuízo para vossa intenção e sem risco para a profissão que abraçastes, ir habitar na vossa pátria e na vizinhança dos pais. Asseguro-vos que a austera renúncia de nossa vida, cujo isolamento nesta província, por vossa livre vontade, se torna para vós uma obrigação, não poderá ser destruída pelas afeições de família nem pela recreação dos lugares.

Deu-se então que, bem no meio da noite, um irmão de nosso abade vem procurá-lo, lamentando-se de ter perdido um boi, que atolara muito a fundo no lamaçal de um brejo, e suplicando que Apolo saia um pouco do mosteiro para ajudá-lo a recuperar o animal, o que sozinho ele não conseguiria fazer. Como é grande a insistência, diz-lhe o ancião: "Por que não foi procurar nosso irmão caçula, que estava muito mais perto de você do que eu?" O outro, achando que ele se esqueceu de que esse irmão está morto e enterrado há muito tempo, e que tanta solidão e abstinência já o tenham feito perder todo o juízo, então replica: "Como eu poderia chamar do túmulo um homem que morreu há quinze anos?" E o abade Apolo: "Pois você não sabe que há vinte anos eu também morri para o mundo e que, no túmulo desta cela, não lhe posso ser de nenhuma serventia no tocante à vida presente? Como iria o Cristo tolerar uma pequena pausa que fosse, na vida de mortificação que abracei, para ajudá-lo a desatolar esse boi, se nem sequer ele concedeu um momento para o enterro de um pai, que era algo mais premente, mais digno e mais religioso (cf. Mt 8,21-22; Lc 9,59-60)?"

Perscrutai pois os segredos de vosso coração para ver se podereis manter incessantemente, junto aos vossos, uma tal

austeridade. Se vos sentirdes semelhantes a esse ancião, pela mortificação interior, sabei que a proximidade de vossos pais e irmãos também não terá como prejudicar-vos. Ainda que estabelecidos em sua vizinhança, havereis de considerar-vos como que mortos para eles: jamais concordareis em lhes prestar vossa ajuda, nem permitireis que vos levem, por seus bons préstimos, a um relaxamento.

10 - *Pergunta: É prejudicial ao monge que seus pais lhe forneçam coisas necessárias?*

Germano: Já não restam dúvidas para nós quanto a esse ponto. Sim, estamos certos de que, na vizinhança dos pais, não poderíamos nos vestir miseravelmente, nem todo dia andar de pés descalços, como fazemos aqui. Não faríamos também tanto esforço para obter as coisas necessárias à vida, como trazer água nas costas, de uma distância de três milhas. A vergonha e o temor de lhes dar motivos para que eles mesmos corassem nos impediriam, se estivessem nos vendo, de assim proceder.

Mas que obstáculo haveria para nosso propósito se, livrados pela benevolência deles de toda preocupação quanto à comida, déssemo-nos por inteiro à oração e à leitura? Como o trabalho que nós fazemos aqui já é uma distração, poderíamos nos concentrar muito mais nos exercícios espirituais, caso ele fosse suprimido.

11 - *Resposta: A posição de Santo Antão quanto a isso*

Abraão: No tocante a isso, não hei de opor-vos meu próprio parecer, mas sim o do bem-aventurado Antão. Um irmão enlanguescia nessa tibieza da qual falais. De tal forma Antão

lhe desconcertou a indolência, que as palavras empregadas por ele servem para solucionar o problema colocado por vós.

Alguém o procura, certo dia, dizendo-lhe que a disciplina anacorética não era assim tão digna de admiração e que em praticar a perfeição entre os homens, não no deserto, havia sinais de uma virtude bem maior. "E você onde mora?" – pergunta o bem-aventurado Antão. Ao que o visitante responde: "Moro perto de meus pais. Tendo tudo, graças aos cuidados deles, fico livre das preocupações e do desassossego que decorrem do trabalho cotidiano. Assim, posso entregar-me continuamente à oração, sem que distrações do espírito me afetem", conclui com altivez. "Nesse caso eu lhe pergunto, meu amigo, se as perdas e os reveses que eles sofrem não o fazem ficar triste e se a prosperidade que tenham, pelo contrário, não lhe causa alegria?" O irmão reconheceu que era igualmente tocado tanto pelo bem quanto pelo mal que acontecia a seus pais. "Pois então saiba", redargüiu o ancião, "que no século futuro você há de figurar entre aqueles cujas perdas e ganhos, cujas dores e alegrias terá compartilhado na terra".

A seguir, não contente dessa frase, o bem-aventurado Antão ampliou o campo da discussão, dizendo: "E esse não é o único detrimento que lhe inflige a grande tepidez em que você vive. Detrimento que hoje, na verdade, você mesmo nem sente, pois parece estar ecoando esta sentença dos *Provérbios*: *Bateram em mim, mas não me doeu; espancaram-me, mas não senti nada* (Pr 23,35 – LXX); ou esta palavra do profeta: *Estrangeiros consomem seu vigor, mas ele não se dá conta!* (Os 7,9). Detrimento que faz com que sua alma mude diariamente ao sabor dos acontecimentos que ocorram e que ela sempre se veja precipitada em pensamentos terrenos. Mas sua

preguiça, além disso, tem um outro inconveniente. Ela o priva dos frutos que você colheria trabalhando e da justa recompensa por seus esforços. Sustentado pela generosidade de seus pais, você se esquece de prover com as próprias mãos à sua subsistência, como impunha a regra do bem-aventurado Apóstolo (cf. At 20,34; 1Cor 4,12). De fato, ao promulgar suas últimas recomendações aos presbíteros da igreja de Éfeso, ele lembra que nunca deixou de cuidar, nem sequer em meio aos santos trabalhos da pregação evangélica, da manutenção de si mesmo e dos companheiros que, por ajudá-lo em seu ministério, a tanto estavam impedidos: *Sabeis*, disse ele, *que às minhas necessidades e às dos que me acompanham, proveram estas mãos* (At 20,34). E, para deixar bem claro que o fazia a fim de nos dar um exemplo útil, disse também alhures: *Não vivemos entre vós ociosos em preguiça, nem comemos de graça o pão de ninguém. Trabalhamos com afã e fadiga dia e noite para não vos sermos pesados a nenhum de vós. E não porque não tivéssemos direito, mas porque queríamos dar-vos um exemplo para imitar* (2Ts 3,7-9)."

12 - *Da utilidade do trabalho e das desvantagens do ócio*

A ajuda dos pais, tal como a vós, não nos teria faltado. A todas as riquezas preferimos no entanto esse despojamento no qual nos encontrais. Ao invés de depender do apoio deles, optamos por ganhar com o suor do nosso rosto o alimento cotidiano do corpo. Se se trata de uma laboriosa penúria, ela porém nos pareceu superior à ociosa meditação das Escrituras e às infrutíferas leituras que tanto preconizais. De muito bom grado teríamos seguido a vossa prática, sem dúvida alguma, se os exemplos dos apóstolos e os ensinamentos de nossos predecessores nos houvessem ensinado que ela era mais útil.

Sabei contudo que nela reside a causa de um inconveniente ainda mais grave do que aquele de que ainda há pouco falávamos. Sois sadios e robustos de corpo, mas o dinheiro dos outros é que tem de garantir vossa subsistência, e isso, de uma justa perspectiva, só se pode admitir quanto a pessoas fracas. Na verdade, excetuada aquela espécie de monges que, segundo o preceito do Apóstolo, vive do trabalho das próprias mãos, todo o gênero humano está sempre contando com a caridade alheia. Não apenas os que se gloriam de sobreviver dos bens de seus pais, do trabalho de seus empregados ou das rendas de seus domínios, mas também até mesmo os reis devem à esmola seu sustento. Este é o sentido das decisões dos anciãos que vieram antes de nós: tudo aquilo que não provém do nosso trabalho manual para nosso consumo no dia-a-dia deve ser creditado, segundo eles, à caridade. Nisso aliás seguiam o ensinamento do Apóstolo, que interdita aos ociosos todo e qualquer auxílio que proceda da generosidade alheia: *Quem não quiser trabalhar*, diz ele, *não terá direito de comer* (2Ts 3,10).

Foi assim que o bem-aventurado Antão falou em resposta àquele irmão. O exemplo nos instrui a nos esquivarmos das perniciosas complacências dos pais e de todos cuja caridade tenda a cuidar de nosso sustento, bem como dos atrativos de uma habitação confortável. E também nos ensina a pôr acima de todas as riquezas do mundo o natural amargor dessas areias estéreis, dessas paragens crestadas por alagados marinhos, sobre as quais nenhum vivente, nenhum homem, vem impor seu direito ou predomínio. Isso, sem dúvida, para que assim evitemos, no abrigo de um inacessível recesso, o contato com as multidões humanas; mas também para que o solo, se fosse fértil, não nos desse vontade de fazer absorventes cultivos, nos quais a alma, distraindo-se de seu objetivo essencial, ver-se-ia

condenada ao vazio e à esterilidade espiritual.

13 - *A fábula do barbeiro, composta para dar a conhecer as ilusões do diabo*

Como estais seguro de poder salvar outros, e como a esperança de maiores proveitos vos instila essa pressa de rever vossa pátria, escutai, a propósito, uma fábula do abade Macário, que vem muito a calhar e é por sinal cheia de encanto. Foi contada por ele outrora a um irmão assaltado por semelhantes desejos, para que lhe servisse como remédio oportuno.

Um barbeiro dos mais habilidosos, que vivia em certa cidade, barbeava cada freguês por três moedas de cobre. Apesar de ganhar assim tão pouco, sempre dava um jeito, após tirar a parte de que necessitava para sustentar-se, de guardar todo dia em sua bolsa cem moedinhas bem contadas.

Já economizava há um bom tempo quando veio a saber que numa outra cidade, muito distante, os barbeiros não recebiam menos do que uma moeda de ouro por cabeça. Ei-lo pois que se diz, ao saber da novidade: "Por quanto tempo ainda vou me sentir satisfeito com esse trabalho de mendigo? Ora essa, tanto esforço por três denários de cobre, quando poderia ganhar muito mais e juntar uma fortuna, se eu fosse para lá!"

Sem mais tardar, pegando seus instrumentos e consumindo nas despesas da viagem todas as economias que em tanto tempo fizera, penosamente ele chega àquela cidade onde o ouro corria à solta.

Desde sua chegada, desde o primeiro dia lá, recebeu de cada um, de fato, a quantia de que lhe tinham falado. À

noite, vendo que estava com a bolsa cheia, ele então vai ao mercado, todo alegre, para comprar sua comida. Só que ali tudo valia o peso em ouro. E dessa forma, depois de ter que dar o que tinha por um prato apenas passável, ei-lo que volta para casa sem nada mais ter de seu.

Ao perceber que seus ganhos evaporavam-se assim todos os dias, de modo que ele, ao invés de poder deixar um pouco de lado, mal conseguia arcar com as despesas, o barbeiro se pôs a refletir: "Vou voltar para a minha cidade e recomeçar meu trabalho pelo modesto preço de antes. Lá, além de os ganhos darem muito bem para o meu sustento, todo dia me sobrava alguma coisa, e eu ia assim juntando um capital para me amparar na velhice. A poupança cotidiana era pouca; mas, aumentando sempre, acabava por chegar, com o tempo, a uma soma considerável. E eu lucrava mais com os meus denários de cobre do que agora me acontece com as moedas de ouro, porque esse ganho imaginário, longe de me deixar algum supérfluo para economizar, mal chega a ser suficiente para minha manutenção diária".

Mais vale pois, para nós, perseguir sem descanso o modesto ganho que obtemos em nossa solidão. As preocupações seculares, as distrações mundanas e as exaltações da vaidade não o corroem, nem o cuidado posto nas necessidades do dia o diminuem. *Vale mais o pouco do justo que as grandes riquezas dos ímpios* (Sl 36,16). De que adianta ambicionar maiores lucros? Supondo-se que os obtivéssemos, por múltiplas conversões, a vida que se leva no mundo e as distrações do dia-a-dia iriam logo dissipá-los. Segundo a palavra de Salomão, *mais vale um punhado com sossego do que dois punhados com trabalho e frustração* (Ecl 4,6).

Contudo os fracos inevitavelmente são vítimas dessas ilusões ruinosas. Inseguros quanto à sua própria salvação, e tendo ainda a necessidade de se formarem pelo alheio magistério, são eles instigados pelo diabólico artífice a converter e dirigir os outros. Mas, mesmo que conseguissem auferir algum lucro, conquistando muitos conversos, sua impaciência e sua conduta mal-orientada não tardariam a nulificá-lo. E acontecer-lhes-ia o que é dito pelo profeta Ageu: *O assalariado coloca o seu salário em uma bolsa furada* (Ag 1,6). Na verdade, perder por intemperança de coração e por contínua distração de espírito o que parecia ter sido adquirido com a conversão de um outro é pôr seu ganho numa bolsa furada. E assim, enquanto pensam lucrar muito, instruindo os outros, ei-los que arruínam o trabalho de sua própria reforma: *Há quem se presume de rico e não tem nada, e há quem passa por pobre e tem muitos bens* (Pr 13,7); e ainda: *Melhor é ser modesto e ser seu próprio servo, do que presumir-se importante e não ter pão* (Pr 12,9).

14 - *Pergunta: De onde nos vinham aquelas cogitações errôneas?*

Germano: Tal comparação é de todo satisfatória e congruente. Tuas palavras tornaram manifestas as ilusões que nos induziam a erro. Gostaríamos de ser agora instruídos sobre as causas e os remédios – de saber de onde nos veio esse engano. Não há dúvida alguma de que ninguém melhor para dar remédio ao mal do que quem por primeiro revelou sua origem.

15 - *Resposta: Do tríplice movimento da alma*

Abraão: Todos os vícios têm uma mesma fonte e idêntica origem. Porém, conforme a parte ou, por assim dizer, o

membro que se vicia na alma, diferentes nomes das paixões e enfermidades espirituais são-lhes aplicados. A propósito, a analogia das afecções corporais às vezes serve de prova. Porque, mesmo que a causa seja única, não deixa ela de diversificar-se em numerosas espécies de doença, conforme o membro que venha a ser atingido. Assim é que, se o humor pernicioso atacar a cabeça, que é como que a cidadela do corpo, dará origem à cefalalgia ou cefaléia; se invadir os ouvidos ou os olhos, teremos uma otalgia ou uma oftalmia; se incidir sobre as articulações ou as extremidades das mãos, será uma doença articular, ou a gota das mãos; se descer até a extremidade dos pés, a afecção muda de nome, para chamar-se então podagra ou gota dos pés. Existem pois tantos vocábulos, para uma mesma fonte de humor maligno, quantas forem as partes ou membros afetados.

Passando das coisas visíveis às invisíveis, bem podemos acreditar que a energia dos vícios acha-se igualmente localizada nas diferentes partes ou, por assim dizer, diferentes membros da alma. Ora, os sábios aí distinguem três faculdades, a racional "logikón" (λογιχόν), a irascível "thymikón" (θυμιχόν) e a concupiscível "pithymetikón" (ἐπιθυμητιχόν). Uma ou outra será necessariamente alterada todas as vezes que o mal nos atacar. Quando pois a paixão nociva for de encontro a alguma dessas faculdades, é de acordo com a alteração aí determinada por ela que o vício específico recebe sua denominação. Se a peste viciosa infectar a parte racional, aí engendra a vanglória, o enaltecimento, a soberba, a presunção, a controvérsia, a heresia. Se ferir a parte irascível, gera aí o furor, a impaciência, a tristeza, a preguiça, a pusilanimidade, a crueldade. Se corromper a parte concupiscível, produz gula, fornicação, apego aos bens materiais, avareza, os desejos terrenos e perniciosos.

16 - *No presente caso, foi a parte racional da alma que se corrompeu*

Assim, se quiserdes conhecer a fonte e origem do mal do qual sofreis, sabei que a parte racional de vossa alma é que foi ferida, pois dela é que soem pulular os vícios da presunção e da vanglória. Conseqüentemente, é preciso tratar desse membro principal, por assim dizer, por uma discrição judiciosa e pela virtude da humildade, uma vez que é em decorrência de sua alteração que, pensando terdes chegado ao cúmulo da perfeição e julgando-vos capazes de formar os outros, a exaltação da vanglória vos arrastou às fúteis divagações que me confessastes. Podereis podar facilmente essas frivolidades, desde que estiverdes fundamentados, como acabo de dizer, na humildade da verdadeira discrição. Imbuídos de contrição, havereis de compreender então quão difícil e laboriosa é, para cada um, a obra de salvar sua alma; e adquirireis a convicção profunda de que, estando longe de poder ensinar aos outros, vós mesmos ainda tendes necessidade do auxílio de um mestre.

17 - *A parte mais fraca da alma é a primeira a sucumbir às tentações do diabo*

Aplicai pois o remédio da verdadeira humildade ao membro ou parte de vossa alma que consideramos particularmente magoada. Pelo fato de essa virtude, ao que tudo indica, estar mais fraca em vós do que as outras é que ela deve ser a primeira a sucumbir aos ataques do demônio.

Também aqui ocorre como no corpo humano. Ao sobrevir uma ocasião desagradável, seja por excesso de cansaço, seja por causa de um ar malsão, as partes mais fracas é que

se deixam dobrar e por primeiro se abatem; e apenas quando aí já se instala é que a doença a partir daí contamina as partes que ainda se mantinham sadias. O mesmo se dá com nossa alma. Se advier um sopro pestilento, fatalmente ela será atingida do lado mais delicado e fraco, que oferece menos resistência aos violentos avanços do inimigo, e ver-se-á em risco de ser tomada por onde a vigilância pouco atenta facilita o acesso à traição.

Foi dessa maneira que Balaão se decidiu com certeza à possibilidade de surpreender o povo de Deus. Conhecendo o ponto fraco dos filhos de Israel (cf. Nm 24; Ap 2,14), aconselhou que lhes armassem desse lado a armadilha na qual eles iriam cair. Não duvidou de sua queda imediata, se uma ocasião de luxúria lhes fosse oferecida, por saber que era a parte concupiscível de sua alma que sofria de corrupção.

E é também por esse método que as devassidões espirituais, com sua malignidade velhaca, se incumbem de nos tentar, armando suas insidiosas armadilhas principalmente pelos lados da alma em que a percebem enferma. Se virem, por exemplo, que a parte racional está em nós viciada, esforçam-se por enganar-nos pelo mesmo processo que outrora serviu aos arameus para o rei Acab, segundo o que nos conta a Escritura: *Ouvimos dizer*, disseram os sírios, *que os reis de Israel são reis clementes. Ponhamos sacos nos rins e cordas no pescoço e iremos ter com o rei de Israel;... e foram ter com o rei de Israel e disseram: "Assim fala teu servo Ben-Adad: Deixa-me viver!"* (1Rs 20,31-32). Acab, comovido pelo vão elogio que era feito à sua misericórdia, mais do que à sua verdadeira clemência, diz: *"Ele ainda está vivo? É meu irmão!"* (1Rs 20,32). Assim se empenham os demônios em nos iludir

pela parte racional, tencionando levar-vos a ofender a Deus quando, pensando que obteremos recompensa e receberemos o prêmio da clemência, ouvimos, por nossa vez, a reprimenda feita a Acab: *Porque deixaste escapar um homem que eu tinha votado ao anátema, tua vida responderá por sua vida e teu povo por seu povo* (1Rs 20,42). Do mesmo modo, quando o espírito imundo diz: *Partirei e serei um espírito de mentira na boca de todos os seus profetas* (1Rs 22,22), é evidente que ele prepara suas armadilhas pelo lado da parte racional, por sabê-la aberta às suas emboscadas fatais. A idéia que ele se forjava sobre nosso Senhor era de todo semelhante, e foi por isso que o tentou pelas três potências da alma, já que é por uma ou por outra dessas três portas que o gênero humano se deixa fazer cativo. Suas insidiosas espertezas nada entretanto conseguiram ganhar. Ele ataca a parte concupiscível ao dizer: *"Manda que estas pedras se transformem em pães"* (Mt 4,3); a irascível, quando o leva a cobiçar o poderio do século presente e os reinos deste mundo; e a racional, quando diz: *"Se és filho de Deus, lança-te daqui abaixo"* (Mt 4,6). Suas ilusões porém ficam sem efeito, porque, contrariando a conjetura que erroneamente fizera, nada de viciado encontra nele. E também porque nenhuma parte de sua alma cedeu às tentadoras ciladas do inimigo: *Vem o príncipe do mundo*, diz o Senhor. *Ele não encontrará nada em mim* (Jo 14,30).

18 - *Pergunta: O desejo de um mais perfeito silêncio, que nos fazia querer voltar à pátria, seria conveniente?*

Germano: Entre as ilusões e os erros que nos tinham inflamado o desejo de rever nossa pátria, enchendo-nos da vã esperança de lá encontrar proveitos espirituais, como tão bem reconheceu o olhar experiente de tua Beatitude, eis o que, acima de tudo, nos compelia: os irmãos que nos visitam, de quan-

do em quando, impedem-nos de nos isolarmos, como gostaríamos, num retiro incessante e um diuturno silêncio; além disso, somos obrigados, quando aparece alguém, a interromper o curso de nossa abstinência diária, infringindo a norma pela qual a seguíamos; nosso desejo entretanto seria mantermo-nos ininterruptamente fiéis a ela, a fim de castigar nosso corpo.

Estamos persuadidos de que tal coisa não iria acontecer em nossa província, onde não há praticamente ninguém que siga a nossa profissão.

19 - *Resposta: Da ilusão diabólica que consiste em prometer o sossego numa solidão mais vasta*

Abraão: Não ser visitado por ninguém é sinal de um rigor irracional e inconsiderado, ou mesmo, pior ainda, indício de uma tibieza excessiva. Se alguém for a passos muito lentos pelo caminho que escolheu, o homem de antes continuará vivendo nele, e será justo se ninguém chegar a vê-lo, já não digo entre os santos, mas nem sequer entre as pessoas comuns. No que vos tange, se um amor perfeito e verdadeiro por nosso Senhor vos abrasa, se seguis a Deus, que é amor (cf. 1Jo 4,16), com fervor pleno, por mais que queirais fugir para inacessíveis lugares, inevitavelmente os homens lá irão encontrar-vos; e quanto mais perto de Deus o ardor do amor divino vos puser, maior será a multidão de santos que há de afluir para vós. *Não é possível esconder uma cidade situada no cimo de um monte* (Mt 5,14), segundo a sentença do Senhor, que também diz: *Pois eu honro os que me honram, mas os que me desprezam, caem no desprezo* (1Sm 2,30).

Sabei que o estratagema mais sutil do diabo, que a mais

oculta armadilha em que ele precipita os desgraçados e incautos, consiste em surripiar-lhes, enquanto lhes promete maiores bens, o ganho necessário ao cotidiano progresso. Persuade-os de que deveriam procurar solidões mais vastas e secretas, que lhes pinta à imaginação semeadas das mais encantadoras amenidades. Além disso, propicia-lhes a miragem de ignotos lugares que não existem. E que eles, como se os conhecessem, vêem, supondo-os prontos para recebê-los, entregues à sua discrição e sem qualquer dificuldade para se dar à posse. O mentiroso, ao representar como dóceis e fáceis de levar ao caminho da salvação os habitantes da região, insinua que lá a alma irá colher mais abundantes frutos. Tudo porém que tenciona, ao sabor de tais promessas, é distraí-la, tirando-lhe furtivamente o lucro que ela agora obtém. Bastará o monge dar ouvidos a essa vã esperança para logo separar-se da comunidade dos anciãos. Mas, por outro lado, desvanecem-se as quimeras que se haviam constituído em seu coração. Como ao sair de um sono profundo, nada encontra, ao despertar, do que sonhara. Tornando-se maiores as exigências da vida, laços inextricáveis o enredam, e o diabo nem sequer lhe dá folga para respirar e sonhar com aqueles bens que ele mesmo se prometera. Ele, que quis evitar as visitas, tão raras e imbuídas do espírito sobrenatural, que seus irmãos lhe faziam, vê-se dia a dia apanhado na azáfama dos seculares. Nunca voltará a encontrar, nem mesmo em grau mediano, a regularidade e a calma da vida de um anacoreta.

20 - *Como é bom relaxar um pouco com a chegada de um irmão*

Assim pois, a agradável trégua que a hospitalidade nos concede às vezes, por ocasião da visita de um irmão, e que era vista por vós como um incômodo a ser evitado, é na verdade

extremamente salutar e útil, tanto ao corpo quanto à alma. Tende paciência para ouvir o pouco que a respeito disso tenho eu a dizer. Não é raro acontecer, não aos fracos e aos noviços, mas sim aos mais consumados por sua experiência e perfeição, que venham eles a incidir em tibieza, caso uma mudança qualquer não traga algum relaxamento a seu espírito sempre aplicado a idéias sérias, ou então que sua saúde sofra um pernicioso abatimento.

Por isso é que os solitários prudentes e perfeitos devem receber com alegria as visitas dos irmãos, e não apenas suportá-las pacientemente. O que por primeiro elas nos provocam é o desejo sempre crescente e ávido pelo segredo da solidão. Poder-se-ia crer que elas retêm nosso curso, quando na realidade garantem sua continuidade infatigável, porque não seríamos capazes de manter até o fim a mesma velocidade, se não surgisse um obstáculo para retardar nossos passos. Ademais, graciosamente nos oferecem, com o fruto da hospitalidade, uma refeição necessária a nosso pobre corpo; e nós, com os benefícios advindos de uma pausa assim tão amena, lucramos mais do que se houvéssemos perseverado nas fadigas da abstinência.

A propósito, dar-vos-ei rapidamente uma comparação, uma história tão antiga que já por toda parte a conhecem.

21 - *Como o evangelista João, pelo que se diz, mostrou a utilidade do relaxamento*

Conta-se que o bem-aventurado evangelista[2] João, enquanto acariciava ternamente uma perdiz, viu subitamente

[2] Pareceu-nos interessante conservar a palavra *evangelista*, que se lê no manuscrito de Paris, a fim de identificar o personagem.

aproximar-se dele certo filósofo que vinha vestido de caçador. E a esse espanta que um homem tão considerado e de tão grande renome se submetesse a uma distração tão desimportante e ínfima, dizendo-lhe então:

- *Se és este famoso João, de reputação tão insigne e célebre que a mim mesmo inspirara um enorme desejo de conhecer-te, por que te ocupas de uma distração tão reles?*
- *E tu, replica o bem-aventurado João, o que levas na mão?*
- *Um arco, responde o outro.*
- *Mas por que não o tens sempre esticado?*
- *Não convém, porque senão sua tensão, se ele estivesse sempre encurvado, poderia afrouxar e gastar-se. Se assim fosse, se sua força se perdesse pelo retesamento contínuo, quando eu tivesse de lançar numa fera uma flecha mais poderosa, a flechada não partiria com o necessário vigor.*
- *Pois então não te espantes, jovem, de que eu conceda a meu espírito esta inocente e breve distração. Se, de vez em quando, eu não o aliviasse da tensão, dando-lhe um pouco de relaxamento, a própria continuidade do esforço o afrouxaria e ele não poderia mais obedecer, quando preciso, ao vigor da parte espiritual.*

22 - *Como entender esta palavra do Evangelho:*
Meu jugo é suave e meu peso é leve (Mt 11,30)?

Germano: Já que trouxeste um remédio tão bom para todas as nossas ilusões, tendo tua doutrina podido desmascarar as insídias diabólicas que nos causavam uma agitação tão intensa, pedimos-te que nos explique ainda esta palavra do

Evangelho: *Meu jugo é suave e meu peso é leve*, uma vez que ela parece muito oposta ao que diz o profeta: *Consoante a sentença de teus lábios, segui as duras veredas* (Sl 16,4). Tanto mais que o próprio Apóstolo declara: *Assim sofrerão perseguições todos os que aspiram a viver piedosos em Cristo Jesus* (2Tm 3,12). Ora, o que é duro e pontilhado de perseguições não pode ser suave e leve.

23 - *Explicação da palavra em pauta*

Abraão: A palavra de nosso Senhor e Salvador é perfeitamente verdadeira, e disso o testemunho da experiência pode nos fornecer uma prova fácil. Basta ingressar no caminho da perfeição de maneira legítima e segundo a vontade de Cristo, mortificar todos os nossos desejos e suprimir nossas vontades nocivas, não sofrer se dos bens deste mundo já nada mais nos resta, pois de outro modo daríamos ao inimigo uma oportunidade para nos dilacerar e arrasar a seu bel-prazer, e sobretudo compreender que nunca somos senhores de nós mesmos, realizando em verdade o oráculo do Apóstolo: *Eu vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive em mim* (Gl 2,20).

Que pode haver de penoso, de duro, para quem de toda alma assumiu o jugo de Cristo e que, baseado na verdadeira humildade e tendo o olhar sempre voltado para os sofrimentos do Senhor, rejubila-se em meio às injúrias que lhe são feitas e diz: *Eis por que sinto alegria nas fraquezas, nas afrontas, nas necessidades, nas perseguições, no profundo desgosto sofrido por amor de Cristo. Pois quando me sinto fraco, então é que sou forte* (2Cor 12,10)? De que dano a seu patrimônio poderá condoer-se quem, glorioso em seu perfeito despojamento, voluntariamente rejeitou pelo Cristo todas as pompas deste

mundo e considera como esterco, a fim de ganhar a Cristo (cf. Fl 3,8), as concupiscências generalizadas; quem despreza e afasta de seu coração toda a angústia que lhe poderia advir da perda de seus bens, pela meditação contínua neste preceito evangélico: *De fato, que aproveitará ao homem ganhar o mundo inteiro mas arruinar sua vida? Ou que poderá o homem dar em troca de sua vida?* (Mt 16,26). Que privação será capaz de entristecer quem reconhece que tudo aquilo que os outros possam lhe tirar não lhe pertence e proclama com invencível coragem: *Nada trouxemos ao mundo como tampouco nada poderemos levar* (1Tm 6,7)? Que indigência abaterá a força de um homem que não quer ter *sacola para a viagem nem dinheiro no cinto* (Mt 10,9-10; Mc 6,8-9), mas se gloria, com o Apóstolo, *com fome e sede, freqüentes jejuns, frio e nudez* (2Cor 11,27)? Que trabalho, que ordem dada por seu ancião, por mais dura que seja, poderá perturbar em sua tranqüilidade de coração aquele que, não tendo mais vontade própria, acorre a tudo que lhe é ordenado, não apenas com paciência, mas também com alegria, e, a exemplo de nosso Salvador, não procura fazer sua vontade, e sim a do Pai, dizendo-lhe por sua vez: *Não como eu quero, mas como tu queres* (Mt 26,39)? Que ofensas e que perseguição poderão aterrorizar e, sobretudo, que suplício poderá não deixar contente quem exulta incessantemente com os apóstolos, em meio aos golpes, e anseia por ser julgado digno de sofrer injúrias pelo nome de Jesus (cf. At 5,41)?

24 - *Por que o jugo do Senhor parece amargo e pesado*

Só à nossa contumácia se pode atribuir com justeza uma impressão contrária a que o jugo de Cristo seja leve e suave. A falta de confiança e a falta de fé tiram-nos toda a

energia e, a seguir, por inepta perversidade, como se nossa intenção fosse reter bens terrenos, lutamos contra o mandamento, ou melhor, o conselho, que diz: *Se quiseres ser perfeito, vai, vende* (ou *abandona*) *tudo que tens; depois vem e me segue* (Mt 19,21).

É assim que o diabo, com muitos laços, nos mantém amarrados, disso advindo uma conseqüência fatal: desde que ele quiser nos separar dos gáudios espirituais, contristar-nos-á por uma diminuição ou uma perda total de nossas posses. Porque todas as suas artimanhas tendem a este objetivo: quando nossa concupiscência viciosa tiver tornado pesadas para nós a doçura do jugo do Salvador e a leveza de seu fardo, quando nos fizermos escravos das riquezas que reservarmos para nossa consolação e repouso, ele nos torturará sem trégua com os açoites das preocupações terrenas, encontrando em nós mesmos com o que nos lacerar, já que *o ímpio é capturado nos laços de sua culpa* (Pr 5,22) e o profeta lhe diz: *Todos vós que acendeis um fogo, que vos munis de setas incendiárias, atirai-vos às chamas do vosso fogo e às setas que acendestes* (Is 50,11). De igual modo, Salomão testemunha que *cada um é punido naquilo em que peca* (Sb 11,17 – LXX).

Os próprios prazeres que nos agradam constituem nosso tormento: os deleites e alegrias do corpo voltam-se contra nós como se fossem carrascos. De fato, aquele que se apoiar em seus bens e seus recursos de outrora há de inevitavelmente se impedir de chegar à humildade integral de coração e à plena mortificação da voluptuosidade nociva. Assim como, com o auxílio dessas virtudes, todos os infortúnios da presente vida e as perdas que nos possa o inimigo impor se suportam não apenas com extrema paciência, mas até mesmo com absoluta ale-

gria, assim também a ausência delas fomenta uma exaltação perniciosa que nos fere, ante a mais ligeira afronta, com os golpes mortais da impaciência. É então que o profeta Jeremias nos dirige estas palavras: *Agora, pois, que te adiantará ir para o Egito, beber as águas do Nilo? Que te adiantará ir para a Assíria, beber as águas do Eufrates? Tua própria maldade te castigue e tuas apostasias te punam! Compreende e vê, como é mau e amargo, abandonar o Senhor teu Deus! Tu já não me temes – oráculo do Senhor Deus todo-poderoso!* (Jr 2,18-19).

Portanto, se tomarmos por amarga a mirífica suavidade do jugo do Senhor, qual será a causa disso, senão o fato de nós, por nossos desvios, a tingirmos de amargor? E se a agradável leveza do fardo divino tornar-se para nós um peso, não teremos desprezado, em nossa presunção orgulhosa, Aquele que nos ajudava a levá-lo? É evidente o que testemunha a Escritura, quando diz: *Para que sigas o bom caminho e guardes as sendas dos justos* (Pr 2,20 – LXX). Somos nós, sim, somos nós, garanto, porque está bem claro, que tornamos pedregosas, ao cobri-las com as pontas ásperas de nossos desejos pérfidos, as vias retas e fáceis do Senhor; nós que nos desviamos do caminho real, construído com lajotas apostólicas e proféticas, aplainado pelos passos dos santos e do próprio Senhor, para seguir por trilhas cheias de mato que se afastam, para nos arrastarmos, obcecados pelo encantamento dos prazeres mundanos, por obscuros atalhos obstruídos pelas sarças do vício, com as pernas laceradas e nossa veste nupcial em frangalhos, destinando-nos a ser vitimados por agudíssimos espinhos, por serpentes e escorpiões que lá se escondem. Pois que está escrito: *Espinhos e armadilhas estão no caminho do perverso, quem quiser guardar sua vida mantém-se longe dele* (Pr 22,5 – LXX). Numa outra passagem, é assim que o Senhor, pela boca do profeta, fala dos extraviados:

Meu povo, contudo, esqueceu-se de mim; eles oferecem incenso ao Nada. Vacilam em seus caminhos, nas veredas de outrora, para caminhar por sendas, por um caminho não traçado (Jr 18,15). E Salomão também diz: *O caminho do preguiçoso é como cerca de espinhos, a trilha dos homens retos é grande estrada* (Pr 15,19 – LXX).

Desse modo, quem se afasta do caminho real jamais chegará à cidade santa, nossa mãe, para onde sempre e invariavelmente deveria se dirigir nosso percurso. O *Eclesiastes* exprime bem claramente essa verdade: *O trabalho do insensato cansa-o tanto que nem sequer sabe como chegar à cidade* (Ecl 10,15 – LXX), isto é, àquela *Jerusalém do alto, que é nossa mãe* (Gl 4,26).

Em contrapartida, quem renunciar verdadeiramente a este mundo e tomar sobre os ombros o jugo do Senhor, dele aprendendo, por dia a dia suportar injúrias, como ele é *manso e humilde de coração* (Mt 11,29), esse se manterá sempre imóvel diante das tentações, pois *todas as coisas concorrem para o seu bem* (Rm 8,28). Com efeito, segundo o profeta Abdias, *as palavras do Senhor são boas para o que caminha com retidão* (Mq 2,7). E é dito ainda: *Os caminhos do Senhor são retos; os justos neles caminharão, mas os rebeldes tropeçarão* (Os 14,10).

25 - *Utilidade das tentações*

A graça do Salvador, que nos é benigna, nos faz portanto obter, por lutarmos contra as tentações, uma coroa de glória maior do que teríamos, se do combate ela nos dispensasse. Mesmo em face de perseguições e provações que assediem, há mais sublime e eficaz virtude em conservar-se inaba-

lável sempre, persistindo até o fim, por confiança no amparo divino, na mesma esperança intrépida; e em se fazer das investidas humanas como que a armadura de uma força invencível, conquistando sobre a impaciência um triunfo bem glorioso e, a partir da fraqueza, desse modo, adquirindo virtude, *porque é na fraqueza que a força chega à perfeição* (2Cor 12,9). Com efeito, está dito: *Eis que te constituo hoje como uma cidade fortificada, uma coluna de ferro, uma muralha de bronze diante de todo o país: diante dos reis e chefes de Judá, diante dos sacerdotes e todo o povo. Eles lutarão contra ti, mas não prevalecerão, porque eu estou contigo para te libertar – oráculo do Senhor* (Jr 1,18-19).

Assim pois, segundo o puro e simples ensinamento do Senhor, o caminho real é suave e leve, ainda que possa parecer duro e áspero.

Que os servos fiéis e piedosos tomem sobre seus ombros o jugo do Senhor e dele aprendam que ele é *manso e humilde de coração* (Mt 11,29): depondo de algum modo o fardo das paixões terrenas, haverão então de achar, pela graça de Deus, descanso, e não fadiga, para suas almas. Ele mesmo o atesta por seu profeta Jeremias: *Parai sobre os caminhos e olhai, perguntai sobre as sendas de outrora, qual é o caminho do bem, e caminhai nele! Então alcançareis repouso para vós* (Jr 6,16). Logo *as elevações serão niveladas, as escarpas aplainadas* (cf. Is 40,4), e eles, saboreando, verão *como o Senhor é bom* (Sl 33,9). Ouvindo o que Cristo proclama no Evangelho: *Vinde a mim todos vós, fatigados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei* (Mt 11,28), deporão o peso esmagador de seus vícios e compreenderão a palavra que vem logo a seguir: *Pois meu jugo é suave e meu peso é leve* (Mt 11,30).

No caminho do Senhor há portanto um refrigério, se nele nos mantemos segundo sua lei. Somos nós que, enchendo-nos de preocupações turbulentas, criamos dores e tormentos para nós mesmos quando optamos por seguir as vias do século, tortuosas e falsas, ainda que isso nos obrigue a grandes dificuldades e riscos. Depois então, depois de termos transformado o jugo do Senhor, por tal método, em duro e pesado para nós, um espírito blasfemo nos impele a queixumes quanto à dureza e aspereza desse jugo ou do próprio Senhor que o nos impõe: *A insensatez do homem perverte-lhe o caminho, e seu coração irrita-se contra o Senhor* (Pr 19,3 – LXX). Porém, segundo o que se lê no profeta Ageu, quando nós dissermos: *A conduta do Senhor não é correta* (Ez 18,25), ele mesmo nos dará esta resposta justa: *É a minha conduta que não é correta, ou é a vossa que não é correta?* (id.).

Por isso, se quisermos comparar a flor de suave odor da virgindade e a tenuíssima pureza da castidade com o fétido e horrível lameiro das volúpias carnais; o sossego e segurança dos monges com os perigos e desgraças em que são envolvidas as pessoas do mundo; a paz de nossa pobreza com as devoradoras tristezas e as preocupações nunca aquietadas em que dia e noite os ricos se consomem, com grandes riscos para sua vida, muito fácil será reconhecer que é suavíssimo o jugo do Senhor, assim como seu fardo é levíssimo.

26 - *Como o cêntuplo é prometido aos que já neste mundo fazem uma renúncia perfeita*

Nesse sentido muito justo, muito verdadeiro e em consonância total com a fé é que se deve entender a promessa que o Senhor faz de retribuir desde esta vida, dando-lhe o cêntuplo,

à perfeita renúncia: *Todo aquele que abandonar casa e irmãos ou irmãs, pai e mãe ou mulher ou filhos e campos por amor de meu nome receberá cem vezes mais e possuirá a vida eterna* (Mt 19,29).

Muitos, de fato, atribuem a essas palavras um sentido inteiramente grosseiro, valendo-se da ocasião para afirmar que os santos desfrutarão, durante um período de mil anos, de um retorno carnal a tudo aquilo que fora abandonado por eles.[3] Mas, ao adiarem essa era para após a ressurreição futura, são forçados a admitir que não se pode reconhecer nela o presente século.

Quão mais crível é pois, quão mais manifesta nossa opinião! A quem, pelo chamado de Cristo, desprezar qualquer afeição ou riqueza terrenas, seus irmãos de vocação, que a ele se unem por um vínculo espiritual, desde esta vida darão um amor cem vezes mais terno. De fato, o amor que a aliança ou o sangue criam cá na terra entre pais e filhos, entre irmãos, cônjuges, parentes, mostra-se frágil e de curta duração. Os filhos, ao crescerem, logo haverão de ser excluídos, mesmo que sejam bons e dedicados, da casa e da fortuna dos pais; o vínculo conjugal rompe-se às vezes, e por motivos honestos; os bens dos irmãos são divididos porque ocorrem litígos. Somente os monges mantêm uma união harmoniosa e estável, possuindo todas as coisas em comum. Cada qual considera seu o que é de seus irmãos, considerando dos irmãos o que a si mesmo pertença. Assim, a beleza de uma tal dileção, se a compararmos às afeições nascidas dos liames carnais, certamente é cem vezes mais sublime e mais terna.

---

[3] Segundo os *milenaristas*, o Senhor deveria reinar na terra com seus santos, durante os mil anos que se seguiriam à ressurreição geral, antes de introduzi-los no céu.

De igual modo, o suave sabor da continência será cem vezes maior do que o contentamento encontrado pelos cônjuges na união sexual. Já no tocante à satisfação de ter uma casa ou terras, que abundância, que cêntuplo de alegria e riquezas quando nós, predestinados que fomos à adoção como filhos (cf. Ef 1,5), possuirmos como bens próprios tudo que é do Pai eterno e, à imitação do Filho verdadeiro, do fundo do coração dissermos: *Tudo que o Pai possui é meu* (Jo 16,15). Livres das angustiantes preocupações e das inquietudes de outrora, sentindo-nos em casa por toda parte em que entrarmos, de coração tranqüilo e alegre, diariamente ouviremos ressoar em nós mesmos a palavra do Apóstolo: *Quer o mundo, quer o presente, quer o futuro, tudo é vosso* (1Cor 3,22), bem como a de Salomão: *O mundo inteiro, com suas riquezas, pertence ao homem fiel* (Pr 17,6 – LXX).

O cêntuplo se acha pois na grandeza da retribuição e na incomparável diferença da qualidade. Se, por determinado peso de bronze, de ferro ou de qualquer vil metal dão-nos o mesmo peso em ouro, é impossível não pensar que assim se restitui mais do que o cêntuplo. Assim também, quando, pelo desprezo das volúpias e das afeições terrenas, o que se recebe de volta é a alegria espiritual e o deleite da preciosíssima caridade, ainda que a quantidade, de ambas as partes, seja a mesma, nem por isso deixará ela de ser cem vezes mais brilhante e maior. Para tornar o tema mais evidente, à força de repetir, pensemos em alguém que era levado por *paixões libidinosas* (1Ts 4,5), ao amar sua esposa, e que agora a ama na honradez da santidade e na verdadeira dileção do Cristo: a mulher é uma só e a mesma, porém o mérito do amor foi elevado ao cêntuplo. Pesai ainda, contrapondo-as na balança, a perturbação da ira e do furor com a firme doçura da paciência; a angústia das preocupações e incumbências com a segurança da

tranqüilidade; a tristeza estéril deste século, toda feita de dor, com o fruto da tristeza da salvação; a vaidade das satisfações temporais com a abundância da alegria espiritual e, nesse cotejo, logo havereis de distinguir nitidamente o cêntuplo. Do mesmo modo, se nós compararmos a volúpia breve e enganadora dos vícios com o mérito da virtude contrária, aqui teremos, nessa última, a felicidade notavelmente multiplicada, prova de que o valor da virtude é também cem vezes maior. O número 100 é obtido, de fato, quando se passa da mão esquerda à direita e, apesar de a figura formada pelos dedos ser idêntica, a quantidade que se indica cresce porém enormemente.[4] À esquerda, estávamos entre os cabritos; mas, ao passar para a direita, daí fomos separados com as ovelhas (cf. Mt 25,33).

Consideremos agora a quantidade das coisas que Cristo nos restitui desde este mundo, por havermos desprezado as vantagens temporais. A tanto nos exorta particularmente o *Evangelho de São Marcos*, quando diz: *Não há ninguém que, tendo abandonado casa ou irmãos ou irmãs ou pai ou mãe ou filhos ou campos por minha causa e do Evangelho, não receba já no tempo presente cem vezes mais casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos no meio de perseguições e, no mundo vindouro, a vida eterna* (Mc 10,29-30). Com efeito, todo aquele que renuncia, em nome do Senhor, ao amor de um pai, da mãe, de um filho, para ingressar na sinceríssima dileção dos que são servos de Cristo, logra cem vezes mais irmãos e pais. Pois que ao invés de um só pai, um só irmão, agora os tem em

[4] Os antigos figuravam os números, ao contar, dispondo seus dedos de diferentes maneiras. Iam assim com a mão esquerda até 90. Mas, a partir de 100, serviam-se da mão direita; e o gesto então empregado era exatamente o mesmo que, feito com a esquerda, significava apenas 10. Nessa vantagem da mão direita o autor vê um símbolo do que ganhamos ao passar do vício para a virtude, da esquerda para a direita.

profusão, e que a ele estão ligados por um afeto bem mais ardente e elevado. Aquele que, tendo abandonado por amor a Cristo uma só morada, vê igualmente se multiplicarem suas casas e campos, pois que possuirá como se fossem seus inumeráveis mosteiros; e ele aí entrará, seja em que parte do mundo for, como se fosse o dono. Como então não recebe o cêntuplo e, se for permitido acrescentar à palavra de nosso Senhor, até mais do que o cêntuplo, também aquele que, renunciando aos serviços forçados e pouco garantidos de dez ou vinte escravos, passa a contar com os bons favores de tantas pessoas livres e de origem nobre? Vós mesmos pudestes, por vossa própria experiência, verificar que é assim. Pelo pai, pela mãe, pela casa que deixastes, encontrastes, em qualquer parte do mundo em que ingressastes, pais, mães, irmãos sem conta e, adquiridos sem preocupação nem trabalho, também casas e campos e fidelíssimos servos que vos acolhem, vos amam, vos prodigalizam seus cuidados e com as maiores distinções de honra vos veneram, como se fôsseis vós seus senhores.

Digo porém que os santos só farão jus a esses préstimos e só terão a garantia de desfrutá-los por haverem previamente, por sacrifício voluntário, abandonado tudo, tanto seus bens quanto sua própria pessoa, para servir a seus irmãos. Sem temor eles receberão, segundo a palavra do Senhor, o que eles mesmos tiverem entregue aos outros (cf. Mt 7,2). Já quem não tiver sacrificado tudo a seus irmãos, com sincera humildade, como pacientemente poderá aceitar o dom dos outros, se há de sentir que os préstimos que lhe são propiciados se tornam para ele um fardo, não um consolo, porque a servir ele preferiu ser servido?

Além do mais, não se pode usufruir desses bens numa tranqüilidade ociosa ou numa recreação indolente, mas sim

tão-só, segundo a palavra do Senhor, no meio de perseguições (cf. Mc 10,30), isto é, no meio das aflições da vida presente e das angústias do sofrimento. O sábio o atesta: *Toda fadiga traz proveito; o palavrório só produz indigência* (Pr 14,23 – LXX). Não são os preguiçosos, os frouxos, os delicados, os inertes, e sim os violentos, que conquistam o reino dos céus. Quem são esses violentos então? Aqueles que fazem, não aos outros, mas à sua própria alma, uma gloriosa violência e que, num saque dos mais louváveis, despojam-na de toda volúpia pelas coisas presentes. São esses que a voz do Senhor declara saqueadores gloriosos e que no reino dos céus, por tal rapina, penetrarão à força, como ele diz: *O reino dos céus sofre violência e os violentos são os que o conquistam* (Mt 11,12). Sim, esses que fazem violência à sua perdição são violentos gloriosos.

O homem, de fato, como está escrito, *trabalha para si em meio às dores e impede à força sua perdição* (Pr 16,26 – LXX). Nossa perdição é o prazer da vida presente e, para falar de um modo mais claro, a realização dos nossos desejos e vontades. Quem os afasta de sua alma e os mortifica faz, na verdade, uma violência gloriosa e útil à sua perdição, pois renuncia ao que lhe há de mais caro. São também nossas vontades próprias que a palavra divina acusa muitas vezes pelo ministério do profeta: *No dia em que fazeis jejum, ides atrás de vossos interesses* (Is 58,3); e ainda: *Se não puseres o pé fora de casa no sábado, e não te dedicares aos teus negócios no meu dia santo; se o honrares, evitando viagens, não fazendo a tua própria vontade nem falando palavras vãs* (Is 58,13); logo a seguir acrescenta, pela boca do mesmo profeta, que beatitude está prometida: *Então te deleitarás no Senhor, e eu te farei levar em triunfo sobre as alturas da terra, eu te nutrirei com a herança de teu pai Jacó, pois foi a boca do Senhor que falou* (Is 58,14). Por isso é que

nosso Senhor e Salvador, para nos dar o modelo dessa amputação de nossas vontades, diz: *Desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade de quem me enviou* (Jo 6,38); e também: *Não como eu quero, mas como tu queres* (Mt 26,39).

Os que vivem nos cenóbios praticam especialmente essa virtude. Submetidos à autoridade de um ancião, nada fazem por sua própria decisão, mas sua vontade depende da vontade do abade.

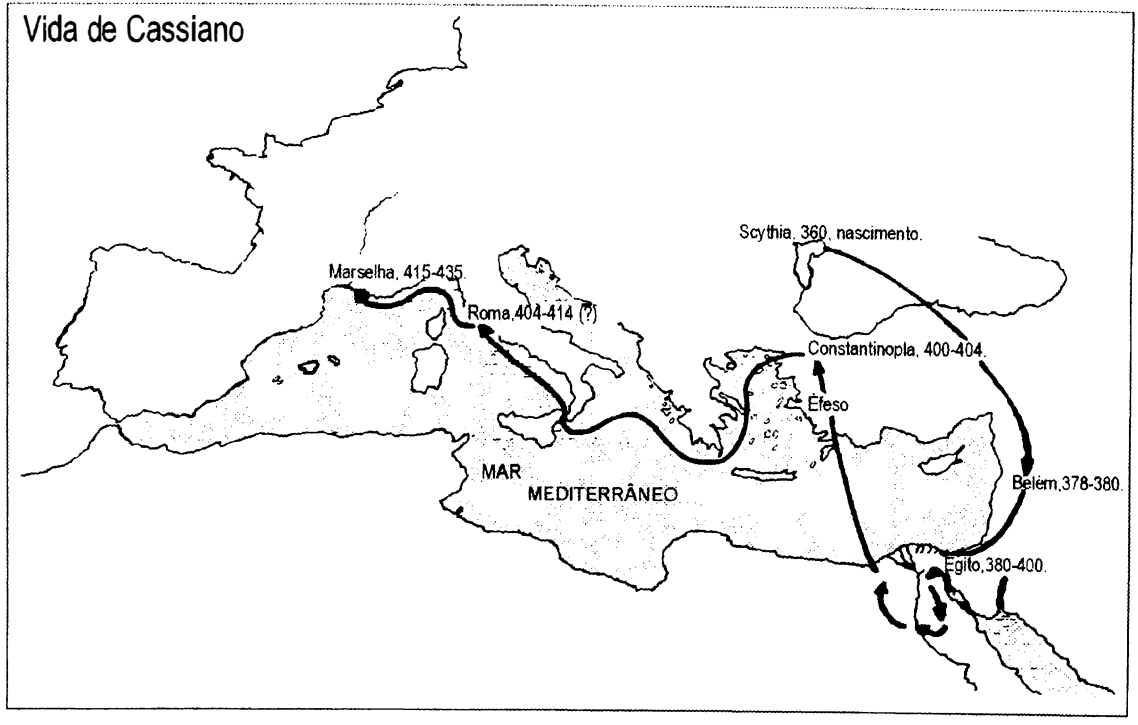
Enfim, para encerrar esta conferência, os servos fiéis de Cristo não recebem ainda ao cêntuplo, em retribuição, quando são reverenciados, em função do nome dele, pelos mais eminentes príncipes? Não é a glória humana, decerto, que eles procuram, mas mesmo assim impõem respeito aos poderosos e aos juízes, até em meio aos extremos da perseguição. A obscuridade de seu nascimento ou sua condição servil bem poderia tê-los tornado desprezíveis por sua origem modesta, inclusive a pessoas da classe média, caso eles houvessem permanecido na vida secular. Mas a milícia do Cristo enobreceu-os. E ninguém mais ousa erguer críticas à sua posição social, ninguém se atreve a contrapor-lhes a pequenez de sua procedência. O opróbrio de uma condição muito simples, que ao restante dos homens causa embaraço e desonra, torna-se além disso, para os servos de Cristo, um novo título de nobreza e glória. É o que podemos constatar com clareza no que diz respeito ao abade João, que vive no deserto adjacente à cidade de Lico. Filho de pais muito obscuros, tornou-se digno de admiração por quase todo o gênero humano, graças ao nome de Cristo. Os senhores da terra, que detêm o império e o governo deste mundo, diante dos quais tremem os próprios poderosos e os reis, veneram-no como seu mestre, mandam-lhe, de mui-

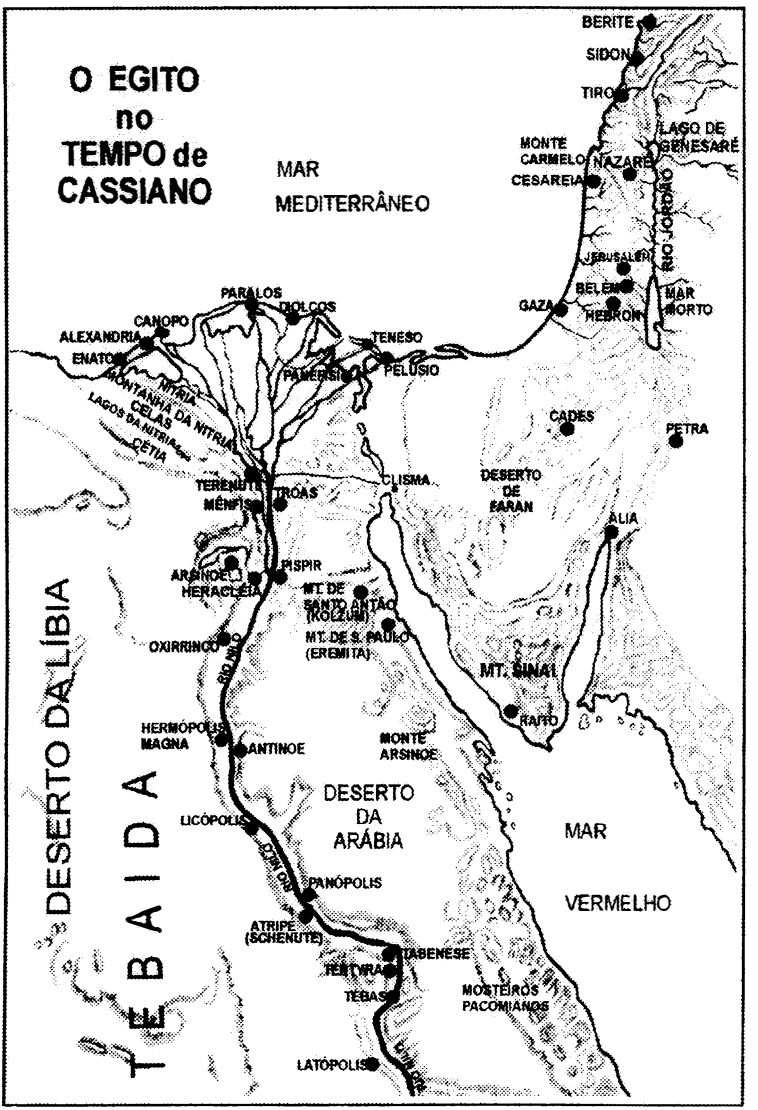
to longe, pedir-lhe oráculos, e às preces dele confiam a soberania de seu império, sua vida e o sucesso nas batalhas.

Tal foi a conferência sobre a origem de nossa ilusão e o remédio para curá-la feita pelo abade Abraão, que de certo modo nos abriu os olhos para a armadilha oculta em pensamentos que o diabo nos tinha sugerido, acendendo em nossos corações, ao mesmo tempo, o desejo de mortificação. Desejo que, creio eu, há de ainda inflamar muitos outros, por deselegante que seja o estilo em que estas palavras vão escritas. Minhas palavras, é verdade, cobrem como cinza tépida os pensamentos abrasados de tantos Pais tão eminentes. Todavia persuado-me de que muitos serão capazes de aí reaquecer sua tepidez, caso se disponham a retirar a cinza das palavras para reavivar as chamas das idéias que ela esconde.

Contudo, ó santos irmãos, enquanto vos envio este fogo que o Senhor veio trazer à terra (cf. Lc 12,49) e que ele deseja ver arder desmedidamente, que o espírito de presunção não me infle a ponto de eu pretender animar, com esta nova contribuição, vosso propósito já tão fervoroso. Quisera eu tão-somente que assim vossa autoridade se tornasse ainda maior junto a vossos filhos, quando eles virem confirmado, pelos preceitos dos maiores e mais antigos Pais, o ensinamento que vós lhes dais, menos com palavras mortas e ineficazes do que por exemplos vivos.

No mais, depois de eu ter vindo à ventura, até aqui, pela mais perigosa das tempestades, que o sopro espiritual de vossas preces me acompanhe ao porto seguro, tão seguro, do silêncio.


Vida de Cassiano
Scythia, 360, nascimento.
Marselha, 415-435.
Roma,404-414 (?)
Constantinopla, 400-404.
Éfeso
MAR
MEDITERRÂNEO
Belém,378-380.
Egito,380-400.


O EGITO
no
TEMPO de
CASSIANO
MAR
MEDITERRÂNEO
BERITE
SIDON
TIRO
LAGO DE
GENESARÉ
MONTE
CARMELO
NAZARÉ
CESAREIA
RIO JORDÃO
JERUSALÉM
BELÉM
GAZA
HEBRON
MAR
MORTO
PARALOS
DIOLCOS
CANOPO
ALEXANDRIA
ENATON
TENESO
PELUSIO
PALMERIS
NITRIA
MONTANHA DA NITRIA
LAGOS DA NITRIA
CELAS
CETIA
CADES
PETRA
TERENUTI
MÉNFIS
TROAS
CLISMA
DESERTO
DE
FARAN
ÁLIA
ARSINOE
HERACLEIA
PISPIR
MT. DE
SANTO ANTÃO
(KOLZUM)
MT. DE S. PAULO
(EREMITA)
OXIRRINCO
MT. SINAI
RAFO
HERMÓPOLIS
MAGNA
ANTINOE
MONTE
ARSINOE
DESERTO
DA
ARÁBIA
MAR
VERMELHO
LICÓPOLIS
PANÓPOLIS
ATRIPE
(SCHENUTE)
DIABENESE
TENTYRA
TEBAS
MOSTEIROS
PACOMIANOS
LATÓPOLIS
DESERTO DA LÍBIA
T E B A I D A

I – ÍNDICE DAS CONFERÊNCIAS

XVI - PRIMEIRA CONFERÊNCIA DO ABADE JOSÉ
DA AMIZADE

pág.	cap.	
13	1	A primeira pergunta que o abade José nos fez
14	2	Discurso do ancião sobre as amizades infiéis
15	3	Onde a amizade indissolúvel tem sua origem
17	4	Pergunta: Deve-se realizar alguma obra útil, mesmo contra a vontade de seu irmão?
17	5	Resposta: A amizade constante não pode existir senão entre os perfeitos
18	6	Modos pelos quais a amizade se mantém inviolável
21	7	Nada se deve preferir à caridade, nem nada desprezar mais que a cólera
21	8	Das causas de dissensão entre espirituais
22	9	Deve-se suprimir, como as outras, as causas espirituais de discórdia
22	10	Do melhor modo de buscar a verdade
23	11	A quem se fia em seu próprio julgamento, é impossível não cair nas ilusões do diabo
24	12	Por que não se deve desprezar os inferiores nas conferências
25	13	Que o amor, além de ser coisa divina, é também o próprio Deus
25	14	Dos graus do amor-caridade
27	15	Dos que aumentam, dissimulando, sua própria co-

moção e a do irmão
28 16 Como o Senhor repele nossas orações, se um irmão tiver alguma animosidade contra nós
29 17 Dos que pensam que devem ser mais pacientes com os leigos do que com os próprios irmãos
30 18 Daqueles que, afetando uma falsa paciência, instigam por seu silêncio os irmãos à cólera
33 19 Dos que fazem jejum por indignação
33 20 Da paciência simulada por muitos que oferecem a outra face
34 21 Pergunta: Como eles podem se enganar, seguindo os mandamentos de Cristo, quanto à perfeição evangélica?
34 22 Resposta: Cristo não considera apenas o ato, mas também a intenção
36 23 Como é forte e saudável quem se submete à vontade do outro
37 24 Os fracos, que se dão à injúria, não conseguem contudo suportá-la
37 25 Pergunta: Como pode ser tomado por forte quem nem sempre é capaz de suportar o fraco?
38 26 Resposta: O próprio fraco é que não consente ser suportado
39 27 Como suprimir a cólera
As amizades feitas por juramento nunca têm firmeza

XVII - SEGUNDA CONFERÊNCIA DO ABADE JOSÉ
Das Decisões Definitivas

pág. cap.
43 1 Uma noite insone
43 2 Da ansiedade do abade Germano à recordação

		de nossa promessa
44	3	Uma solução proposta por mim
45	4	Pergunta do abade José sobre a causa de nossa ansiedade
46	5	Germano expõe as razões pelas quais preferiríamos permanecer no Egito do que voltar para a Síria
47	6	O abade José pergunta se o Egito contribuiria mais do que a Síria para o nosso progresso
47	7	Resposta sobre a diferença entre as formações dadas em cada uma das províncias
48	8	Homens perfeitos, que não deveriam se comprometer em definitivo com nada, podem romper sem erro os compromissos que assumem?
49	9	Romper seus compromissos, às vezes, é mais vantajoso do que mantê-los
50	10	O temor sentido por nós a propósito do juramento feito na Síria
51	11	É a intenção de quem age, e não o resultado, que se deve ter em conta
51	12	As boas conseqüências das más ações não dão proveito aos que as praticam, assim como o mal, feito por quem é bom, não causa danos
53	13	As razões do nosso juramento
53	14	O ancião explica que se pode mudar sem culpa o curso da vida, desde que isso seja feito com intenções elevadas e eficazes
54	15	Pode não haver pecado, se nossa consciência der aos fracos uma ocasião de mentir?
55	16	O escândalo dos fracos não nos deve fazer modificar a verdade da Escritura
55	17	De que modo o uso da mentira, tal como o do heléboro, foi proveitoso a santos

58 18 Objeção: O uso impune da mentira foi feito apenas por aqueles que viveram sob a Lei
59 19 Resposta: Se a licença de mentir, nem no Antigo Testamento, nunca foi concedida, muitos porém que a usurparam precisam ser compreendidos
62 20 Os apóstolos admitiram que às vezes a mentira era útil e a verdade nociva
67 21 Se nos perguntarem sobre nossa abstinência, mantida até então em segredo, deve-se evitar a mentira e admiti-la? Convém aceitar o que se havia recusado de início?
68 22 Deve-se ocultar sua abstinência, sem aceitar o que já se recusou
69 23 Não é sensato obstinar-se em compromissos dessa espécie
69 24 Como o abade Piamun preferiu ocultar sua abstinência
70 25 Testemunhos da Escritura sobre as mudanças de decisões
78 26 Os homens santos não podem ser obstinados nem inflexíveis
79 27 Pergunta: A palavra do salmo, *Fiz um juramento que vou manter*, é contrária à opinião expressa precedentemente?
79 28 Resposta: Há casos em que se deve manter inalterada sua decisão e outros em que, se houver necessidade, convém revê-la
80 29 De como se deve contar segredos
81 30 No tocante às coisas comuns da vida, não convém se comprometer com nada

83 PREFÁCIO DE JOÃO CASSIANO

XVIII - CONFERÊNCIA DO ABADE PIAMUN
Das Três Espécies de Monges

pág.	cap.	
85	1	Como fomos recebidos pelo abade Piamun, quando chegamos a Diolcos
86	2	Palavras do abade Piamun sobre o modo de instrução dos monges noviços pelo exemplo dos mais velhos
87	3	Os jovens não devem questionar os preceitos dos mais velhos
88	4	Das três espécies de monges que há no Egito
89	5	Dos que deram origem à profissão cenobítica
91	6	Origem e primórdios dos anacoretas
93	7	Origem e modo de vida dos sarabaítas
96	8	Sobre uma quarta espécie de monges
97	9	Pergunta: Que diferença existe entre um cenóbio e um mosteiro?
97	10	Resposta
98	11	Da verdadeira humildade, e como a falsa humildade de um irmão foi revelada pelo abade Sarapião
100	12	Uma pergunta sobre como adquirir a verdadeira paciência
100	13	Resposta
102	14	Exemplo de paciência numa mulher devotada ao serviço de Deus
104	15	Outro exemplo de paciência, dado pelo abade Pafnúcio
107	16	A perfeição da paciência

XIX - CONFERÊNCIA DO ABADE JOÃO
Finalidades do Cenobita e do Eremita

pág.	cap.	
115	1	O cenóbio do abade Paulo e a paciência de um irmão

116 2 A humildade do abade João e uma pergunta nossa
118 3 Resposta do abade João sobre as razões que o fizeram abandonar o deserto
119 4 Como o abade João praticou a virtude, durante o tempo em que foi eremita
120 5 Das vantagens do deserto
121 6 Da utilidade de um cenóbio
123 7 Uma pergunta sobre os frutos da vida na solidão e em comum
124 8 Resposta à pergunta feita
125 9 Da verdadeira e consumada perfeição
126 10 Dos que vão para o deserto antes de serem perfeitos
127 11 Pergunta: Qual o remédio para os que deixam prematuramente os mosteiros de cenobitas?
128 12 Resposta: Como pode o solitário conhecer seus vícios
129 13 Pergunta: Como pode curar-se quem entrou na solidão antes de estar purificado de seus vícios?
130 14 Resposta sobre o remédio em questão
133 15 Pergunta: Deve-se pôr a castidade, como as demais virtudes, à prova?
133 16 Resposta: Por quais sinais se reconhece a castidade

XX - CONFERÊNCIA DO ABADE PINÚFIO

DA FINALIDADE DA PENITÊNCIA E DO SINAL DE SATISFAÇÃO

pág. cap.

137 1 A humildade do abade Pinúfio e seu refúgio
139 2 Nossa chegada junto dele
140 3 Pergunta sobre a finalidade da penitência e o sinal de satisfação
141 4 Resposta referente à humildade de nossa indagação

142 5 A regra da penitência e a prova do perdão
143 6 Pergunta: Não é preciso rememorar os erros passados, para manter a compunção do coração?
144 7 Até que momento convém se lembrar de seus pecados passados
146 8 Dos diversos frutos de penitência
150 9 É útil aos perfeitos esquecer seus pecados
151 10 Deve-se evitar a lembrança dos pecados vergonhosos
152 11 Do sinal de satisfação; da abolição dos pecados passados
152 12 Como só há um tempo para a penitência, e como esta pode não ter fim

XXI - PRIMEIRA CONFERÊNCIA DO ABADE TEONAS
Do Repouso de Pentecostes

pág. cap.
155 1 Como foi a visita de Teonas ao abade João
156 2 Exortação do abade João a Teonas e aos outros vindos com ele
157 3 Da oferta dos dízimos e das primícias
157 4 Abraão, Davi e os demais santos foram além dos mandamentos da Lei
159 5 Os que vivem sob a graça do Evangelho devem ultrapassar os mandamentos da Lei
161 6 Como a graça do Evangelho, conduzindo os perfeitos para o reino dos céus, misericordiosamente socorre os fracos
162 7 Viver sob a graça do Evangelho ou sob o terror da Lei está em nosso poder
163 8 Como Teonas exortou sua esposa a também se dar à renúncia

164 9 Como, ante a recusa de sua esposa, rapidamente ele foi para o mosteiro
167 10 Cassiano se desculpa, não querendo parecer que aconselha aos cônjuges romper o vínculo do casamento
168 11 Pergunta: Por que não se jejua no Egito durante todo Pentecostes e por que não se dobram os joelhos para a oração?
168 12 Resposta: É que há coisas boas e más, como há outras que são indiferentes
170 13 De que natureza é o bem do jejum?
171 14 O jejum não é essencialmente um bem
173 15 O bem essencial não deve ser praticado tendo em vista um bem inferior
174 16 Como o bem essencial se distingue dos outros
175 17 Da natureza e da utilidade do jejum
176 18 Nem sempre o jejum convém
177 19 Pergunta: Por que interromper o jejum em todos os dias de Pentecostes?
177 20 Resposta
178 21 Pergunta: O relaxamento do jejum não impõe obstáculo à castidade?
179 22 Resposta: Há que sempre manter a abstinência e uma justa medida
182 23 Do tempo e medida das refeições
183 24 Pergunta sobre as diversas maneiras de observar a Quaresma
183 25 Resposta: O jejum da Quaresma é referente ao dízimo do ano
184 26 Também nós devemos oferecer nossas primícias ao Senhor
186 27 Por que a observância da Quaresma difere, entre

muitos, quanto ao número de dias
187 28 Por que o nome de Quaresma, ou Quarentena, quando os dias de jejum são apenas trinta e seis
188 29 Os perfeitos vão além da lei da Quaresma
189 30 Da causa e dos primórdios da Quaresma
190 31 Pergunta: Como entender isto que diz o Apóstolo, que "o pecado já não vos dominará"?
191 32 Resposta: Da diferença existente entre a graça e os princípios da Lei
192 33 Os preceitos do Evangelho são mais brandos que os da Lei
195 34 Como se reconhece se alguém está sob a graça
197 35 Por que às vezes os ataques da carne tornam-se ainda mais pungentes justamente quando mais jejuamos?
197 36 Essa pergunta deve ficar reservada para uma próxima conferência

XXII - SEGUNDA CONFERÊNCIA DO ABADE TEONAS

Das Ilusões da Noite

pág. cap.
199 1 Exortação que nos fez o abade Teonas, quando a ele voltamos
200 2 Evocação de nossa pergunta: Por que os combates da carne às vezes se tornam mais violentos após uma abstinência maior?
200 3 O derramamento de fluido genital provém de uma causa tríplice
204 4 Pergunta: É lícito aderir à sacrossanta comunhão, se se foi poluído por uma ilusão noturna?
204 5 Resposta: Quando, em tais circunstâncias, se incorre em erro

206 6 Os acontecimentos em pauta eventualmente decorrem das artimanhas do demônio
211 7 Ninguém nunca se deve julgar digno da comunhão do Senhor
212 8 Objeção: Se ninguém está sem pecado, todos devem ser privados da comunhão do Senhor?
213 9 Resposta: Muitos podem ser santos, mas sem pecado não há senão o Cristo
214 10 Só o Filho de Deus venceu o tentador, sem conhecer a chaga do pecado
215 11 Só Cristo veio à semelhança da carne do pecado
217 12 Os santos e os justos não têm a semelhança, mas a verdade do pecado
217 13 Os pecados dos santos não são tão graves, que lhes tirem o mérito da santidade
220 14 Como se deve compreender esta palavra do Apóstolo: *Não faço o bem que quero* (Rm 7,19)
221 15 Objeção: Não se deveria pensar que o Apóstolo tenha falado em nome dos pecadores?
222 16 A questão é deixada para mais tarde

XXIII - TERCEIRA CONFERÊNCIA DO ABADE TEONAS
Da Impecabilidade

pág. cap.
223 1 Discussão do abade Teonas sobre estas palavras do Apóstolo: *Não faço o bem que quero* (Rm 7,19)
225 2 Dos muitos bens consumados pelo Apóstolo
227 3 Qual é o bem verdadeiro que o Apóstolo testemunha não ter podido fazer?
229 4 A bondade e a justiça humanas não são boas, se comparadas à bondade e à justiça divinas
230 5 Ninguém pode se manter constantemente atento

ao bem supremo
234 6 Os que se crêem sem pecado são iguais às pessoas que têm remela nos olhos
236 7 Os que afirmam que o homem pode estar sem pecado são vítimas de um duplo erro
237 8 Poucos são os que compreendem o pecado
239 9 Com que prudência o monge deve guardar a memória de Deus
240 10 Os que tendem à perfeição se humilham de verdade e sempre se sentem necessitados da graça de Deus
241 11 Explicação desta sentença: *Comprazo-me na lei de Deus segundo o homem interior* (Rm 7,22) etc.
242 12 Sobre estas palavras: *Sabemos de fato que a Lei é espiritual* (Rm 7,14) etc.
244 13 Sobre estas palavras: *Sei que em mim,* isto é, *na minha carne, não mora o bem* (Rm 7,18)
246 14 Objeção: O que o Apóstolo diz, *Não faço o bem que quero* (Rm 7,19) etc., não se aplica nem aos infiéis nem aos santos
246 15 Resposta à objeção
249 16 Que é o corpo do pecado?
251 17 Todos os santos confessaram-se verdadeiramente impuros e pecadores
253 18 Nem mesmo os santos e os justos estão isentos de pecado
255 19 Na própria hora da oração, só a muito custo o pecado pode ser evitado
256 20 Com quem se deve aprender a se livrar do pecado e a se tornar perfeito nas virtudes
256 21 Mesmo conscientes de não estar sem pecado, não devemos suspender para nós a comunhão do Senhor

XXIV - CONFERÊNCIA DO ABADE ABRAÃO
Da Mortificação

pág.	cap.	
259	1	Como revelamos ao abade Abraão o segredo dos nossos pensamentos
261	2	Como o ancião esclareceu nosso erro
263	3	Dos lugares que devem ser preferidos pelos anacoretas
264	4	Tipos de trabalho que devem ser escolhidos pelos solitários
265	5	As errâncias do corpo, ao invés de aliviarem, tornam mais grave a ansiedade do coração
266	6	Comparação para demonstrar que o monge deve manter seus pensamentos sob sua guarda
267	7	Pergunta: Por que pensar que a vizinhança de nossos pais nos seria prejudicial, quando tal inconveniente não existe para os que moram no Egito?
268	8	Resposta: Nem tudo é bom para todos
269	9	Os que têm força para imitar a mortificação do abade Apolo não precisam temer a vizinhança de seus pais
271	10	Pergunta: É prejudicial ao monge que seus pais lhe forneçam coisas necessárias?
271	11	Resposta: A posição de Santo Antão quanto a isso
273	12	Da utilidade do trabalho e das desvantagens do ócio
275	13	A fábula do barbeiro, composta para dar a conhecer as ilusões do diabo
277	14	Pergunta: De onde nos vinham aquelas cogitações errôneas?
277	15	Resposta: Do tríplice movimento da alma
279	16	No presente caso, foi a parte racional da alma que se corrompeu

279 17 A parte mais fraca da alma é a primeira a sucumbir às tentações do diabo
281 18 Pergunta: O desejo de um mais perfeito silêncio, que nos fazia querer voltar à pátria, seria conveniente?
282 19 Resposta: Da ilusão diabólica que consiste em prometer o sossego numa solidão mais vasta
283 20 Como é bom relaxar um pouco com a chegada de um irmão
284 21 Como o evangelista João, pelo que se diz, mostrou a utilidade do relaxamento
285 22 Como entender esta palavra do Evangelho: *Meu jugo é suave e meu peso é leve* (Mt 11,30)?
286 23 Explicação da palavra em pauta
287 24 Por que o jugo do Senhor parece amargo e pesado
290 25 Utilidade das tentações
292 26 Como o cêntuplo é prometido aos que já neste mundo fazem uma renúncia perfeita

II – ÍNDICE ESCRITURÍSTICO

- Em algarismo romano encontra-se a Conferência e os números seguintes indicam o capítulo.

- Os asteriscos mostram as passagens citadas de acordo com a tradução dos LXX.

Gn

	1, 26	**X**, 3, 5
	1, 28	**XVII**,19
	1, 31	**VIII**, 6; **XXIII**, 3
	2,18	**XXI**, 9
*	3,1	**VIII**, 10
	3, 5	**V**, 6; **VIII**, 25
	3, 17-19	**XXIII**, 11
	4, 4	**VIII**, 23
*	4, 7	**XXI**, 22
	4, 17-21	**VIII**, 21
	5, 4-30	**VIII**, 21
	5, 22	**VIII**, 23
	5, 24	**III**, 7
	6, 2	**VIII**, 20
*	6, 3	**IV**, 10
	6, 4	**VIII**, 21
	7, 2	**VIII**, 23
	8, 21	**XXIII**, 1
	9, 23	**VIII**, 23
	11	**IV**, 12
	12, 1	**III,** 4, 6, 10, 12
	14, 20	**VIII**, 23
	14,22	**VIII**, 23
	14, 22-23	**XXI**, 4
	15, 18-21	**V**, 22

Gn

	18 e 19	**VIII**, 23
	19, 2	**XVII**, 25
	19, 3	**XVII**, 25
	20, 6	**XIII**, 11
*	22, 1	**XIII**, 14
*	22, 12	**XIII**, 14
	27, 36	pref. 1ª Col. p. 16
	32, 28	pref. 1ª Col. p. 16
	37, 4	**XVI**, 14; **XVIII**, 16
	37, 11	**XVIII**, 15
	37, 28	**XIII**, 11
	38	**V**, 11
	40, 7-8	**XVII**, 4
	42, 9	**XVII**, 25
	42, 16	**XVII**, 25
	42, 21	**XVII**, 25
	45, 5	**XIII**, 11
	45, 7-8	**XIII**, 11
	50, 19-20	**XIII**, 11

Ex

	3, 2	**X**, 6; **XII**, 11
	5	**II**, 11
*	5, 8-9	**XXI**, 28
	14	**III**, 4

Ex

16, 3 **III**, 7
18, 21 **VII**, 5
20, 4 **VIII**, 23
20, 13-17 **VIII**, 23
20, 14 **XIV**, 11
21, 24 **XXI**, 4, 32, 33
22, 21, 27 **IX**, 34
22, 28 **XXI**, 7, 25, 32
23, 7 **XVII**, 19
32, 31-32 **IX**, 18
32, 31-33 **XVII**, 25
33, 20 **I**, 15
34, 16 **VIII**, 21
34, 28 **XXI**, 28
38, 25 **III**, 7

Lv

7, 19-20 **XXII**, 5
* 7, 20 **XII**, 2
18, 5 **XXI**, 5
18, 7 **VIII**, 23
19, 18 **XIX**, 14
19, 36 **XXI**, 22
21, 12 **XIV**, 10

Nm

5, 9-10 **XXI**, 3
11, 5 **III**, 7
11, 18 **III**, 7
14, 38 **III**, 7
15, 32 **VI**, 11
18, 26 **XXI**, 3
19, 22 **XII**, 2
22, 5ss **XIII**,11
24 **XXIV**, 17

Dt

4, 26 **XXI**, 5
6, 4 **VIII**, 3, 23; **XIV**, 8
6, 5 **VIII**, 3
6, 7 **X**, 10
6, 16 **XXII**, 10
7, 1 **V**, 18
7, 1-2 **V**, 16
7, 1-3 **III**, 19
7, 3 **VIII**, 21
7, 21-23 **V**, 14
8, 2 **VI**, 11
8, 12-15 **V**, 15
9, 4-5 **V**, 15
13, 1-3 **XIII**, 14; **XV**, 1
16, 9ss **XXI**, 20
* 23, 8 **V**, 19
23, 10-11 **XII**, 2
23, 11-12 **XXII**, 5
27, 26 **XXI**, 5
28, 23 **XIII**, 3
29, 4 **XXI**, 28
32, 7 **II**, 15
32, 17 **XVI**, 19
32, 21 **XVIII**, 16
32, 24 **VI**, 11
* 32, 31 **VII**, 18
* 32, 32 **IX**, 5
* 32, 33 **IX**, 5

Js

2 e 6 **XVII**, 17
6 **XVII**, 20
7, 20 **I**, 20

Jz

2, 22 **XIII**, 14

Jz

3, 1-2 **IV**, 6; **XIII**, 14
3, 4 **IV**, 6
3, 15 **III**, 4; **VI**, 10
16 **XVII**, 17, 20

1 Sm

2, 30 **XXIV**, 19
10 **XVII**, 25
15, 11 **XVII**, 25
15, 35 **IX**, 29; **XVII**, 25
17 **XXIV**, 8
21, 2-3 **XVII**, 18
21, 9 **XVII**, 18
21, 14 **XVII**, 18
22, 7-10 **XVII**, 20
24, 7 **XVII**, 19
25, 22 **XVII**, 25
25, 34 **XVII**, 25

2Sm

1,1-17 **XXI**, 4
12, 13 **XIII**, 13
14, 14 **XIII**, 7
17, 14 **XVII**, 19
17, 20 **XVII**, 19

1Rs

2, 6-7 **II**, 13
2, 9 **III**, 15
3 **II**, 14
15 **II**, 3
3, 24-25 **XVII**, 25
3, 27 **XVII**, 25
5, 9 **XVI**,27
8, 17-19 **XIII**, 12
8,58 **XIII**, 10

1Rs

11,2 **VIII**, 21
13, 22 **VI**, 11
13, 26 **VII**, 26
19, 8 **XXI**, 28
19, 9ss **X**, 6
20 **II**, 3
20, 31-32 **XXIV**, 17
20, 42 **XXIV**, 17
21, 21-24 **VI**, 11
22, 22 **I**, 19; **VII**, 32; **XXIV**, 17

2Rs

5, 1 **IV**,10
15 **II**, 3
20, 1-3 **XVII**, 25
20, 5-6 **XVII**, 25
23-24 **V**, 12

2Cr

6, 30 **VII**, 13

Esd

6, 1ss **I**, 19

2Mc

6, 2 **VIII**, 4

Jó

1, 5 **VI**, 10
1, 6 **XVIII**, 16
1, 9-10 **IV**, 6
* 1, 9-11 **XIII**, 14
1, 20 **VI**, 10
1, 21 **VI**, 10
2, 6 **VII**, 12

Jó

2, 8 **VI**, 10
2, 10 **VI**, 10
* 3, 23 **VI**, 6
5, 7 **VII**, 6
5, 18 **II**, 13
9, 30-31 **XII**, 6
* 10, 10-11 **VIII**, 25
15, 15 **XXIII**, 8
15, 14-15 **VI**, 14
25, 5 **XXIII**, 8
29, 15 **VI**, 10
29, 17 **XXIII**, 5
31, 20 **VI**, 10
* 38, 7 **VIII**, 7
39, 5-8 **XVIII**, 6
* 40, 8 **VI**, 11
* 40, 11 **V**, 4

Sl

1, 2 **XI**, 15
2, 11 **XI**, 12
5, 7 **XVII**, 15, 19
5, 9 **III**, 13; **XIII**, 9
6, 7 **IX**, 29; **XX**, 6, 8
6, 9 **XX**, 8
7, 17 **VII**, 21
9, 30 **VII**, 21
11, 7 **XIV**, 17
12, 4 **XIII**, 9
12, 4-5 **VII**, 21
14, 5 **XIV**, 17
15, 8 **XII**, 5
16, 4 **XXIV**, 22
16, 5 **III**, 12; **XIII**, 9
17, 38-39 **VII**, 21
18, 11 **XIV**, 14
18, 13 **XXIII**, 17

Sl

18, 13-14 **XX**, 12
21, 2 **IX**, 17
24, 4 **III**, 14
24, 5 **III**, 13
24, 15 **XII**, 5
24, 18 **XX**, 6, 8
25, 2 **VI**, 11; **XIX**, 14
25, 8 **XXIV**, 6
29, 7 **XII**, 6
29, 8 **XII**, 6
31, 5 **XX**, 6, 7, 8
31, 10 **VI**, 11
32, 5 **XXI**, 22
32, 15 **VII**, 13
33, 7 **III**, 9
33, 8 **VIII**, 17
33, 9 **XXIII**, 16; **XXIV**, 25
33, 10 **XI**, 11, 13
33, 11 **III**, 9
33, 14 **XIII**, 10
33, 20 **VI**, 11
33, 22 **VI**, 3
33, 23 **XI**, 6
34, 1-3 **VII**, 21
34, 8 **VII**, 21
34 ,10 **XXIII**, 5
34, 16-17 **VII**, 21
34, 24-25 **VII**, 21
34, 26 **VII**, 21
35, 7 **VIII**, 3
35, 12 **X**, 10
36, 11 **XII**, 6
36, 16 **XXIV**, 13
36, 23-24 **III**, 12; **XXII**, 13
36, 29 **XII**, 6
36, 34 **XII**, 6
37, 6 **III**, 8

Sl

37, 7-8 **XII**, 6
37, 19 **XX**, 7
38, 2-3 **XVI**, 26
38, 13 **III**, 7
39, 2 **XIII**, 12
39, 2-3 **XII**, 6
39, 3 **III**, 12
39, 9 **IX**, 34
39, 15 **VII**, 21
* 39, 18 **X**, 11
41, 3-4 **IX**, 29
41, 4 **XX**, 7
43, 22 **VII**, 13
44, 3 **XXII**, 9
44, 11 **III**, 6
44, 12 **III**, 8
45, 9-10 **XII**, 12
45, 10 **XII**, 6
49, 15 **XIII**, 11
49, 16 **XIV**, 16
49, 23 **IX**, 36
50, 5 **XX**, 7
50, 5-6 **XX**, 8
50, 9 **XIII**, 9
50, 12 **XIII**, 9
50, 19 **IX**, 36
50, 21 **IX**, 36
51, 7 **XVII**, 20
54, 13-15 **XVI**, 18
54, 22 **XVI**, 18
58, 11 **XIII**, 8, 12
61, 10 **XXI**, 22
62, 9 **VII**, 6
65, 15 **IX**, 36
67, 7 **XVI**, 3
67, 29 **III**, 15; **XII**, 12; **XIII**, 11

Sl

68, 4 **XIII** ,12
68, 29 **XVII**, 25
69, 2 **X**, 10
71, 18 **XII**, 12
72, 2-5 **VII**, 31
72, 5 **VI**, 11
72, 28 **VII**, 6; **XXIII**, 5
73, 19 **V**, 15
73, 21 **III**, 9; **X**, 11
75, 2 **XII**, 11
75, 3 **XII**, 11
76, 5 **XVI**, 26
76, 6-7 **I**, 19
76, 11 **XII**, 12
77, 34-35 **III**, 4
80, 8 **VI**, 11
80, 12 **III**, 21, 22
80, 12-13 **III**, 20
80, 14 **III**, 21, 22
80, 14-15 **III**, 22
80, 15 **III**, 22
81, 6-7 **VIII**, 21
81, 7 **VIII**, 8
* 83, 6 **VII**, 4
83, 8 **XI**, 12
84, 9 **I**, 19
86, 2 **XII**, 11
87, 10 **XIII**, 12
87, 14 **XIII**, 12; **XXI**, 26
89, 17 **XIII**, 11
90, 5-6 **VII**, 32
90, 7 **V**, 16
90, 10 **XII**, 6
90, 11-12 **I**, 20
90, 13 **VII**, 32
93, 10 **III**, 14; **XIII**, 9
93, 11 **I**, 19

Sl

93, 17 **III**, 12; **XI**, 9
93, 18 **III**, 12
93, 19 **III**, 12
98, 4 **XXI**, 22
100, 1-2 **XIV**, 9
101, 1 **IX**, 29
101, 7-8 **XVIII**, 6; **XIX**, 8
101, 10 **IX**, 29; **XX**, 8
101, 27-28 **XXIII**, 3
101, 28 **VI**, 14
103, 14 **VIII**, 3
103, 15 **II**, 4; **XIV**, 17; **XXIII**,11
103, 18 **X**, 11
103, 21 **VII**, 21
104, 16-17 **XIII**, 11
106, 2 **XVIII**, 6
106, 4-6 **XVIII**, 6
106, 19 **III**, 4
106, 33ss **XI**, 3
108, 6 **VIII**, 17
108, 24 **XX**, 8
110, 10 **XI**, 13
111, 2-3 **III**, 9
113, 17-18 **I**, 14
115, 14 **IX**, 12
115, 15 **VI**, 3
115, 16-17 **XI**, 9; **XIII**, 10; **XX**, 7
117, 13 **III**, 12
117, 14 **III**, 15
118, 1-2 **XIV**, 16
118, 8 **IV**, 6
118, 11 **XIV**, 17
118, 18 **III**, 14
118, 19 **III**, 7
118, 31 **VII**, 6

Sl

118, 32 **XVI**, 27
118, 36 **XIII**, 10
118, 60 **XIX**, 14
118, 71 **IV**, 6
118, 73 **VIII**, 25
118, 104 **XIV**, 9
118, 106 **XVII**, 27, 28
118, 112 **XI**, 11; **XIII**, 10
118, 125 **III**, 15
118, 147 **XIII**, 12; **XXI**, 26
118, 148 **XIII**, 12; **XXI**, 26
118, 165 **VI**, 9; **XII**, 6
118, 166 **XIII**, 12
119, 1 **IX**, 34
119, 5-6 **IX**, 29
126, 1 **XII**, 15; **XIII**, 10
127, 1 **XI**, 12
128, 8 **XX**, 9
132, 1 **XII**, 11; **XVI**, 3
132, 2 **XIV**, 14
134, 5 **XII**, 12
138, 11-12 **XII**, 8
138, 13 **XII**, 8
138, 14 **XII**, 12, 13
138, 23-24 **XIX**, 14
139, 10 **VII**, 21
140, 2 **IX**, 36
140, 3 **XIII**, 10
142, 2 **IX**, 29; **XXIII**, 17
142, 10 **III**, 14
144, 14 **III**, 15
145, 3 **XXIV**, 2
145, 7 **III**, 15; **XIII**, 10
145, 8 **III**, 15; **XIII**, 9
145, 9 **III**, 15
147, 12 **XIV**, 8
150, 6 **I**, 14

Pr

* 2, 20 **XXIV**, 24
3, 9 **XXI**, 22
3, 9-10 **XXI**, 2
4, 23 **XIII**, 10
* 4, 26 **XIII**, 9
* 5, 15-16 **XIV**, 13
5, 22 **XX**, 7; **XXIII**, 9; **XXIV**, 24
8, 13 **XI**, 6
9, 18 **XX**, 9
10, 4 **XV**, 7
* 10, 12 **XVI**, 8
11, 14 **II**, 4
11, 15 **I**, 20
* 11, 22 **XIV**, 16
12, 5 **I**, 19
12, 9 **XXIV**, 13
* 12, 10 **XI**, 10
* 12, 16 **XVI**, 27
* 13, 4 **XXIV**, 2
13, 7 **XXIV**, 13
13, 8 **III**, 9
* 13, 17 **XI**, 10
* 14, 6 **VII**, 18
* 14, 7 **VI**, 9
* 14, 23 **VII**, 6; **XIV**, 17; **XXIV**, 26
* 14, 29 **XVI**, 27; **XVIII**, 13
* 14, 30 **XII**, 6
14, 33 **XIV**, 16
* 15, 19 **XXIV**, 24
* 15, 33 **XIV**, 16
16, 4 **XI**, 6
16, 6 **XX**, 8
16, 18 **VI**, 17
16, 25 **I**, 20; **XX**, 9
* 16, 26 **VII**, 6; **XII**, 5; **XXIV**, 26
* 16, 32 **XII**, 6; **XVIII**, 13
* 17, 3 **VII**, 25
* 17, 6 **XXIV**, 26
* 17, 16 **XIV**, 16
* 17, 18 **IV**, 9
* 18, 2 **XIV**, 17
18, 7 **XVIII**, 11
* 19, 3 **XII**, 8; **XXIV**, 25
* 19, 7 **VII**, 4
19, 9 **XXIII**, 9
* 19, 10 **XIV**, 17
20, 9 **XXIII**, 17
* 20, 10-11 **XXI**, 22
* 20, 13 **V**, 16
20, 17 **XVII**, 19
* 20, 23 **XXI**, 22
* 21, 13 **XI**, 10
21, 25 **XXIV**, 2
* 21, 30 **VII**, 18
* 21, 31 **III**, 15
* 22, 5 **XXIV**, 24
* 22, 20 **XIV**, 8
* 23, 1-2 **II**, 1
* 23, 9 **XIV**, 17
23, 33-35 **XX**, 9
* 23, 35 **XXIII**, 7; **XXIV**, 11
24, 3-4 **II**, 4
24, 11 **II**, 13; **XVII**, 19
* 24, 15 **XIV**, 17
24, 16 **XX**, 12; **XXII**, 13
24, 17-18 **V**, 15
* 25, 8 **XVI**, 27
* 25, 14 **XV**, 7
* 25, 15 **XII**, 6
25, 28 **II**, 4
26, 11 **XVII**, 2

Pr

* 26, 22 **XVI**, 18
* 26, 25 **V**, 25
* 26, 27 **XVI**, 18
27, 4 **XVIII**, 16
* 27, 7 **XII**, 5; **XIV**, 13
* 27, 15 **VI**, 17
28, 19 **VII**, 6
* 29, 5 **XVI**, 18
* 29, 11 **XVI**, 27
* 29, 19 **XIV**, 17
* 29, 20 **XIV**, 9
* 30, 26 **X**, 11
31, 3 **II**, 4
* 31, 6-7 **XIV**, 17
* 31, 21 **XIV**, 8

Ecl

* 1, 9-10 **VIII**, 21
* 3, 1-8 **XXI**, 12
* 3, 14 **VIII**, 24
* 3, 17 **XXI**, 12
4, 6 **XXIV**, 13
* 5, 3 **IX**, 12
5, 4 **IX**, 12
* 7, 9 **XVI**, 27
* 7, 20 **XXIII**, 5, 17, 18
* 7, 24 **VIII**, 25
* 7, 29 **VII**, 4; **XIII**, 12
8, 11 **II**, 11; **VII**, 8
* 9, 11 **XIII**, 18
10, 4 **I**, 19; **VII**, 14
10, 11 **II**, 11; **XVIII**, 16
* 10, 15 **XXIV**, 24
* 10, 18 **VI**, 17
* 12, 7 **VIII**, 25

Ct

* 2, 4 **XVI**, 14
2, 6 **VI**, 10
* 3, 1 **XIII**, 12
5, 6 **XIII**, 12

Sb

1, 4-5 **XIV**, 2, 16
1, 11 **XVII**, 15
1, 13 **XIII**, 7
2, 24 **XVIII**, 16
4, 8-9 **II**, 13
* 7, 17-21 **VIII**, 21
* 9, 15 **VII**, 4
* 11, 17 **XXIV**, 24

Eclo

* 1, 25 **XXI**, 28
2, 5 **VII**, 25
3, 30 **XX**, 8
11, 30 **VI**, 16
15, 9 **XIV**, 16
25, 5 **II**, 13
27, 12 **VI**, 9
29, 15 **IX**, 34
32, 20 **XIV**, 16
34, 11 **IX**, 23
39, 16 **XXIII**, 3

Is

1, 6 **VII**, 31
1, 16 **VII**, 4
1, 16-18 **XX**, 8
1, 19 **XIII**, 9
1, 25 **VI**, 11
1, 25-26 **VII**, 25

Is

6, 5 **XXIII**, 17
6, 6-7 **XXIII**, 17
* 6, 9-10 **XIII**, 12
* 6, 10 **XIV**, 18
* 7, 9 **XIII**, 18
* 8, 20 **VIII**, 23
11, 1 **XIV**, 10
11, 2-3 **XI**, 13
12, 1 **VI**, 11
14, 12-14 **VIII**, 8
14, 13-14 **V**, 7
14, 14 **VIII**, 25
* 26, 15 **VI**, 6
29, 9 **IX**, 5
30, 18 **XIII**, 12
30, 19 **XIII**, 8, 11
30, 20-21 **XIV**, 13
30, 23 **XIV**, 16
30, 26 **XXIII**, 3
* 31, 9 **XXI**, 32
33, 6 **XI**, 13
34, 14 **VII**, 32
35, 3 **XIII**, 12
35, 10 **I**, 13
38, 1-6 **XVII**, 25
40, 4 **XXIV**, 25
42, 18-19 **XIII**, 12
43, 2 **XII**, 11
43, 8 **XIII**, 12
43, 25 **XX**, 7, 8
43, 25-26 **XX**, 6
43, 26 **XX**, 8
44, 22 **XX**, 7
45, 6-7 **VI**, 5
46, 10 **IX**, 20
47, 13 **XIV**, 11
48, 9 **V**, 12

Is

* 49, 6 **XI**, 12
49, 15 **XIII**, 17
50, 1 **XXIII**, 12
50, 2 **XXIII**, 12
50, 4 **II**, 13
50, 11 **XXIII**, 9; **XXIV**,24
51, 3 **I**, 13
52, 2 **XIII**, 10
53, 7 **IX**, 34
53, 9 **XXII**, 12
56, 4-5 **XXII**, 6
58, 3 **XXI**, 14; **XXIV**, 26
58, 3-5 **XXI**, 14
58, 6 **IX**, 34
58, 6-9 **XXI**, 14
58, 9 **IX**, 34
58, 11-12 **XIV**, 13
58, 13 **XXIV**, 26
58, 13-14 **XIX**, 8
58, 14 **XXIV**, 26
59, 1-2 **XXIII**, 12
60, 17-20 **I**, 13
61, 8 **XXI**, 22
62, 2 **XXII**, 6
64, 4 **XXIII**, 17
64, 4-5 **XXIII**, 17
64, 5 **XXIII**, 4
65, 1-2 **XIII**, 9
* 65, 2 **III**, 22
65, 15-16 **XXII**, 6
65, 17-18 **I**, 13
65, 24 **XIII**, 8
66, 18 **VII**, 4; **XVII**, 14
66, 23 **I**, 13; **XXI**, 23
66, 24 **VII**, 31

Jr

1, 5 **VIII**, 25
1, 10 **XIV**, 3
1, 18-19 **XVIII**, 13; **XXIV**, 25
2, 11 **X**, 5
2, 18-19 **XXIV**, 24
2, 19 **XXIII**, 9, 16
2, 30 **VI**, 11
3, 6 **XIV**, 11
3, 11 **XXIII**, 4
3, 19-20 **XIII**, 8
4, 3 **IV**, 19
4, 14 **VII**, 4; **XIII**, 9
5, 3 **VI**, 11; **XIII**, 7
5, 21 **XIII**, 12; **XIV**, 16
6, 16 **XXIV**, 25
6, 29-30 **VI**, 11
8, 4-5 **XIII**, 3
8, 5 **XIII**, 7
8, 17 **XVIII**, 16
8, 22 **III**, 8
9, 1 **IX**, 29
9, 2 **XVI**, 18
9, 4 **XXIII**, 1
9, 4-5 **XVI**, 18
9, 7 **XVI**, 18
10, 23 **III**, 13
10, 24 **VI**, 11
11, 11 **VI**, 6
12, 1-2 **VII**, 31
14, 12 **XXI**, 14
15, 7 **VI**, 11
17, 5 **XXIV**, 2
17, 13 **XVII**, 25
17, 16 **XIX**, 4; **XXIV**, 2
17, 18 **VII**, 21
17, 21 **XIII**, 10

Jr

18, 7-10 **XVII**, 25
18, 15 **XXIV**, 24
26, 2-3 **XVII**, 25
30, 11 **VI**, 11
31, 16 **XX**, 7
32, 39-40 **III**, 18
35, 6-7 **XXI**, 4
35, 19 **XXI**, 4
48, 10 **XX**, 8; **XXI**, 22
51, 8 **VII**, 31
51, 9 **VII**, 31

Lm

2, 18 **IX**, 29
3, 27-28 **XVIII**, 6; **XIX**, 8

Br

3, 11 **V**, 12; **VII**, 5

Ez

11, 19-20 **III**, 18; **XIII**, 9
13, 9 **XVII**, 25
16, 3 **III**, 7
16, 42 **VI**, 11
16, 49 **XXIII**, 4
16, 52 **XXIII**, 4
18, 25 **XXIV**, 25
18, 31 **XIII**, 9
20, 25 **XXI**, 33; **XXIII**, 4
20, 43-44 **XIII**, 18
24, 11-13 **VI**, 11
28, 11-18 **VIII**, 8
33, 11 **XIII**, 7
33, 13-16 **XVII**, 25

Ez

33, 14-15 **XVII**, 25

Dn

3, 86 **I**, 14
3, 94 **XII**, 11
9, 27 **VIII**, 4
10, 2ss **IX**, 34
10, 12-14 **VIII**, 13
10, 20-21 **VIII**, 13
12, 1 **VIII**, 13
12, 3 **XIV**, 9

Os

2, 5 **XIII**, 8
2, 6-7 **XIII**, 8
2, 18 **XII**, 7
4, 6 **XIV**, 16
4, 12 **VII**, 32; **XIV**, 11
7, 9 **II**, 13; **XXIV**, 11
* 7, 12 **VI**, 11
7, 13 **XXIII**, 9
7, 15 **XIII**, 12
9, 12 **XXIII**, 9
* 10, 12 **XIII**, 9; **XIV**, 9, 16
14, 9 **III**, 13
14, 10 **XXIV**, 24

Jl

1, 4 **XIII**, 3
* 1, 5 **IX**, 5
* 2, 13 **VI**, 6
* 3, 10-11 **VII**, 5

Am

1, 1 **VI**, 1

Am

* 3, 6 **VI**, 5
4, 11 **VI**, 11
* 5, 8 **XII**, 12

Jn

* 3, 4 **XVII**, 25
* 3, 10 **VI**, 6

Mq

2, 7 **XXIV**, 24
2, 11 **IX**, 18
5, 9 **VII**, 21
7, 5 **IX**, 35; **XVII**, 20

Na

2, 1 **XXI, 23**

Hab

* 2, 1 **XXIV**, 4
2, 15-16 **XVI**, 18
* 3, 2 **XVI**, 26

Sf

1, 12 **VI**, 2

Ag

* 1, 6 **XXIV**, 13

Zc

1, 14 **I**, 19
* 9, 17 **III**, 16
* 12, 8 **VII**, 5

Ml

* 1, 6 **XI**, 9, 13
2, 17 **VI**, 2
3, 6 **VI**, 14
3, 14-15 **VI**, 2

Mt

1, 5 **XVII**, 17
3, 2 **XX**, 8
4, 2 **XXI**, 28
4, 3 **V**, 4, 6; **XXII**, 10
4, 4 **XXII**, 10
4, 6 **I**, 20; **V**, 6; **XXII**, 10; **XXIV**, 17
4, 7 **XXII**, 10
4, 8 **V**, 6
4, 8ss **V**, 6
4, 9 **V**, 6
4, 10 **XXII**, 10
4, 18 **XIII**, 15
5, 3 **III**, 9; **IX**, 29; **X**, 11; **XXI**, 5
5, 3ss **XI**, 12
5, 4 **XII**, 6
5, 8 **I**, 10; **XIV**, 9
5, 14 **XVIII**, 1; **XXIV**, 19
5, 16 **IX**, 18
5, 19 **XIV**, 9
5, 12 **XVI**, 6, 15, 17
5, 23 **XVI**, 16
5, 23-24 **XVI**, 6, 15
5, 28 **V**, 11; **XII**, 2
5, 30 **XXI**, 9
5, 32 **XXI**, 9
5, 37 **XVII**, 10, 18
5, 39 **VIII**, 3, 24; **XVI**, 20
5, 39-40 **XXI**, 32, 33

Mt

5, 44 **VIII**, 24; **XVI**, 14 **XXI**, 32
5, 44-45 **XI**, 9
5, 48 **XI**, 7
6, 2 **XVII**, 21
6, 3 **XVII**, 21
6, 9 **IX**, 18
6, 10 **IX**, 19
6, 10-13 **IX**, 19-23
6, 11 **IX**, 21
6, 12 **IX**, 22; **XX**, 8, **XXII**, 13; **XXIII**, 18
6, 13 **IX**, 23
6, 14 **XX**, 8
6, 16 **XXI**, 14
6, 18 **XVII**, 21
6, 19 **I**, 22
6, 21 **I**, 18; **XII**, 16
6, 22-23 **II**, 2
6, 25 **XVIII**, 7; **XXIII**, 5
6, 34 **XIX**, 8
7, 2 **XXIV**, 26
7, 6 **VII**, 29, 30; **XIV**, 17
7, 7 **XIII**, 9
7, 11 **XXIII**, 4
7, 18 **XXIII**, 4
7, 22-23 **XV**, 1, 6
7, 24ss **XVIII**, 13
8, 3 **XIII**, 15
8, 7-8 **XIII**, 14
8, 8 **XIII**, 15
8, 9 **VII**, 5
8, 10 **XIII**, 14
8, 13 **XIII**, 15
8, 21ss **XIII**, 15; **XXI**, 7; **XXIV**, 9
8, 26 **XXII**, 11

Mt

8, 28 **VII**, 32
8, 31 **VII**, 22
9, 2 **XIII**, 16
9, 4 **I**, 19; **VII**, 4
9, 6-4 **XIII**, 16
9, 9 **XIII**, 11
9, 14 **XXI**, 18
9, 15 **XXI**, 18
9, 18 **XIII**, 15
9, 20 **XIII**, 15
9, 29 **XIII**, 15
10, 4 **XVIII**, 16
10, 8 **XV**, 1
10, 9-10 **XXIV**, 23
10, 20 **I**, 19
10, 23 **VIII**, 3
10, 36 **XVIII**, 16
10, 38 **VIII**, 3
10, 42 **I**, 10; **XX**, 8
11, 12 **VII**, 6; **XXIV**, 26
11, 14 **VIII**, 4
11, 19 **XXII**, 12
11, 25-26 **IX**, 17
11, 28 **XIII**, 7, 10; **XXIV**, 25
11, 28-29 **XV**, 7
11, 29 **XIX**, 14; **XXIV**, 24, 26
11, 30 **XXIV**, 22, 25
12, 20 **II**, 13
12, 35 **XXIII**, 4
12, 43-45 **V**, 25
13, 13 **XIII**, 12; **XXIII**, 6
13, 45 **XI**, 2
13, 46 **XXIII**, 2
14, 14 **XIII**, 15
14, 23 **X**, 6

Mt

15, 11 **XXI**, 16
15, 14 **IV**, 20
15, 19 **XXIII**, 1
15, 28 **XIII**, 15
15, 32 **XI**, 15
16, 17.19 **XXII**, 13
16, 22-23 **XXII**, 13
16, 26 **XXI**, 4; **XXIV**, 23
17, 1 **X**, 6
17, 19 **IX**, 34
18, 8 **I**, 20
18, 10 **VIII**, 17
18, 11 **IX**, 34
18, 14 **XIII**, 7
18, 19 **IX**, 34; **XII**, 11
19, 8 **XXI**, 9
19, 12 **XXI**, 5
19, 21 **III**, 4, 7; **VIII**, 3; **XXI**, 5, 7, 32; **XXIV**, 24
19, 21 **XXI**, 32
19, 27 **III**, 10
19, 28 **I**, 13; **III**, 10
19, 29 **XXI**, 9; **XXIV**, 26
20, 28 **IX**, 34
20, 31 **III**, 19
20, 32 **XIII**, 15
21, 22 **IX**, 34
22, 14 **III**, 7
22, 31-32 **I**, 14
23, 3-4 **XIV**, 9
23, 37 **XIII**, 7
24, 15ss **VIII**, 4
24, 24 **XV**, 1
24, 45 **XI**, 12
24, 46 **XI**, 12
25 **XXII**, 6

Mt

25, 21 **XXIII**, 4
25, 27 **XIV**, 17
25, 33 **XXIV**, 26
25, 34 **IX**, 19
25, 34-35 **I**, 9; **II**, 2
26, 24 **VI**, 3; **XVII**, 12
26, 38 **XXII**, 11
26, 39 **IX**, 17, 34; **XVI**, 6; **XXII**, 11; **XXIV**, 23, 26
26, 41 **XI**, 15
27, 5 **XVII**, 25

Mc

6, 5-6 **XIII**, 15; **XV**, 1
6, 8-9 **XXIV**, 23
6, 38 **XXII**, 11
9, 16, 24 **VII**, 32
9, 23 **III**, 16
10, 29-30 **XXIV**, 26
10, 30 **XXIV**, 26
10, 52 **XIII**, 15
11, 24 **IX**, 32

Lc

1, 14 **VI**, 3
1, 35 **V**, 5
3, 6 **IV**, 10
4, 6 **V**, 6
4, 9 **V**, 6
4, 23 **XVI**, 23
4, 27 **XV**, 1
5, 16 **IX**, 25
6, 24 **III**, 9
6, 25 **I**, 13
6, 48 **IX**, 2
7, 39 **XXII**, 11

Lc

7, 47 **IX**, 15
8, 30 **VIII**, 14
9, 23 **XXIV**, 2
9, 49-50 **XV**, 6
9, 59-60 **XXIV**, 9
10, 19 **VII**, 32
10, 20 **XV**, 6, 9; **XVII**, 25
10, 40-42 **I**, 8
10, 41-42 **XXIII**, 3
11, 3 **IX**, 21
11, 8 **IX**, 34
11, 9-10 **IX**, 34
11, 14 **VII**, 32
11, 15 **VIII**, 14, 19
11, 19 **VIII**, 16
12, 35 **VIII**, 3
12, 47 **XI**, 9
12, 49 **XII**, 6; **XXIV**, 26
12, 57 **XIII**, 12
14, 26 **III**, 4; **XXI**, 9, 32; **XXIV**, 2
14, 28 **IX**, 2
15, 17ss **XI**, 7
15, 19 **XI**, 7
16, 9 **VI**, 3
16, 12 **III**, 10
16, 19ss **I**, 14; **III**, 9
16, 20ss **VI**, 3
16, 25 **XXIV**, 2
17, 5 **III**, 16
17, 10 **XI**, 7
17, 11ss **III**, 19
17, 20-21 **I**, 13
17, 21 **XVIII**, 16
18, 19 **XXIII**, 4
18, 42 **XIII**, 15
19, 2ss **XIII**, 11, 15

Lc

19, 17. 19 **I**, 13
19, 41ss **IX**, 29
21, 1-2 **XX**, 8
21, 34 **IX**, 4
22, 31-32 **III**, 16
22, 36 **VIII**, 3
22, 44 **IX**, 25
22, 48 **XVI**, 18
23, 29 **XXI**, 32
23, 34 **IX**, 17; **XI**, 10; **XXII**, 10
23, 40 **XIII**, 13
23, 40ss **XIII**, 11
23, 43 **I**, 14

Jo

1, 3 **VIII**, 7
1, 14 **IV**, 10
2, 19 **IX**, 34
3, 13 **I**, 14
3, 16 **IX**, 34
3, 27 **XIII**, 10
4, 48 **XIII**, 16
4, 49 **XIII**, 16
4, 50 **XIII**, 16
5, 6 **XIII**, 15, 16
5, 7 **XIII**, 16
5, 8 **XIII**, 16
5, 14 **VI**, 11
5, 17 **XII**, 12
6, 6 **XXII**, 11
6, 15 **XXII**, 10
6, 33 **XXIII**, 11, 12
6, 38 **XVI**, 6; **XIX**, 6; **XXIV**, 26
6, 44 **XIII**, 9, 10
7, 18 **IX**, 18

Jo

7, 37 **XIII**, 12
8, 34 **XXI**, 31
8, 35 **XI**, 13
8, 44 **III**, 7; **VIII**, 16, 20, 25
9, 3 **VI**, 11
9, 24 **XXII**, 12
10, 18 **IX**, 34; **XXII**, 11
11, 4 **VI**, 11
11, 26 **III**, 7
11, 40 **XIII**, 15
11, 41-42 **IX**, 17
12, 26 **I**, 14; **XII**, 16; **XX**, 9
13, 1 **XVI**, 14
13, 2 **I**, 19; **VII**, 14
13, 8 **XVII**, 9
13, 23 **XVI**, 14; **XXIII**, 19
13, 27 **I**, 19
13, 34 **VIII**, 23; **XVI**, 14
13, 35 **XVI**, 6
14, 2 **XI**, 12
14, 23 **I**, 19
14, 30 **VII**, 32; **VIII**, 14; **XXIV**, 17
15, 4-5 **III**, 16
15, 13 **XI**, 12
15, 14 **XI**, 13
15, 14-15 **XI**, 12
15, 19 **III**, 7
16, 15 **XI**, 7; **XXIV**, 26
16, 20 **I**, 13
17, 4 **IX**, 17
17, 16 **III**, 7
17, 19 **IX**, 17
17, 21 **X**, 7
17, 22-24 **X**, 7
17, 24 **IX**, 17

Jo

17, 26 **X**, 7
18, 30 **XXII**, 12
19, 11 **VII**, 22

At

1, 1 **IX**, 17; **XIV**, 9
1, 12ss **XXI**, 20
2 **XXI**, 20
2, 45 **XVIII**, 5
3, 6 **XIII**, 16
3, 12 **XV**, 6
3, 19 **XX**, 8
4, 13 **XIV**, 16
4, 32 **XII**, 2; **XVI**, 6; **XVIII**, 5
4, 32.34-35 **XII**, 2; **XVIII**, 5
5 **XVIII**, 7
5, 3 **I**, 19
5, 41 **XXIV**, 23
6, 5 **XVIII**, 16
7, 39-40 **III**, 7
7, 51 **XIII**, 3
8, 22-23 **XIII**, 12
9 **XIII**, 11
9, 3ss **XIII**, 15
9, 6 **II**, 15
10 **XIII**, 15
12, 15 **VIII**, 17
15, 29 **XVIII**, 5
17, 23 **XVII**, 20
17, 28-29 **XVII**, 20
20, 29-30 **XIV**, 11
20, 34 **XVIII**, 11; **XXIII**, 5; **XXIV**, 11
21, 20-21 **XVII**, 20
21, 23-24 **XVII**, 20

Rm

1, 20 **XXIII**, 3
1, 23 **X**, 5
1, 26, 28 **III**, 20; **VI**, 11
1, 28 **XVIII**, 16
2, 5 **VII**, 31
2, 6 **XIII**, 9
2, 14-16 **XIII**, 12; **XVII**, 14
2, 15-16 **VII**, 4; **XVII**, 14
2, 28-29 **XXI**, 36
3, 23 **XIII**, 7
4, 5 **XXIII**, 10
4, 15 **XVII**, 30
5, 5 **XVI**, 13; **XXI**, 33
5, 12 **XIII**, 7
6, 6 **XII**, 1
6, 12 **XXII**, 6
6, 13 **XXII**, 6
6, 14 **XXI**, 31, 30; **XXII**, 6
6, 15 **XXI**, 34
6, 22 **I**, 5
7, 12 **XXIII**, 4
7, 14 **XXIII**, 12
7, 18 **XIII**, 9; **XXIII**, 13
7, 19 **XX**, 12; **XXII**, 14, 15; **XXIII**, 1, 13, 14
7, 20 **XXII**, 14, 15; **XXIII**, 1
7, 22 **XXIII**, 11
7, 22-23 **XXII**, 14, 15; **XXIII**, 1
7, 23 **XXIII**, 11, 13
7, 24 **XII**, 1; **XX**, 12; **XXIII**, 15
7, 24-25 **XXII**, 13, 14; **XXIII**, 10, 15, 17
7, 25 **XXIII**, 1, 16, 17

Rm

8, 1-2 **XXIII**, 13
8, 2 **XXIII**, 15
8, 3 **V**, 6; **XXII**, 11
8, 9 **IV**, 10
8, 15 **XI**, 13
8, 18 **XIII**, 13
8, 26 **IX**, 34; **XIII**, 6
8, 26-27 **XVI**, 13
8, 28 **VI**, 9; **XXIV**, 24
8, 32 **IX**, 34
8, 38-39 **VIII**, 2
9, 3 **IX**, 18; **XXIII**, 16
9, 3-4 **XXIII**, 5
9, 16 **IV**, 5; **XIII**, 9
10, 2 **VIII**, 3
10, 20-21 **XIII**, 9
10, 21 **XIII**, 12
11, 14 **IV**, 10
11, 33 **XIII**, 15
11, 33-34 **XIII**, 17
12, 1 **XXI**, 22
12, 4ss **XIV**, 5
12, 6-8 **XIV**, 5
12, 10 **XVI**, 11
12, 19 **XVI**, 27
12, 21 **XVI**, 22
13, 14 **V**, 19
14, 3 **XVII**, 20
14, 14 **XXI**, 13
14, 17 **I**, 13
15, 1 **XVI**, 23

1Cor

2, 3 **XVII**, 20
2, 9 **XII**, 12
2, 10 **XII**, 12
2, 14 **IV**, 19
2, 15 **IV**, 19
3, 2 **XVII**, 20
3, 2-3 **IV**, 19
3, 7 **XIII**, 12
3, 8 **XXIV**, 2
3, 10 **XXIV**, 6
3, 22 **XI**, 7; **XXIV**, 26
4, 3-4 **XXII**, 7
4, 7 **III**, 16
4, 12 **XXIV**, 11
4, 20 **XV**, 3
5, 5 **VII**, 28
6, 9-10 **XII**, 3; **XXIII**, 15
6, 17 **VII**, 6
7, 5 **XVII**, 20
7, 8-9 **V**, 11
7, 29 **XXI**, 32
7, 38 **XVII**, 20
8, 1 **XIV**, 10
9, 11 **XXI**, 1
9, 20-22 **XVII**, 20
9, 24 **XIII**, 10; **XXI**, 9
9, 26 **VII**, 21
10, 1-4 **XIV**, 8
10, 6 **V**, 16
10, 9 **V**, 16
10, 10 **V**, 16
10, 12-13 **XIII**, 14
10, 13 **III**, 17; **IV**, 6; **VII**, 20; **IX**, 23; **XIII**, 14
10, 24 **XVII**, 19
10, 32-33 **XVII**, 20
10, 33 **XVII**, 19
11, 7 **I**, 14
11, 13 **XIV**, 8
11, 27-29 **XXII**, 5

1Cor

11, 30 **XXII**, 5
11, 31 **XXII**, 5
12, 8-9 **II**, 1
12, 8-10 **XV**, 2
12, 10 **II**, 1
12, 11 **II**, 1; **XIII**, 18
12, 26 **VII**, 30
12, 28 **XIV**, 5
12, 31 **XI**, 12; **XV**, 2
13, 1-3 **XI**, 12; **XV**, 2
13, 3 **I**, 6; **III**, 7
13, 4ss **I**, 6; **III**, 7; **XI**, 10; **XV**, 7
13, 5 **XVI**, 22; **XVII**, 19
13, 7 **VII**, 5; **XVI**, 27
13, 8 **I**, 11; **VIII**, 25; **XI**, 6, 9, 12, 13; **XV**, 2
13, 13 **XI**, 6
14, 6 **XIV**, 8
15, 3-5 **XIV**, 8
15, 10 **XIII**, 13
15, 19 **VI**, 2
15, 24 **VIII**, 14
15, 28 **I**, 13; **VII**, 6; **X**, 6
15, 40 **VII**, 13
15, 41 **XI**, 12
15, 41-42 **XI**, 12
15, 44 **I**, 10; **VII**, 13
15, 50 **IV**, 10; **XX**, 8
15, 53 **I**, 10
16, 5-7 **XVII**, 25

2Cor

1, 15-16 **XVII**, 25
1, 17 **XVII**, 25

2Cor

1, 23 **XVII**, 25
2, 1 **XVII**, 25
2, 7 **XIV**, 17
3, 5 **III**, 15
3, 6 **III**, 15
3, 10 **XXIII**, 4
3, 17 **XXI**, 34
4, 17 **XIII**, 13
4, 18 **III**, 6, 10
5, 1 **III**, 7
5, 6 **I**, 14
5, 8-9 **I**, 14
5, 16 **X**, 6
6, 1 **XIII**, 12
6, 5-6 **XIV**, 16
6, 7 **II**, 16; **VI**, 10
6, 7-8 **VI**, 10
6, 7-10 **VI**, 9
6, 14 **V**, 23
6, 14-15 **XIV**, 14
6, 16 **XIV**, 10
7, 10 **XXI**, 8
9, 10 **XIII**, 3
10, 1 **XXIII**, 16
10, 4 **VII**, 5
10, 5 **XXII**, 15
10, 4-6 **VII**, 5
11, 2-3 **XIV**, 11
11, 14 **I**, 19; **II**, 5; **XVI**, 11
11, 27 **XXIV**, 23
11, 29 **XVII**, 20; **XXIII**, 2
12, 2-4 **XVII**, 24
12, 8-9 **IX**, 34; **XIII**, 6
12, 9 **XVIII**, 13; **XXIV**, 25
12, 9-10 **VI**, 3; **VII**, 5
12, 10 **XXIV**, 23
12, 13 **XXIII**, 16

2Cor

12, 16 **XXIII**, 16
13, 3 **I**, 19; **XVI**, 12; **XXII**, 15
13, 9 **IX**, 18

Gl

1, 1 **IX**, 34
1, 4 **IX**, 34
2, 1-2 **XVI**, 12
2, 2 **II**, 15
2, 18 **XVII**, 20
2, 19 **XVII**, 20
2, 20 **XXIV**, 23
3, 19 **XXIII**, 4
3, 24 **VIII**, 23
4, 4-5 **XIV**, 8
4, 5 **XI**, 12
4, 10 **XIV**, 11
4, 22-23 **XIV**, 8
4, 24-25 **XIV**, 8
4, 26 **XIV**, 8; **XXIV**, 24
4, 26-27 **XIV**, 8
5, 2 **XVII**, 20; **XXIII**, 16
5, 13 **XXI**, 34
5, 16-17 **IV**, 11
5, 17 **I**, 10; **IV**, 7, 10
5, 19ss **V**, 4
5, 20 **XVI**, 8
5, 24 **XXIII**, 20
6, 1 **IV**, 19
6, 2 **XI**, 10; **XVI**, 23
6, 10 **XVI**, 14
6, 14 **XXIII**, 20

Ef

1, 5 **XXIV**, 26
2, 3 **III**, 7; **V**, 4

Ef

2, 8-9 **XIII**, 9
4, 13 **VII**, 6; **XXI**, 5
4, 19 **V**, 16; **VI**, 11
4, 23 **VI**, 14
4, 26 **II**, 4; **XVI**, 6, 17
4, 31 **V**, 16, 19
5, 3 **V**, 11; **XIII**, 5
5, 3-4 **V**, 19; **XII**, 3
5, 5 **V**, 11; **XII**, 3
6, 2-3 **XXI**, 9
6, 12 **V**, 16; **VII**, 21, 32, 33; **VIII**, 2, 14; **XIII**, 14
6, 16 **VII**, 5
6, 17 **VII**, 5; **XX**, 8

Fl

1, 22-24 **XXIII**, 5
1, 23 **I**, 14; **XXIII**, 5
1, 29 **III**, 15
2, 1-3 **XVI**, 11
2, 4 **XVII**, 19
2, 8 **XIX**, 6
2, 12-13 **XIII**, 10, 12
2, 13 **III**, 15; **XIII**, 9
3, 6-8 **XVII**, 20
3, 8 **XXIV**, 23
3, 13 **VI**, 14; **XX**, 8
3, 13-14 **I**, 5
3, 19 **XXIII**, 1
3, 20 **III**, 6; **XII**, 2
3, 20-21 **III**, 7
4, 6 **IX**, 17
4, 7 **XIII**, 10
4, 11 **V**, 11
4, 11-13 **VI**, 10

Cl

1, 16 **VIII**, 7
2, 3 **XIV**, 16
2, 21 **XIV**, 11
3, 5 **V**, 11; **XII**, 1, 2, 3
3, 8 **V**, 11
3, 9 **XVII**, 18
3, 10 **I**, 14

1Ts

2, 18 **XIII**, 6
4, 5 **XXIV**, 26
4, 12-15 **XIV**, 8
5, 8 **VII**, 5
5, 17 Pref. 1ª Col. p. 16; **IX**, 3, 6, 7; **X**, 14; **XXIII**, 5
5, 23 **XXII**, 6

2Ts

2, 16-17 **III**, 17
3, 8 **XVIII**, 11; **XXIII**, 5
3, 10 **XXIV**, 12

1Tm

1, 9 **VIII**, 24; **XXI**, 3, 29
1, 9-10 **XXI**, 29
2, 1 **IX**, 9, 11
2, 1-2 **IX**, 13
2, 4 **IX**, 20; **XIII**, 7; **XIV**, 19; **XVI**, 6
2, 8 **IX**, 3, 6
2, 14 **VIII**, 11
4, 1-2 **VII**, 32
4, 3-4 **XXI**, 13
4, 8 **I**, 10; **XVII**, 14, 28
4, 14 **XIII**, 12

1Tm

5, 6 **I**, 14
6, 7 **XXIV**, 23
6, 8 **V**, 19
6, 10 **V**, 6
6, 17-19 **III**, 9; **VI**, 3
6, 20 **XIV**, 16

2Tm

1, 6 **XIII**, 12
1, 7 **XI**, 13
3, 12 **XXIV**, 22
4, 7 **VII**, 21
4, 7-8 **XXII**, 15

Hb

4, 12 **II**, 4; **VII**, 5; **XII**, 8
4, 12-13 **VII**, 13
4, 15 **V**, 5; **XXII**, 9
5, 14 **II**, 4
7, 18-19 **XXI**, 33
7, 19 **XXI**, 29
9, 4-5 **XIV**, 10
10, 36 **VII**, 5
11, 5 **III**, 7
11, 16 **I**, 14
11, 24-26 **XI**, 11
11, 37-38 **XVIII**, 6; **XXI**, 4
11, 39-40 **VII**, 30
12, 5-8 **VI**, 11
12, 6 **VII**, 25
12, 6-7 **VI**, 6
12, 9 **I**, 14; **VIII**, 25
12, 11 **VI**, 6
12, 15 **XVIII**, 16
12, 22-23 **I**, 14
13, 4 **XXI**, 10

Hb

13, 20-21 **III**, 17

Tg

1, 12 **IX**, 23; **XVIII**, 13
1, 14-15 **V**, 4
1, 17 **III**, 16; **XIII**, 3
1, 19 **XIV**, 9
2, 13 **IX**, 22
2, 14 **XV**, 3
4, 7 **VII**, 8
4, 8 **XIII**, 9
4, 11 **XVI**, 16
5, 14-15 **XX**, 8
5, 20 **XX**, 8

1Pd

2, 16 **XXI**, 34
2, 22 **XI**, 13; **XXII**, 9, 12
4, 8 **XI**, 6; **XX**, 8

2Pd

2, 19 **VII**, 25

1Jo

1, 8 **XI**, 9; **XX**, 12; **XXIII**, 19

1Jo

1, 10 **XI**, 9; **XX**, 12
2, 15-17 **XXIII**, 8
3, 9 **XI**, 9
4, 1 **I**, 20
4, 4 **VII**, 8
4, 10 **X**, 7
4, 16 **XVI**, 13; **XXIV**, 19
4, 17 **XI**, 9
4, 18 **XI**, 12, 13
4, 18-19 **XI**, 7
5, 14 **IX**, 34
5, 16 **XI**, 9; **XX**, 8
5, 18 **XI**, 9

Jd

6 **VIII**, 8

Ap

2, 14 **XXIV**, 17
2, 15 **XVIII**, 16
3, 15-16 **IV**, 12, 19
3, 16-18 **III**, 9
3, 17 **IV**, 19
3, 19 **VI**, 11
4, 4 **XXIV**, 1
6, 9-10 **I**, 14
12, 4 **VIII**, 8
14, 4 **XXII**, 6

III – ÍNDICE DOS NOMES PRÓPRIOS

AARÃO, sua vara é o estandarte de nosso sumo e verdadeiro pontífice, Jesus Cristo **14**, 10.
ABEL, teve conhecimento do sacrifício a oferecer pela lei natural **8**, 23.
ABIGAIL **17**, 25.
ABIMELEC **13**, 11; **17**, 18, 19.
ABRAÃO, chamado por Deus **3**, 4. Recebe o preceito das três renúncias **3**, 6. Guia-se pela lei natural **8**, 23. Conheceu a tentação **9**, 23; **13**, 14.
ABRAÃO, o Simples, solitário do Egito, teve o dom dos milagres **15**, 4, 5.
ABRAÃO, abade de um mosteiro perto de Panefisi, a quem é atribuída a *Conferência* 24.
ABSALÃO, **17**, 19.
ACAB **1**, 19; **2**, 3; **24**, 17.
ACOR (Acã) **1**, 20.
AQUIS, rei de Gat **17**, 18.
AQUITOFEL, **17**, 19.
ADÃO, conhece a natureza e suas propriedades **8**, 21. Possui, desde a origem, a ciência do bem e adquire, por seu pecado, a ciência do mal **13**, 12. Tentado pela gula **5**, 4. Menos culpado e punido menos severamente que Eva **8**, 11. Tornado escravo do demônio, com toda a sua descendência **23**, 12. Essa é restabelecida na sua liberdade pelo sangue do Senhor *ibid.*

Alexandria **12**, 13; **14**, 4; **18**, 14.
AMÓS **6**, 1.
ANANIAS **1**, 19; **2**, 15; **6**, 11; **18**, 7; **21**, 30.
ANDRÉ, chamado ao apostolado sem mérito de sua parte **13**, 15.
ANTÃO, monge da Tebaida **2**, 2, 6. Chamado por Deus à vida monástica **3**, 4. Dá valor à discrição **2**, 2, 5. Dois filósofos mágicos mandam-lhe demônios para tentá-lo **8**, 18, 19. Sua perseverança em orar e sua sentença sobre a perfeita oração **9**, 31. Desconcerta a indolência de um irmão **24**, 11, 12. Precursor dos Anacoretas **18**, 5, 6.
ANTICRISTO **8**, 4.
AOTH, ambidestro **6**, 10.
APOLO, abade muito renomado, repreende um irmão por sua severidade **2**, 13. Declara-se morto para o mundo **24**, 9.
ÁRABES e Arábia **6**, 1.
ARQUÉBIO (ou ARCHEBIO), abade, vive num deserto perto de Panefisi **7**, 26. Torna-se, depois de trinta anos, bispo de Panefisi **11**, 2.
ARIO **7**, 32.
Armênia, suas minas **18**, 7.
ASSUERO **1**, 19.
ATANÁSIO, bispo de Alexandria **18**, 14.
Atenas **17**, 20.
Babilônia **15**, 10.
BALAÃO, solicitado, por dinheiro, a maldizer Israel **13**, 11. Aconselha corrompê-lo **24**, 17.
BELIAL **12**, 16; **14**, 14.
BENJAMIM, monge cuja intemperança acarreta a queda **2**, 24.
CAIM: os descendentes de Seth casam-se com as filhas nascidas de seu sangue, ao passo que as duas descendências

haviam permanecido de início separadas **8**, 21.

Cálamo, parte do deserto de Cétia, a sete ou oito dias de caminhada de qualquer habitação humana **24**, 4. Local em que viveu o abade Moisés **3**, 5; **7**, 26. Os monges que aí residem praticam a agricultura **24**, 4. Chama-se também deserto de Porfirião **24,** 4.

CAM, iniciado antes do dilúvio nas ciências ocultas, gravalhe as fórmulas em lâminas metálicas e em pedras muito duras e, tendo-as assim conservado, transmite-as à sua posteridade **8**, 21. Seus descendentes estabelecem-se pela força nas terras de Canaã **5**, 24.

Capadócia: de onde era originário o abade Fotino **10**, 3.

CASTOR, bispo de Apt. Pede a Cassiano que escreva os doze livros das *Instituições* e remédios para os oito vícios principais, bem como a primeira coleção das *Conferências*. Prefácio à primeira coleção das *Conferências*; **9**, 1; prefácio à segunda coleção das *Conferências*.

Celas, deserto das, distante cinco milhas dos mosteiros de Nítria e separado de Cétia por oitenta milhas de ermo **6**, 1.

Cétia, famoso deserto. Prefácio à primeira coleção das *Conferências*; **1**, 1; **3**, 1; **4**, 1; **6**, 1; **15**, 3; **17**, 30; **18**, 15; **20**, 12; **24**, 4. Contava com quatro igrejas e quatro presbíteros **10**, 2. Excelente escola de vida monástica (pelo menos no que concerne à congregação do abade Pafnúcio) **18**, 16.

CRISTO: tem o nome de Adão, como nosso primeiro pai **5**, 6. É o princípio de todas as coisas, em quem o Pai tudo criou **8**, 7. Somente ele veio à semelhança da carne do pecado **22**, 11, 12. Tentado à nossa semelhança, **22,** 10, só ele o foi sem incorrer em pecado **5**, 5; **22**, 9. A ordem seguida pelo diabo em sua tentação **5**, 6.

CUSAI, seu piedoso fingimento em presença de Absalão **17**, 19.

DALILA, criminosa dizendo a verdade **17**, 17.
DANIEL, abade do deserto de Cétia, escolhido para o diaconato e depois promovido à honra do presbiterato pelo abade Pafnúcio, presbítero daquele deserto **4**, 1. A ele é atribuída a *Conferência* 4.
DAVI, seu arrependimento e o perdão de seus dois crimes, que foi dom da misericórdia **13**, 13. Ele mente a Abimelec e se finge de louco diante de Aquis, o rei de Gat **17**, 18. Falta com o prometido por intercessão de Abigail **17**, 25.
DIÓGENES, sua vergonhosa indulgência para com o adultério **13**, 5.
Diolcos, aldeia localizada numa das sete desembocaduras do Nilo **18**, 1.
DOEG, condenado por ter dito a verdade **17**, 20.
Egito, Prefácio à segunda coleção das *Conferências*; **13**, 11; **16**, 1; **17**, 30; **18**, 1, 7; **20**, 1, 2. Os israelitas adoram os ídolos do Egito **3**, 7. O Egito espiritual designa o conjunto dos vícios **5**, 22. O costume local de anunciar a data da Páscoa **10**, 2. Como lá são sepultados os mortos **15**, 3. As três espécies de monges que existem lá **18**, 4. Os egípcios espirituais são os demônios **21**, 28.
ELIAS, diácono, **21**, 9.
EUNÔMIO **7**, 32; **15**, 3.
EUQUÉRIO Prefácios à segunda e à terceira coleção das *Conferências*; **18**, 1.
EVA, pecou mais gravemente que Adão **8**, 11.
FARAÓ **2**, 11; **17**, 4; **21**, 28.
FARISEUS **21**, 18; **22**, 11, 12.
FILISTEUS **1**, 20.
FOTINO, diácono de Capadócia **10**, 3.
GABRIEL (São): o nome infame de serpente não lhe convém

8, 10.
Gália: a disciplina cenobítica estabelecida nas províncias gaulesas. Prefácio à terceira coleção das *Conferências.*
GERMANO, amigo e companheiro de Cassiano **1,** 1; **13**, 1; **16**, 1; **17**, 1; **20**, 2. Freqüentemente posto em destaque.
Gat **17**, 18.
Grécia **8**, 13.
HELÁDIO, Prefácio à primeira coleção das *Conferências* e **9**, 1; prefácios à segunda e à terceira parte das *Conferências*.
HENOC (Enoque), **3**, 7; **8**, 23.
HERON, solitário do deserto de Cétia que, enganado pelo demônio, se precipita num abismo **2**, 5.
HONORATO, presbítero, depois bispo de Arles. Prefácios à segunda e à terceira coleção das *Conferências*.
ISAAC, abade do deserto de Cétia. As *Conferências* 9 e 10 são atribuídas a ele.
ISIDORO, presbítero e abade do deserto de Cétia **18**, 15, 16. Dotado do poder de livrar os possessos **18**, 15.
Israel: o povo de Israel libertado por Moisés **3**, 4. Entregue aos inimigos como punição de seus pecados, este povo se converte **3**, 4; **4**, 6. Ficou quarenta anos no deserto **21**, 28. Israel significa a alma que vê Deus **5**, 23; ou o homem perfeitamente reto diante de Deus **12**, 11.
JACÓ **16**, 14. Sua simulação desculpada **17**, 12, 17. Ele simboliza a luta contra os vícios. Prefácio à primeira coleção das *Conferências* e **12**, 11.
JESUS, filho de Navé = Josué **1**, 20; **13**, 14.
JOÃO, apóstolo. Particularmente amado pelo Senhor **16**, 14. Acaricia uma perdiz e se justifica por isso a um filósofo vestido de caçador **24**, 21.
JOÃO, abade do deserto situado perto de Lico **1**, 21; **24**, 26.

Venerado e consultado pelos senhores da terra **24**, 26. Enganado contudo pelo diabo **1**, 21.

JOÃO, abade que dirigiu um grande mosteiro perto de Thmuis **14**, 4, 7.

JOÃO, após passar vinte anos no deserto, humildemente foi submeter-se à disciplina cenobítica no mosteiro do abade Paulo, perto de Panefisi **19**, 1, 2, 3, 16. Escolhido para presidir a diaconia **21**, 1, 9. A ele é atribuída a *Conferência* 19.

JOÃO (Cassiano) Ver a introdução às *Conferências.*

JONADAB **21**, 4.

Jordão, **6**, 1.

JOSÉ, vítima da inveja de seus irmãos **13**, 11; **16**, 14; **18**, 15, 16. Conheceu a tentação **9**, 23. Posto com justiça entre os ambidestros **6**, 10. A figura do Senhor em sua pessoa **16**, 14.

JOSÉ, abade de um deserto perto de Panefisi **11**, 3; cf. **16**, 28; **17**, 1. Sua cela distava cerca de seis milhas da habitação do abade Nesteros **15**, 10. Nascido numa família ilustre e eminente cidadão de sua cidade natal, sabia grego **16**, 1. A ele são atribuídas as *Conferências* 16 e 17.

JOVINIANO Prefácio à terceira coleção das *Conferências.*

JUDÁ, patriarca, **5**, 11.

JUDAS, filho de Simão Iscariotes **7**, 14. Sua vocação para o apostolado de nada lhe adiantou **3**, 5. Ele cai por avareza *ibid.*; **17**, 25. Mau entre os bons **18**, 16. A conseqüência de seu ato não o desculpa **17**, 12; nem lhe traz nenhum proveito **6**, 9. A maldição pesa sobre ele **17**, 25. Seu nascimento havia sido infeliz **6**, 3; **17**, 12; sua morte é péssima **6**, 3.

JUDEUS, sua cegueira voluntária **13**, 12. Sua infidelidade **17**, 16.

LÁZARO, o pobre **1**, 14; **3**, 9. Sua beatitude **6**, 3.
LEÔNCIO, bispo, irmão de Castor. Prefácios às três coleções das *Conferências.*
Lico (ou Licópolis), cidade do Egito **1**, 21; **24**, 26.
LÓ, **8**, 23; **14**, 4; **17**, 25.
LUCAS, **5**, 6.
LÚCIFER **5**, 6; **8**, 8.
LÚCIO, bispo ariano **18**, 7.
MACÁRIO: dois Macários **19**, 9. Macário, o Egípcio **5**, 12; **7**, 27; **15**, 3; **24**, 13. Macário de Alexandria **14**, 4.
MARDOQUEU **1**, 19.
MARIA, a Virgem de quem nasce o segundo Adão **5**, 6.
MARIA, irmã de Marta **1**, 8; **23**, 3. A tudo ela prefere a contemplação de Deus.
MARTA **1**, 8; **23**, 3.
MATEUS: o princípio da boa vontade não lhe cabe **13**, 11.
MÁZICOS, povo bárbaro **2**, 6.
MELQUISEDEQUE, recebe de Abraão o dízimo do butim **8**, 23.
Mesopotâmia, pátria de um monge enganado pelo demônio **2**, 8.
MIGUEL (São): o vocábulo serpente não lhe pode ser aplicado **8**, 10.
MINÉRVIO Prefácio à terceira coleção das *Conferências.*
MOISÉS, o legislador *passim.*
MOISÉS, abade da parte do deserto de Cétia chamada Cálamo **3**, 5; **7**, 26. Refugia-se no mosteiro por temor da pena capital que o ameaça **3**, 5. Entregue a um demônio perverso, em punição por uma palavra um tanto dura **7**, 27. Homem tão perfeito quanto Pafnúcio e os dois Macários **19**, 9.
MOISÉS, abade do deserto de Cétia. A ele são atribuídas as

duas primeiras *Conferências*.
NABUCODONOSOR **5**, 12.
NAVÉ **1**, 20; **13**, 14.
NECAO, rei do Egito **5**, 12.
NESTEROS, abade do deserto situado perto de Panefisi **11**, 3. A ele são atribuídas as *Conferências* 14 e 15.
NICOLAU, um dos sete diáconos, segundo Cassiano; autor de uma heresia monstruosa **18**, 16.
Nilo: o rio tem sete desembocaduras **18**, 1. Suas inundações **15**, 3. O papiro cresce em suas margens **1**, 23. Os solitários evitam localizar suas celas à beira dele **24**, 2.
NINIVITAS **17**, 25.
Nítria, seus mosteiros **6**, 1.
NOÉ, distingue os animais puros e impuros **8**, 23.
Ocidente **10**, 2; prefácio à terceira coleção das *Conferências*.
Oliveiras (monte das) **21**, 20.
ONAM **5**, 11.
Oriente **10**, 3.
OSÉIAS **13**, 8.
PAFNÚCIO, abade do deserto de Cétia. Consagra-se à solidão por conselho do bem-aventurado Antão **3**, 4. Sua paciência **18**, 15, 16. Seu amor à solidão **3**, 1 valeu-lhe o cognome de Búfalo **18**, 15. Sua austeridade até os noventa anos de idade **3**, 1. Brilhante astro de santidade *ibid.* Perfeito na contemplação e na ação **19**, 9. Dotado da graça da profecia **4**, 1. Presbítero de uma das quatro igrejas de Cétia **2**, 5; **3**, 1; **4**, 1. Foi o único a receber as cartas de Teófilo contra os antropomorfitas **10**, 2, 3. A ele é atribuída a *Conferência* 3.
Palestina **6**, 1. Província da Síria **20**, 1.
Panefisi (Panéfisis), cidade do Egito **7**, 26; **11**, 2, 3; **20**, 1. A assustadora nudez dessa solidão **7**, 26; **24**, 2.

PAULO (o apóstolo) **2**, 15; **16**, 12; **18**, 11; **21**, 5. Sua vocação **3**, 5; **13**, 11, 15. Suas simulações **17**, 20, 25. Chamado freqüentemente vaso de eleição.
PAULO, o primeiro dos anacoretas **18**, 5, 6.
PAULO, abade do deserto perto de Panefisi, como o abade Arquébio **7**, 26. Dirige um cenóbio que contava com mais de duzentos monges **19**, 1. Punido de paralisia total, devido a seu excessivo horror por mulheres, teve de ser cuidado até a morte num mosteiro de virgens **7**, 26.
PEDRO (o apóstolo) **3**, 5; **13**, 15; **17**, 9; **18**, 7. Ignorando a necessidade da Paixão, renega seu mestre **22**, 13.
Pelúsio **8**, 16.
Pérsia **8**, 13.
PIAMUN, abade e presbítero dos anacoretas que residiam perto de Diolcos **18**, 1. Como ele preferiu ocultar sua abstinência **17**, 24. A ele é atribuída a *Conferência* 18.
PINÚFIO, governava, na condição de abade e presbítero, um vasto mosteiro não muito longe de Panefisi **20**, 1. Sua humildade *ibid.* A ele é atribuída a *Conferência* 20.
Ponto: suas minas **18**, 7.
Porfirião, outro nome do deserto de Cálamo **24**, 4.
QUEREMOM, solitário do deserto de Panefisi **11**, 3. Com mais de cem anos, locomovia-se com o auxílio das mãos **11**, 4. A ele são atribuídas as *Conferências* 11, 12 e 13.
RAAB **17**, 17, 20.
REBECA **13**, 11.
RECAB **21**, 4.
SAFIRA **6**, 11; **18**, 7; **21**, 30.
SALOMÃO: seus três livros correspondem às três renúncias **3**, 6. A sabedoria manifestada por ele desde seu primeiro julgamento **17**, 25.
SAMUEL **2**, 3, 14.

SANSÃO **17**, 20.
SARABAÍTAS, seu nome e suas características **18**, 7.
SARAPIÃO, abade, conta uma passagem de sua infância, quando ele morava em companhia do abade Theon **2**, 10, 11. Sobressaía-se por seu discernimento **5**, 1. Faz zombaria da humildade fingida de um visitante **18**, 11. A ele é atribuída a *Conferência* 5.
SARAPIÃO, monge antropomorfita **10**, 3, 4.
SARRACENOS: um bando de ladrões massacra os monges do deserto do mar Morto **6**, 1.
SATÃ (Satanás), **2**, 5; **7**, 25; **9**, 34; **10**, 11; **18**, 16; **22**, 10.
SAUL **9**, 29; **17**, 18, 19, 20; **24**, 8.
SEM **5**, 24.
SERENO, abade notável por sua santidade e sua perfeita castidade **7**, 1, 2; **12**, 7.
SETH **8**, 21.
Sião: o perfeito contemplativo torna-se uma Sião espiritual, o que significa torre de observação de Deus **12**, 11.
Síria: um monge por demais severo da Síria **2**, 12. Os mosteiros da Síria **5**, 12; **21**, 11. O mosteiro em que Cassiano se iniciou **11**, 1; **17**, 2, 5, 6, 10; **18**, 1; **19**, 1; **20**, 1.
SÍRIOS **24**, 17.
SÓCRATES: um célebre dito de sua autoria sobre a continência **13**, 5.
Sodoma **6**, 1; **17**, 25; **21**, 4.
Stecades, ilhas de Hyères. Prefácio à segunda coleção das *Conferências.*
Tabena: o secreto refúgio dos monges de Tabena **20**, 1.
Tebaida **18**, 7.
Técua, pátria do profeta Amós **6**, 1.
Tenessos, cidade do Egito circundada por lagos salgados **11**, 1, 2.

TEODORO, abade que vivia no deserto das Celas **6**, 1. A ele é atribuída a *Conferência* 6.

TEODORO, monge que instituiu nas províncias gaulesas, em todo o seu rigor, a disciplina cenobítica. Prefácio à terceira coleção das *Conferências*.

TEODÓSIO: é o imperador que consulta o abade João de Lico; cf. **24**, 26.

TEÓFILO, bispo de Alexandria, escreve contra os antropomorfitas em sua carta pascal **10**, 2.

TEONAS: relato de sua conversão à vida monástica **21**, 1-9. Eleito para presidir a diaconia *ibid.*, 9. Torna-se um eminente abade perto de Panefisi *ibid.*, 1. Faz-se menção a seu nome **21**, 11-12; **22**, 1. A ele são atribuídas as *Conferências* 21, 22 e 23.

THEON, abade em cuja companhia Sarapião viveu em criança **2**, 11.

Thmuis, cidade do Egito **14,** 4; **16**, 1.

TIAGO **17**, 20.

TIMÓTEO **17**, 20.

Tiro: Lúcifer, príncipe de Tiro **8**, 8.

VALENTE (Flávio), imperador **18**, 7.

ZAQUEU: seu desejo se antecipa ao apelo divino **13**, 11. O Senhor acolhe sua fé *ibid.*, 15.

IV – ÍNDICE ANALÍTICO DOS TEMAS

Abstinência: medida da abstinência e do alimento **2**, 18-22. Por que tipo de abstinência e em quanto tempo se pode chegar à castidade **12**, 14; cf. **2**, 23. Relaxamentos que podem ser consentidos durante Pentecostes **21**, 23. A abstinência de vinho e de azeite é uma prática que se deve observar ou deixar de lado, segundo as ocasiões **17**, 28. Nem mesmo a água deve ser bebida à saciedade **12**, 15; **22**, 3.

Ação de graças: o que é **9**, 14. A quem convém **9**, 15. O exemplo dado pelo Senhor **9**, 17.

ἀγάπη: é o amor-caridade, devido a todos, ao passo que διάθεσιζ é uma afeição caridosa, preferencial **16**, 4. O latim *agapem* **24**, 12 designa a ajuda gratuita esperada por qualquer um que não viva de seu trabalho.

Agonóteta: é o Cristo que "preside aos nossos combates" **7**, 20.

Alegoria: no que consiste, ela que é um dos três gêneros da ciência espiritual **14**, 8. Certas passagens da Escritura só fornecem um alimento salutar quando espiritualizadas pela interpretação alegórica **8**, 3. Exemplos de interpretação alegórica **3**, 7; **5**, 16-25; **7**, 5.

Alma: a alma humana tem três faculdades, a racional, a irascível e a concupiscível **24**, 15. Cassiano chama de sentidos ou faculdades intelectuais a capacidade espiritual que ela tem de conhecer. Prefácio à primeira coleção **1**,

14-15. Ela é imortal **1**, 14. Sua mobilidade **7**, 3ss. É comparável à mó de um moinho **1**, 18. Seus três estados: carnal, animal, espiritual **4**, 19. Da natureza ela recebe sementes de virtude **13**, 12. É sobretudo a parte superior que deve ser cultivada **24**, 16. Suas próprias e verdadeiras riquezas **3**, 8. A fé faz com que ela se eleve como uma simples pena, ao passo que o peso das preocupações mundanas a entorpece **9**, 4. Toda imbuída da palavra de Deus, ela se torna semelhante à Arca da Aliança **14**, 10.

Ambição: a ambição da clericatura, no monge, é uma tentação do diabo **1**, 20. A presunção de ensinar impede de atingir a ciência da Escritura **14**, 9.

Ambidestros: assim são chamados pela Escritura os perfeitos **6**, 10.

Amizade: as amizades interesseiras ou nascidas do instinto da natureza não conseguem durar **16**, 2. Só entre os perfeitos, entre aqueles que têm igual virtude, a amizade permanece indissolúvel **16**, 3-5. Processos pelos quais ela se mantém **16**, 6. Entre os espirituais, a discórdia nasce, no mais das vezes, da diversidade de sentimentos **16**, 8. O meio de remediar isso é renunciar a seu próprio julgamento **16**, 10, 11, 12, 23. Uma paciência afetada, pelo contrário, seria uma provocação aos irmãos **16**, 15, 18, 20.

Anacoretas: o gosto da contemplação fez os anacoretas **18**, 6. Lugares que devem ser procurados por eles **24**, 3-4. Quanto mais próximos de Deus, mais eles recebem visitas **24**, 19. A santidade do abade Sereno resplandecia em seu rosto **7**, 1.

Anagogia: por ela o discurso se eleva às realidades invisíveis e futuras **14**, 8.

Anamarteton: é a impecabilidade, que neste mundo é impossível **23**, 7, 19, 20.

Anjos e demônios: os anjos foram criados antes do mundo visível **8**, 7. Por natureza, estão sujeitos a mutação **6**, 16. Têm um corpo mais sutil que o nosso **7**, 13. Há uma hierarquia entre os anjos bons **8**, 15 e, de igual modo, entre os maus **8**, 14, 15, 16, 18.

Entre esses últimos, muitos, antes de sua queda, ocupavam os primeiros lugares **8**, 8. Foi o orgulho que os fez cair, e não a inveja **8**, 10. Essa veio em segundo lugar *ibid.* Eles têm gostos diferentes **7**, 32 e são hostis uns aos outros **8**, 13. O ar está cheio deles **8**, 12.

Todo homem tem um anjo bom e um mau **8**, 17. Mentiroso por orgulho, o diabo se torna o pai da mentira quando a tira de seu íntimo para enganar o homem **8**, 25. Os demônios, sendo incapazes de penetrar em nossa alma **7**, 10, só conseguem dominar nosso corpo **7**, 12. Por nossa aparência exterior eles percebem o eco de suas sugestões **7**, 15-16. Cada demônio tem sua vez de atacar **7**, 19, mas todos eles só nos tentam enquanto Deus o permite **7**, 20, 22; e, sem o consentimento de nossa vontade, nada conseguem **7**, 8. Só podem possuir aqueles que primeiramente eles tenham despojado dos pensamentos espirituais **7**, 24; **8**, 19. Não se deve desprezar os possessos **7**, 28, pois a possessão às vezes é uma provação purificadora **7**, 25-27. Mais terrível é ser possuído por vícios **7**, 25 e mais infelizes são os que não merecem ser submetidos a essas provações temporárias **7**, 31.

De que maneiras o diabo tentou o Cristo **5**, 5; **22**, 10.

Antropomorfitas: 10, 2-5.

Athera (ἀθήρα): refeição de lentilhas entre os egípcios **15**, 10.

Avareza: seu lugar na lista dos vícios **5**, 2. Ela não faz parte da natureza humana **5**, 8. O primeiro mundo, anterior ao dilúvio, ignorou tal desvario *ibid.* A avareza se apresenta sob três formas **5**, 11. Ela é uma idolatria **12**, 2.

Bastão e sacola: típicos dos monges do deserto de Panefisi (Panéfisis) **11**, 3.

Bem-aventuranças evangélicas: sua diversidade **11**, 12.

Bem e mal: as coisas pertencem a três categorias, são boas, más ou indiferentes **6**, 3; **21**, 12. Nada é bom, a não ser a virtude **6**, 3-4. O bem supremo consiste na contemplação de Deus **23**, 3-5; os demais bens são apenas relativos **23**, 4. Nada é mau, a não ser o pecado **6**, 3, 4, 6. Tudo que não seja virtude nem pecado é indiferente **6**, 3, 6.

Não se pode fazer mal a alguém contra sua vontade **6**, 4, 9; **18**, 16.

É dos perfeitos, e não dos pecadores, que o Apóstolo diz: "Não faço o bem que quero e sim o mal que não quero" **23**, 1-5.

Deus nada fez de mau **8**, 6.

Cântico dos Cânticos: este livro convém à terceira renúncia **3**, 6.

Caridade: a caridade é pureza de coração **1**, 6, 7. Consubstancia-se na contemplação das coisas divinas **1**, 10, 11. Sua permanência **1**, 11. Elevamo-nos à perfeição, ou caridade dos filhos, por degraus de temor e de esperança **11**, 7, que são imperfeitos **11**, 12; cf. **11**, 6. Excelência da caridade dos filhos **11**, 8, 9. Ela faz rezar por seus perseguidores **11**, 10. Ela engendra um temor de delicadeza **11**, 13.

A caridade é particular a Deus e àqueles que receberam em si a semelhança divina **11**, 6. Mais que coisa de Deus,

o amor-caridade é o próprio Deus **16**, 13. Nada lhe deve ser preferido **16**, 7.

Carismas: apresentam-se de três maneiras **15**, 1.

Carne: diversos sentidos da palavra na Escritura **4**, 10. Desejos opostos da carne e do espírito **4**, 11. Deus é que permite esta luta, para nosso bem **4**, 7; cf. **12**, 5. Ela nos leva a fazer o que não queremos **4**, 12. E tem, para nós, múltiplas vantagens **4**, 13-17.

Para vedar a alma às concupiscências da carne, é preciso enchê-la de alegrias espirituais **12**, 5.

Castidade: só se conhece bem a castidade quando se tem experiência dela **12**, 8, 13. Os filósofos não a conheceram **13**, 5. É um dom de Deus **12**, 4, 13, 15-16. Ela difere da continência **12**, 10-11. Seus graus **12**, 7. Grandeza da castidade perfeita **12**, 12. A suavidade que a acompanha **12**, 13. Um belo exemplo de castidade **14**, 7. É uma virtude que não se deve, como as outras, pôr à prova **19**, 15-16. Como adquiri-la à perfeição **4**, 12; **11**, 14; **12**, 1. A mansidão da paciência extingue a impureza **12**, 6.

Cela: seus utensílios: esteira **4**, 21; **15**, 1; **17**, 3; cestinho **4**, 21 ou cesto **8**, 1 ou *prochirium* ou cestinha portátil **19**, 4; canivete, estilete, agulha, pena de escrever **1**, 6; sacola, livro **4**, 21.

Vários irmãos moram na mesma cela **20**, 1, 4.

Necessidade de o monge manter-se em sua cela **6**, 15; **24**, 5.

Cenobitas: a disciplina cenobítica data do tempo dos apóstolos **18**, 5. Como surgiu tal denominação *ibid.* Finalidade do cenobita **19**, 8. Diferenças entre mosteiro e cenóbio **18**, 10. Proveito que se tira da vida cenobítica **19**, 6.

Cêntuplo: como a perfeita renúncia é retribuída desde esta

vida ao cêntuplo **24**, 26.

Ciência: é o Senhor que dá, por sua luz, a ciência da Lei **3**, 14. Só a pureza da alma consegue penetrar nas palavras celestes **14**, 9-10. A ciência ativa é necessária para nos elevarmos à ciência espiritual **14**, 9.

Compunção: suas formas; o dom das lágrimas **9**, 26-30.

Comunhão: os monges egípcios recebiam a comunhão no sábado e no domingo **18**, 15; **23**, 21. A pureza que ela exige **22**, 5; ninguém porém deve separar-se dela, seja por ilusão involuntária **22**, 4-5, seja pela consciência de que é pecador, porque dela nunca somos dignos **23**, 11. Nem os possessos devem ser privados de comunhão **7**, 29-30.

Conferências: as vinte e quatro *Conferências* de Cassiano comparadas aos vinte e quatro anciãos do *Apocalipse* **24**, 1.

Confissão: a malignidade dos maus pensamentos se dissipa com sua revelação **2**, 10-11. A perniciosa vergonha que impede confessá-los **2**, 12.

Contemplação: cf. **Mobilidade dos pensamentos** e **Oração**. A ciência prática, sobretudo a humildade, leva à ciência teórica ou contemplação **14**, 2, 9, 14, 16. Esta é a única necessária **23**, 3. A fragilidade da carne impede que ela seja constante **1**, 13; **23**, 3, 5, 15, 16. Deixar-se distrair dela, por um instante que seja, é uma impureza **1**, 13. A prudência com que o monge deve guardar a lembrança de Deus **23**, 9. As diversas modalidades da contemplação **1**, 15, que é conhecimento do sentido histórico e dos sentidos espirituais da Escritura **14**, 8.

Continência: ela difere da castidade **12**, 10-11. Continência de Sócrates **13**, 5.

Cruz: a virtude da cruz repele a malícia dos demônios **7**, 23;

8, 18. Monges que tomam em sentido literal o preceito de carregar sua cruz **8**, 3.

Diaconia: distribuição de esmolas **21**, 1, 8-10. A diaconia só é confiada a um monge notável por sua santidade **21**, 1. O monge dela encarregado recebe oferendas dos fiéis **21**, 1-2.

A palavra "diaconia" designa a ajuda prestada a irmãos **18**, 7.

Diácono: da função de diácono **4**, 1.

Diamante: o justo deve ser como um sinete de diamante **6**, 12.

Dinheiro: monges ávidos de ganho **4**, 20. Os sarabaítas não conseguem dinheiro com boas intenções **18**, 7. Os cenobitas ganham-no para atender aos prisioneiros, aos estrangeiros, aos hospitais *ibid.* O que seria, para o monge, emprestar dinheiro a juros **14**, 17.

Discrição: ela é um dom da graça divina **2**, 1. É louvada pela Escritura **2**, 4. Só ela conduz o monge à perfeição **2**, 2, 16. Exemplos de indiscrição **2**, 5-8. Adquire-se a discrição pela humildade, que se submete ao julgamento dos anciãos **2**, 10, 11, 14, 15; cf. **18**, 3.

Dízimos e primícias: o que foram dízimos e primícias no Antigo Testamento **21**, 3. Os seculares levam dízimos e primícias aos mosteiros egípcios **14**, 7; **21**, 1. Tem-se aí um sacrifício de suave odor **21**, 2.

Como podemos oferecer espiritualmente nossas primícias ao Senhor **21**, 26.

Doenças: as doenças da alma diversificam-se conforme a faculdade atacada, assim como as doenças do corpo conforme o membro atingido **24**, 15.

Dominações: de onde vem este nome dado aos anjos maus **8**, 14.

Domingo: não se jejua nem se ajoelha aos domingos **21**, 20. Os cinqüenta dias de Pentecostes são como um domingo contínuo *ibid.* Os monges egípcios vão juntos à igreja para a solenidade de domingo **7**, 34 e lá recebem a comunhão **23**, 21.

Eclesiastes: este livro convém à segunda renúncia **3**, 6.

Escritura: os quatro sentidos: histórico, alegórico, anagógico, tropológico **14**, 8. Às vezes as frases dão todo o sentido, mas às vezes ele está misteriosamente oculto **8**, 3-4. A o estudo contemplativo a Escritura revela a riqueza de seus múltiplos sentidos **14**, 11. E revela-se ainda mais claramente pela experiência das verdades nela contidas **10**, 11.

A leitura sagrada forma a alma à sua semelhança **14**, 10.

Não revelar indistintamente a todos os sentidos espirituais **14**, 17.

Resistir ao diabo pelos testemunhos da Escritura **22**, 10. Ele mesmo engana os monges, às vezes, por uma falsa interpretação **1**, 20.

Explicação de Gn 6, 2, sobre a união dos filhos de Deus com as filhas dos homens **8**, 21; de Jo 8, 44, de que o diabo é o pai da mentira **8**, 25; de Rm 7, 19: "Não faço o bem que quero" etc. **23**, 1, 3, 11-13.

Embrimia: trançados feitos de papiros mais grossos **1**, 23.

Ensino: dos ignorantes que se crêem destinados a ensinar aos outros **24**, 13, 16. Precaver-se contra as vãs pretensões ao estudar a Escritura **14**, 10. A experiência da idade põe em condição de ensinar **14**, 17. Não ceder à vanglória, prodigalizando seu saber ao acaso *ibid.* Quando damos instrução aos outros, o desejo de perfeição nos inflama **22**, 1.

Esmola: ela obtém perdão para os pecados **20**, 8.

Esperança: a esperança fecha ao vício a entrada do coração **11**, 6, embora seja muito inferior à caridade *ibid.* Ela é um inexpugnável capacete nas provações e perseguições **7**, 5.

Esteira: uma esteira feita de junco ou de papiro, chamada *psiathium* (φιάθιον) **1**, 23; **4**, 21; **15**, 1; **17**, 3; **18**, 11.

Eunucos: eles não ignoram os ardores carnais **12**, 10. São frouxos e tíbios na perseguição da virtude **4**, 17; **12**, 5. Os eunucos louvados em Is 56, 4-5 são os que conservam a virgindade **22**, 6.

Fé: ela é uma graça de Deus **3**, 16. A ignorância lhe é prejudicial **10**, 3. Ela afugenta os vícios **11**, 6, mas permanece inferior à caridade *ibid.*

Filosofia: a filosofia natural foi herdada de Adão pelos primeiros homens **8**, 21.

A orgulhosa filosofia do século **1**, 20 é qualificada como vã **2**, 24. As máximas dos filósofos têm um brilho enganador **1**, 20. Os adeptos da sabedoria mundana ignoram a verdadeira castidade **13**, 4-5. Dois filósofos orgulhosos recorrem ao uso da magia **8**, 18. Um ancião deixa filósofos perplexos **5**, 21. Um filósofo espantado é advertido por São João **24**, 21.

Graça e liberdade: a necessidade da graça **3**, 12, 21-22; **4**, 5-6; **5**, 14-15; **13**, 18. Todo bem, e em particular todo bem espiritual, procede dela **2**, 13; **3**, 13-20; **10**, 10; **23**, 10; sobretudo a castidade **12**, 4; e até mesmo o início de um ato de boa vontade **3**, 19; sem ela não há esforço possível **13**, 6. Contudo o princípio da boa vontade também depende às vezes de nós **13**, 11 ss.

Como a graça é multiforme **13**, 15, 17.

Quem está sob a graça do Novo Testamento **21**, 34.

Hábito: muda-se de hábito ao ingressar no mosteiro **18**, 2; mas muitos parecem mudar apenas de condição e de hábito **4**, 20.

Hebraico: texto do *Gênesis* segundo o hebraico **8**, 10.

Heréticos: alguns deles propõem uma leitura perversa de certas passagens da Escritura **1**, 14.

Hora: não antecipar a hora da refeição **2**, 17; **5**, 11; porém, chegada a hora, alimentar-se **2**, 17.

Histórica (o): acepção histórica (literal) de certas passagens da Escritura **8**, 3. Sentido histórico **8**, 3. Interpretação ou exposição histórica, história **14**, 8. Ciência histórica **14**, 10.

Hospitalidade: freqüentemente ela se impõe ao solitário em relação a irmãos ou visitantes **1**, 12. Tornou-se por demais freqüente, diz o abade João **19**, 5. Abusos que aí se introduziram **19**, 6. Como praticá-la sem deixar de cumprir com a medida da refeição **2**, 26. A hospitalidade do abade Sereno **8**, 1.

Humildade: da verdadeira humildade **18**, 11; cf. **2**, 10. Ela constitui os fundamentos do edifício espiritual **9**, 3; **19**, 2. É a mestra de todas as virtudes **15**, 7. Ela reprime as divagações **24**, 16.

A humildade do abade João **19**, 2 e a do abade Pinúfio **20**, 1.

Intenção: ela dá valor ao ato **6**, 8-9.

Intercessão: é a prece que se faz por outrem **9**, 13. A quem ela convém **9**, 15. Dela o Senhor fez uso **9**, 17.

Inveja: como é difícil de curar **18**, 16. Ela se ergue contra Deus e destrói a religião e a fé *ibid.*

Ira (ou cólera) seu lugar na lista dos vícios **5**, 2. Três espécies de ira **5**, 11. Nada de mais pernicioso **16**, 7.

Não ceder à cólera, por amor às nossas observâncias **1**, 7.

Ela causa tristeza **5**, 10. Como contê-la **16**, 26-27. Necessidade de fazê-la desaparecer **16**, 6, 15, 16, 18. Uma paciência afetada a provocaria no outro **16**, 18.

Jejum: pelo jejum se chega à pureza de coração **2**, 2; **21**, 17. Mas ele não é o bem em essência **21**, 14; cf. 15-17 e nem sempre é conveniente **21**, 17-18. É apenas um meio **1**, 10; **21**, 15. Seu excesso seria fatal **2**, 17; cf. **1**, 20. A medida da refeição cotidiana e da abstinência em geral **2**, 19-26. Os monges do Egito têm uma observância à qual querem que nos submetamos **18**, 2.

Porque não se jejua durante Pentecostes **21**, 11, 19-20 nem aos domingos **21**, 20. Um pouco de relaxamento não é nocivo à castidade, desde que haja moderação **21**, 22. Há uma justa abstinência que se deve manter em qualquer época **21**, 22-23.

Do cuidado que os solitários têm para se precaver, em seus jejuns, contra o orgulho e a vanglória **8**, 1.

Julgamento: ninguém deve confiar em seu próprio julgamento **2**, 11; **16**, 10-12; mas é preciso se esquivar dos maus conselhos, pois nem mesmo quem se enganou escapará ao castigo **8**, 11.

Justiça: tudo é julgado por Deus de acordo com as atuais ações dos homens **17**, 25.

Nossa justiça, comparada à dele, é como se fosse um pano imundo **23**, 4.

Justo: tanto a prosperidade quanto os reveses são úteis ao justo para a salvação **6**, 9. Ele é comparável a um sinete de diamante **6**, 12. Como ele cai e se levanta sete vezes por dia **22**, 13.

Lágrimas: não temos à nossa mercê o dom das lágrimas **9**, 28. Diversos sentimentos que se traduzem por lágrimas **9**, 29. Lágrimas forçadas têm pouco valor **9**, 30.

Lava-pés: Ló (ou Lot) se desincumbe deste dever de hospitalidade para com viajantes e estrangeiros **8**, 23. De um visitante que se nega à ablução de seus pés pelo abade Sarapião **18**, 11.

Lei e Evangelho: a lei escrita não deveria ser dada enquanto prevalecesse a lei natural **8**, 24. Os santos do Antigo Testamento foram além dos mandamentos da Lei **21**, 4. O mesmo devem fazer os que vivem sob a graça **21**, 5. Os preceitos do Evangelho são mais perfeitos **21**, 32 e mais brandos **21**, 33. Não abolem a Lei, mas a rematam **21**, 34.

Lei natural: Deus pôs a lei natural no coração do homem **8**, 23. Assim puniu com justiça os que pecaram antes do dilúvio **8**, 24.

Leitura: a assiduidade na leitura é uma boa obra **1**, 9-10; **12**, 4; **13**, 6; **14**, 9-10; **17**, 28; **19**, 12. A leitura ajuda o pensamento a despertar para as coisas divinas **1**, 17, embora possa ser infrutífera **24**, 12. Na tentação ela se torna insípida **4**, 2.

λογιχόν: é a parte racional da alma **24**, 15.

Lúcifer: a soberba (ou orgulho) provocou sua queda **5**, 6-7; cf. **8**, 8, 10.

Luxúria: seu lugar na lista dos vícios **5**, 2. As três espécies de luxúria **5**, 11, que é um vício natural **5**, 3 causado pela gula **5**, 10. Sua cura requer mortificação **5**, 4.

Magia: ela data de antes do dilúvio **8**, 21. Como Cam conservou suas fórmulas *ibid.*

Memento: memória que se faz pelos mortos **2**, 5.

μῆνιζ: a ira que perdura **5**, 11.

Milagre: os milagres se produzem de três modos **15**, 1. Um homem deve ser julgado pela pureza de sua caridade e humildade, não pelos milagres que fez **15**, 2, 6-9.

Mobilidade dos pensamentos: cf. **Contemplação** e **Oração**. Os três princípios de nossos pensamentos: Deus, o demônio e o próprio eu **1**, 19. A arte de distingui-los **1**, 20-21. Como eles são móveis **1**, 16-17; **7**, 3; **9**, 7; **10**, 8, 13. Meios de remediar isso **1**, 18; **7**, 4-6; **10**, 8, 10, 14; **24**, 6. O centurião do Evangelho, tipo de alma que domina seus pensamentos **7**, 5.

Moeda: trata-se, em Cassiano, da moeda ou denário de cobre, décima parte da moeda de prata **1**, 20; **24**, 13.

Monges: o fim do monge é o reino dos céus **1**, 3-4 ou a vida eterna **1**, 5. Seu escopo é a pureza de coração **1**, 4 ou a santidade **1**, 5 ou a caridade e a paz **1**, 6-7 ou ainda a contemplação de Deus **1**, 8; cf. **9**, 2.

Daqueles que de monge só têm o hábito e o nome **4**, 20. A ambição da clericatura **1**, 20 ou da direção de um mosteiro **4**, 20 é contrária ao monge.

No Egito há três espécies de monges: os cenobitas, os anacoretas e os sarabaítas **18**, 4. Os falsos anacoretas constituem uma quarta **18**, 8; cf. **19**, 10. O cenobitismo surgiu na primitiva comunidade de Jerusalém **18**, 5. Desde então os monges se abstêm do casamento *ibid.* Os anacoretas remontam a São Paulo, o eremita, e a Santo Antão **18**, 6. Os sarabaítas têm por protótipos Ananias e Safira **18**, 7. De onde vem o nome que lhes foi dado *ibid.*

O deserto é favorável à pureza da alma e da oração **10**, 6; **19**, 3, 5. Lugares e trabalhos que convêm aos solitários **24**, 4-5. Eles devem evitar a vizinhança de seus pais **24**, 7-12. Mudar de lugar, a fim de obter mais frutos, é uma ilusão diabólica **24**, 13, 19. Quando chega um irmão, é bom se permitir certo relaxamento **24**, 20-21. Como os solitários, ainda que absortos em Deus,

advertem-se do tempo que passa **19**, 4. Não lhes faltam meios para conhecer seus vícios **19**, 12, nem para corrigi-los **19**, 14. Mas a preocupação com coisas materiais torna-se uma distração para eles **19**, 3, 5 e a solidão os expõe a ondas de elevação **19**, 6. O cenobitismo oferece a vantagem da humildade e da ausência de preocupações **19**, 6; cf. **19**, 8. A perfeição seria realizar-se plenamente em ambas as profissões **19**, 9.

Suave e leve é o jugo do Senhor **24**, 23-25. Aos que o abraçam é prometido o cêntuplo **24**, 26.

Mosteiro: o que ele é exatamente **18**, 10.

Morte: deve-se pensar continuamente na morte **16**, 6. Seus golpes súbitos atingem todas as idades **21**, 8.

Mulheres: a familiaridade com elas é perigosa **20**, 11. Omite-se, diante de jovens, a lembrança de mulheres santas **19**, 16. O excessivo temor que o abade Paulo tinha de vê-las **7**, 26.

Obediência: o mais forte é aquele que submete sua vontade **16**, 23. Seguir sem questionar os preceitos dos mais velhos **18**, 3.

Até a morte o Cristo se fez obediente **19**, 6.

Oblação: oblação que se faz pelos mortos **2**, 5.

Óleo (ou azeite): do óleo que se extrai dos grãos de rabanete ou de linho **12**, 8; ou também de trigo *ibid.*

Da gota de óleo que os solitários põem em sua salmoura **8**, 1; **19**, 6. Um sesteiro deveria bastar para o ano todo **19**, 6.

O óleo que tocara no corpo do abade Paulo curava enfermos **7**, 26.

Oração: é o ato pelo qual oferecemos ou prometemos alguma coisa a Deus **9**, 12. A quem principalmente ela convém **9**, 15. O exemplo dado pelo Senhor **9**, 17.

ὀργή: a ira que explode em palavras e atos **5**, 11.
Orgulho: ver **Soberba**.
Ouro: ilusões de seu brilho **1**, 20.
Paciência: paciência vem de padecer **18**, 13. Como adquiri-la **18**, 12-13, 16. Seja com irmãos ou com leigos, devemos sempre praticá-la **16**, 17. A mansidão da paciência extingue o fogo da impureza **12**, 6. Exemplos de paciência **18**, 14-15; **19**, 1.
"Pancarpo" (πάνχαρπον): espetáculo no qual gladiadores lutam contra feras **5**, 14.
"Paxamatia" (παξαμάδιον): nome do pãozinho de que os monges do Egito se alimentam: dois pesam apenas uma libra e bastam para as refeições de cada dia **12**, 15; cf. **2**, 11, 19, 24, 26; **19**, 4.
Pecado: o Senhor teve apenas a semelhança da carne do pecado **22**, 11. Já os santos têm sua verdade **22**, 12. Todos se declararam impuros e pecadores **23**, 17. Assim pois, não estão livres de pecado **23**, 18. É de si mesmo que São Paulo fala, quando diz: "Não faço o bem que quero..." **23**, 1. O bem que ele não pôde fazer é o de uma contemplação sem distração **23**, 3, 15. Ninguém pode se manter constantemente atento a Deus **23**, 5. Os que se crêem sem pecado assemelham-se aos que têm remela nos olhos **23**, 6. Poucos são os que compreendem o pecado **23**, 7-8. O corpo do pecado consiste na fragilidade que multiplica as solicitações supérfluas **23**, 16. Os menores pecados são cometidos com extrema facilidade **20**, 12; cf. **22**, 13. Os pecados dos santos não os fazem perder sua coroa de santidade **22**, 13. A consciência de ser pecador não deve afastar da comunhão **23**, 21. Os pecadores se entregam com plena vontade a seus pecados **23**, 1. Porque certos pequenos pecados são pu-

nidos por provação **6**, 11.

Penitência: o que é penitência **20**, 5. Dos numerosos meios de fazer desaparecer seus pecados **20**, 8. É preciso extirpá-los pela raiz **20**, 11. Em que consiste a penitência perfeita **20**, 5. Qual é o sinal do perdão divino **20**, 5. Por quanto tempo é útil a lembrança dos pecados passados **20**, 7. Esquecê-los é bom para os perfeitos **20**, 9. Convém evitar a lembrança dos pecados vergonhosos **20**, 10. A penitência dos pequenos pecados não tem fim **20**, 12.

Pentecostes: cf. **15**, 4; **22**, 1. Período de cinqüenta dias que vai da ressurreição do Senhor até a vinda do Espírito Santo **21**, 20. No Egito, nesse período, eles não se ajoelham **21**, 11, 20, 23. A figuração de Pentecostes no Antigo Testamento **21**, 20.

Perfeição: ela consiste na conjunção de caridade e renúncia **1**, 6 ou em pureza de coração *ibid.* A ela se ascende por degraus de temor e de esperança **11**, 7-8, mas com apoio na graça **23**, 10. Ela comporta diversos graus **11**, 11-12. Tipos de perfeição consumada **19**, 9.

A doutrina da perfeição não deve ser revelada indistintamente **1**, 1.

Perseverança: a perseverança na oração consegue torná-la atendida **9**, 34. Perseverar na profissão abraçada **14**, 5, 7.

Poemas: os poemas profanos podem ser uma fonte de distração **14**, 12.

Polução noturna: três diferentes causas a provocam **22**, 3; cf. 6. Nem sempre ela está isenta de pecado **12**, 7-8. Quando, nesse caso, se incorre em erro **22**, 5. Não é motivo para afastar da comunhão, se não for culposa **22**, 4-5. Etapas pelas quais se alcança a perpétua tranqüilidade de corpo **22**, 6.

Potestades: de onde vem aos demônios este nome **8**, 14.

Preguiça espiritual (ou acédia ou acídia): provém de um fator interno **5**, 3. Há uma tibieza que lhe é aparentada **4**, 19. Reveste-se de dois aspectos **5**, 11. A tristeza a produz **5**, 10. Ataca sobretudo os solitários **5**, 9.

πραχτιχή: é a ciência prática ou ativa, a vida das obras e da ascese, que se concentra no cuidado em reformar seus próprios costumes **14**, 1. Pode ser obtida sem θεωρηιχή, a "teoria" ou ciência da contemplação, mas esta não se obtém sem ela **14**, 2; cf. **14**, 9. É adquirida por pureza de coração, humildade e assiduidade na leitura da Escritura **14**, 9-10.

Principados: de onde vem este nome aos anjos maus **8**, 14.

"Prochirium": cestinha portátil na qual os solitários punham sua ração de pão para a semana **19**, 4.

Profetas: sobre os falsos profetas e seus encantos **15**, 3.

Provações: elas vêm tanto na adversidade quanto na prosperidade **6**, 9, 11. Atingem todos os homens, por três razões **6**, 11. Justamente Deus as manda aos justos **6**, 2-3. Somente Deus dá força para suportá-las **2**, 13. A utilidade que elas têm **4**, 6; **24**, 25.

Provérbios: este livro convém à primeira renúncia **3**, 6.

Pureza de coração: ela é o intuito exclusivo dos desejos e ações do monge **1**, 7. É a caridade *ibid.*

Quaresma: origem da Quaresma **21**, 30, que se relaciona com o dízimo do ano **21**, 25. Sua extensão varia de acordo com os lugares, mas o jejum, por toda parte, é de trinta e seis dias **21**, 27. Por que razões foi-lhe dado porém o nome de Quaresma ou Quarentena **21**, 28. Os perfeitos ultrapassam a lei da Quaresma, estabelecida para as pessoas do mundo **21**, 29.

Durante esses dias, os demônios redobram seus ataques

contra os monges **21**, 28.

Queda: entre os anjos caídos, muitos tinham ocupado os primeiros lugares **8**, 8. Foi o orgulho que causou sua queda **8**, 10. Os sete tipos de queda que se encontram entre os santos **22**, 13.

Reconciliação: reconciliar-se com seu irmão, antes que o sol se ponha **16**, 6. Isso fica mais fácil ao se pensar que se pode morrer no mesmo dia *ibid.*

Refeição: ela é fixada à hora nona **2**, 25-26. Não se deve antecipá-la nem atrasá-la **2**, 11, 17; **5**, 11. Alguns a protelam erroneamente até a tarde **2**, 26. Como conciliar essa regra com o dever de acolher os irmãos **2**, 25-26. Durante Pentecostes, antecipa-se a refeição para a hora sexta **21**, 23.

Renúncia: há três renúncias **3**, 3. Em que consistem **3**, 6. Todas três são necessárias **3**, 7, 10. Como é preciso, em particular, renunciar a todas as coisas **24**, 2 e como se deve fazer isso de maneira contínua *ibid.* Tal renúncia não deve ser exterior apenas, mas partir do coração **3**, 7. Alguns renunciam mal ao mundo **1**, 6; **4**, 20 e conservam apego pelas coisas **1**, 6; **4**, 21.

Riquezas: há três espécies de riqueza: a boa, a má e a indiferente **3**, 9. Nossos vícios e virtudes são as verdadeiras riquezas que nos pertencem como próprias **3**, 8. Somos alheios às riquezas materiais **3**, 10. Riquezas invisíveis e más de que a segunda e decerto a terceira renúncia nos despojam **3**, 10.

Salmos: o canto dos salmos alimenta a compunção **1**, 17. Ele se une à oração e à leitura **6**, 10; **7**, 23. O monge que persevera em simplicidade e inocência recita os salmos como se fosse seu autor **10**, 11. No Egito, a sinaxe da noite inclui um número determinado de salmos **17**, 3.

Santidade: a graça dos milagres acompanha a santidade

15, 1. Ela é um milagre maior do que se impor aos espíritos imundos **15**, 8. Entre "santo" e "imaculado" há uma grande distância **22**, 9. Todos os santos declararam-se impuros e pecadores **23**, 17. Eles, de fato, não estão livres de pecado **23**, 18. A santidade não exime de provações **6**, 1-2; **7**, 25. A simples a presença de um santo já expulsa o demônio **14**, 7. A intercessão dos santos obtém perdão para nossos pecados **20**, 8. Os santos do Antigo Testamento foram além dos mandamentos da Lei **21**, 4.

Sepultamento: celebração solene do sepultamento do último abade **19**, 1.

Sepultura: como os egípcios sepultam seus mortos **15**, 3.

Silêncio: como ele é útil ao jovem monge **14**, 9. Há um silêncio que é prejudicial **16**, 18.

"Sira": um trançado de folhas de palmeira, entre os egípcios **18**, 15.

Solidão: a solidão necessária **2**, 2. Vantagens da solidão **19**, 5. A perfeição da oração que só nela se encontra **10**, 6. Inconvenientes por ela apresentados **19**, 6. É mal compreendida pelos que a ela se entregam prematuramente **19**, 10.

Sono: é preciso dormir, quando chega a hora **2**, 17. No sono, não ceder à preguiça **5**, 11.

Súplica: é a oração do pecador arrependido **9**, 11. A quem ela convém em particular **9**, 15. Em sua agonia o Senhor serviu-se dela **9**, 17.

Temor: o temor do inferno e das leis humanas é o primeiro meio para evitar os vícios **11**, 6. Trata-se aí de uma condição servil **11**, 7. Como esse temor é inferior à caridade **11**, 8. Sobre o temor na caridade, e como ele bane o temor aos castigos **11**, 13.

Tentação: as tentações têm por finalidade pôr a força de nossa liberdade à prova **13**, 14. Elas rematam a virtude **24**, 25.

A tentação que vem da prosperidade ou da adversidade é uma provação, uma purificação ou um castigo **6**, 11.

A provação da prosperidade é a mais temível **6**, 9.

Nosso Senhor foi tentado sem incorrer em pecado **5**, 5; **22**, 10. Foi tentado pelas mesmas paixões que Adão inocente **5**, 6.

θεωρητιχή: a "teoria" ou "ciência teórica" consiste na contemplação das coisas divinas **14**, 1. Divide-se em duas partes: a interpretação histórica e a inteligência espiritual **14**, 8. A ciência espiritual compreende três gêneros: a tropologia, a alegoria e a anagogia *ibid.*

O sumo bem foi posto pelo Senhor na "teoria" **1**, 8.

Tibieza: é particularmente característica dos que são castos por natureza **4**, 17; **12**, 5. Deles se diz então que estão no estado animal **4**, 19.

Descrição da tibieza **4**, 19. A alma não pode permanecer estacionária na virtude **6**, 14. Sua ruína não é súbita **6**, 17.

Trabalho manual: é benéfico ao monge **10**, 14; **24**, 11-12, desde que não se faça por motivo de ambição **10**, 14 e que ele não seja desassossegado **9**, 6.

Tristeza: seu lugar na lista dos vícios **5**, 2. Ela é de duas espécies **5**, 11 e engendra a preguiça **5**, 10.

θνμός: é a ira que arde no íntimo **5**, 11.

"Vagabundos": nome dado a certos demônios **7**, 32.

Vaidade (ou jactância): seu lugar na lista dos vícios **5**, 2. Ela é de duas espécies **5**, 11 e, como a vanglória, nasce de nossas vitórias sobre os demais vícios **5**, 10. Conduz à vanglória *ibid.* E às vezes tem sua utilidade **5**, 12.

Vícios: os oito principais vícios **5**, 2-3. A Escritura os menciona **5**, 25. As relações entre eles **5**, 10. Cada qual requer um tratamento, conforme sejam carnais ou espirituais **5**, 4. É preciso combatê-los em ordem, a começar pelo mais forte **5**, 14, 27. Não se triunfa sobre eles sem a graça de Deus **5**, 14-15.

Da raiz de onde provêm os primeiros pululam outros vícios, cujo número ultrapassa o das virtudes **5**, 16.

Os vícios são vencidos por temor, esperança e amor às virtudes **11**, 6, 8.

Eles formam o corpo de pecado **12**, 2.

Vida ativa (ascética): é levada nas comunidades. Prefácio à primeira coleção das *Conferências*. O abade Moisés a unia à contemplação **1**,1. Necessária neste mundo, ela cessa após a morte **1**, 10; cf. **1**, 8. Sua perfeição consiste em dois pontos **14**, 3. Ela se divide em muitas profissões e interesses **14**, 4.

Virgindade: nela perseveraram Elias, Eliseu, Jeremias **21**, 4. Os que são virgens cantam o cântico novo **22**, 6.

Visitas: visitas a doentes **1**, 12. Visitas piedosas **1**, 20. Visitas de irmãos **2**, 11, 13; **7**, 26; **19**, 5, 6, 9-10.

Visões: um anjo aparece ao abade Sereno **7**, 2. Visão de um irmão mostrando-lhe uma reunião de demônios **8**, 16. Um anjo do Senhor aparece ao abade Pafnúcio **15**, 10.

Viúvas: elas são mantidas pelos recursos da Igreja **18**, 14.

Vocação para a vida monástica: ela é de três espécies **3**, 3, 4. A graça, no Evangelho, se revela multiforme **13**, 15.

V – ÍNDICE DOS AUTORES CITADOS

Pastor de Hermas, Mand. 2, 6 **8**, 17
— — 6, 2 **13**, 12
Episódio da vida de Sócrates (autor desconhecido) **13**, 5
Exortação da Lei (obra desconhecida) **21**, 32

ERRATA

VOLUME I

- p. 96: (id.) ler: (Sl 117,13)

- p. 140: ὀργὴ ler: ὀργή

- p. 171: Jó 40,3 ler: Jó 40,8

- p. 179: Eclo 10,18 ler: Ecl 10,18

VOLUME II

- p. 70: 1Rs 15,35 ler: 1Sm 15,35

- p. 174: Jd 3,1-2;2,22 ler: Jz 3,1-2;2,22

CONHEÇA AS PUBLICAÇÕES DAS EDIÇÕES SUBIACO

- CONCORDÂNCIA DA REGRA DE SÃO BENTO (Texto em latim)

- A PROCURA DE DEUS - Esther de Waal - 4ª edição

- TRATADO SOBRE A ORAÇÃO - Tertuliano, S. Cipriano, Orígenes - 2ª edição

- LIVRO DE VIDA MONÁSTICA, CAMINHO DO EVANGELHO - Roger Visseaux osb

- A REGRA DE SÃO BENTO - Formato bolso - bilíngüe. Trad. de Dom João E. Enout osb - 4ª edição

- A REGRA DE SÃO BENTO - Formato bolso - Tradução de D. Basílio Penido osb - 2ª edição

- A REGRA DE SÃO BENTO APLICADA À VIDA DE SEUS OBLATOS E OBLATAS - Ivone Faria (Ir. Joana Evangelista, Obl. osb)

- OS VOTOS NA RB - Ir. Lídia Tavares de Lemos osb

- DEUS FALA AO TEU CORAÇÃO - (Espiritualidade bíblica) - Dom Eduardo de Souza Schulz osb

- O IDEAL MONÁSTICO E A VIDA CRISTÃ DOS PRIMEIROS DIAS - D. Germain Morin osb

- CONFERÊNCIAS - Volume I (1 a 7) - João Cassiano

- ENSINAMENTOS ESPIRITUAIS DE DOROTEU DE GAZA

- CADERNOS DE HISTÓRIA MONÁSTICA - Volume I - Introdução Org. D. Justino de Almeida Bueno osb

- FONTES - OS MÍSTICOS CRISTÃOS DOS PRIMEIROS SÉCULOS - Olivier Clément

- SABEDORIA QUE BROTA DO COTIDIANO - Viver a Regra de São Bento hoje - Ir. Joan D. Chittister osb

- ENSINAMENTOS DE UM ABADE - D. Abade Joaquim de Arruda Zamith osb

- UMA LECTIO DIVINA NA BÍBLIA E COM A BÍBLIA - I. P. Iglésias osb - 3ª edição aumentada

- LECTIO DIVINA, ONTEM E HOJE - Guigo II, cartuxo, Enzo Bianchi, Giorgio Giurisato, Albert Vinnel - 3ª ed. aumentada

-VIDA E MILAGRES DE SÃO BENTO - Segundo Livro dos Diálogos de São Gregório Magno - 5ª edição aumentada

- OS MÍSTICOS CISTERCIENSES DO SÉCULO XII - Organizador: D. Bernardo Bonowitz ocso

- APTO A GANHAR AS ALMAS - Direção espiritual no contexto monástico - 2ª ed. revista e aumentada - D. Bernardo Bonowitz ocso

- A GLÓRIA DE DEUS É O HOMEM VIVO - Pe. Leonardo Meulenberg

- CONFERÊNCIAS 8 a 15 - Vol. II - João Cassiano

- AMIZADES TRANSFIGURADAS - Pe. Bernardo Olivera ocso

- NA PRESENÇA DE SEU POVO REUNIDO - Dom Bernardo Bonowitz ocso

- ORAÇÃO E COMUNIDADE NA TRADIÇÃO BENEDITINA - Columba Stewart osb

- OS OBLATOS SECULARES NA FAMÍLIA BENEDITINA D. Jean Guilmard osb, D. Estêvão T. Bettencourt osb, D. Gabriel M. Brasó osb

- CONFERÊNCIAS 16 a 24 - Vol. III - João Cassiano

ASSINE A
REVISTA BENEDITINA

Revista bimestral de espiritualidade monástica

SOLICITE O NOSSO CATÁLOGO E
RECEBA INFORMAÇÕES SOBRE NOSSOS LANÇAMENTOS:

EDIÇÕES SUBIACO

Rua Prof. Coelho e Souza, 95 - 36016-110
Juiz de Fora - MG
Fone: (32) 3216-2814 - Fax: (32) 3215-8738
e-mail: publicacoesmonasticas@yahoo.com.br

Editoração, impressão e acabamento - Mosteiro da Santa Cruz
- maio de 2008 -
Rua Prof. Coelho e Souza, 95 - 36016-110
Fone: (32) 3216-2814 - Fax: (32) 3215-8738
e-mail: publicacoesmonasticas@yahoo.com.br
Juiz de Fora - MG - Brasil